

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

*Ñande Rekó:*

**Diferentes jeitos de ser Guarani**

**Mariana Araújo Neumann**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

**Orientador:** Profa. Dra. Adriana Schmidt Dias

Porto Alegre

Julho de 2008.

*Ñande Rekó:*  
**Diferentes jeitos de ser Guarani**

**Mariana Araújo Neumann**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Banca Examinadora:

---

Orientador: Profa. Dra. Adriana Schmidt Dias

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Valéria Soares de Assis (Antropologia /UEM)

---

Prof. Dr. Klaus Hilbert (História /PUCRS)

---

Prof. Dr. Sérgio Baptista da Silva (Antropologia /UFRGS)

Porto Alegre  
Julho de 2008.

*À minha família,  
minha substância em todos os sentidos.*

*"uma panela de barro (...) pode ser considerada um ser, que nasce, vive e morre, assim como os seres humanos, que também precisam ser fabricados e embelezados para se apresentarem de maneira correta aos membros de sua sociedade e às entidades sobrenaturais".*

Lúcia Houssak van Velthem, A Pele de Tuluperê.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	VII
ABSTRACT.....	VIII
AGRADECIMENTOS.....	IX
INTRODUÇÃO.....	11
<b>1 APORTES TEÓRICOS PARA UMA ARQUEOLOGIA SIMÉTRICA.....</b>	<b>19</b>
1.1 A Constituição Moderna e a Arqueologia.....	20
1.2 Ecologia Política e Arqueologia Simétrica.....	23
1.3 Perspectivismo e Arqueologia Indígena.....	28
1.4 Conclusão.....	30
<b>2 A PRODUÇÃO DO COSMO GUARANI.....</b>	<b>32</b>
2.1 Uma etnoarqueologia da produção cerâmica entre os Assuriní do Xingu.....	33
2.2 Produção e Predação cosmológica: perspectivas indígenas sobre a socialidade e a materialidade.....	36
2.3 Produção e Predação cosmológica entre os Guarani: questões para a análise da cerâmica arqueológica.....	45
2.4 Conclusão.....	49
<b>3 DE ARGILAS E AGÊNCIAS: TECNOLOGIA COMO ARENA POLÍTICA.....</b>	<b>52</b>
3.1 Explorando o conceito de tecnologia.....	52
3.2 Cadeia operatória e critérios de análise tecnológica para cerâmica.....	59
3.3 Aspectos Gráficos.....	69
3.4 Reconstruções de formas.....	72
3.5 Conclusão.....	73
<b>4 DIFERENTES JEITOS DE SER GUARANI: PERSPECTIVA COMPARADA SOBRE A TECNOLOGIA CERÂMICA PRÉ-COLONIAL.....</b>	<b>75</b>
4.1 Caracterização dos sítios.....	76
4.2 Tecnologia cerâmica: sítio RS-LN-35.....	79

<b>4.3 Tecnologia cerâmica: sítio RS-VZ-59.....</b>	<b>83</b>
<b>4.4 Produção, uso, forma e função: análise comparativa dos sítios RS-LN-35 e RS-VZ-59.....</b>	<b>86</b>
<b>4.5 Conclusão.....</b>	<b>108</b>
<b>5 APROFUNDANDO A RELAÇÃO ENTRE FORMA E FUNÇÃO: UM MODELO DE DISTRIBUIÇÃO DAS MARCAS DE USO PARA A CERÂMICA GUARANI PRÉ-COLONIAL.....</b>	<b>113</b>
<b>5.1 Caracterização dos sítios.....</b>	<b>114</b>
<b>5.2 Um modelo de distribuição das marcas de uso para a cerâmica Guarani pré-colonial.....</b>	<b>117</b>
<b>5.2.1 Yapepó.....</b>	<b>117</b>
<b>5.2.2 Cambuchí.....</b>	<b>127</b>
<b>5.2.3 Ñaetá.....</b>	<b>136</b>
<b>5.2.4 Cambuchí Caguaba.....</b>	<b>140</b>
<b>5.2.5 Tembirú.....</b>	<b>145</b>
<b>5.3 Conclusão.....</b>	<b>149</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>158</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>161</b>

## **ANEXOS**

- I Critérios de análise tecnológica para cerâmica arqueológica
- II Tabelas não inseridas no texto
- III Decalques de grafismos em fragmentos
- IV Reconstruções de formas
- V Fichas de análise de vasilhas inteiras – Litoral Norte
- VI Fichas de análise de vasilhas inteiras – Vale do Rio da Várzea
- VII Documentação dos sítios (fotos e croquis)

## RESUMO

A presente dissertação analisou a cerâmica Guarani pré-colonial de dois diferentes contextos regionais: o Litoral Norte e o Vale do Rio da Várzea, Rio Grande do Sul. Nosso objetivo foi discutir aspectos da história Guarani pré-colonial, enfocando, através de uma perspectiva comparada, a existência de diferentes parcialidades e suas dinâmicas. Neste sentido, agregamos novos referenciais teóricos, como a Arqueologia Simétrica, a etnologia indígena e os estudos tecnológicos, a fim de discutir as duas imagens homogeneizantes dos Guarani pré-coloniais, vigentes na arqueologia Guarani hoje, oferecendo, assim, uma outra visão centrada nos aspectos divergentes internos à “Nação Guarani”.

## **ABSTRACT**

The present dissertation has analyzed the Guarani archaeological ceramics of two different regional contexts: the Coast North and the Valley of Rio da Várzea, Rio Grande do Sul. Our objective was to argue aspects of Guarani history, focusing, through a compared perspective, the existence of different partialities and its dynamic. In this direction, we add new theoretical references, as Symmetrical Archaeology, the ethnology and the technological studies, in order to argue the two images effective in Guarani archaeology, offering, thus, one another vision centered in the internal divergent aspects to the “Guarani Nation”.

## Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela curiosidade que tiveram por meu projeto. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela concessão das bolsas de pesquisa de iniciação científica e mestrado.

Ao Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, pelo acesso às coleções, e principalmente a André Luis Jacobus, por ter me recebido em sua casa para que eu pudesse analisá-las.

À minha orientadora, Adriana Schmidt Dias, por ter me dado liberdade para me reinventar duas ou três vezes nos últimos dois anos, e pelas doses monumentais de realidade que me mantiveram neste planeta. Também por tudo o que me ensinou nos sete anos em que trabalhamos juntas.

Aos Professores Sérgio Baptista da Silva e Klaus Hilbert pelas sugestões dadas no momento da qualificação. Ao Sérgio, em especial, por ter sido meu professor de antropologia na graduação e no mestrado. Ao Klaus, em especial, por ter sido meu primeiro orientador na arqueologia. A eles novamente, e à Professora Valéria Assis, cujo trabalho foi uma fonte inspiradora, pela participação na banca de defesa.

Aos colegas de PPG que se tornaram amigos: Jaisson Lino, por compartilhar a orientadora e pelos debates sobre “o Guarani de cerâmica”; Frederico Duarte Bartz, Cássia Silveira e Marcus Vinícius de Freitas Rosa, fundamentais nas horas críticas e por duas semanas de comunismo primitivo que estão por vir; Gisele Baller, capaz de tudo ao mesmo tempo; Laura Lima, uma Scarlet O’Hara; Fernanda Cardozo (onde está mesmo a Fernanda?); Renata Dal Sasso e nossos cafés insólitos. E do PPG ao lado, Flávio Gobbi e Lucenira Kessler.

Aos amigos arqueólogos. Entre eles, cinco sensacionais: Vanessa Linke e Andrei Isnardis, pela parceria miraculosa que se fez entre nós, Vinícius Melquíades, cujo humor ajudou a manter ou trazer de volta a calma, Renata Rauber e Cássia Rosa, as “meggeras”.

Fui uma “ceramista” solitária em meio aos “caçadores-coletores” até que um pequeno grupo resolveu olhar por cima dos meus ombros, escolhendo sentar ao meu lado. Agradeço

aos parceiros Marilise Moscardini Passos, Roberta Porto Marques, Rodrigo Montero e Pedro Von Mengden Meirelles pela curiosidade, criatividade, interesse e senso estético empregados no último ano no trabalho com os grafismos das coleções, pela parceria em projetos futuros que já se delineiam e, antes de tudo, pela amizade e paciência.

À equipe do nosso laboratório, por compartilharem o doce e o amargo da pesquisa científica em longos cafés, feitos pelo Everson de Melo: Gabriela Konrath, Thaís Tancinni, Everton Melo, Soraia Dornelles e Fernanda Neubauer. Ao Gabriel Focking pela digitalização das marcas de uso e pelas brigas, sempre.

À Thaís, ao Focking, à Roberta pelos ouvidos intermináveis, e ao Beck, também pelas mãos e pelos braços que me emprestou.

Ao amigo Mauro Meirelles, debatedor sobre Latour, além de outros assuntos mais amenos e insanos. Mauro leu prévias do trabalho final e foi um crítico honesto. Muitas vezes, sem termos certeza se falávamos das mesmas coisas, iluminamos nossos trabalhos.

Aos colegas Alberto Tavares e Carlos Casa Nova Jr., pela confiança em meu trabalho e disposição para, na reta final, segurar as pontas quando precisei de folgas (e foram incontáveis).

Aos colegas e amigos do CEPA da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul onde fiz meu primeiro estágio: Gislene Monticelli, Ângela Maria Capelleti, Guga Wagner, o clã Carle (em expansão!), Mirian, Ana e Cláudio, e Marcita.

À minha família, pelo incentivo, paciência e abrigo. Ao meu pai, que trabalhou por este mestrado carregado comigo muitas caixas de cacos na “ponte” Porto Alegre-Taquara. À minha mãe, pelo incentivo, pelos fitoterápicos e por desligar o computador nas horas certas. À minha irmã, através de quem faço rappel em cachoeiras, caminhadas em trilhos de trem, e outras aventuras que com meu corpo eu não faria, e pelos cálculos, que eu também não faria.

Por fim, agradeço ao Professor Balthazar Barbosa Filho, por ter sido meu professor no curso de Filosofia e ainda depois, pela excelência, pelo exemplo, e por ter me dito coisas muito simples que eu ainda levarei um bom tempo para compreender.

## INTRODUÇÃO

“Do Chaco até o Atlântico, das capitâneas do Sul até o Rio da Prata, a presença Guarani abrangia, no século XVI, uma imensa área” (Monteiro, 1992:476). Duas imagens opostas, resultantes desta ampla dispersão, dominam os debates sobre a história Guarani anterior ao contato europeu e durante os séculos XVI e XVII. Por um lado, as fontes da época indicam uma unidade cultural e lingüística bastante abrangente em todo o território Guarani. Por outro, estas mesmas fontes apontam uma intensa fragmentação política e territorial marcada por alianças e hostilidades entre diferentes grupos locais, bem como destes com seus vizinhos Guaycuru e Kaingang (Assis e Garlet, 2002; Monteiro, 1992; Susnik, 1982).

A historiografia brasileira recentemente vem buscando investigar a segunda posição, revelando um quadro político conflitivo semelhante àquele registrado para os grupos Tupi da costa atlântica, tornando as interpretações sobre a história indígena colonial cada vez mais complexas (Monteiro, 1992; Fausto, 1992). A arqueologia, ao contrário, apesar de poder acrescentar novas fontes e novos dados a este debate, tem permanecido centrada na imagem monolítica e homogênea da grande nação Guarani. Isto se deve à própria história da disciplina no Brasil, e, em particular, à história da arqueologia Guarani.

A arqueologia surgiu como disciplina científica no Brasil apenas na década de 1960, com a criação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), coordenado pelos arqueólogos norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans. O objetivo do Programa, neste momento, era conhecer e preservar a história pré-colonial brasileira (Dias, 1995; Barreto, 1999/2000; Prous, 1992).

Os referenciais teóricos trazidos por estes arqueólogos – o histórico-culturalismo e a ecologia cultural – determinaram o tipo de pesquisa realizada pelo PRONAPA. Pelo viés histórico-cultural, a ênfase do Programa foi a formulação de cronologias regionais através de comparações estratigráficas ou de seriações<sup>1</sup>, a fim de se conhecer as histórias particulares de cada região do Brasil. Isto ofereceria as bases para a determinação das rotas de migração seguidas por grupos antigos na ocupação da porção sul do continente americano,

---

<sup>1</sup> Método desenvolvido por James Ford (1962) para estabelecer cronologias relativas de cerâmica a partir de variação quantitativa de tratamento de superfície e antiplástico. Depois da descoberta do C14 para datações absolutas em 1949, este método não tem mais aplicabilidade, exceto quando não seja possível datar sítios de uma região.

determinando também seu ponto de origem (Noelli, 1996) e as relações estabelecidas entre diferentes culturas – a história no pleno sentido boasiano (Castro, 2005b).

Para tanto, estes pesquisadores agruparam os diferentes materiais arqueológicos identificados em intensos trabalhos de prospecção sob os conceitos de fase e tradição. Estes conceitos possuem uma longa história na arqueologia norte-americana, identificando diferentes unidades de interpretação arqueológica relacionadas à fase descritiva da pesquisa (Willey & Phillips, 1958:37 apud Dias, 2005:5). No Brasil, no entanto, tais conceitos foram aplicados acriticamente, como sinônimos de unidades temporais, refletindo os desenvolvimentos internos de uma dada cultura.

Segundo a *Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica* (Chymz, 1969) estes conceitos são assim definidos:

- Tradição: “grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal” (p.20);
- Fase: “qualquer complexo (conjunto de elementos culturais associados entre si) de cerâmica, lítico, padrões de habitação, etc, relacionados no tempo e no espaço, em um ou mais sítios” (p.14).

A partir de artefatos considerados *fósseis guia*, a definição de fases e tradições passou a ser o objetivo último do trabalho arqueológico, cujo resultado foi a formulação de cronologias fragmentadas, pouco factíveis e atualmente muito criticadas, as quais vêm sendo retomadas e revistas desde a década de 1980.

Pelo viés da Ecologia Cultural, o PRONAPA ajudou a desenvolver uma imagem obscura da Amazônia como um ambiente que impossibilitaria desenvolvimentos culturais autóctones. Assim, para Meggers (1979), as culturas indígenas brasileiras teriam tido sua origem comum fora do ambiente amazônico, provavelmente nos Andes, através de populações que tiveram seu nível cultural progressivamente degenerado no interior da floresta. A pobreza dos solos e a escassez de alimentos seriam também os motivos para as migrações em direção ao sul e ao leste.

Em relação à arqueologia Tupi-Guarani, o resultado das práticas pronapianas foi o desenvolvimento do conceito de “Tradição Tupiguarani”,

tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica (vermelho e ou preto sobre engobo branco e ou vermelho), corrugada e

escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida e pelo uso de *tembetá* (Chymz, 1969:146).

Dentro da ampla Tradição Tupiguarani, que abrangia grande parte do território brasileiro, o PRONAPA definiu as subtradições Pintada e Corrugada, relacionadas ao litoral e ao interior do Brasil, respectivamente, além de uma infinidade de fases. Posteriormente, devido ao contato com o elemento europeu, teria se desenvolvido uma terceira subtradição Escovada. Associadas às subtradições, Altenfender e Meggers (1963, apud Noelli, 1993:57-8) defenderam ter havido dois períodos de difusão da cerâmica Tupiguarani pelo leste da América do Sul: um horizonte tardio, iniciado há 1.200 anos atrás, e um recente, iniciado ao redor de 800 anos atrás.

Para os participantes do PRONAPA, a similaridade entre as cerâmicas encontradas ao longo do território brasileiro atestava que estas migrações difusoras somente poderiam ter ocorrido há pouco tempo e em movimentos rápidos, indicando mudanças culturais bruscas. Assim, a dinâmica histórica da Tradição Tupiguarani no modelo pronapiano é bastante limitante, na medida em que supervaloriza as relações externas como única fonte de inovação, em detrimento às relações internas aos grupos estudados.

Apenas nos anos 80 teve início a revisão das proposições do PRONAPA. Brochado (1984), sob a influência teórica de Donald Lathrap, passou a defender a Amazônia como ambiente propício para a invenção da cerâmica e que, portanto, seria o centro de sua dispersão para a América. A fim de demonstrar esta hipótese, o autor associou o mapeamento dos sítios identificados pelo PRONAPA aos estudos lingüísticos desenvolvidos no Brasil desde o século XIX e aos registros etnohistóricos dos viajantes e cronistas dos séculos XVI e XVII. Desta forma, pôde relacionar as diferenças lingüísticas do Tronco Tupi ao modelo de evolução e diferenciação das cerâmicas amazônicas proposto por Lathrap, considerando que as diferenças materiais e lingüísticas devem ter sido concomitantes.

Concluiu que o aparecimento da língua Proto-Tupi teria sido resultado de uma divisão entre povos ceramistas dentro da Amazônia Central, por volta de 5.000 anos atrás. Subseqüentemente, Brochado observou uma separação espaço-temporal do Proto-Tupi há 3.000, gerada por pressão demográfica, causando a expansão Tupinambá pelo litoral do Brasil até o sudeste, e Guarani pelo interior, ao longo dos cursos dos rios principais – Paraná, Paraguai e Uruguai – e depois pelos seus afluentes secundários, chegando até a bacia do Rio da Prata há cerca de 2000. Com isto o autor delimitou a existência de não apenas uma

genérica “Tradição Tupiguarani”, mas sim de uma Tradição Tupinambá – no litoral – e de uma Tradição Guarani – no interior (Brochado, 1984; Noelli, 1996).

Como se vê, a hipótese de Brochado é bastante diferente da de Meggers, tanto no que tange à ecologia quanto no que tange à história e aos motivos para as migrações, pois seus resultados revelam uma profundidade temporal e dinâmicas históricas mais complexas que as propostas pela autora.

A influência de Brochado foi definitiva para a arqueologia brasileira. Rompendo com o projeto do PRONAPA e buscando a etnoarqueologia como um método capaz de unir as fontes lingüísticas, etnohistóricas e arqueológicas, abriu caminho para toda uma geração de pesquisadores preocupados em compreender a história Guarani pré-colonial.

No Rio Grande do Sul, desde então, muitos trabalhos acadêmicos abordaram problemas de pesquisa voltados ao desenvolvimento de modelos interpretativos do registro arqueológico seguindo os princípios propostos por Brochado (1984). São exemplos os trabalhos de La Salvia e Brochado (1989) e Brochado, Monticelli e Neumann (1990) sobre a funcionalidade das vasilhas Guarani em relação a sua variabilidade formal, de Noelli (1993) sobre os padrões de assentamento e subsistência, de Monticelli (1995) sobre a memória da produção cerâmica entre os Mbyá, de Landa (1995) sobre relações de gênero, de Tochetto (1996) sobre a simbologia dos grafismos da cerâmica Guarani, e de Soares (1997) sobre a organização social Guarani pré-colonial.

Deste conjunto, destacamos o trabalho de Francisco Noelli (1993). Nele o autor considerou as informações arqueológicas, lingüísticas, etnológicas e ecológicas das regiões atravessadas pelos Guarani em seu percurso histórico desde a Amazônia até a bacia do Rio da Prata, e pôde perceber que esta ampla gama de fontes evidencia uma profunda uniformidade cultural, que se distribui no tempo e no espaço. Assim, segundo o autor,

desde que adquiriram sua identidade étnica a partir da proto-família lingüística Tupi-guarani, os Guarani atravessaram mais de três mil anos até os primeiros contatos com os invasores vindos da Europa, reproduzindo fielmente sua cultura material e as técnicas de sua confecção e uso, sua subsistência. Concomitantemente, a linguagem definidora destes objetos, técnicas e comportamentos (Noelli, 1993:9).

Nesta ótica, a ênfase Guarani está na completa reprodução de um modelo de relação social definida como *ñande rekó*, o jeito tradicional de ser Guarani, englobando a aldeia, o equipamento doméstico e de trabalho, as estratégias de subsistência e a área de domínio

ecológico (Noelli, 1993:13). Com isto, o autor enquadra os Guarani pré-coloniais no modelo das sociedades prescritivas definidas por Sahlins (1990).

As sociedades prescritivas – em oposição às performativas – são aquelas avessas ao evento, onde todo acontecimento imprevisto ou inusitado é encaixado em conceitos prévios e valorizado apenas por sua similaridade com exemplos estabelecidos (Sahlins, 1990). Neste sentido, uma sociedade como a Guarani pré-colonial, que reproduziu todos os elementos de sua cultura apesar dos 3.000 anos que os separam de sua origem amazônica e apesar de ambientes tão díspares que cruzou em seu caminho, poderia ser tranqüilamente considerada prescritiva.

Os seguidores desta proposta se esquecem, no entanto, de um princípio importante da proposta que advogam: toda reprodução também é mudança (Sahlins, 1990:15). Se as pessoas compreendem o mundo, vivem e projetam suas vidas a partir de conceitos preexistentes na ordem cultural, não há nada que implique que o mundo se comporte conforme é por elas entendido. No caso das sociedades prescritivas, a “atualização” das prescrições culturais também é mudança, pois a aplicação prática de suas categorias prévias aos acontecimentos implica que estes acontecimentos produzam, ainda que em menores dimensões, alterações na tradição (Sahlins, 1990).

Em suma, existem atualmente dois modelos arqueológicos para a interpretação da história Guarani pré-colonial: o de Meggers (1979) e o de Brochado (1984), interpretado por Noelli (1993). No primeiro caso, qualquer evento altera completamente os grupos estudados, e perdemos sua história em meio a uma confusão genealógica. No segundo, nega-se qualquer historicidade autóctone (só houve mudanças com a chegada dos europeus) e nos perdemos frente à imobilização cultural. Neste sentido, se o modelo de Noelli pode ser dito prescritivo, então o modelo de Meggers pode ser dito performativo, ambos aplicados aos mesmos contextos arqueológicos (Lino, 2007).

Em nosso ponto de vista, nem Meggers (1979) nem Noelli (1993) dão conta de investigar a história Guarani pré-colonial. A crítica aqui é a mesma já feita nos anos 1980 por Seeger, da Matta e Viveiros de Castro (1987) para a etnologia: não podemos “enformar” os grupos ameríndios em modelos importados de outros contextos etnográficos (como o de Sahlins), pois eles não dão conta dos traços sociais dos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas. Mais do que isto, não precisamos mais apelar a tais modelos. A etnologia indígena brasileira oferece, hoje, conceitos mais pertinentes para que possamos pensar a

história ameríndia a partir de seus próprios termos, nos permitindo chegar a interpretações mais sutis que as até o momento alcançadas.

Advogar por uma interface entre arqueologia, etnologia e história é, pelo menos desde Brochado (1984), um princípio teórico da arqueologia Guarani. A efetivação desta interface, no entanto, tem se mostrado mais ideal do que prática. De fato, nos últimos anos a temática Guarani em arqueologia foi de certa forma abandonada, se compararmos com o volume – e qualidade – dos trabalhos produzidos na década de 1990. Uma vez o debate estancado, a atualização das propostas interpretativas da arqueologia Guarani a partir de conceitos como o perspectivismo (Lima, 1996; Viveiros de Castro, 1996, 2002a), por exemplo, ficou também estancada.

Neste trabalho, desejamos propor a retomada do debate teórico acerca da história Guarani pré-colonial, realizando principalmente um deslocamento do olhar do Guarani “padronizado” para o Guarani “parcializado”, ou seja, para as fragmentações sociais indicadas na bibliografia etnohistórica e que podem estar registradas nas coleções arqueológicas. Para tanto, em primeiro lugar, buscamos na bibliografia etnológica e etnoarqueológica recentemente produzida entre os grupos ameríndios (Assis, 2006; Barcelos Neto, 2002; Fausto, 2001; Garlet e Soares, 1998; Lima, 1996, 2005; Silva, 2000a, van Velthem, 2003; Viveiros de Castro, 1996, 2002a, 2002b) princípios para a interpretação da cerâmica Guarani pré-colonial a partir das (cosmo)lógicas próprias a este grupo. Com isto objetivamos evidenciar de que forma os artefatos são produtos e produtores de relações sociais e qual a dimensão que assumem frente ao mundo “perspectivizado” que caracteriza as cosmologias ameríndias. Isto pode nos apontar o ñande rekó, o tradicional jeito de ser Guarani, mas pode nos apontar também a necessidade de considerarmos em nossos enfoques analíticos critérios mais sutis que nos mostrem diferentes jeitos de ser Guarani (capítulo 2).

No entanto, a adoção efetiva das perspectivas etnológicas contemporâneas sobre os grupos ameríndios implica em uma outra atualização pertinente à teoria arqueológica. Se, conforme as perspectivas indígenas, pretendemos argumentar a compatibilidade entre “Natureza” e “Sociedade”, então é preciso que o conjunto de conceitos que a arqueologia vai utilizar para demonstrá-la seja totalmente reformulado a partir de uma perspectiva também simétrica (Latour, 2004, 2007, 2008). As muitas teorias arqueológicas vigentes postulam, a seu modo, a imbricação entre pessoas e coisas na produção de relações sociais. No entanto, uma questão epistemológica anterior ao desenvolvimento de qualquer teoria nos impede de demonstrar este processo: pessoas e coisas, sujeitos e objetos, enfim, Sociedade e Natureza

são, para a Ciência moderna, conjuntos separados e incompatíveis. Neste sentido, a arqueologia se torna desprovida de qualquer legitimidade científica, pois parte da mistura inadequada entre os dois. É na direção de uma proposta menos dicotômica e mais coletiva que propomos uma Arqueologia Simétrica (capítulo 1), a qual, coincidindo com as cosmologias em análise, nos permitirá avançar mais rapidamente na direção da história Guarani pré-colonial.

Em termos metodológicos, consideramos os conceitos de tecnologia e cadeia operatória os mais apropriados para atingir nossos objetivos (capítulo 3). Mas o conceito de tecnologia aqui não possui o sentido mecano-teórico do capitalismo (Ingold, 2000). Pelo contrário, ele está re-fundado sobre os mesmos princípios simétricos, e indica a arena política onde humanos e não-humanos debatem a produção do cosmo. Neste sentido, o conceito de cadeia operatória pode ser entendido como um “livro de atas”, registrando minuciosamente cada procedimento levado a cabo na produção de um artefato que é, em última instância, uma imagem do coletivo.

A escolha das coleções analisadas visou permitir discutirmos ao máximo estas propostas teóricas. Em primeiro lugar, desejamos nos debruçar sobre diferenças tecnológicas que respondam às questões sobre diferentes parcialidades Guarani pré-coloniais. Portanto, analisamos coleções provenientes de diferentes contextos – o Vale do Rio da Várzea e o Litoral Norte do Rio Grande do Sul – a fim de, em perspectiva comparada, identificar perfis tecnológicos próprios a cada região. Foram analisadas as coleções de fragmentos associadas aos sítios RS-LN-35: Bassani 1 e RS-VZ-59: Grapiá 1, cujos resultados indicam tecnologias bastante distintas (capítulo 4).

Além destas coleções de fragmentos, analisamos todas as vasilhas inteiras dos sítios de ambas as regiões, que, juntas, somam 45 peças (capítulo 5). Isto nos permitiu aprofundar a questão da relação entre forma e função para a cerâmica Guarani, desenvolvendo um modelo de distribuição das marcas de uso. Também aqui chegamos a conclusões desestabilizadoras dos modelos estabelecidos, como uma variedade maior de categorias funcionais do que as já conhecidas e facilmente identificadas a partir dos critérios estabelecidos por La Salvia e Brochado (1989) e Brochado, Monticelli e Neumann (1990).

Assim, neste trabalho buscamos recolocar o debate da arqueologia Guarani em andamento, oferecendo novas perspectivas teóricas e metodológicas e, enfim, outros

problemas históricos que os já bastante abordados, retomando, assim, esta temática que tem estado, nos últimos anos, relativamente esquecida.

## 1 APORTES TEÓRICOS PARA UMA ARQUEOLOGIA SIMÉTRICA

Ao longo de seu desenvolvimento, o dilema da arqueologia tem sido perceber de que forma a cultura material pode denotar relações sociais pretéritas. Parte do princípio, portanto, de que há uma compatibilidade entre o que é material e o que é social, já que pretende a compreensão de um conjunto pelo outro. No entanto, suas muitas vertentes teóricas acabaram sempre pendendo a balança para um destes lados. Mais do que uma opção heurística, dar preponderância aos aspectos materiais ou simbólicos na forma como as pessoas se organizam coletivamente e usam o espaço passa por uma questão epistemológica ainda pouco observada na produção de conhecimento arqueológico.

O fato é que a matriz científica na qual a arqueologia se funda define Natureza e Sociedade como conjuntos de seres ontologicamente distintos e incompatíveis (Latour, 2004; 2007), o que a impede de realizar seu objetivo. No entanto, a partir da Antropologia Simétrica e da Ecologia Política, a teoria arqueológica pode, enfim, atingir a almejada simetria entre o material e o social, se abrindo, assim, à questão da multiplicidade das formas sociais como locus de formulação de problemas a partir da eliminação desta cisão. Aceitando uma ontologia comum a *humanos* e *não-humanos*, podemos perceber os *vínculos* que eles estabelecem na constituição de um *mundo comum* (um *cosmo*, um *coletivo*) e o “social” retoma, assim, seu sentido original e amplo de *associação*.

Uma Arqueologia Simétrica, portanto, nos permite discutir aspectos de socialidade entre *humanos* e *não-humanos*. No caso da arqueologia indígena brasileira, a pertinência de reformularmos a teoria arqueológica a partir destes termos se faz sentir ainda mais vigorosamente. Isto porque as cosmologias ameríndias são simétricas, como demonstram Lima (1996) e Viveiros de Castro (1996; 2002a) com o conceito de *perspectivismo*. Assim, fazendo coincidir estas duas formas de pensamento, podemos avançar muito na compreensão da história indígena pré-colonial.

## 1.1 A CONSTITUIÇÃO MODERNA E A ARQUEOLOGIA

“Nossa vida intelectual está muito mal construída”<sup>2</sup>, postula Latour (2007:20). Esta é a crítica fundamental que orienta os trabalhos do autor. Como um antropólogo das práticas científicas, Latour percebe que existe uma defasagem entre o que se entende como Ciência e o que se produz sob este rótulo. Segundo o autor, este “defeito” é decorrente da Constituição moderna do pensamento ocidental, que “inventa uma separação entre o poder científico, encarregado de representar as coisas, e o poder político, encarregado de representar sujeitos” (idem, p. 55).

Mais do que pelo humanismo, iluminismo ou mecanização da produção, a Modernidade pode ser caracterizada pela fundação desta cosmologia dividida em duas câmaras<sup>3</sup> – a Natureza e a Sociedade – habitadas por seres ontológica e epistemologicamente incompatíveis. Enquanto a Natureza abriga as coisas, sendo o reino da realidade, da objetividade, da estabilidade e da unidade, a Sociedade abriga as pessoas, sendo o reino das representações, da subjetividade, da mutabilidade e da multiplicidade. O trabalho da Ciência é realizar esta separação, *purificando* os fenômenos “naturais” das representações humanas sobre eles, as quais cabe à política estabilizar. Esta cisão garantiria que cada reino se desenvolvesse livremente, à parte do outro.

No entanto, apesar de se postular a independência entre as câmaras da Natureza e da Sociedade, o desenvolvimento de uma sempre sofreu a intervenção da outra. Assim, os procedimentos próprios à formação de cada câmara acabam se confundido em dois pares contraditórios de imanência e transcendência. No primeiro, a natureza possui lógicas próprias alheias ao trabalho científico que as capta – é transcendente – enquanto a sociedade é fruto do trabalho político – é imanente. No segundo, a sociedade é tida por uma força exterior *sui generis* da qual não se pode escapar – é transcendente –, de forma que todo o trabalho científico é determinado por ela, tornando a natureza uma construção humana – e imanente.

Aí residem os debates e mal-entendidos da produção científica moderna. Embora o cientista desenvolva teorias e métodos analíticos a fim de obter da natureza a realidade,

---

<sup>2</sup> “nuestra vida intelectual está muy mal hecha”.

<sup>3</sup> O termo câmara é utilizado por Latour (2004, 2007) para identificar o aspecto essencialmente político que a cisão entre Natureza e Sociedade possui, permitindo recolocar os termos, posteriormente, no projeto da Ecologia Política.

sempre pode ser acusado de desenvolver suas pesquisas segundo interesses subjetivos. Ao mesmo tempo, o debate político sempre pode ser interrompido pelo apelo à “natureza” humana ou dos fatos. A história da Ciência e da política é uma sucessão deste tipo de argumentação. Esta mistura inadequada de Ciência e política gera o que Latour (2007) chamou *híbridos*<sup>4</sup>, objetos – e conceitos – que são ao mesmo tempo naturais e sociais. A multiplicação destes *híbridos* nos “porões” da modernidade atesta, segundo o autor, a ineficiência deste modelo e, mais do que isto, que em verdade jamais tenhamos sido modernos.

A inserção da história da teoria arqueológica neste quadro nos mostra o porquê da polaridade de seus conceitos e modelos interpretativos. Disciplina dedicada à compreensão das relações sociais do passado através de seus vestígios materiais, desde o princípio a arqueologia não poderia ser caracterizada como propriamente científica já que, ao invés de purificar as câmaras, essencialmente ela as mistura. Daí o problema em encontrarmos um meio para evidenciar e justificar a implicação das coisas nas relações sociais: traduzir o dado arqueológico para a linguagem científica implicava que a ênfase sempre recaísse em um dos pólos – natureza ou sociedade.

Emblemática desta impossibilidade assimétrica é a oposição entre as arqueologias Processual e Pós-Processual – termos sob os quais se abriga uma miríade de teorias especializadas<sup>5</sup>. A arqueologia Processual compreende a cultura material como o resultado de estratégias adaptativas, um meio pelo qual os homens viabilizam sua sobrevivência frente às coerções do meio natural. Nesta ótica, o estudo volta-se para o entendimento de aspectos econômicos, como as inter-relações entre sistemas tecnológicos, escassez e disponibilidade de matéria-prima, características físicas dos materiais em relação à função pretendida do artefato, eficiência da população na exploração do meio natural, entre outros aspectos de natureza materialista (Dias e Silva, 2001). Ao mesmo tempo, os arqueólogos processuais postulam um

---

<sup>4</sup> Latour oferece uma série de exemplos de objetos *híbridos*, como o buraco da camada de ozônio, o vírus da AIDS, os príons (proteína causadora da doença conhecida como “vaca-louca”). Um exemplo de *híbrido* que atualmente mobiliza a atenção no Brasil são as células-tronco, cuja liberação para a pesquisa científica encontra-se sendo discutida não apenas nos laboratórios, mas também no Congresso Nacional, nos Tribunais Superiores e na mídia, mobilizando cientistas, políticos, juristas, associações de portadores de doenças degenerativas e paralisias, além da Igreja. Ou seja, toda a “sociedade” encontra-se mobilizada discutindo a “natureza”, bloqueando seu pleno desenvolvimento independente.

<sup>5</sup> Motivo pelo qual nos limitaremos a caracterizar o debate teórico entre as duas “correntes”, dedicando maior atenção às questões surgidas a partir da proposta simétrica de Latour (2004, 2007, 2008). Para um aprofundamento deste debate, ver Wylie (2002). No capítulo 3 exploraremos mais alguns aspectos das arqueologias processual e pós-processual.

alto grau de regularidade para o comportamento humano, advogando por referenciais interpretativos de caráter “universalista”.

Como vemos, a arqueologia Processual corresponde ao primeiro par de contradições procedimentais que interrompem o trabalho da Ciência moderna. Aqui a balança pende para o lado da natureza transcendente, imutável e unificadora. É ela que determina, a partir de suas lógicas internas, a formação do social, cuja dinâmica é estancada e resulta igualmente uniformizada.

A arqueologia Pós-processual parte da crítica a esta homogeneização dos aspectos culturais e ao esquecimento do fator humano no paradigma Processual, invertendo o pólo do debate. O mundo material não é mais considerado determinante, mas sim determinado pela subjetividade humana, e valorizado apenas por sua capacidade de materializar significados culturais (Shanks e Tilley, 1987; 1992). Os arqueólogos pós-processuais, assim, voltam seu interesse para a multiplicidade cultural, focando as representações e o simbolismo impressos na cultura material.

Esta vertente teórica é dita “pós-moderna”, em razão do conjunto de conceitos que adotou – símbolo, signo, discurso. No entanto, se seguimos com Latour (2007) a observação de que a modernidade nem bem começou, não seria possível que tivesse sido ultrapassada. Em verdade, vemos que a arqueologia Pós-processual corresponde ao segundo par de contradições procedimentais que interrompem o trabalho da Ciência moderna. Aqui a força transcendente do social é tão esmagadora que determina toda a produção do mundo material, legando à natureza o papel de apenas materializar e expressar as sociedades.

Assim, as arqueologias Processual e Pós-processual são o duplo resultado da assimetria entre Natureza e Sociedade. Mais do que perspectivas opostas, elas se complementam, atendendo às demandas (contraditórias) da Ciência moderna. Se, neste sentido, nenhuma delas é capaz de realizar o objetivo da pesquisa arqueológica, já que o paradigma científico moderno não oferece o instrumental para percebermos como efetivamente “pessoas” e “coisas” se encontram amalgamadas na produção social de um mundo comum, isto não significa a impossibilidade da concretização de tal tarefa.

Pelo contrário, com a eliminação da cisão entre Natureza e Sociedade torna-se possível o re-estabelecimento da simetria entre o material e o social. Este é o objetivo da Arqueologia Simétrica, a partir das premissas da Antropologia Simétrica e da Ecologia Política. No entanto, esta não é a operação simples que pode parecer, pois não se trata apenas

da soma de um conjunto ao outro. A separação moderna entre as câmaras foi muito bem elaborada para ser simplesmente ignorada ou superada (como pretendia a “pós-modernidade”). Ela precisa ser desfeita através da recharacterização das câmaras, dos seres que as habitam e dos procedimentos de produção do social.

## 1.2 ECOLOGIA POLÍTICA E ARQUEOLOGIA SIMÉTRICA

Segundo Latour,

a Ciência moderna não pode sobreviver senão com a condição de distinguir absolutamente, e não relativamente, as coisas “tais como elas são” da “representação que os humanos fazem delas”. Sem esta divisão entre “questões ontológicas” e “questões epistemológicas”, é o conjunto da vida moral e social que se encontrará ameaçado (Latour, 2004:29).

Isto porque o valor fundamental da distinção entre Natureza e Sociedade está em garantir que a primeira sirva como uma reserva indiscutível de realidade, à qual se possa apelar para pôr fim ao obscurantismo e ignorância da segunda. Esta distinção, portanto, é o lugar de segurança do pensamento moderno, ao qual se dirige sempre que sua estabilidade se encontre ameaçada. Por este motivo pode parecer difícil aceitar, imediatamente, o primeiro resultado da eliminação desta cisão: Natureza e Sociedade deixam de existir – pelo menos conforme a constituição moderna as delineou.

O caos gerado por esta dissolução é apenas aparente. Como discutimos no tópico anterior, apesar de a produção científica desejar cumprir as exigências da modernidade, purificando seus seres, o que se vê é uma multiplicação de *híbridos*. Ou seja, a modernidade nunca ofereceu realmente este lugar de segurança, Natureza e Sociedade já não existiam. Sempre vivemos em um *mundo comum*, formado pela *associação* de *humanos* e *não-humanos*, o qual não podíamos apreender apenas em razão do tipo de Ciência que possuíamos. O que a Ecologia Política (Latour, 2004), enquanto uma nova constituição, propõe, é reacomodar as competências já existentes, mas mal distribuídas entre as câmaras, criando, na mesma manobra, uma ciência e uma política que viabilizem a compreensão deste *mundo comum*, que Latour chamou *coletivo* ou *cosmo* (idem, p.33). Para tanto, é preciso

criticar os conceitos utilizados pela Ciência e pela política modernas e refunda-los, simetricamente.

Assim, antes de tudo, a Ecologia Política depende de que aceitemos uma ontologia comum a humanos e não-humanos. Na antiga constituição, a *purificação* dos seres que habitavam cada câmara se dava segundo a definição *a priori* de suas características e capacidades. Na Natureza, os *objetos* possuíam uma essência, contornos definidos em uma existência anterior ao trabalho científico que apenas os revelava. Possuíam, portanto, o domínio da realidade e da estabilidade do mundo, detendo todo o poder na definição do que *é*. Na Sociedade, os *sujeitos* eram caracterizados pela capacidade de representação e pela liberdade de agir conforme seu julgamento – agência. E, embora alienados da realidade, os humanos detinham todo o poder na definição do que *deve ser*.

*Sujeito e objeto*, assim, são conceitos modernos que indicam a ruptura entre as câmaras e a incompatibilidade ontológica entre seus seres, talhados para não se associarem jamais. Da mesma forma, *pessoas e coisas* são apenas “palavras que nos chegam prontas para serem postas em funcionamento, treinadas, equipadas” com estas capacidades antagônicas (Latour, 2004:119), de forma que não podem dar conta de definir os novos seres que habitam o *coletivo*.

Para que diferentes seres sejam capazes de se associar, é necessário que possuam características e capacidades comuns que os permitam figurar como iguais no debate da produção do *coletivo*. Assim, os seres da Ecologia Política são caracterizados por Latour como dotados de *fala, agência, realidade e recalcitrância* (Latour, 2004:151). Significa estender aos seres da “natureza” o poder de representar e defender seu ponto de vista perante os demais, e o poder de agir com liberdade como um ator social. Reciprocamente, os seres da “sociedade” também recebem direito de acesso à realidade. Ambos se caracterizarão, ainda, pela *recalcitrância*, ou seja, pela capacidade de insistir nas suas posições, seja para entrar no *coletivo*, seja para reformar seus contornos, tornando a instabilidade um elemento essencial na nova constituição.

Sem nenhuma diferença mais que os determine, Latour propõe chamar os seres da Ecologia Política simplesmente *humanos e não-humanos*, todos plenamente agentes, livres, representando seus pontos de vista sobre uma realidade que está ao seu alcance – ao alcance de suas ações –, fazendo coincidir o que *é* e o que *deve ser*.

A redefinição dos seres implica em novos princípios epistemológicos que tornem possível perceber como eles estabelecem *vínculos* na produção do *coletivo*. Neste ponto, a Ecologia Política promove mais um deslocamento fundamental em relação à constituição

moderna. Nesta, a produção dos conjuntos da Natureza e da Sociedade se dava através do procedimento de *purificação* dos seres, encaixando-os em modelos anteriores a qualquer trabalho – científico ou político. Na Ecologia Política, a ênfase recai justamente sobre este trabalho, sobre o movimento particular de cada nova associação, cada novo vínculo, cada nova proposta aceita ou rejeitada, pois é somente após o debate, e não antes, que o *coletivo* adquirirá sua forma.

A produção do coletivo depende, inicialmente, de dois conjuntos procedimentais: um para a multiplicação dos seres e outro para sua organização. O primeiro conjunto é identificado por Latour (2004:179) como *consideração* e indica o momento em que novos seres – humanos ou não-humanos – se apresentam como *proposições* ao coletivo, nas palavras do autor, apresentam sua candidatura à socialização. Estas novas propostas causam *perplexidade* à “ordem estabelecida” e motivam a *reflexão* dos membros do coletivo sobre as implicações da aceitação ou negação de sua socialização, iniciando o debate<sup>6</sup>. O poder de *consideração*, assim, julga a pertinência da multiplicação dos seres que compõe o coletivo.

Após os procedimentos de *consideração*, entra em ação o segundo conjunto de procedimentos, identificado como *ordenamento* (idem, p.179). Uma vez que as novas *proposições* tenham sido avaliadas e aceitas, é necessário que se encontre o lugar que vão ocupar, que se defina sua posição na *hierarquia* do *cosmo*. Com a re-acomodação dos seres no interior do coletivo, o debate pode ser momentaneamente encerrado, e seus novos contornos devem ser então *instituídos*<sup>7</sup>.

No entanto, apesar destes procedimentos darem ao coletivo uma forma algo estável, o processo de produção nunca pára definitivamente. As proposições que permanecem no exterior não socializadas continuam se colocando no debate, buscando seu lugar no coletivo, fazendo o poder de *consideração* trabalhar constantemente. Da mesma forma, proposições já socializadas permanecem incitando o debate por novas posições hierárquicas, fazendo com que o poder de *ordenamento* também trabalhe constantemente.

---

<sup>6</sup> Lendo o exemplo oferecido de objeto *híbrido* – as células-tronco – a partir deste modelo, vemos que atualmente sua aceitação ao coletivo ainda se encontra sob *consideração*. Descobertas as capacidades curativas de tais células, os membros do coletivo se tornaram perplexos (os cientistas, os industriais do ramo farmacêutico e os pacientes diretamente beneficiados positivamente perplexos, a Igreja negativamente perplexa, os demais simplesmente perplexos), o que os mobilizou para a reflexão, levando a questão a todas as instâncias de discussão existentes (das casas de família aos Tribunais Superiores).

<sup>7</sup> Ainda não podemos saber como serão os contornos de nosso coletivo a partir da aceitação das pesquisas com células-tronco. Quais os limites que lhe serão impostos (sua hierarquia frente às demais células)? Qual será sua inserção final na vida do *coletivo*? Em outro exemplo, como o buraco da camada de ozônio, após o debate sua posição foi definida como superior ao uso de gases inertes em geladeiras e sprays, que foram banidos, e sua instituição alterou os hábitos de todos os membros – humanos – do coletivo, obrigando-os a se proteger do sol (Latour, 2007).

Assim, é o acompanhamento destes procedimentos que nos permite perceber a produção e a distinção entre a realidade interior e exterior ao coletivo. No interior, a realidade é o produto das múltiplas associações, é a definição dos contornos do coletivo. No exterior, a realidade se compõe pelas proposições ainda não associadas. Desta forma, a *exterioridade*, “reserva de realidade indiscutível” à qual a antiga constituição sempre apelava para ameaçar o desenvolvimento do social, se torna discutível e uma fonte de criatividade e inovação do coletivo. Ela não define mais um conjunto alheio ao social, mas sim a situação transitória de seres que ainda poderão ser socializados (Latour, 2004:74).

Assim, ao “final” da produção do coletivo, Latour agrega um terceiro procedimento, vital para sua manutenção. Identificado como *acompanhamento* (Latour, 2004:324), este procedimento compreende os registros dos debates, e na medida em que preserva a memória do coletivo, podemos relacioná-lo à tarefa da História.

Como vimos, embora a forma do coletivo possa adquirir certa estabilidade, ao passo que novas proposições são introduzidas, novas relações são geradas, dando novos contornos ao coletivo. Aí reside a dinâmica histórica da Ecologia Política. Neste ponto, mais um deslocamento se faz necessário. Segundo Latour,

outrora, devia-se sempre desconfiar da história, uma vez que as coisas importantes (as qualidades primeiras [*a definição do ser*]) escapavam à temporalidade. Se havia uma história humana, cheia de ruídos e furor, desenvolvia-se sempre, por contraste, uma *não-história* silenciosa [*das coisas*] (Latour, 2004:317).

A noção moderna de temporalidade aponta para um progresso, uma (r)evolução identificada com o rompimento com o passado. Este, por seu turno, é o lugar onde todos os seres se encontravam inadequadamente misturados, e, portanto, do qual a Ciência deveria ser capaz de nos afastar. O avanço da História estava relacionado, assim, à separação cada vez mais completa entre os reinos da Natureza e da Sociedade, em direção à perfeição estatutária ideal de seus conjuntos.

A flecha do tempo da Ecologia Política não atravessa essa divisão. O tempo apenas mostra vínculos cada vez mais enredados, seres mais misturados. Desta forma, passado, presente e futuro encontram-se interligados, pois os debates atuais são herdeiros daqueles já encerrados e são responsáveis pelos que ainda virão. Cabe à História acompanhar a atuação dos procedimentos de consideração e ordenamento em cada debate, viabilizando o acesso ao passado como fonte de questionamentos a serem levados em conta na produção de futuros

coletivos. Neste sentido, a História assume um papel fundamental, pois se torna em grande parte responsável pelas associações que ainda se farão. À medida que preserva o passado, a História produz o futuro.

Com isto, a Ecologia Política oferece as bases para que a Arqueologia se torne simétrica e, enfim, cumpra sua tarefa de perceber relações sociais pretéritas. Falar em *social*, agora, não significa mais buscar as pessoas através das coisas, determinando um conjunto pelo outro – como as arqueologias Processual e Pós-processual –, mas sim evidenciar associações de humanos e não-humanos.

Neste sentido, os vestígios arqueológicos não são mais identificados com o “refugio” ou o “reflexo” de “sociedades” extintas. Uma vez que os não-humanos entram em igualdade no debate político da formação do coletivo, matérias-primas, ambientes, alimentos, todos figuram como propostas aceitas (ou negadas) na produção daquele *mundo comum*. A partir da análise dos artefatos, dos padrões de assentamento, dos hábitos alimentares, enfim, dos produtos destas associações, vemos que os vestígios arqueológicos registram densamente os princípios de associação vigentes naquele momento – o que nos permite, mesmo após o processo ter se encerrado, acompanhar os procedimentos de consideração e ordenamento levados a cabo – e, com isto, a história de antigos coletivos.

Se no paradigma moderno a Arqueologia ia na contramão de todo o objetivo científico, na Ecologia Política ela é completamente coerente e plenamente capaz de escrever a história social de coletivos passados, a história concomitante de humanos e não-humanos. Assim, a Arqueologia pode recuperar o trabalho que a História até agora não fez, obcecada que estava pelo ideal moderno de verificar afastamentos cada vez mais completos entre Natureza e Sociedade – o que, de acordo com Latour, não acontecia verdadeiramente.

As conseqüências da Antropologia Simétrica e da Ecologia Política para a teoria arqueológica muito recentemente começaram a ser analisadas (González-Ruibal, 2006; Shanks, 2007; Webmoore, 2007; Witmore, 2007). No próximo tópico, veremos quais as conseqüências de uma Arqueologia Simétrica para a arqueologia indígena brasileira, principalmente naquilo em que se relaciona com cosmologias que são, em si, simétricas, como demonstram Lima (1996) e Viveiros de Castro (1996, 2002a).

### 1.3 PERSPECTIVISMO E ARQUEOLOGIA INDÍGENA

As propostas de Latour e as produzidas recentemente pela etnologia indígena amazônica estão totalmente articuladas, e podemos mesmo dizer que venham se desenvolvendo concomitantemente e em colaboração mútua. Uma das fontes de crítica utilizadas por Latour no desenvolvimento da Ecologia Política é justamente o conjunto de conceitos formulados por Lima (1996) e Viveiros de Castro (1996, 2002a), que compreende o *perspectivismo* e o *multinaturalismo*.

O *perspectivismo* diz respeito à “concepção comum a muitos povos do continente [americano], segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não-humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos” (Viveiros de Castro, 20002a:347). Para se compreender esta idéia, aqui também se faz necessária a crítica da distinção entre Natureza e Cultura, percebendo como os predicados subsumidos a estas duas séries se dissociam e se redistribuem particularmente nas cosmologias ameríndias. Nelas, Natureza e Cultura não assinalam “províncias ontológicas”, mas sim “configurações relacionais, perspectivas móveis, em suma – pontos de vista” (idem:349).

Segundo Viveiros de Castro (1996, 2002a), ao contrário da concepção moderna, onde a Natureza aponta o uno e a Cultura aponta o múltiplo, a concepção indígena suporia uma unidade de espírito e uma diversidade de corpos entre as diferentes espécies de seres que habitam o *cosmo*. Ao invés de um *multiculturalismo*, haveria um *multinaturalismo*.

Lima (1996:35) mostra que, nas cosmologias indígenas, “a duplicidade é a lei de todo o ser e todo o acontecimento”. Tudo o que existe é concebido como duplo, possuindo uma parte espiritual e outra corporal. O espírito é a característica comum a tudo o que há – animais, vegetais, fenômenos meteorológicos, artefatos, deuses – e que dota a todos de subjetividade, intencionalidade e agência<sup>8</sup>. Ou seja, o que consideramos como características humanas, não pertencem de direito aos humanos (Lima, 1996:27), mas permite articular todos os seres em um mesmo referencial de humanidade.

---

<sup>8</sup> Mesmo onde certos não-humanos empíricos não são considerados espiritualizados, possuem um *dono* ou *mestre*, que funciona como hipóstase dos seres a que estão associados, criando um campo intersubjetivo humano-animal, ou seja, referindo suas subjetividades indiretamente (Viveiros de Castro, 2002a).

Isto por que este espírito é considerado formalmente idêntico ao espírito humano. Por este motivo, todos os seres vêem a si mesmos como humanos, e os demais como não-humanos – animais ou deuses – conforme a posição cosmológica que assumem e as afecções corporais próprias de sua espécie. Assim, se os humanos vêem os porcos do mato como caça, estes os vêem como deuses, da mesma forma como os deuses vêem os humanos como caça (Lima, 1996). Além disto, sendo gente em seu próprio departamento, os não-humanos comem comida de gente, são adornados como gente, e vivem em comunidades como gente, e, quando em suas aldeias, se despem de sua “roupa” – a aparência que possuem para os humanos – e assumem uma forma corporal humana, visível apenas para os membros de sua espécie ou seres interespecíficos como os xamãs (Viveiros de Castro, 1996, 2002a).

Este aspecto fica claro nos mitos, que mostram um estado original de indiferenciação entre os humanos e os animais. “Os mitos são povoados de seres cuja forma, nome e comportamento misturam inextricavelmente atributos humanos e animais” (Viveiros de Castro, 1996:118), que vão se distinguindo progressivamente menos em relação à cultura que à natureza de seus corpos. “Os animais são ex-humanos” (idem, p.119).

Se é o espírito que permite aos não-humanos figurarem nas cosmologias indígenas como *sujeitos* plenamente capazes de assumir um ponto de vista, é o corpo que lhes permite realizar sua perspectiva. Assim, corpos diferentes permitem pontos de vista diferentes. Isto não permite associar o *perspectivismo* ao relativismo, pois não significa uma multiplicidade de representações sobre um mesmo mundo. Pelo contrário, “o ponto de vista implica em uma certa concepção de que só existe mundo para alguém [...] não há realidade independentemente do sujeito” (Lima, 1996:31). Assim, “os jaguares vêem o sangue como cauim, os mortos vêem os grilos como peixes, os urubus vêem os vermes da carne podre como peixe assado” (Viveiros de Castro, 1996:117), ou seja, o mundo muda conforme o ponto de vista de cada ser.

Se a assunção a um ponto de vista é algo distribuído entre os diferentes seres, a capacidade de assumi-lo adequadamente deve ser particularizada nos corpos. Por este motivo as cosmologias indígenas enfatizam a necessidade de se produzir constantemente o corpo através da alimentação e ornamentação corporal. São estas práticas que tornam um corpo “demasiadamente genérico” em um corpo distintivamente humano, permitindo uma perspectiva adequadamente humana. Assim, esta produção é o *locus* da identidade – entre a espécie – e da diferença – de outras espécies.

É esta ênfase sobre a produção dos corpos – e do *cosmo* – que permite uma rica articulação entre o *perspectivismo* e a arqueologia. Se a multiplicidade de corpos aponta a multiplicidade de pontos de vistas possíveis, diferentes agências próprias a cada ser, então a arqueologia pode acessar, através da análise dos vestígios materiais, a multiplicidade de associações possíveis entre humanos e não-humanos em coletivos do passado<sup>9</sup>.

Assim, relacionando uma perspectiva arqueológica simétrica a uma cosmologia em si simétrica, podemos repensar as qualificações sociológicas produzidas para os grupos indígenas pré-coloniais das terras baixas sul-americanas – assim como o que vem sendo feito atualmente pela etnologia indígena amazônica. Talvez desta forma possamos compreender complexidades sociais refletidas em níveis mais sutis da materialidade que aqueles avaliados até o momento, recolocando os termos do debate sobre a história indígena pré-colonial, em busca, justamente, desta complexidade<sup>10</sup>.

## 1.4 CONCLUSÃO

A Arqueologia Simétrica é uma perspectiva teórica em gestação. Nosso objetivo, neste capítulo, foi oferecer uma contribuição a este debate que apenas se iniciou, levantando questões e apontando possíveis rumos para seu desenvolvimento. Talvez as propostas apresentadas causem perplexidade ao leitor, que pode sentir como se o que havia de realidade em suas concepções teóricas na produção de conhecimento arqueológico fossem abaladas. Se fizemos bem nosso trabalho, isto o levará a refletir sobre a pertinência da proposta antes de decidir se aceita multiplicar as controvérsias já tão múltiplas na ciência arqueológica, ou se prefere manter estável os contornos daquilo que conhece. Este processo de avaliação precisa ainda ser levado adiante e se aprofundar muito, antes que se defina qual a posição da

---

<sup>9</sup> Veremos no próximo capítulo que a noção de corpo ultrapassa os limites da corporalidade humana e animal, abrangendo também toda a gama de artefatos produzidos pelos coletivos indígenas.

<sup>10</sup> Seja na proposta de Betty Meggers (1979), seja na proposta de Brochado (1984) e Noelli (1993), a simplicidade é inerente aos grupos estudados. A primeira nega qualquer complexidade, os segundos a defendem, mas postulam a perene reprodução de sua cultura, lhes negando uma dimensão “complexificadora” fundamental, o tempo.

Arqueologia Simétrica no conjunto de teorias que já possuímos e antes que se decida pela sua instituição no campo, quando então saberemos como ela é e como se aplica.

Defendemos, no entanto, que em um referencial simétrico a Arqueologia só tem a avançar, uma vez que o referencial moderno lhe negava qualquer legitimidade. Além disto, é mais viável perceber formas sociais pretéritas a partir da associação de seres semelhantes do que pela separação de seres distintos. Como discutimos, este procedimento interrompe a produção de conhecimento, o que as teorias arqueológicas vigentes refletem emblematicamente.

Para a Arqueologia indígena brasileira, os avanços possíveis se multiplicam ainda mais, pois a proposta de uma Arqueologia Simétrica se articula com as cosmologias em questão, também simétricas. O *perspectivismo* demonstra que, nas cosmologias ameríndias, humanos e não-humanos comungam capacidades ontológicas fundamentais que os articulam em um mesmo referencial de “humanidade”. Assim, animais, plantas, **artefatos**, e “espíritos”, incidem ativamente sobre as associações que produzem o social.

É no trabalho sobre as materialidades de cada um destes seres que reside a diferenciação e identificação cosmológica entre eles, na produção constante de seus corpos. Neste sentido, se é justamente na produção material que se encontra a multiplicidade das associações indígenas, então uma Arqueologia de referencial simétrico surge como *locus* de formulação de questionamentos sociais, evidenciando a complexidade quase sempre negada às “sociedades primitivas”.

Muito ainda precisa ser feito para o assentamento de uma Arqueologia Simétrica, assim como para a fundamentação de sua interface com a etnologia indígena brasileira, aqui apenas ensaiada. Nos próximos capítulos aprofundaremos algumas questões pertinentes ao desenvolvimento de nossa dupla proposta, tanto no que diz respeito à etnologia (capítulo 2), quanto o que diz respeito a uma metodologia para a Arqueologia Simétrica – voltada ao estudo de cerâmicas arqueológicas (capítulo 3).

## 2 A PRODUÇÃO DO COSMO GUARANI

Neste capítulo, procuraremos caracterizar a inserção da produção material na produção do social em diferentes grupos indígenas sul-americanos. Nosso objetivo é encontrar princípios simétricos para a análise da cerâmica Guarani arqueológica a partir das recentes etnografias produzidas entre os grupos amazônicos.

Iniciaremos avaliando o trabalho de Fabíola Silva (2000a) entre os Assuriní do Xingu, única pesquisa etnoarqueológica desenvolvida entre os grupos ceramistas amazônicos. Neste trabalho, a autora desenvolveu um excelente modelo para interpretarmos os atos produtivos envolvidos no fazer cerâmico, o qual é de suma importância metodológica para as análises que propomos. Cada um destes atos produtivos é cercado de cuidados e especificidades, minúcias que nos levam a traçar paralelos com outro tipo de produção indígena: a de pessoas humanas.

Segundo Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro (1987), a ênfase social ameríndia é a produção de pessoas, com destaque para a corporalidade. É a construção, transformação e manutenção do corpo que estabelece vínculos sociais entre as pessoas indígenas e, de forma mais ampla, destas com as demais esferas cosmológicas. Os cuidados e procedimentos envolvidos na produção de um corpo humano, assim como os discursos mitológicos que os guiam, são semelhantes àqueles identificados por Silva para a produção cerâmica Assuriní, indicando uma possível homologia entre pessoas e coisas nas cosmologias ameríndias.

A fim de demonstrar que esta inferência possui uma base cosmológica, relacionamos este trabalho à etnografia de Lúcia Hussak van Velthem (2003), entre os Wayana. Esta autora investigou a dimensão estética das produções artefatuais indígenas, percebendo que a tecnologia empregada, mais que resultar em objetos, tem o poder de re-produzir seres dotados de corpos e comportamentos específicos, criados em tempos imemoriais pelos demiurgos. Neste sentido, corpos humanos e artefatuais podem ser correlacionados em um mesmo paradigma de criação e fabricação, segundo o modelo a predação (Viveiros de Casto, 2002b).

Na medida em que tanto corpos humanos quanto outros corpos-artefatos são produzidos segundo os parâmetros estabelecidos pelos demiurgos na criação do cosmo, podemos perceber que toda produção tecnológica resulta no re-estabelecimento de um tempo

imemorial, implicando em um modelo de temporalidade propriamente ameríndio, voltado para a manutenção das formas sociais, mais que sua transformação.

A partir destas noções realizamos também uma leitura do trabalho de Valéria Assis (2006). Em sua etnografia sobre a troca de bens materiais entre os Mbyá Guarani, a autora abordou alguns aspectos sobre a produção e o uso dos artefatos. Apesar da “desjaguarificação” da sua cosmologia (Fausto, 2005), em certo sentido podemos perceber que a tecnologia empregada pelos Mbyá-Guarani hoje estabelece o mesmo tipo de relações identificadas entre os Wayana e os Assuriní, ou seja, o modelo da predação, a reprodução dos parâmetros demiúrgicos e a homologia entre pessoas e coisas.

Esta análise bibliográfica nos oferece, assim, subsídios para a elaboração de um modelo de produção cosmológica que, ao ser projetado para o passado pré-colonial, pode nos auxiliar no acompanhamento das associações estabelecidas entre os Guarani e sua cerâmica.

## **2.1 Uma etnoarqueologia da produção cerâmica entre os Assuriní do Xingu**

Segundo Politis, a etnoarqueologia é

uma sub-disciplina da arqueologia e da antropologia social que obtém informação sistemática acerca da dimensão material da conduta humana ... [sendo] geradora de referentes analógicos para a interpretação arqueológica e fonte de produção e teste de hipóteses e modelos sobre como funcionam as sociedades. (Politis, 2002:68)<sup>11</sup>.

Neste sentido, as populações indígenas contemporâneas constituem-se como um objeto privilegiado de pesquisa e aprendizado para os arqueólogos, pois viabilizam a possibilidade de vislumbrarmos a dinâmica dos processos de produção e uso dos itens da cultura material (Silva, 2000a).

---

<sup>11</sup> “la etnoarqueología es una subdisciplina de la arqueología y de la antropología social que obtiene información sistemática acerca de la dimensión material de la conducta humana ... Es una generadora de referentes analógicos para la interpretación arqueológica y es una fuente de producción y testeo de hipótesis y modelos acerca de cómo funcionan las sociedades”.

Fabíola Silva (2000a) desenvolveu pesquisa etnoarqueológica sobre a produção cerâmica entre os Assuriní do Xingu, grupo indígena Tupi que habita a margem direita do Rio Xingu. Este trabalho se constitui como uma referência para pesquisas que enfoquem a produção, o uso, o descarte, a espacialidade e os processos de ensino-aprendizagem da cerâmica indígena atual ou arqueológica.

Entre os Assuriní, a produção da cerâmica é uma atividade eminentemente feminina. Segundo Silva (2000a), os homens podem auxiliar apenas em atividades como transportar a argila desde o barreiro até a aldeia, coletar os minerais utilizados na pintura, além de trazer a madeira que será o combustível para a queima das vasilhas. Mulheres grávidas ou menstruadas também estão impedidas de se envolver em qualquer fase do processo de confecção cerâmica, pois, segundo Silva (2000a:65), estes estados alterados se relacionam com as noções de impureza e perigo, podendo estragar o barro.

A cerâmica Assuriní possui um amplo repertório morfológico associado a distintas categorias funcionais de vasilhas. Sua produção caracteriza-se pelo zelo e rigor com que as ceramistas as reproduzem em uma seqüência operatória extremamente detalhada que pode ser dividida em seis etapas básicas: obtenção da matéria-prima, preparação da matéria-prima, manufatura, secagem, queima e acabamento de superfície (Silva, 2000a). É preciso salientar que cada tipo de vasilha é elaborado a partir da concomitância entre forma, decoração e uso, ou seja, possui características tecnológicas específicas e únicas. No processo de aprendizagem, a intensa repetição da seqüência produtiva na confecção de miniaturas de vasilhas torna a jovem oleira capaz de reproduzir estas especificações, extremamente rígidas entre os Assuriní.

A seleção das argilas utilizadas depende, segundo a autora, dos critérios plasticidade e resistibilidade à queima. Na década de 1990, quando foram realizadas as pesquisas de campo, duas fontes de argila próximas às margens do rio Xingu estavam sendo exploradas pelas oleiras Assuriní. Análises geológicas mostraram que estas fontes apresentam características diferentes em relação aos critérios de seleção mencionados, no entanto, estavam sendo usadas indistintamente pelas ceramistas. Entre os Assuriní, assim como entre outros grupos ameríndios, o local da extração da argila é considerado perigoso, pois é habitado por seres sobrenaturais que são considerados seus donos (Silva, 2000a:61).

A argila é extraída do barreiro com a ajuda de um pau-cavador. Na medida em que as porções são retiradas, vão sendo postas sobre uma espata de babaçu para então serem

colocadas no cesto cargueiro. Na aldeia, o barro pode ser guardado dentro de casa ou em estruturas anexas, protegidas das intempéries em cestos, espatas de babaçu ou bacias de alumínio.

A preparação da matéria-prima para a confecção das vasilhas consiste em amassar, limpar e umedecer a argila, após o que é colocada sobre uma espata de babaçu ou em um suporte de madeira específico para a produção cerâmica. No caso de argilas armazenadas por muito tempo, estas podem ser piladas, peneiradas, hidratadas e então utilizadas na confecção de vasilhas.

A cerâmica Assuriní é confeccionada a partir da técnica do acordelado (ou roletado), que consiste na produção de roletes de argila que vão sendo enrolados e sobrepostos para se obter a forma desejada. Todos os diferentes tipos morfológicos de vasilhas Assuriní se originam a partir de uma forma cônica inicial (Silva, 2000a:64). À medida que roletes vão sendo acrescentados, a oleira vai passando os dedos para uni-los, dando o primeiro alisamento e trabalhando a forma.

O alisamento é um elemento fundamental da produção da cerâmica Assuriní. Inicialmente realizado com os dedos, usa-se também uma espátula de cuia que promove um resultado mais apurado. Este instrumento é valorizado e não é descartado após o uso, sendo reformado a cada novo trabalho. Durante a secagem são usados coquinho de inajá ou uma pedra lisa para continuar o alisamento que deve ser esmerado. Isto se deve ao fato de que, segundo as ceramistas, a superfície da vasilha deve ficar lisa “como pele de gente” (Silva, 2000a:63). Em um dos relatos míticos de *Maíra*, este ente sobrenatural molda o corpo de seu filho *Kyty* e alisa sua pele para ele ficar bonito, durante o que *Kyty* não pode se mexer até ficar duro. O verbo para alisar a pele de *Kyty* – *iapire* – é o mesmo utilizado pelas ceramistas para o alisamento da vasilha. Além disto, as oleiras também usam sua saliva em todo o processo de alisamento, seja com os dedos, com a espátula de cuia ou durante a secagem. Segundo Muller (1990:183), a saliva é uma substância corporal que representa o princípio vital, estando envolvido na produção de sua principal manifestação, o mingau fermentado ingerido nos rituais.

Outro aspecto interessante quanto ao processo de confecção cerâmica está no fato de algumas mulheres evitarem comer ou beber água até que a vasilha fique pronta. Segundo uma oleira Assuriní, isto é assim porque a ingestão de água provoca rachaduras na vasilha, pois “a panela não seca direito” (Silva, 2000a:65).

Após seca, as vasilhas passam por dois momentos de queima. Na queima inicial, os potes são colocados próximos ao fogo durante muitas horas até que fiquem pretos, ou seja, recobertos de fuligem. A queima final deve ser feita neste mesmo dia. As oleiras se referem a este momento como “queimar bonito”, ou seja, fazer com que a superfície cerâmica apresente uma cor uniformemente clara. Nesta queima, as vasilhas são colocadas em uma base de tijolos ou vasilhas antigas quebradas e são cobertas com a lenha. Idealmente, a madeira utilizada para a queima das vasilhas deve ser a espata de babaçu. Conforme o discurso Assuriní, no passado as mulheres usavam somente este combustível (Silva, 2000a:69). No entanto, outros onze tipos de madeiras queimam tão bem quanto esta e são considerados capazes de produzir uma queima bonita<sup>12</sup>.

Depois de resfriada a vasilha, o processo de pintura da face externa se inicia com um banho de pigmento amarelo. Sobre este fundo serão aplicados os motivos gráficos, para os quais se utiliza pigmento vermelho e preto. Os processos finais da produção da vasilha são a aplicação de resina de jatobá sobre a pintura e a impermeabilização de seu interior.

Como vemos, a produção cerâmica entre os Assuriní é permeada pelo cuidado com os materiais, especificada por ações, determinada por um ideal estético, e relacionada a seres sobrenaturais. Em relação à pesquisa arqueológica, oferece um excelente modelo para pensarmos as relações que se estabeleceram na produção cerâmica em contextos pré-coloniais, como o Guarani. Sugerimos que estas minúcias que caracterizam a produção cerâmica podem oferecer também referentes sobre a socialidade e a materialidade entre os grupos indígenas. A leitura deste modelo a partir do trabalho desenvolvido van Velthem (2003) pode nos auxiliar neste sentido.

## **2.2 Produção e Predação cosmológica: perspectivas indígenas sobre a socialidade e a materialidade**

Até a década de 1980, a história da etnologia sul-americana esteve marcada pela tentativa de entender os contextos sociais *sui generis* identificados entre os grupos indígenas a

---

<sup>12</sup> A lista das espécies se encontra em Silva (2000a:69) e Silva (2000b:78).

partir da aplicação de modelos consolidados pela teoria antropológica. Tais modelos, fundados sobre a observação etnográfica de contextos australianos, melanésios e africanos, geraram conceitos definidores da estrutura dos grupos sociais e de suas inter-relações – corporação, descendência, afinidade – que não dão conta dos traços estruturais das sociedades sul-americanas (Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro, 1987:16). Assim, sendo forçadas a entrar nestes modelos, as sociedades ameríndias foram definidas pela falta de alguns traços e por uma aparente amorfia das relações sociais.

Recusando esta abordagem negativa, Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro (1987) buscaram desenvolver uma elaboração teórica sobre o material sul-americano a partir de seus próprios termos, focalizando a tese de que “a originalidade das sociedades tribais brasileiras (de modo mais amplo, sul-americanas) reside numa elaboração particularmente rica da noção de pessoa, com referência especial à corporalidade enquanto idioma simbólico focal” (idem, p.12). Segundo estes autores, na maioria das sociedades indígenas o corpo ocupa a posição organizadora central. Temas como a fabricação, ornamentação, transformação e destruição dos corpos perpassam a mitologia, os rituais e a organização social. Nas palavras dos autores, “a sócio-lógica indígena se apóia em uma fisio-lógica” (idem, p.22).

A fabricação do corpo humano é uma atividade constante que se dá através de um conjunto sistemático de intervenções sobre as substâncias que o comunicam com o mundo: fluídos corporais, alimentos, eméticos, tabaco, óleos e tinturas vegetais (Viveiros de Castro, 1987:31). A manipulação destas substâncias produz transformações corporais que são, ao mesmo tempo, transformações em termos de identidade social, pois nesta “tecnologia do corpo”, a produção física de indivíduos se insere em um contexto voltado para a produção social de pessoas, isto é, membros de uma comunidade específica.

Isto porque a idéia de um corpo produzido é perpassada por uma noção de consubstanciação com os demais corpos do grupo. Na medida que a manipulação das substâncias vitais se dá no interior do grupo, nas práticas cotidianas e coletivas de alimentação e ornamentação corporal, se estabelece uma unidade “corpórea” (Seeger, 1980) entre seus membros, que se acham, assim, consubstanciados. Isto pode ser exemplificado através dos momentos liminares – como nascimento, reclusão, doença – onde as prescrições e restrições alimentares não atingem somente o indivíduo diretamente acionado, mas todos os seus parentes. Pois se há uma substância comum entre estes corpos, então os fenômenos que se passam em um deles podem afetar os demais, e isto produz o social. Com isto, toda produção de um corpo é, ao mesmo tempo, produção de relações sociais.

Mas estas relações sociais não se dão apenas no interior da esfera humana, ou não dependem apenas do que se passa aí. Discutimos no capítulo anterior que o cosmo indígena é habitado por diferentes seres não-humanos que possuem agência, entendida como a capacidade de assumir um ponto de vista – perspectiva. Aquilo que é exterior à humanidade – a natureza e a sobrenatureza – configura-se como uma fonte poderosa de subjetividade, fecundidade, produtividade, capacidades criadoras das quais depende o pleno desenvolvimento da pessoa indígena. O consumo de alimentos, tinturas, tabaco, portanto, não produz apenas transformações corporais, mas permite também a incorporação das capacidades criativas e reprodutivas de outras esferas cosmológicas. Segundo Viveiros de Castro (2002b), a predação – este movimento que ao mesmo tempo integra e delimita os domínios do cosmo – é o protótipo das relações sociais ameríndias, que englobam humanos e não-humanos.

É a partir destas duas noções fundamentais para a pesquisa etnográfica entre os grupos indígenas amazônicos – a centralidade do corpo e o modelo da predação – que van Velthem (2003) desenvolveu sua pesquisa sobre a produção de artefatos entre os Wayana. Falantes de uma língua da família lingüística Carib, os Wayana estão estabelecidos em uma área que se insere tanto no Parque indígena de Tucumaque como na Terra Indígena Paru de Leste, Estado do Pará (van Velthem, 2003:77).

Segundo van Velthem, “os Wayana são produtores de corpos humanos, seus filhos, e de outros corpos, seus objetos” (idem, p.63). Em tempos primevos, pessoas e coisas foram criadas pelos demiurgos com características corporais e comportamentos específicos, e assim se tornaram modelos arquetípicos. A tecnologia Wayana, tanto no que se refere à produção de pessoas quanto à produção material, consiste em reproduzir estes corpos-modelos conforme os parâmetros demiúrgicos. Desta forma, indivíduos e bens manufaturados compartilham os mesmos referentes primordiais, o que permite articulá-los em um mesmo quadro simbólico de fabricação (idem, p.89).

Na apreciação de um objeto valorizado, os Wayana consideram determinante a conjunção entre as matérias-primas, as técnicas produtivas, a morfologia do artefato e a excelência no desempenho da função para a qual foi desenvolvido. Um objeto devidamente produzido e utilizado é “dotado de capacidades transformativas reais e simbólicas, e atua sobre as pessoas, coisas e outros elementos, transformando animais e vegetais em alimentos, jovens em adultos, homens comuns em sobrenaturais” (idem, p.61). Os objetos, portanto, são compreendidos como seres corporificados, representando – presentificando – os corpos

daqueles entes primordiais. É na conjugação de materiais, forma, decoração e uso que a tecnologia Wayana permite reproduzi-los e torná-los ativos sobre o cosmo hoje.

Assim, a escolha das matérias-primas empregadas na confecção de um determinado artefato está subjugada às prescrições demiúrgicas. Um objeto é tanto mais valorizado quanto mais próximo do material originalmente utilizado na produção do ser primevo reproduzido esteja sendo usado na sua confecção, e o ideal é que seja empregado o mesmo. Esta matéria-prima é ainda mais valorizada se estiver associada a outros elementos poderosos. Por exemplo, os Wayana produzem guizos a partir de uma determinada espécie de besouro, que adquire valor extra caso seja encontrado na casca da árvore chamada samaúma, pois traz consigo agências destes dois elementos (van Velthem, 2003:373).

Cada tipo artefactual possui uma forma específica, que reproduz a estrutura corporal do ente cosmológico representado. Por este motivo, as características morfológicas de determinada categoria artefactual não devem ser alteradas e não são intercambiáveis com aquelas próprias a outros artefatos. Por este motivo também, os artefatos são denominados, no todo e em suas partes, conforme as partes de um corpo. No caso das vasilhas cerâmicas, suas partes recebem nomes como boca, ombro, pescoço, bunda.

A preocupação com a aparência final dos artefatos agrega valor às suas formas específicas. Isto se reflete no trabalho sobre a textura e na especificidade das cores de cada material empregado na confecção. Uma determinada textura ligada a certo artefato tem uma importância fundamental em sua produção, devido à analogia existente entre a aparência plástica e a pele do ser reproduzido. A “pele” de um artefato “representa o principal elemento identificador de um ser, o meio pelo qual ele se integra ao cosmo mas mantém sua identidade” (idem, p.129). Assim, o tipo de textura que recobre um artefato, ou determinada trama de um trançado, não é intercambiável entre diferentes artefatos, pelo contrário, é parte determinante deles.

As cores representam, na cosmologia Wayana, “a mais fundamental das ordenações, pois conectam domínios e elementos inicialmente desconexos como os humanos, os animais, objetos, plantas, sobrenaturais” (idem, p.249). Elas são, assim, um vínculo que aguça a percepção identificatória, necessária à ordenação cosmológica, e sua manipulação viabiliza o trânsito de agências entre as diferentes esferas cosmológicas. Por exemplo, três cores são fundamentais na classificação Wayana dos seres: o vermelho, o preto e o branco. Os Wayana classificam-se a si mesmos como vermelhos, devido à cor de sua pele. A escolha dos

alimentos, tecidos, tinturas, envolvidos diretamente na produção de um corpo Wayana são, principalmente, vermelhos, potencializando as relações entre seres distintos, mas assemelhados.

Além da matéria-prima, forma, textura e cor, a funcionalidade de um artefato é determinante na tecnologia Wayana. As qualidades utilitárias representam o corolário do processo produtivo, pois, se este gera um corpo determinado, o uso simbolicamente lhe confere movimento. É nessa dimensão, portanto, que o artefato se socializa por completo, uma vez que este movimento o torna capaz de reproduzir e distribuir as agências que lhe foram agregadas durante sua confecção (primeira e atual).

O desempenho funcional é compreendido como o comportamento do ser primordial reproduzido. Aqui também vemos que mais valor se agrega ao artefato quanto mais próximo do modelo original se encontra. Assim, a funcionalidade se torna valorativa quando é dotada de especificidade e propriedade. A especificidade funcional significa que quanto mais limitada for a função de um objeto, seja no contexto cotidiano ou ritual, mais poderoso ele se torna. Quanto à propriedade funcional, a valorização decorre do fato de o artefato estar sendo usado na função à qual foi destinado (van Velthem, 2003:227-9).

Isto nos remete novamente ao fato de que cada artefato é um ser determinado, criado pelos demiurgos para situações determinadas. Uma vez que a tecnologia Wayana recoloca a criação em curso, a manipulação ou modificação das características fundamentais de cada artefato produziria seres desviantes. Como cada ser reproduzido traz consigo, desde a criação demiúrgica, uma determinada potência agentiva, a produção ou utilização inadequada poderia criar aberrações que reinstalariam o caos primordial, pelo excesso de poder não dominado que apresentariam.

Apesar destas implicações, os artefatos Wayana podem, depois de avariados, ser reutilizados. Mas é importante salientar que esta reutilização sempre se vincula a outras funções que não as suas próprias. Para isto as mulheres os reciclam, mas nunca os reformam, pois um artefato que perdeu sua função jamais volta a ser jovem para desempenhá-la com excelência.

A degradação causada pelo uso, pela ação predatória (como as larvas à plumária), assim como avarias provocadas por acidentes, são vistas pelos Wayana como doenças dos artefatos. Categorias artefatuais sujeitas à quebra, como a cerâmica e as cuias, partem os ossos. Quando um objeto perde totalmente o valor estético ou a função, seu descarte é tão

importante quanto sua produção, dado que entre ele e o artesão há uma tal relação íntima que a sua manutenção poderia provocar efeitos deletérios para si e para a aldeia.

Assim, se pode falar em um ciclo de vida dos artefatos Wayana. A fabricação de um objeto, segundo van Velthem “é compreendida como um ato múltiplo, repetido, que observa uma seqüência, como ocorre na concepção de uma criança” (p.133). Quando pronto, o artesão o exhibe para todos os moradores da aldeia, assim como são exibidos os adolescentes, cujo valor está na juventude e maturidade reprodutiva<sup>13</sup>. A partir de então, têm uma vida social fazendo circular sua agência entre aqueles que o utilizam, produzindo pessoas propriamente Wayana, quando então adoecem, morrem, e tal qual os mortos humanos, devem ser afastados.

A tecnologia Wayana, portanto, propicia a permeabilidade das fronteiras entre a humanidade e o seu exterior cosmológico – natureza e sobrenatureza –, permitindo a predação e a troca de agências, do que depende a (re)produção social do cosmo. Ao estabelecer uma homologia entre pessoas e coisas, ela permite a assimilação da alteridade – condição de identidade e afirmação de humanidade –, ao mesmo tempo em que estabelece os limites entre cada domínio cosmológico.

Esta homologia entre pessoas e coisas é fundamental para as análises que pretendemos realizar neste trabalho. Podemos oferecê-la como um princípio a partir do qual reler a etnoarqueologia de Silva (2000a), trabalhada no tópico anterior, e desta forma sugerir que entre os Assuriní esta noção está igualmente presente. Alguns aspectos nos indicam que a tecnologia cerâmica naquele contexto também visa a predação de agências através da reprodução de seres primevos, cujas capacidades agentivas são desejáveis para a produção de pessoas humanas, e em última instância, do cosmo.

Quase todos os dados coletados por Silva quanto à produção cerâmica nos informam que, entre os Assuriní, uma ceramista produz seres corporificados, mais que meramente vasilhas. Em primeiro lugar, vimos que mulheres menstruadas e grávidas estão excluídas da produção cerâmica. Silva (2000a) interpreta este impedimento a partir das noções de impureza e perigo, sendo que estes estados estragariam o barro, um bem valorizado pelos Assuriní. No entanto, podemos sugerir que menstruação e gravidez caracterizam mulheres momentaneamente inférteis, não reprodutivas, e, portanto, incapazes de produzir novos seres. Esta ligação corpórea entre a ceramista e a vasilha que produz pode ser sugerida também a partir de uma segunda informação. Enquanto faz uma panela, a oleira Assuriní evita comer ou

---

<sup>13</sup> Além disto, segundo van Velthem (2003:134) os artefatos possuem sexos – masculino e feminino – e formam casais.

beber água, pois estas ações podem prejudicar o pleno desenvolvimento daquele corpo, que não seceria direito (Silva, 2000a:65). Isto nos remete à comentada noção de consubstanciação entre os corpos, que implica nas restrições alimentares cumpridas pelos pais de um bebê em gestação ou recém nascido.

Uma correlação muito próxima entre a confecção cerâmica Assuriní e a produção artefactual Wayana está na ênfase sobre o acabamento plástico das peças, que em ambos os contextos é entendido como sua pele. Entre os Assuriní, a semelhança entre o corpo da vasilha cerâmica e o corpo humano é ainda mais direta, pois o alisamento esmerado das peças deve reproduzir uma pele tal qual a humana, seguindo os parâmetros estabelecidos por *Maíra* na confecção de seu próprio filho, *Kyty*. O mesmo se passa quanto às pinturas aplicadas à superfície das vasilhas. Segundo Muller (1990), o suporte por excelência dos grafismos Assuriní é o corpo humano, e os mesmos padrões são utilizados na pintura das vasilhas.

Outro dado que explicita a homologia entre pessoas e coisas na cosmologia Assuriní é o uso da saliva das oleiras para a produção desta pele quase humana das vasilhas. Como referido acima, Muller (1990) registrou que a saliva representa o princípio vital. Na produção do mingau fermentado ingerido nos rituais é a saliva que lhe confere seus poderes. Podemos, assim, sugerir que a aplicação de saliva no alisamento seja mais uma operação levada a cabo a fim de dotar a vasilha de humanidade, assemelhando-a não só a *Kyty*, mas também à oleira que a produziu e àqueles que dela se alimentarão.

Se for assim e realmente pudermos dizer que aqueles corpos-artefatos produzidos pelos Wayana são, entre os Assuriní, ainda mais próximos da humanidade, então para outros procedimentos técnicos podemos sugerir interpretações que relacionem humanos e artefatos.

Um destes procedimentos é a seleção das argilas. Para Silva (2000a) esta escolha se pauta pela sua plasticidade e resistibilidade à queima, pois são estes os dois testes realizados pelas oleiras quando encontram um novo barreiro. No entanto, plasticidade e resistibilidade são os critérios mínimos para que uma argila possa ser empregada na confecção cerâmica. Que outros fatores poderiam influenciar as Assuriní? A autora indica que os dois barreiros explorados estão associados às margens do rio Xingu, e talvez este seja um elo cosmológico importante. No entanto, esta é uma questão que podemos apenas levantar<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Entre os Waurá (Barcelos Neto, 2002) há dois tipos de vasilhas cerâmicas, que reproduzem dois tipos de seres primevos (*apapaatai*): as que se ligam ao fundo dos rios – as quais são pintadas –, e as que se ligam ao interior da floresta – que não recebem pintura e são usadas ao fogo. Embora o autor não especifique diferenças quanto às matérias-primas utilizadas na confecção de cada tipo, podemos supor que os barreiros utilizados também estejam relacionados a estes diferentes ambientes.

Já quanto à queima, esta apresenta um aspecto interessante na definição das especificidades do fazer cerâmico Assuriní e sua relação com o corpo humano. Como o mencionado, o combustível ideal para a queima de peças cerâmicas são as espátas de babaçu. Se podemos fazer uma analogia entre a confecção de uma vasilha e uma gestação, então o momento da queima pode ser comparado ao parto. Neste sentido, podemos inferir que a espata de babaçu deve ter um papel cosmológico fundamental, aspecto não analisado, porém, no relato em que nos baseamos. No entanto, o babaçu não é empregado apenas na tecnologia cerâmica. Ele também é utilizado na cobertura da grande casa ritual – *tavyva*. Segundo Muller (1990:54), a *tavyva* está relacionada à procriação dos membros da aldeia. Ela é o centro aglutinador do *ynga* – princípio vital –, sendo o local onde todos devem entrar durante os rituais para se tornarem mais produtivos, mais vivos. Assim, a queima com babaçu pode significar mais um momento em que se impregna a vasilha de forças vitais, a partir do que ela está pronta para o uso ou para uma vida social plena.

Quanto ao uso, Silva (2000a) não apresenta um estudo sobre as dinâmicas específicas a cada categoria, apenas apontando dentre a variedade de formas aquelas utilizadas para cozinhar, servir, consumir ou armazenar e transportar líquidos e alimentos. Como vimos, a forma não é irrelevante em relação à função. Em verdade estes são dois aspectos bi-implicados e determinantes do tipo de ser reproduzido, logo, do tipo de poder que o artefato agrega à produção cosmológica. Neste sentido, uma variabilidade formal interna a dada categoria funcional – como ocorre entre os *japepa'í*, as panelas – pode apontar a especificidade de receitas ou tipo de uso, correspondendo a estas agências particulares.

À semelhança do apresentado por van Velthem, as vasilhas Assuriní danificadas podem ser reaproveitadas em funções outras que não as suas originais, como servir de trempes de fogão, cozer óleo de babaçu, ou armazenar matérias-primas diversas. Este é um indício que aponta para a valorização da especificidade e propriedade funcional, tal qual o visto para os Wayana, pois aqui também os artefatos não são reformados, e sim reciclados, deslocados para funções muito diferentes das suas.

Assim, o cuidado com os materiais, a determinação dos atos técnicos e a relação com os seres sobrenaturais que compreendem a tecnologia cerâmica Assuriní podem ser interpretados segundo a mesma lógica de predação observada por van Velthem (2003) para os Wayana – e que também está na base das tecnologias Wauja (Barcelos Neto, 2002, no que se refere à produção de artefatos, com ênfase nas máscaras rituais) e Yudjá (Lima, 2005, no que se refere à caça, pesca, horticultura e transformação de seus produtos em alimentos).

Isto se observa nas seqüências produtivas, que respeitam rígidas normas que são, como vimos, a reprodução dos atos técnicos empregados por seres sobrenaturais na primeira criação do cosmo. A tecnologia, assim, recria constantemente o cosmo primevo e ideal. Desta forma, ao mesmo tempo em que delimita as fronteiras entre os diferentes domínios cosmológicos, uma tecnologia permite o trânsito de agências entre eles, resultando na (re)produção social do cosmo.

Com esta análise, não pretendemos homogeneizar fenômenos que são particulares aos contornos de cada coletivo indígena. Os Wayana e os Assuriní (assim como os Wauja e os Yudjá) possuem cosmologias próprias e diferenciadas, o que não ignoramos. Apenas seguimos aqui a observação de Viveiros de Castro (2002b) de que a predação é a lógica que subjaz às relações sociais, mesmo entre diferentes grupos indígenas sul-americanos. Portanto, a correlação entre estas etnografias das tecnologias indígenas visou complementar os olhares sobre os artefatos, dando uma dimensão mais ampla para o modelo etnoarqueológico de produção cerâmica desenvolvido por Fabíola Silva, a fim de pensarmos um modelo para o estudo da cerâmica Guarani pré-colonial.

Da mesma forma, não buscamos nestas etnografias subsídios para uma analogia direta entre Assuriní e Wayana, ou ainda destes com os Guarani pré-coloniais. Apenas desejamos mostrar que existe uma filosofia comum a estas diferentes cosmologias, que é a compreensão do cosmo como repleto de seres subjetivados, e de que é na predação destas subjetividades que se produz e mantém estes jeitos particulares de ser.

A seguir, exploraremos na etnografia Guarani recentemente produzida alguns aspectos da produção de bens materiais. Estas mesmas questões sobre predação, subjetivação e temporalidade serão levantadas, a fim de discutir sua aplicabilidade no estudo da tecnologia Guarani atual. Com isto objetivamos sugerir alguns princípios para a interpretação da inserção da cerâmica Guarani pré-colonial na produção social do cosmo, e desta forma servir como fonte para a compreensão da história Guarani anterior ao contato.

### 2.3 Produção e Predação cosmológica entre os Guarani: questões para a análise da cerâmica arqueológica

Ao longo deste capítulo, vimos trabalhando aspectos da produção artefactual, considerando que, nas cosmologias ameríndias, esta se pauta pela predação de agências não-humanas para a produção social do cosmo. Porém, a etnografia Guarani contemporânea mostra que o conceito de predação aí não possui a mesma produtividade que nos demais grupos indígenas brasileiros. Ao contrário, o valor que ordena as relações sociais Guarani é a reciprocidade, ou o amor – *mborayu* (Assis, 2006).

No entanto, segundo Carlos Fausto (2005), a centralidade do *mborayu* é resultado da história Guarani colonial, principalmente de sua relação com a ideologia difundida nas Missões Jesuíticas. Através da análise estrutural da mito-cosmologia Guarani, associada à documentação etnohistórica e etnográfica, o autor percebeu que houve uma “desjaguarificação” da cultura – religião – Guarani. Ou seja, se no século XVI e XVII a função canibal originava o poder xamânico<sup>15</sup>, atualmente este se encontra em um ascetismo guiado por um ideal de amor muito semelhante ao cristão.

Segundo o autor, contudo, “a passagem da predação ativa ao amor passivo não implicou o desaparecimento absoluto da violência mágica” (Fausto, 2005:405). Alguns aspectos desta “violência mágica”, no que diz respeito à produção de pessoas e coisas, podem ser abstraídos da etnografia de Valéria Assis (2006), assim como da pesquisa de Garlet e Soares (1998).

Em sua tese, Assis (2006) teve como foco perceber aspectos da produção de pessoas Mbyá-Guarani através das trocas de bens materiais. Fundamental em sua análise é a inserção do pensamento Guarani no quadro do perspectivismo, pois uma das modalidades de troca que se estabelece na produção de pessoas é com os elementos não-humanos – os alimentos, os artefatos, o local da aldeia – entendidos como sujeitos. Esta subjetividade é expressa através da noção de “dono”, divindades que produzem bens e os trocam por cantos, mediando a relação entre os humanos e os não-humanos (Assis, 2006:83).

---

<sup>15</sup> Um dos indícios etnohistóricos da afirmação de Fausto (2005:394) é o tipo de relação estabelecida pelos Guarani com os jesuítas, cujo movimento visava, em tudo, a apropriação dos poderes extraordinários que os padres arrogavam a si e a seu Deus. Isto se manifestava, inclusive, pelo uso das vestimentas e instrumental missais pelos xamãs e caciques indígenas ao desfazer batismos e outros sacramentos.

A pessoa Guarani é formada por duas “partes”: uma alma divina doada pelos deuses, e um corpo material produzido pela ação humana. Segundo a autora,

o corpo e a alma telúrica são resultados do período de experiência no mundo, sendo constituídos progressivamente pelo que a pessoa come, pelas suas relações singulares com os animais, seres sobrenaturais, objetos, etc. (Assis, 2006:141).

A produção da pessoa Guarani, da mesma forma que em outros grupos indígenas sul-americanos, “passa pela apropriação de potência e vitalidade exógenas” (Assis, 2006:147), o que se dá a partir do engajamento entre seu corpo, seres naturais e sobrenaturais, segundo os parâmetros estabelecidos por *Ñanderu*. Os artefatos possuem uma dimensão privilegiada neste processo, sendo sua presença determinante ao longo de toda a vida de um indivíduo. É através de um artefato que a alma-palavra (*ñe’e*) se assenta no ventre materno, e é através da alimentação e do uso de uma série de adornos e instrumentos que um corpo propriamente Guarani se faz. Cada um destes elementos possui, segundo Assis (idem, p.125), uma potencialidade agentiva que atua promovendo o desenvolvimento do corpo e a adequação do *ñe’e* ao mundo humano.

Tal qual os humanos, os artefatos que os Mbyá-Guarani produzem não são resultado da sua criatividade, mas sim a “imitação” de um modelo divino (idem, p.214). Assim como as pessoas, eles possuem uma alma proveniente do exterior, a qual também precisa ser incorporada ao grupo através da tecnologia correta (produção, uso e descarte). Isto nos permite dizer que, da mesma forma que entre os Wayana e os Assuriní, humanos e artefatos se articulam num mesmo referencial de produção, ou seja, que também entre os Mbyá-Guarani se observa uma homologia entre pessoas e coisas.

O único artefato cerâmico produzido ainda hoje pelos Guarani é o *petyngua/cachimbo*, que podem ser também confeccionados em madeira ou taquara. Fumar é uma atividade a qual se dedicam todos os adultos, e, segundo Assis (2006) e Garlet e Soares (1998), está associada tanto ao cotidiano quanto aos rituais. A fumaça do *pety*/tabaco é considerada a fonte do princípio vital, um duplo da névoa original que fertilizou a terra quando de sua criação. Assim, fumar repõe constantemente sua vitalidade, e também a daquele que fuma. Por este motivo, os *petyngua* são artefatos extremamente poderosos e valorizados, e através deles a

divindade “*Jakaira* permite que os Mbyá possam ter acesso e manipular, a seu favor, o princípio vital” (Assis, 2006:203).

A capacidade para produzir cachimbos não é distribuída igualmente entre todos os Guarani. Somente os indivíduos portadores de certos nomes podem fabricá-los. A bibliografia consultada não apresenta uma exploração desta prescrição, mas sugere que somente aquelas almas (nomes) enviadas por *Jakaira*, dono do *petyngua* e da névoa fertilizadora, possam produzi-los. Há, assim, uma relação muito próxima entre estas pessoas e os cachimbos, pois possuem uma mesma origem cosmológica em *Jakaira*.

Segundo Assis (2006:201), o *petyngua* é o artefato mais exuberante utilizado pelos Guarani, havendo uma grande variedade de formas e desenhos que podem ser aplicados em sua superfície. A fim de registrar a seqüência produtiva e a variabilidade destes artefatos, explorando as capacidades mágicas de que são imbuídos, Garlet e Soares (1998) realizaram pesquisa etnoarqueológica entre os Mbyá-Guarani.

Da escolha das matérias-primas às técnicas de polimento, o processo de confecção de cachimbos está atravessado pela agregação de forças mágicas às peças. Ainda hoje, apesar da restrição geográfica a que estão submetidos, os Guarani reconhecem pelo menos três tipos diferentes de argilas segundo a sua cor – antes e depois da queima –, o local em que se encontram e os artefatos a que se destinam. Assim, a argila vermelha ocorre em olhos d’água e seria a indicada para a confecção de vasilhas, a argila amarela provém das barrancas de cursos de rios e córregos, motivo pelo qual apresenta muitas pedras em sua composição, e a argila preta é encontrada no fundo dos rios, possuindo textura fina e macia ao tato. Esta última é a indicada para a confecção de cachimbos.

O processo de confecção do *petyngua* se inicia com a limpeza e o amassamento da argila. Em seguida, dependendo de sua origem, qualidade e finalidade a que se destina o cachimbo, são acrescentados à pasta diferentes antiplásticos. Podem ser usados areia, cinzas com textura fina, capim ou ossos calcinados e moídos. Os *petyngua* destinados ao uso ritual, utilizados pelos xamãs nos processos de cura, necessariamente contém pó de ossos em sua composição. A capacidade dos ossos em refazer a vida já foi registrada por Viveiros de Castro (2002b) para os Araweté, Fausto (2001) para os Parakanã, sendo também observada nos mitos Guarani (Assis, 2006) e comentada por Montoya (1985 [1892]). Assim, sugerimos que o acréscimo de ossos à pasta do cachimbo potencializa sua agência curativa, agregando as agências provenientes destes animais. Segundo os Mbyá, há animais cujos ossos

emprestariam maiores poderes ao *petyngua*. O mais indicado é o porco-do-mato, considerado o animal doméstico de *Ñanderu*, mas também podem ser usados ossos de tamanduá ou pássaros (Garlet e Soares, 1998; Monticelli, 1995).

Uma vez pronta a pasta, inicia-se a modelagem da peça. Os *petyngua* são produzidos a partir da técnica do esculpido. Assim, inicialmente se prepara um bloco retangular de argila, o qual é deixado secar até adquirir consistência e estabilidade. A forma surge à medida que vão sendo retiradas porções de argila com o auxílio de instrumentos cortantes. Atingido o contorno desejado, a peça deve ser alisada e polida através da fricção de um osso, uma pedra lisa, ou ainda da semente *kuruguái*<sup>16</sup>. Segundo os Mbyá, o polimento, além de promover um alisamento apurado, faz com que a peça adquira, após a queima, a cor do instrumento utilizado.

A queima deve ser feita ao meio dia, pois é o período em que *Ñanderu* encontra-se caminhando no meio do céu (Garlet e Soares, 1998). A escolha da lenha também exige cuidados. As madeiras mais indicadas são as que produzem muito calor durante o processo de combustão, como a guajuvira, o angico, a aroeira vermelha e o branquilha.

Algumas anotações podem ser feitas sobre a morfologia dos *petyngua*, que pode ser dividida em três partes. A parte distal comumente apresenta uma saliência, chamada *ichãl*/ alça ou orelha. Sua forma pode variar em relação aos contornos e desenhos que apresenta. A parte central constitui o forninho, o local onde se coloca o fumo. Suas partes são denominadas *jurul*/ boca, *rendál*/ lugar para algo, e *evil*/ assento ou traseiro. A parte proximal corresponde à piteira, feita de taquarinha. Como vemos, algumas partes que constituem um *petyngua* possuem nomes que remetem a um corpo. Este seria, segundo Garlet e Soares (1998), inspirado na fauna, enquanto Assis (2006:206) sustenta que também há inspiração na flora. O mesmo pode ser dito em relação às incisões que os *petyngua* podem apresentar, que reforçam a relação entre estes artefatos e outros não-humanos.

Analisando a forma como os artefatos estão envolvidos na produção de pessoas, vemos que entre os Guarani as principais características identificadas nas cosmologias ameríndias se encontram presentes. Aqui também a produção artefactual é uma re-produção de seres primevos, segundo as características e os materiais estabelecidos pelas divindades em tempos remotos. Neste sentido, é possível perceber uma homologia entre pessoas e coisas, ambas fruto do mesmo tipo de esforço produtivo e envolvidas numa transformação mútua –

---

<sup>16</sup> O uso desta semente no polimento das peças foi registrado por Montoya, no século XVII, assim como por Cadogan, na década de 1920 (Garlet e Soares, 1998).

humanos agindo sobre os não-humanos e os transformando, na mesma medida em que os não humanos provocam transformações nos humanos.

Em um pequeno recorte sobre a materialidade Guarani, analisando os *petyngua*, pudemos ver alguns aspectos desta relação. Estes artefatos são concebidos como plenamente agentes, atuando sobre a manutenção da vitalidade do cosmo. Sua produção apresenta uma série de especificações que determinam o tipo de ser re-produzido no artefato e as capacidades que possuem, podendo ser consideradas indícios da “violência mágica” mencionada por Fausto (2005). Isto se mostra na categorização das argilas, nos antiplásticos adicionados, na seleção das madeiras para queima, no tratamento de superfície, na morfologia da peça.

Um *petyngua* – assim como um corpo humano ou outros artefatos – é a síntese da relação entre seres humanos, naturais e sobrenaturais, realizada através de procedimentos tecnológicos que se pautam pela comunhão entre ambos. Sejam baseadas na predação ou na reciprocidade, as relações de produção ameríndias podem ser unificadas sob este prisma da implicação entre as diferentes esferas cosmológicas, articuladas na produção de um mundo comum.

## 2.4 CONCLUSÃO

Assim sendo, da etnografia atual sobre os grupos indígenas ameríndios retiramos alguns princípios que consideramos fundamentais à elaboração de questões da cerâmica Guarani pré-colonial. O mais importante, sem dúvida, é o princípio da homologia entre pessoas e artefatos, ambos produtos de um esforço tecnológico que remete à criação primordial do cosmo. Neste sentido, considerando que o mesmo tipo de relações se estabelece entre os humanos e entre estes e os não-humanos, através da análise de coleções arqueológicas torna-se possível perceber aspectos da socialidade pretérita na produção de um mundo comum.

Outra observação importante é que as especificidades produtivas e funcionais que caracterizam as tecnologias apresentadas resultam em seres determinados, que agregam

diferentes poderes ao coletivo. Tais especificidades reproduzem o esforço demiúrgico na criação de cada ser, o que implica na observação estrita de cada detalhe a fim de evitar a produção de seres aberrantes e perigosos. As características tecnológicas, assim, não são aspectos genéricos da produção artefactual, mas propriedades intrínsecas de cada ser, e revelam suas diferentes agências.

Em relação à cerâmica Guarani arqueológica, há uma grande variabilidade morfológica associada às diferentes funções das vasilhas. Ao mesmo tempo, há uma variedade de argilas e tipos de antiplásticos sendo utilizados, além de tratamentos e acabamentos de superfície. Recentemente, as dinâmicas de uso das categorias funcionais têm sido objeto de estudos, mostrando igualmente algumas variações. No entanto, ainda não foram realizados estudos que considerem como esta multiplicidade de escolhas pode se combinar, determinando especificidades artefatuais. Inspirados na literatura etnográfica sul-americana, esta é uma das tarefas que pretendemos realizar neste trabalho, através dos critérios tecnológicos que exploraremos no próximo capítulo.

Por fim, resta no debruçarmos sobre a dimensão temporal que estas relações tecnológicas possuem. No capítulo anterior discutimos uma perspectiva simétrica sobre a história, na qual a formação do coletivo é um debate constante sobre a aceitação ou rejeição de novas propostas – humanas ou não-humanas –, cujo resultado é a ampliação ou manutenção de seus contornos. No caso das cosmologias ameríndias, observamos uma tendência à manutenção dos contornos estabelecidos. Isto se evidencia, desde o princípio, pela ênfase dada à reprodução dos parâmetros demiúrgicos na produção original do cosmo.

Isto não significa, no entanto, que haja uma filosofia voltada para o passado. Pelo contrário, a manutenção de formas tradicionais de produzir pessoas e coisas está centrada no presente – e no futuro do coletivo. Uma vez que o cosmo indígena é habitado por uma infinidade de seres poderosos que atuam à margem do social, a possibilidade de se re-instaurar o caos original está dada, e apenas a re-produção acurada da ordem cósmica, socializando as diferentes agências, pode garantir o evitamento de que esta possibilidade se concretize.

Em princípio, toda inovação resulta em poder não domesticado, o que significa perigo para a vida social (justificando a concepção prescritiva da cultura material defendida por Noelli (1993)). Ao mesmo tempo, quando trabalhamos a história Guarani em termos de longa duração através da arqueologia pré-colonial, percebemos como uma de suas características

mais marcantes a relação constante com a inovação ao longo de sua ampla dispersão pelo interior da América do Sul, a partir de sua origem amazônica há 5.000 anos (Brochado, 1984). A questão que surge é: como se resolve este (aparente) paradoxo? Nos próximos capítulos buscaremos uma resposta para esta questão.

### **3 DE ARGILAS E AGÊNCIAS: TECNOLOGIA COMO ARENA POLÍTICA**

Um estudo tecnológico implica na exploração exaustiva de cada passo técnico da vida de um artefato, a fim de reconhecer as escolhas feitas pelos artesãos e usuários durante os processos de produção, uso e descarte. Mas saber quais destes dados serão relevantes para efetivamente enriquecer o conhecimento das dinâmicas sociais dos grupos estudados requer um modelo conceitual antropológico (Dobres, 2000). Por este motivo, nos capítulos precedentes buscamos explorar o lugar dos artefatos na cosmologia Guarani e de outros grupos ameríndios, pois foi baseada nesta questão que a metodologia que aplicamos neste estudo foi desenvolvida.

Neste capítulo serão abordados aspectos relativos à metodologia de análise aplicada aos conjuntos cerâmicos que são nosso objeto de pesquisa. Iniciaremos com uma revisão das abordagens à tecnologia em arqueologia, passando à conceituação de tecnologia empregada aqui – como uma arena política. Em seguida será apresentada a metodologia propriamente dita, guiada pelo conceito de cadeia operatória, que nos permite acompanhar os passos do debate (político) da produção artefactual.

#### **3.1 Explorando o conceito de Tecnologia**

Tecnologia foi um conceito chave para o surgimento da Antropologia e da Arqueologia. Pesadas as diferentes preocupações e interesses entre as teorias antropológicas e arqueológicas ao longo do último século, do evolucionismo ao relativismo a marca da cisão entre Natureza e Cultura se encontra presente. Significando, neste contexto, apesar de suas diferentes formulações, “os meios pelos quais um entendimento racional do mundo exterior é posto a favor da sociedade”<sup>17</sup> (Ingold, 2000:312), tecnologia ficou a serviço das teorias sociais como um medidor da complexidade das sociedades, relacionada à complexidade de seus

---

<sup>17</sup> “technology [is considered] the means by which a rational understanding of that external world is turned to account for the benefit of society”.

instrumentais no intuito de dominar a natureza. A classificação de sociedades como selvagens, caçadoras-coletoras ou simples, por exemplo, traz explícita a tentativa de entender formas sociais, mas também traz implícita a noção de um regime tecnológico que nada tem de social (Ingold, 2000).

Quando a preocupação é, no entanto, compreender sociedades que se situam fora do alcance do Ocidente ou que são temporalmente anteriores à modernidade, devemos retomar seriamente os conceitos constituídos sobre a cisão entre Natureza e Cultura e buscar refletir sobre as lógicas próprias a cada contexto. Proceder à aplicação direta dos conceitos que servem à explicação de nossas sociedades ocidentais – e talvez nem dessas – seria uma tentativa de traduzir estas diferentes lógicas para a lógica moderna, e desta forma o que teríamos seria apenas um entendimento distorcido (Dobres, 2000; Ingold, 2000; Latour, 2007).

Este é o resultado das pesquisas arqueológicas e antropológicas sobre tecnologia. Através de um histórico da aplicação do conceito, pretendemos explorar as principais abordagens sobre o tema, chegando aos debates mais recentes, quando então definiremos como compreendemos e aplicamos neste trabalho um conceito de tecnologia que busca superar as suas limitações atuais.

Para os primeiros antropólogos e arqueólogos, influenciados pelas teorias evolucionistas de Charles Darwin, a cultura era concebida como um processo linear, partindo de uma origem comum a todos os povos e avançando em direção à civilização. Situados num momento de expansão imperialista e desenvolvimento industrial, tal hipótese foi impulsionada pelo estranhamento que causavam as técnicas e instrumentos rudimentares com os quais viviam as populações “exóticas” recém contatadas, bem como pelos objetos achados no subsolo de diferentes lugares da Europa (Trigger, 2004; Castro, 2005a). Artefatos arqueológicos e de coleções etnográficas foram comparados e agrupados por tipos, e a complexificação do instrumental foi associada a níveis de desenvolvimento cultural. Desta forma, as sociedades foram divididas em selvagens, bárbaras ou civilizadas, em grande medida pela tecnologia que possuíam (Castro, 2005a).

Franz Boas, discordando da forma aleatória como os evolucionistas empregavam o método comparativo, apelou para a necessidade de se interpretar os vestígios materiais das sociedades “primitivas” atuais, assim como as do passado, inseridos em seus contextos. Com isto demonstrou que cada sociedade tem uma história própria, cujo resultado é sua cultura

única e particular. A cultura material de uma sociedade está relacionada a esta história e ao momento que esta vive, que, em termos de desenvolvimento intelectual, não necessariamente corresponde a uma fase idêntica em outros contextos que apresentem conjuntos artefatuais semelhantes (Castro, 2005b). Esta abordagem histórico-culturalista teve importante influência sobre a arqueologia, uma vez que oferecia as bases teóricas para a compreensão da cultura material como fonte capaz de revelar diferentes histórias. Mais do que isto, oferecia um método para a formulação de cronologias através das noções de migração e difusão de traços culturais a partir do contato entre diferentes sociedades (Trigger, 2004).

Podemos observar que o estudo da tecnologia teve um papel fundador para o pensamento antropológico e arqueológico. No entanto, o conceito neste momento abrangia apenas os aspectos morfológicos dos conjuntos artefatuais. Desta forma, tecnologia passou a ser sinônimo de intermináveis listas de atributos físicos, uma vez que somente estas tornariam possíveis as comparações e a observação de variações, a fim de classificar as sociedades ou entender aspectos da sua história.

Sob a influência do estrutural-funcionalismo britânico e da Teoria de Sistemas, na década de 1960 a arqueologia passou a clamar por uma postura mais científica e antropológica, enfatizando a necessidade de voltar o olhar para o homem e a sociedade por detrás dos objetos, mais que meramente descrevê-los. Entendendo a tecnologia como um subsistema de um sistema cultural amplo, a chamada Nova Arqueologia ou Arqueologia Processual buscou compreender como os artefatos foram produzidos e usados, e qual a sua relação com o meio ecológico, econômico e social. Desta forma, o conceito de tecnologia foi sofisticado, uma vez que deixou de apontar apenas para a forma e decoração dos objetos e passou a compreender toda a dinâmica que envolve a produção da vida material (Trigger, 2004; Johnson, 2000; Renfrew e Bahn, 1998; Silva, 2000a).

No entanto, como salienta Silva (2001:26), “a arqueologia processual ou nova arqueologia adotou um modelo de ciência – o positivismo – e uma abordagem antropológica – o estrutural-funcionalismo e sua visão sistêmica da cultura – exatamente quando elas estavam em vias de ser substituídos nas ciências sociais”. A partir da década de 1980, então, os arqueólogos se propuseram a fazer a crítica do Processualismo, assumindo uma nova postura epistemológica e referenciais teóricos centrados nos indivíduos. O que os arqueólogos chamados Pós-Processuais (título sob o qual se amalgamam diferentes perspectivas analíticas que se opõem ao ou revisam o Processualismo) observam é que a Nova Arqueologia, uma vez que visa entender o funcionamento das sociedades a partir de referenciais universalistas acaba

por uniformizar a grande variabilidade do comportamento humano e esconder os indivíduos, que são vistos como agentes inconscientes, movidos apenas pelas forças que os integram ao sistema.

A fim de promover uma atualização teórica do campo da Arqueologia, voltando o interesse para aspectos simbólicos e cognitivos expressos na cultura material, os arqueólogos pós-processuais procuraram a Filosofia, a História, e reencontraram a Antropologia. Com isto, questionaram-se a respeito da construção das interpretações que o arqueólogo faz sobre o passado, além de postular a necessidade de a arqueologia explicar processos de mudança a partir de fatores internos à sociedade.

Destes encontros e reavaliações, surgiram diferentes abordagens, como a Arqueologia Estruturalista, a Arqueologia Contextual, a Arqueologia NeoMarxista e a Arqueologia Cognitiva. Sem esquecer que há diferenças fundamentais entre estas, é importante salientar o entendimento que as abordagens Pós-Processuais têm da cultura material. Para estas, a cultura material é tida como algo constituído significativamente (Hodder, 1994), um meio através do qual os indivíduos e as coletividades expressam seus modos de vida.

A forma de chegar a estes significados através da cultura material é o que pode ser discutido como o elemento que diferencia uma abordagem da outra. Em oposição direta à Arqueologia Processual, os arqueólogos ligados à Universidade de Cambridge na década de 1980 – Ian Hodder, Christopher Tilley e Michael Shanks, principalmente –, influenciados pelo Estruturalismo, entenderam que os elementos simbólicos residem na decoração e forma dos artefatos, e são organizados como um texto. Através da divisão em “campos semânticos” do espaço decorado, estes arqueólogos pensavam poder revelar uma gramática e nisso desvendar mensagens sobre diferenças étnicas, etárias ou sexuais (Johnson, 2000; Hodder, 1994; Tilley, 1991). Mais interessados com a esfera do ideal como separada da do material, ligaram apenas aos aspectos “estilísticos” a possibilidade de expressar mensagens de conteúdo social, deixando os aspectos físicos da produção e uso de artefatos – a tecnologia – como algo a ser rejeitado por se remeter demais à Arqueologia Processual.

Pierre Lemonnier (1992), antropólogo inspirado pela tradição francesa de estudo sobre as técnicas (Marcel Mauss e Leroi-Gourhan), procurou romper com a idéia de que os conteúdos simbólicos residem apenas nos aspectos morfológicos e decorativos da cultura material. Para ele, cada escolha feita durante a concepção de um artefato pode ser considerada um índice sutil de identidade social, uma vez que todo o processo de aprendizado sobre sua

produção e seu subsequente uso é dado socialmente, de geração para geração. Desta forma, os aspectos mais físicos da matéria refletiriam representações sociais sobre os atos de produção e uso da cultura material, e toda a concepção de um artefato visaria fazer com que este fosse um símbolo de identidades sociais (étnicas, etárias, de gênero).

A teoria social da cultura material ou Antropologia dos Sistemas Tecnológicos que Lemonnier propõe baseia-se, portanto, não apenas em ‘ler’ o estilo, mas sim na “análise sincrônica e diacrônica das relações entre elementos de um sistema tecnológico, suas transformações, e suas representações sociais em níveis além do mero reino das ações no mundo material”<sup>18</sup> (1992:3).

O exemplo que Lemonnier oferece é o seu estudo do sistema tecnológico entre os Anga, de Papua-Nova Guiné. Este povo se divide em 30 grupos locais que falam línguas relacionadas e aparentemente têm uma uniformidade cultural. No entanto, o autor observou que em muitos aspectos um grupo procura se diferenciar do outro, seja pelas vestimentas ou decoração dos artefatos, seja pela forma como se protegem do frio ou abrem uma clareira para agricultura. Apesar de todo o contexto levar à possibilidade de que tudo na cultura material fosse produzido da mesma forma, muitos aspectos variam, indicando que, entre os Anga, ela é um meio para representar diferentes identidades étnicas.

No entanto, apesar de identificar as escolhas tecnológicas e as representações sociais subjacentes a elas, Lemonnier conclui seu trabalho afirmando que “encontrar as unidades apropriadas, o modo de funcionamento, o domínio da validade – em outras palavras, encontrar a lógica deste sistema – permanece um problema insolúvel”<sup>19</sup> (1992:106).

Para Márcia-Ann Dobres (2000), esta insolubilidade constatada por Lemonnier reside na visão sistêmica da cultura. A noção de sistema implica no entendimento de um todo artificialmente compartimentado em social, simbólico e material, criando um falso objeto de estudo: “coisas materiais, separadas dos agentes que as trabalham e transformam, e separadas das experiências significantes que os atos geram”<sup>20</sup> (idem, p.98).

---

<sup>18</sup> “These more subtle aspects must be found not Just ‘reading’ style, but through synchronic or diachronic analyses of the relations among elements of a technological system, their transformations, and their social representations at levels beyond the mere realm of actions on the material world”.

<sup>19</sup> “To find the appropriate units, the mode of functioning, the domain of validity – in other words, to find the logic of the system – remains an unsolved problem”.

<sup>20</sup> “material things, separated from the agents who work and transform them, and each of these partitioned from the meaningful experiences such acts entail”.

Para a autora, “modelos sistêmicos da cultura delineiam finas linhas pretas para conectar a esfera tecnológica à organização social, e esta às crenças e ideologia”<sup>21</sup> (Dobres, 2000:99). Assim, a noção de sistema cria fenômenos diferentes daquele originalmente em questão, que é obter uma visão holística do fenômeno tecnológico. Desta forma, ao invés de compreender o todo que envolve uma sociedade nas suas experiências de produção, uso e descarte de bens materiais, o problema passa a ser como estas finas linhas conectam uma esfera a outra.

Assim, apesar da preocupação de Lemonnier com a necessidade de se compreender as tecnologias em seus próprios termos, a noção de sistema não oferece espaço para que isto ocorra. É necessário, para se chegar a compreender estas lógicas tão diferentes, ressituar os agentes no centro de suas tecnologias.

Como vimos, apesar de sua centralidade na ciência social, as questões tecnológicas têm recebido pouca atenção teórica na formulação de conceitos e idéias, cujo resultado é sua abordagem apenas pelos aspectos instrumentais, práticos e racionais (Dobres, 2000; Ingold, 2000). Esta concepção instrumentalista, no entanto, é endêmica ao modo de produção capitalista e aos contornos particulares do industrialismo contemporâneo.

O desenvolvimento do capitalismo implicou no que Ingold (2000) chama “desembasamento” das relações técnicas das relações sociais. Este processo foi necessário, uma vez que, sendo a prática da produção de objetos anterior ao capitalismo local e familiar, a organização da tecnologia estava grandemente imbricada na organização social, existindo entre os homens e a matéria uma relação bilateral na constituição e significação do mundo. Desta forma, cada alteração no modo de fazer alguma coisa implicava em alterações no modo de se relacionar das pessoas, e vice-versa (Ingold, 2000; Latour, 1991).

O início da produção em escala implicou na transferência da atividade produtora da casa para a fábrica, a especialização do trabalhador em uma fase da produção e a expropriação dos frutos deste trabalho. Com isso criaram-se novas, tensas e fragmentadas formas de socialidade entre as pessoas e entre pessoas e coisas. Garantir a estabilidade social frente a este novo quadro e ao mesmo tempo propiciar o avanço e desenvolvimento do capitalismo dependia, portanto, de que fosse decretado o desligamento entre os campos das relações sociais e das técnicas. Assim, o que normalmente é referido como um processo de complexificação tecnológica, para Ingold (2000) significa uma progressiva “objetificação” e

---

<sup>21</sup> “systemic models of culture draw thin (and straight) black lines to connect the technological sphere to social organization, and these to beliefs and ideology”.

“externalização” das forças produtivas, e principalmente o deslocamento do sujeito do centro para a periferia do processo.

Porém, em outros momentos da história ou em outras sociedades não-modernas ou não-ocidentais, o fazer e o usar um objeto estabelecem uma relação muito mais intrínseca com as demais dinâmicas sociais, carregando a tecnologia de conteúdo social. Ainda que hoje tenhamos sido afastados dos aspectos produtivos dos artefatos, permanecemos bastante próximos do uso que lhe é subjacente, estando este conteúdo social transferido do fazer para o possuir e usar (Baudrillard, 2000).

Autores como Dobres (2000) e Ingold (2000) enfrentaram o desafio de refletir sobre o conceito de tecnologia. Para tanto, a etimologia da palavra foi o ponto de partida. Um composto entre as palavras gregas *tekhné* e *logos*, originalmente tecnologia significa “arte ou habilidade da razão”, remetendo à imagem de um artesão envolvido intimamente na atividade produtora, habilitado para conceber uma forma e executá-la com excelência através do domínio sobre sua concepção, técnicas e materiais. O produto final, assim, provém de seu conhecimento e prática. Com o capitalismo industrial, no entanto, a divisão do processo produtivo a fim de ampliar a produção pela aplicação racional de princípios estritamente mecânicos, promoveu uma inversão do seu sentido, passando a significar “razão da arte”. Desta forma, o conhecimento que o produtor deve ter da sua tarefa provém do produto final.

Mas se retrocedermos o conceito de tecnologia até antes de sua constituição capitalista podemos retomar a carga de socialidade subjacente às práticas tecnológicas e considerá-las como uma porta de acesso à (cosmo)lógica que as sociedades pretéritas davam ao mundo e às suas relações (conforme o discutido nos capítulos 1 e 2).

Para Ingold (2000), este movimento nos mostra que, mais que um conceito instrumental, uma tecnologia é fundamentalmente social, pois se refere a

seres humanos, vivendo e trabalhando em ambientes que incluem outros humanos assim como uma variedade de agências e entidades não-humanas. Através de suas experiências de troca com estes vários componentes do ambiente, as pessoas desenvolvem atitudes específicas e sensibilidades, que são portadoras das técnicas. Reciprocamente, através da disposição de suas habilidades técnicas, as pessoas ativamente constituem seus ambientes. Mas, nesta inter-relação mutuamente constitutiva entre pessoas e o ambiente não há dicotomia entre componentes humanos e não-humanos. Há técnicas para o engajamento com companheiros humanos, assim como há técnicas para o engajamento com animais e plantas dos quais depende a vida, ou com

materiais como madeira, argila ou pedra na produção de um equipamento<sup>22</sup>  
(Ingold, 2000:321)

Como discutimos nos capítulos precedentes, o que sustentamos neste trabalho, a partir da epistemologia desenvolvida por Latour (2004) e inspirados nas etnografias contemporâneas (Viveiros de Castro, 2002a; Van Velthem, 2003; Barcelos Neto, 2002; Lima, 2005), é que nas cosmologias ameríndias os não-humanos possuem um papel ativo na composição do cosmos. Deuses, animais, argilas, fibras e minerais, são considerados elementos dotados de perspectiva e agência, que podem ser tanto necessárias quanto perigosas ao coletivo (Viveiros de Castro, 1996:116). As escolhas técnicas, aqui, visam interiorizar ou afastar estas agências não-humanas, e desta forma produzir o cosmo.

O que uma tecnologia revela, assim, é uma relação de socialidade íntima entre humanos e não humanos, caracterizada como o debate que resulta na constituição de um mundo comum, um coletivo. É esta relação que compreendemos como tecnologia: uma **arena política** – nas palavras de Latour (2004) uma assembléia – onde humanos e não-humanos figuram como proposições à formação do coletivo e defendem suas perspectivas. Um artefato, assim como um corpo, é a síntese deste debate, guardando em si os paradigmas ideais do tipo de cosmo que humanos e não-humanos desejaram produzir, como discutimos no capítulo 2.

A cerâmica aqui assume um papel destacado. Como produto de uma tecnologia, nela se cruzam e se tencionam os poderes de diversos seres associados. Pensando em pessoas, argilas, antiplásticos, fogos e alimentos como seres ontologicamente semelhantes, principalmente por serem todos dotados de agência, a cerâmica surge como o continente de uma série de relações políticas entre os Guarani e o ambiente. Ela pode, através da sua composição de pasta, da sua forma, dos grafismos em sua superfície, do seu uso e do seu descarte, intimidar agências perigosas ou incorporar agências desejáveis à composição do cosmo. Mais do que isto, ela é capaz, através de seu uso, de fazer transitar estas agências entre os membros do coletivo. Com isto, o conceito de tecnologia passa a representar todas as

---

<sup>22</sup> “What we have in reality are human beings, living and working in environments that include other humans as well as a variety of non-human agencies and entities. Through their experiences of dealing with this various components of the environment, persons develop with specific aptitudes and sensibilities, that it as bearers of techniques. Reciprocally, through the deployment of their technical skills, people actively constitute their environments. But in this mutually constitutive interrelation between persons and environment there is no absolute dichotomy between human and non-human components. There are techniques for engaging with fellow human just as there are techniques for engaging with the animals and plants on which life depends, or which materials such as wood, clay or stone in the making of equipment”.

formas de associação entre humanos e não-humanos na relação entre produção, uso e descarte dos artefatos.

### **3.2 Cadeia operatória e critérios de análise tecnológica para cerâmica**

O conceito chave na metodologia que desenvolvemos é o de cadeia operatória. Cunhado na década de 1940 por Leroi-Gourhan, o conceito é herdeiro da tradição francesa de estudos sobre as técnicas, iniciada com Mauss (em *As técnicas do corpo*). Tal perspectiva enfatiza a implicação da tradição cultural sobre os movimentos do corpo e os resultados materiais da ação humana. Cada sutil escolha ou gesto técnico, assim, guarda informação sobre as pessoas que produzem um artefato. É no sentido de perceber e registrar estas escolhas e gestos que atua o conceito de cadeia operatória. Esta pode ser entendida como toda a seqüência de operações que envolve a transformação da matéria em um produto, refletindo as escolhas feitas pelo artesão (Dobres, 2000; Lemonnier, 1992).

Se aceitamos o conceito de tecnologia como a arena política onde humanos e não-humanos debatem igualmente a produção do *cosmo*, então seus produtos guardam os detalhes deste debate, e o estudo de suas cadeias operatórias serve como um “livro de atas”, descortinando as proposições aceitas e negadas, listando a maneira como cada elemento entrou no jogo, cada poder que agregou ao coletivo. Desta forma, uma análise tecnológica nos permite acompanhar os procedimentos levados a cabo para a produção do coletivo.

O referencial que utilizamos é o de Dobres (2000), pois com esta autora compartilhamos uma concepção de tecnologia como um fenômeno complexo e amplo, que nos remete às diferentes formas de associação entre humanos e não-humanos. Assim, o conceito de cadeia operatória em Dobres não se encerra nos aspectos produtivos do artefato, compreendendo também questões sobre seu uso e descarte.

Para Dobres, o emprego da cadeia operatória como uma metodologia analítica, permite

conhecer passo-a-passo as ações físicas e os procedimentos materiais pelos quais antigos técnicos procuraram, prepararam, modificaram, alteraram, deram forma, usaram, repararam, re-trabalharam, reciclaram e finalmente descartaram sua cultura material<sup>23</sup> (Dobres: 2000:168).

Desta forma, a análise da cadeia operatória oferece uma base empírica – a partir da descrição das seqüências técnicas envolvidas no fazer, usar e descartar um artefato – para entender tanto sobre conhecimento técnico, níveis de habilidade, limites e possibilidades inerentes às propriedades químicas, mecânicas e físicas dos materiais trabalhados, quanto sobre o contexto social de aprendizagem e prática técnica, julgamentos de valor, “visões de mundo”, cosmologias. E, mais importante, permite ao arqueólogo vislumbrar as interseções entre estes fenômenos, mais que tratá-los como entidades individualizadas, o que como vimos é uma prática na produção de conhecimento arqueológico.

A metodologia desenvolvida foi inspirada tanto em modelos etnoarqueológicos como da arqueologia experimental<sup>24</sup>. Para compreender o início do processo produtivo, utilizamos o modelo de cadeia operatória desenvolvido por Silva (2000a), em seu estudo da produção cerâmica entre os Assuriní do Xingu. Para compreender dinâmicas de uso, a partir das marcas que deste remanescem nas vasilhas, utilizamos a metodologia de análise de marcas de uso de Skibo (1992). Nossa análise inclui também a observação de alterações tafonômicas, pois, embora não tenhamos suficientes dados contextuais dos sítios para interpretar a questão do descarte, estas marcas limitam e interferem a observação dos demais critérios tecnológicos.

Silva (2000a:56) divide a seqüência de produção da cerâmica Assuriní em seis operações básicas: obtenção da matéria-prima, preparação da matéria-prima, manufatura, secagem, queima, e acabamento de superfície. Como vimos no capítulo anterior, cada um desses passos é acompanhado por uma série de procedimentos e dependem de materiais específicos, o que poderíamos interpretar como elementos que nos remetem à lógica de predação que sugere Van Velthem (2003) para a tecnologia Wayana.

Em nossa ficha de análise, os aspectos produtivos se refletem nos seguintes indicadores: antiplástico, técnica de confecção, tratamento de superfície, queima e acabamento de superfície.

---

<sup>23</sup> “knowing the step-by-step physical action and material procedures by which ancient technicians procured, prepared, modified, altered, shaped, used, repaired, reworked, recycled, and ultimately discarded their material culture”.

<sup>24</sup> Ver anexo I para consultar a lista de critérios de análise tecnológica para cerâmica arqueológica utilizada neste trabalho.

O antiplástico é considerado “um material estável, não-solúvel e que não desenvolve plasticidade quando em contato com a água” (Rye, 1981; Rice, 1987; Sinopoli, 1991; Shepard, 1985). É um aspecto importante na análise cerâmica porque permite identificar elementos incluídos ou naturalmente presentes na argila, remetendo à questão da seleção dos materiais. Correntemente, há duas explicações para o uso de antiplástico na composição da pasta. A primeira diz respeito à produção da vasilha: durante o processo de secagem e queima o volume do vasilhame diminui em função da perda de água, ficando espaços vazios na pasta, que devem ser ocupados pelo antiplástico com o intuito de evitar rachaduras e quebras. A segunda é funcional, e está relacionada ao desempenho pretendido do artefato. Estudos de arqueologia experimental indicam que o tipo de antiplástico escolhido influencia na eficiência da vasilha durante o uso. Por exemplo, a areia fina, resiste melhor ao choque térmico e físico; a areia grossa potencializa a condução de calor; a matéria orgânica carbonizada deixa as paredes mais porosas, o que confere resistência a impactos e choques térmicos e influencia na temperatura e no frescor do seu conteúdo (Rice, 1987; Shepard, 1985; Rye, 1981; Bronitsky, 1986; Bronitsky & Hamer, 1986).

Porém, como vimos discutindo ao longo dos capítulos, a seleção das matérias-primas pode estar pautada por outros critérios. Mark Neupert (2000) criticou a ênfase instrumental dos estudos de composição de pastas, nos quais a questão sóciopolítica aparece como um epifenômeno. Em pesquisa etnoarqueológica em Paradijon, Filipinas, o autor mostrou que, embora as fontes de argila conhecidas e utilizadas pelos ceramistas apresentem propriedades químicas diferenciadas, influenciando na eficiência do artefato produzido, sua exploração se pauta menos sobre este critério que por fatores políticos e sociais (Neupert, 2000).

Da mesma forma, para o caso Tupi devemos pensar a seleção das matérias-primas não apenas por suas propriedades físico-químicas, mas também a partir de questões que sejam centrais à sua cosmologia, como a predação. No caso Mbyá-Guarani, o uso de pó de ossos como antiplástico na produção de cachimbos (Garlet e Soares, 1998; Monticelli, 1995) pode ser mais facilmente considerado um indício da relação entre produção e predação, devido às capacidades xamânicas que possuem (Fausto, 2001; Viveiros de castro, 2002b), assim como a cor dos materiais utilizados figura como determinante nesta relação (Garlet e Soares, 1998; van Velthem, 2003). Apesar de possuímos apenas indicações etnográficas para sustentar esta hipótese, podemos sugerir que este mesmo tipo de propriedade metafísica fosse conferido aos demais elementos que compõe a pasta cerâmica, como a hematita, a areia e as matérias orgânicas.

Para esta análise, consideramos todas as inclusões como antiplástico. Para a identificação da composição das pastas desenvolvemos uma metodologia a fim de perceber elementos incluídos e diferentes barreiros. Assim, foi feito o registro dos tipos de antiplásticos presentes na argila (areia, hematita, matéria orgânica, chamote – cerâmica moída – e ossos moídos), a granulometria (até 2mm, de 3 a 4 mm, mais de 4mm) e a concentração em que aparecem (até 5 unidades, de 5 a 10 unidades, mais de 10 unidades). A contagem dos antiplásticos foi feita em uma amostra aleatória de 1cm<sup>2</sup> na fratura do fragmento, onde a composição da pasta fica exposta. No caso da análise das vasilhas inteiras que não apresentavam nenhuma fratura, não foi possível realizar a análise, pois as técnicas de tratamento e acabamento de superfície podem dar uma falsa idéia da composição da pasta – como pelo uso de areia fina adicional para evitar que a vasilha ainda úmida adira às mãos ou aos suportes onde pode ser produzida.

Realizando o cruzamento destes dados torna-se possível identificar tipos de pastas, e na relação destes tipos com os demais critérios de análise pode-se perceber especificidades na escolha das matérias-primas para diferentes categorias funcionais. Isto pode nos remeter às questões sócio-cosmológicas anteriormente discutidas. Além disto, é possível também perceber, entre as coleções, aproximações e afastamentos nas escolhas tecnológicas feitas por distintos grupos ceramistas.

Quanto às técnicas de confecção, para a cerâmica Guarani pré-colonial foram identificadas o modelado, o esculpido e o roletado. O modelado e o esculpido são técnicas empregadas na confecção de cachimbos, enquanto para as vasilhas cerâmicas a técnica utilizada é o roletado (Becker e Schmitz, 1959; La Salvia e Brochado, 1989; Garlet e Soares, 1998). A técnica do roletado consiste na sobreposição de roletes de argila, com o que se obtém a forma desejada (Silva, 2000a; Rice, 1987; Rye, 1981; Shepard, 1985).

Durante o processo de confecção já são aplicados às superfícies interna e externa os tratamentos que darão aparência plástica à vasilha. Na face interna, via de regra, a superfície é alisada com o auxílio dos dedos e outros instrumentos como pedras lisas e fragmentos de cuia (Silva, 2000a). Na face externa, as possibilidades de tratamento de superfície são mais variadas. Um dos tratamentos mais recorrentes na cerâmica Guarani é o corrugado, que representa também uma operação produtiva na junção dos roletes. Outras alternativas são o alisamento, sobre o qual podem ser aplicados tratamentos como o unglado, o inciso e o escovado. Estes podem ser aplicados isolados ou em conjunto em uma mesma peça.

A importância da análise do tratamento de superfície para a cerâmica Guarani reside nas pesquisas de Brochado e colaboradores, segundo as quais este indicador é determinante na identificação da função da vasilha. Através da análise dos dados etnohistóricos registrados por Antônio Ruiz de Montoya no Vocabulario y Tesoro de la Lengua Guarani, La Salvia e Brochado (1989) identificaram as diferentes categorias funcionais de vasilhas Guarani, relacionando a elas seus diferentes tratamentos de superfície. Um dos resultados desta análise sugere que apenas as vasilhas utilizadas sobre o fogo receberiam tratamentos de superfície plásticos, enquanto as que não vão receberiam um acabamento de superfície na forma de banho e/ou pintura. Desta forma, quando da análise dos fragmentos, pode-se inferir sua função através do tratamento de superfície que apresenta, ou seja, este indicador é um determinante *a priori* da categoria funcional.

Após o tratamento de superfície, a vasilha é deixada secar por tempo variável, para então ser submetida à queima, a qual provoca alterações físico-químicas na argila dando fim à sua plasticidade. Três fatores influenciam os resultados da queima: a duração, a temperatura e a atmosfera (presença ou não de oxigênio). Através da análise do núcleo do fragmento é possível verificar quais as condições em que a queima se deu.

A queima é um indicador tecnológico indispensável, pois influencia no produto final em relação à dureza, resistência e porosidade, portanto, no desempenho final da vasilha (Rice, 1987; Rye, 1981; Shepard, 1985). Para a cerâmica Guarani, sabemos que a queima se dá a baixas temperaturas e a céu aberto. Segundo Rice (1987:86), queimas nestas condições dificilmente permitem que a argila atinja maturidade, o que significa dureza máxima e porosidade mínima.

Entre os Assuriní, a vasilha pode sofrer ainda uma segunda queima a fim de que sua aparência se adéqüe ao ideal estético para a cerâmica, ou seja, que apresente uma superfície homogeneamente clara (Silva, 2000:69). Isto indica que novas exposições ao fogo continuam alterando a estrutura química da argila, eliminando o carbono responsável pela cor escura. Neste caso, a observação da queima também se torna importante na análise tecnológica pela relação que estabelece com os indicadores de uso<sup>25</sup>. No entanto, questões relativas à queima são as mais difíceis de responder devido à carência de trabalhos de arqueologia experimental sobre o tema.

---

<sup>25</sup> Skibo (comunicação pessoal, 2004) informou que as partes inferiores das vasilhas utilizadas ao fogo apresentam coloração mais clara, resultante da oxidação que sofrem por este tipo de uso.

Após a queima, uma vasilha pode receber acabamentos de superfície. Estes se referem às resinas, aos banhos – cobertura de argila muito fina – e às pinturas. Aqui retomo as observações de La Salvia e Brochado (1989) quanto à relação entre tratamento de superfície e função das vasilhas. Em geral, banhos e pinturas são acabamentos exclusivos de artefatos não utilizados no fogo, podendo ser aplicados nas faces interna, externa ou em ambas (La Salvia e Brochado, 1989). Embora seja um aspecto tecnológico importante, o acabamento de superfície tem sido pouco explorado na arqueologia Guarani. Em nosso trabalho realizamos decalques dos grafismos visualizados nos fragmentos e vasilhas em bom estado de conservação. Ao final deste capítulo apresentamos uma revisão bibliográfica sobre o tema e aprofundamos a metodologia aplicada no trabalho sobre os grafismos.

Para compreender a relação entre forma e função das vasilhas cerâmicas Guarani pré-coloniais, utilizamos como referência o modelo etnoarqueológico de James Skibo (1992) sobre as marcas de uso em vasilhas Kalinga das Filipinas, e o modelo de Brochado e colaboradores (La Salvia e Brochado, 1989; Brochado, Monticelli e Neumann, 1990; Brochado e Monticelli, 1994). Na inter-relação entre os dois modelos vislumbramos a possibilidade de aprofundar o conhecimento existente sobre as especificidades funcionais de determinadas formas de vasilhas Guarani. As características formais e funcionais das vasilhas se refletem em nossa ficha através dos indicadores: parte constituinte, antiplástico, tratamento de superfície, marcas de uso internas e externas, alterações tafonômicas e categoria funcional.

Durante o uso, uma vasilha é exposta a diferentes atividades que deixam marcas em sua superfície. Skibo (1992) dividiu estas marcas em abrasivas e físico-químicas. Atividades **abrasivas** são: **mexer e servir** os alimentos, que podem produzir na superfície interna das vasilhas **estrias isoladas**, mais grossas, longas e contínuas; **limpeza**, que deixa manchas de **estrias agrupadas**, finas, curtas e repetitivas, tanto na face interna quanto externa de uma vasilha; **buracos** causados pela extração de antiplástico, ou “**pedestais de tempero**” (*pedestalled temper*), pela permanência do antiplástico, mas retirada de argila ao seu redor, em atividades violentas de limpeza ou transporte das vasilhas, por exemplo, sendo arrastadas pelo chão. Marcas **físico-químicas** são: **depósitos de carbono** que resultam da adesão de matéria carbonizada nas paredes internas da vasilha em um acidente de cozimento; o **craquelamento**, pequenas rachaduras que se formam em teia na superfície interna, quando do cozimento com água abundante, devido à penetração água nas paredes da vasilha, que com o aquecimento libera vapor, expandindo e fraturando o alisamento; a **fuligem** resultante da deposição de carbono da fogueira nas paredes externas da vasilha; a **oxidação** da parte mais

atingida pelo fogo, normalmente bases e porção inferior do corpo, dependendo da forma do fundo da vasilha e da posição da vasilha na fogueira; e a **fermentação** de líquidos, que provoca uma descamação na face interna, podendo também, na cerâmica Guarani, provocar pequenas rachaduras na face externa (Neumann e Dias, 2005).

Skibo (1992) demonstrou que o tipo de alimento preparado em uma vasilha cerâmica deixa marcas específicas. Entre os Kalinga, há duas categorias de panelas: *oppaya*, específica para o cozimento de vegetais e carne, e *ittoyom*, específica para o cozimento de arroz. As marcas de uso entre as duas diferem. Como o cozimento de vegetais e carne necessita água em abundância, nas *oppaya* a superfície interna fica craquelada, e as partículas de alimento em suspensão tendem a carbonizar na parte mais alta da vasilha, entre os ombros e o pescoço. Ao contrário, o arroz é um alimento pastoso, e quando a água do cozimento resseca, é comum ocorrer carbonização no fundo da panela, onde o calor é mais forte, ou em pontos específicos, indicando a posição da panela ao fogo.

Na documentação etnohistórica para os Guarani do século XVII, as receitas conhecidas incluem igualmente alimentos cozidos em água abundante e alimentos pastosos, como os mingaus (Brochado, 1991; Landa, 1995; Martinez-Crovetto, 1968; Noelli, 1993; Landa e Noelli, 1997). Além das receitas, Tempass (2005) e Assis (2006) registraram etnograficamente que há diferentes categorias de alimentos, conforme a capacidade de cada um em produzir corpos Guarani ideais. Estes são elementos que geram variabilidade no tipo e marcas de uso de uma vasilha. Assim, se faz necessário que se desenvolva um modelo destas marcas para as vasilhas Guarani pré-coloniais, tornando possível chegarmos a conteúdos mais sutis sobre as práticas alimentares dos grupos que estudamos.

Um dos objetivos de nossa análise é desenvolver um modelo de distribuição das marcas de uso nas diferentes categorias de vasilhas Guarani arqueológicas, apontando dinâmicas de uso e especificidades funcionais. Para tanto, realizamos croquis das paredes internas e externas de 45 vasilhas associadas às coleções do Vale do Rio da Várzea e Litoral Norte, depositadas no MARSUL, demonstrando a correlação entre as marcas em cada categoria funcional. Cada croqui representa uma vasilha dividida em duas partes (face 1 interna e externa, e face 2 interna e externa), e, para facilitar a percepção dos pontos de concentração das marcas na vasilha, determinamos a intensidade das marcas de carbonização ou oxidação relativamente às marcas da própria vasilha. Ou seja, uma carbonização ou uma oxidação é leve, média ou intensa em relação às demais marcas de carbonização ou oxidação que possui.

Da mesma forma que o estudo das marcas de uso dá respostas sobre a vida útil da vasilha, o estudo das alterações tafonômicas dá informações sobre a situação pós-deposicional do artefato no registro arqueológico. Considerar este tipo de informação é importante, pois as alterações tafonômicas muitas vezes mascaram as marcas de uso e podem dificultar a observação dos tratamentos e acabamentos de superfície e até mesmo do padrão de queima, ou seja, pode levar a conclusões questionáveis sobre a tecnologia e, por conseguinte, sobre os grupos sociais estudados.

Por exemplo, o primeiro trabalho arqueológico intensivo sobre marcas de uso desenvolvido no Brasil (Dantas e Lima, 2006), apesar de todos os aspectos tecnológicos que observa na análise da coleção (técnica de confecção, tratamento de superfície, antiplástico, alterações por uso), não teve a preocupação em registrar alterações tafonômicas. Isto teria sido fundamental para definir a discriminação que os autores fazem entre marcas de carbonização e fuligem “discretas” e “intensas”, que é o que os leva à conclusão de que as vasilhas analisadas foram produzidas e usadas especificamente para um banquete funerário.

Não é possível, portanto, desenvolver um modelo de marcas de uso sem considerar as alterações tafonômicas. Sem explorar processos de erosão superficial, como observar estrias de atrito por uso ou definir uma superfície alterada por fermentação? Como garantir que as marcas de queima que vemos são produto do uso e não de coivara – queimadas – para a abertura das roças onde normalmente encontramos os sítios? O que difere a intensidade de carbonização entre duas vasilhas se não considerarmos possíveis diferenças em seus contextos deposicionais (ou diferentes arqueólogos procedendo à sua limpeza após a escavação)?

Provocam alterações tafonômicas na cerâmica arqueológica processos biológicos, como a erosão, resultante da ação da água, do vento ou da salinidade e acidez do solo, a ação de radículas e fraturas térmicas causadas pela exposição ao sol. Processos antrópicos também podem alterar a cerâmica, como a ação dos arados e a coivara, além dos procedimentos de curadoria das coleções após a escavação (Schiffer, 1987).

Enquanto para grande parte dos conjuntos artefatuais a exploração de suas funções depende de inferências sobre critérios morfológicos, propriedades físicas ou evidências diretas de uso (Rice, 1987), para o estudo funcional da cerâmica Guarani dispomos de uma excelente fonte etnohistórica. Trata-se do *Vocabolário y Tesoro de la Lengua Guarani*, do padre jesuíta Antônio Ruiz de Montoya. Em seus verbetes estão registrados quase todos os aspectos

relacionados à confecção da cerâmica, suas diferentes formas e as funções associadas a elas, sua nomenclatura e os tipos de alimentos preparados.

La Salvia e Brochado (1989), Brochado, Monticelli e Neumann (1990) e Brochado e Monticelli (1994) correlacionaram estas informações etnohistóricas às arqueológicas, identificando seis tipos de vasilhas e determinando suas características fundamentais. São elas:

1) *Yapepó*: panelas, usadas principalmente para cozinhar. Possuem base conoidal ou arredondada, corpo com bojo saliente, borda côncava, vertical ou extrovertida, e boca restringida.

2) *Ñaetá*: caçarolas, usadas principalmente para cozinhar. São formas muito abertas, de contorno conoidal ou elipsóide simples, borda direta contínua com a parede ou convexa, vertical.

3) *Tembirú*: pratos, usados para servir alimentos e comer. São formas muito abertas, possuindo base arredondada, borda direta ou côncava, inclinada para fora e contínua com a parede. Podem receber acabamentos de superfície externos ou internos.

4) *Cambuchí*: talha, uso principal para fermentar, guardar e servir líquidos. Possui base conoidal, arredondada ou aplanada, contornos complexos (múltiplas inflexões), corpo com bojo saliente, boca mais ou menos restringida, borda côncava, ligeiramente inclinada para dentro ou para fora. Geralmente recebem acabamentos de superfície externos. La Salvia e Brochado (1989:132) salientam que estas vasilhas constituem a maior parte das coleções de vasilhas inteiras graças ao fato de terem sido utilizadas também como urnas funerárias, sendo enterradas contendo sepultamentos primários ou secundários.

5) *Cambuchí caguaba*: vasilhas para beber. Possuem base conoidal, boca aberta ou levemente restringida, contorno simples ou complexo. Podem receber acabamentos de superfície externos ou internos.

6) *Ñamypiu*: tostador. São pratos ou bandejas muito rasas, com borda convexa muito baixa ou apenas vestigial. Raramente são encontradas em coleções.

Assim, inicialmente, para a questão da relação entre as diferentes formas e suas funções correspondentes, na cerâmica Guarani parece haver uma solução assente. Acreditamos, no entanto, que as categorias definidas e suas características fundamentais não devem ser tomadas num sentido generalizante, mas sim servir como um ponto de partida para

explorarmos mais profundamente as relações entre diferentes contornos, diferentes tratamentos de superfície, diferentes tipos de grafismos, diferentes alimentos sendo produzidos de diferentes maneiras, etc.

Em um estudo que enfatizou a distribuição das marcas de uso nas 21 vasilhas Guarani da coleção da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Fidryszewski (2007) percebeu diferenças formais internas à categoria *yapepó* – dois tipos de base, mais arredondadas ou mais piriformes – às quais correspondem diferenças funcionais denotadas por diferentes marcas de uso. La Salvia e Brochado (1989:125-127) já haviam levantado entre os verbetes registrados por Montoya a indicação destas diferenças: *yapepó rebí chûa* (panela com fundo algo pontiagudo) e *yapepó rebí agûa* (panela de fundo redondo).

Esta especialidade formal e funcional para as *yapepó*, assim como para as demais categorias, ainda precisa ser aprofundada através de um estudo tecnológico, capaz de perceber se há, por exemplo, diferentes composições de pastas e tratamentos de superfície, afinal, consideramos que toda tecnologia, no contexto ameríndio, é impregnada de procedimentos que propiciam a predação de agências.

### **3.3 Aspectos Gráficos**

Apesar da beleza e variedade dos grafismos aplicados nas vasilhas arqueológicas Guarani, poucos trabalhos de catalogação, análise ou interpretação de seu conteúdo foram realizados até hoje. São exemplos os trabalhos de Schmitz (1959, 1991), La Salvia e Brochado (1989) e Tocchetto (1996). Para a cerâmica arqueológica Tupi há trabalhos como os de Prous (2004, 2005) e Andrade Lima (2005).

Para Schmitz a pintura é apenas uma forma de decoração, destituída de significado. Por este motivo, em sua análise o foco central está em descrever e classificar os padrões gráficos, destacando características técnicas como a cor e a espessura dos traços, a posição dos desenhos na vasilha, o tipo de tintura usado. Percebendo o predomínio de grafismos geométricos com linhas retas e curvas, o autor afirma que “tanto as formas [das vasilhas] quanto os motivos ornamentais são simples e, ao menos em parte, artísticos, de uma arte

singela, como era próprio de um povo sem grande cultura e sem moradia sólidas” (Schmitz, 1959: 274). Mais tarde, já na década de 1990, o autor reafirma sua posição, considerando que o papel desempenhado pelos grafismos era dar um aspecto agradável ao vasilhame, o que “mostrava que o grupo tinha vencido a mera subsistência e investia algum tempo em arte” (Schmitz, 1991: 307).

Em outro sentido, para La Salvia e Brochado (1989) os grafismos são muito mais do que artifícios decorativos: são a expressão de uma memória tradicional. Como vimos, os autores defendem que os diferentes tratamentos e acabamentos de superfície se relacionam às diferentes funções da cerâmica Guarani e os grafismos estariam associados a funções rituais. Assim, sua aplicação não seria arbitrária, mas ligada a tradições mitológicas. Os autores propõem que a interpretação do conteúdo dos grafismos seria possível através de uma análise estrutural dos motivos somada às informações etnográficas e etnohistóricas sobre a mitocoscologia Guarani.

É este o trabalho que se propõe Tocchetto (1996). Para tanto, a autora buscou na articulação entre arqueologia e etnologia o embasamento necessário. Como entre os cronistas e viajantes quinhentistas poucos ou nenhum deles interrogou os indígenas a respeito dos grafismos ou registraram seu significado tradicional, a autora procurou nas narrativas históricas dos Guarani de São Paulo e do Paraguai alguns indícios para sua interpretação. Para dois dos grafismos presentes em coleções arqueológicas, considerados pela autora como mais freqüentes – a cruz e o losango –, Tocchetto encontrou nos relatos coletados por Nimuendaju e Cadogan unidades que poderiam representar elementos mitológicos. Nas lendas de criação e destruição do mundo registrados por Nimuendajú (1987) entre os Apapocuva-Guarani é freqüente a imagem de uma cruz que representaria a “escora da terra” (Tocchetto, 1996:39). O losango foi relacionado com padrões de trançado da cestaria Mbyá Guarani e remetido à representação da serpente, elemento presente em relatos de criação coletados por Cadogan (no *Ayvu Rapyta*). Com isto a autora conclui que “a iconografia pintada na cerâmica dos Guarani anteriores ao contato com os europeus é uma manifestação gráfica que comunica mensagens, que expressa, numa linguagem visual, conteúdos que dizem respeito à cosmologia e mitologia destas sociedades” (Tocchetto, 1996:43).

Aprofundando, entre os Guarani contemporâneos, os aspectos mito-cosmológicos presentes nos grafismos aplicados à cestaria, Sérgio Baptista da Silva (no prelo) mostrou que os padrões aplicados evidenciam “os domínios da natureza e da sobrenatureza, através da representação de seres primevos: deuses, animais, vegetais e demais elementos do cosmo”

(p.19), com o que os Guarani estabelecem uma via de comunicação com as divindades. O autor identifica representações de animais (serpentes, lagartos, jabotis, borboletas, peixes), flores e outros vegetais, do arco-íris, além da cruz, e indica como os Guarani vêem cada um destes elementos.

Além disto, o autor mostra também que a maioria dos padrões hoje aplicados no artesanato pode ser observada nas coleções arqueológicas, sendo que os próprios Guarani os reconhecem nas antigas vasilhas (idem, p.28). Este trabalho, assim, oferece novos recursos para que se tornem possíveis interpretações cada vez mais sofisticadas sobre o tema também para a arqueologia.

Em nosso entender, os grafismos aplicados às vasilhas são parte significativa de uma tecnologia mas, como o discutido, foram pouco trabalhados. Como vimos analisando até o momento, consideramos que uma tecnologia é capaz de produzir artefatos dotados de determinadas agências, sendo capazes de fazê-las circular entre os membros do coletivo, e, neste sentido, se estabelece uma homologia entre pessoas e artefatos. Assim, se fazer uma panela é tal qual fazer um corpo, pintar uma panela é como fazer a pintura corporal. Nas sociedades Tupi, as pinturas corporais produzem transformações nos corpos, e sugerimos que os artefatos pintados estão igualmente marcados por sua capacidade transformativa, a qual emana também de sua pele desenhada.

Neste trabalho decalcamos os grafismos aparentes tanto em fragmentos quanto em vasilhas inteiras de ambas as coleções analisadas. Com isto, obtivemos um levantamento sistemático dos padrões, nos permitindo trabalhar tanto questões internas às coleções – como a relação entre os grafismos e as categorias funcionais e/ou suas partes constituintes – quanto externas – na relação entre os dois diferentes contextos arqueológicos.

Muitas são as questões que podem ser feitas quanto aos grafismos: sobre gestualidade, processos de ensino/aprendizagem, técnicas, instrumentos utilizados, a relação do grafismo com as partes constituintes da vasilha, entre outras. Cada pergunta apresenta necessidades metodológicas próprias. Por exemplo, a representação da gestualidade implica o registro de erros, tremores, sobreposição de traços. Esta minúcia já não é tão necessária quando o que se deseja é evidenciar o padrão gráfico aplicado. Da mesma forma, decalques por contato ou por projeção apresentam diferenças importantes no tocante à representação da sensação visual do grafismo sobre a peça cerâmica ou sobre um novo suporte, o papel.

Neste trabalho optamos por registrar os padrões gráficos. Para tanto, os decalques foram feitos por projeção nas vasilhas inteiras e fragmentos que apresentavam esta possibilidade. A partir deste levantamento, visamos perceber qual a relação entre os grafismos e as categorias funcionais, e ainda se entre as coleções os motivos variam.

### **3.4 Reconstruções de formas**

Mais um resultado dos trabalhos de Brochado e colaboradores foi o método de reconstrução gráfica das diferentes categorias funcionais a partir de fragmentos de bordas. Através de um estudo estatístico da relação entre diâmetro da boca e altura da vasilha, Brochado, Monticelli e Neumann (1990) formularam equações que permitem ao arqueólogo calcular o tamanho da vasilha e chegar a um desenho muito próximo do que esta deveria ter sido originalmente.

Para tanto, observa-se o ângulo de inclinação do fragmento de borda – índice da categoria funcional. A partir deste, mede-se o diâmetro total da boca da vasilha em um ábaco de círculos concêntricos, e o resultado da equação oferece a profundidade. Desenha-se o perfil do fragmento de borda buscando orientá-lo para que fique em um mesmo plano, ou seja, que represente a posição vertical da vasilha, como deveria estar quando em uso. Executando-se um movimento de rotação do perfil da borda ao redor do eixo vertical da vasilha se obtém a reconstrução de como seria a parte superior desta. A partir daí se projeta a parte inferior e a base.

Mais fiel será a reconstrução quanto mais alto for o fragmento. Assim, se este compreender apenas a borda, desde o pescoço até a base deverão ser desenhados pela semelhança entre as formas conhecidas. Já se estiverem presentes também partes do pescoço, ombro e corpo, apenas a base será reconstruída, e a representação será praticamente exata.

Utilizaremos este método a fim de perceber se há alguma variabilidade quanto aos contornos formais das vasilhas entre os conjuntos analisados, pois consideramos também este aspecto como importante na definição de uma tecnologia.

### 3.5 Conclusão

Como discutimos no capítulo anterior, nas cosmologias ameríndias a produção – de pessoas e artefatos – é um contínuo processo de predação de agências de outras esferas cosmológicas, o que depende de uma série de premissas tecnológicas. Considerando a tecnologia a arena política onde os diferentes membros dos coletivos indígenas discutem os alcances e limites desta predação, nossa hipótese é que existem minúcias na produção das vasilhas que revelam diferentes seres re-produzidos e, logo, diferentes formas de associação entre os Guarani e sua cerâmica, tal qual o visto para os Wayana (van Velthem, 2003).

Sugerimos que as escolhas técnicas envolvidas na confecção de uma vasilha estão orientadas por critérios cosmológicos sobre as capacidades que cada elemento traz para a composição de um artefato específico, a fim de torná-lo capaz de fazer circular entre os membros humanos do coletivo agências próprias aos não-humanos – argilas, antiplásticos e alimentos – segundo os parâmetros estabelecidos pelos demiurgos.

Evidentemente, a produção tem uma profunda relação com o uso, pois vimos que é neste momento que se efetiva a socialização de um artefato. Se sustentamos que uma vasilha é dotada de agências adquiridas na produção, é o uso que as movimenta e as faz circular entre os membros do coletivo. Diferentes dinâmicas de uso, portanto, indicam diferentes formas de associar múltiplas agências.

Por fim, a relação entre forma e função das vasilhas não é um problema novo. Ao contrário, para a cerâmica Guarani este é um dos pontos mais desenvolvidos. Talvez por isto esta relação seja um ponto pacífico, quando acreditamos que poderia não sê-lo. Se traçarmos um paralelo entre a lógica de predação que subjaz a tecnologia Wayana e a lógica de predação que sugerimos para a produção cerâmica Guarani pré-colonial, e ainda considerarmos as diferentes receitas e categorias de alimentos conhecidas etnohistórica e etnograficamente para os Guarani (Martinez-Croveto, 1968; Noelli, 1993; Landa, 1995; Tempass, 2005; Assis, 2006), então as categorias funcionais de vasilhas podem apresentar outras variações internas relacionadas as suas matérias-primas, formas e alimentos que produzem.

Ainda há uma série de questões funcionais apontadas por Montoya que precisam ser mais bem exploradas, e que podem ser redimensionadas a partir das etnografias contemporâneas que trabalham a questão da alimentação entre os Guarani. Assim, partindo das categorias morfofuncionais já identificadas, podemos buscar em toda a tecnologia outras especificidades considerando a hipótese de que elas revelam como os artefatos estão intimamente implicados na sócio-cosmologia Guarani.

Assim, diferentes tecnologias indicam, internamente às coleções, múltiplas formas de engajamento sócio-cosmológico entre os Guarani pré-coloniais e sua cerâmica. Entre as coleções, como foi dito anteriormente, a questão da identidade pode ser feita e respondida através de estudos tecnológicos. Na medida em que a comparação da tecnologia cerâmica permita perceber diferentes práticas engajando diferentes agências, podemos dizer que há novos contornos cosmológicos e, portanto, diferentes jeitos de ser Guarani.

#### **4 DIFERENTES JEITOS DE SER GUARANI: PERSPECTIVA COMPARADA SOBRE A TECNOLOGIA CERÂMICA PRÉ-COLONIAL**

Nosso objetivo no presente capítulo é caracterizar a tecnologia cerâmica Guarani pré-colonial de dois diferentes contextos, a fim de questionar como a relação entre produção, forma e função das vasilhas pode nos remeter à cosmologia deste grupo, conforme o discutido nos capítulos precedentes. Se sustentamos que uma vasilha possui uma determinada agência, considerada adequada para a produção do cosmo, que elementos tecnológicos podem nos remeter a esta produção?

A partir desta análise, objetivamos também observar semelhanças e diferenças entre as tecnologias, a fim de levantar hipóteses sobre a história Guarani pré-colonial. Na medida em que a comparação das cerâmicas através da análise tecnológica permita perceber diferentes práticas engajando diferentes agências, podemos dizer que há novos contornos cosmológicos, diferentes jeitos de ser Guarani.

Neste sentido, foram escolhidas para análise comparativa coleções arqueológicas de duas diferentes regiões do Rio Grande do Sul: o Litoral Norte, no nordeste do Estado, e o Vale do Rio da Várzea, no noroeste. Estas coleções foram formadas durante os primeiros anos de pesquisa do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), na década de 1960, e encontram-se sob a guarda do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul – MARSUL.

Neste capítulo enfatizaremos o trabalho sobre as coleções de fragmentos dos sítios RS-LN-35: Bassani 1 e RS-VZ-59: Grapiá 1, caracterizando a tecnologia cerâmica Guarani pré-colonial identificada nestes dois contextos. As coleções de vasilhas inteiras de ambas as regiões serão analisadas no próximo capítulo.

#### 4.1 Caracterização dos Sítios

As coleções analisadas são fruto das pesquisas realizadas por Eurico Th. Miller durante a atuação do PRONAPA no Estado do Rio Grande do Sul em meados da década de 1960. Sobre os sítios, não temos mais que sua localização aproximada, poucos registros estratigráficos e quase nenhuma informação contextual, o que hoje nos impede de levantar certas questões.

A ausência deste tipo de dado se deve às preocupações e metodologias pronapianas. O objetivo do Programa era formular cronologias relativas da ocupação pré-colonial brasileira. Para tanto, o fundamental era cobrir de pesquisas a maior parte do território nacional, identificando os tipos de sítios e de materiais que pudessem ser seriados. Neste intuito adotou-se uma metodologia de campo que privilegiava prospecções ao longo do curso dos rios e coletas de superfície assistemáticas, com o que foi possível catalogar milhares de sítios arqueológicos em apenas cinco anos (Dias, 1995; Barreto, 1999/2000; Prous, 1992). As interpretações das coleções resultantes, fundadas em análises laboratoriais, baseavam-se no método desenvolvido por James Ford (1962) para estabelecer cronologias relativas de cerâmica a partir de variação quantitativa de tratamento de superfície e antiplástico. Assim, todos os dados necessários para atingir o objetivo histórico-culturalista do Programa estavam nas próprias coleções, e apesar da ênfase dada aos trabalhos de campo, não se destinou muita atenção às informações contextuais e à metodologia de escavação.

Hoje estas informações seriam de muito valor para o estudo tecnológico que propomos, pois nos permitiria observar relações espaciais intra-sítio, que poderiam indicar áreas de atividades específicas, espaços domésticos e rituais, dinâmicas de descarte, entre outros aspectos. Por exemplo, quanto aos sepultamentos, não há um detalhamento de sua relação com o conjunto do sítio. Informações estratigráficas mais precisas também auxiliariam na formulação de questões sobre a profundidade temporal das ocupações.

A ausência de tais dados limita, mas de maneira alguma invalida o estudo das coleções formadas durante estes anos. Estas coleções têm um imenso valor para a pesquisa arqueológica devido ao seu excelente grau de preservação. Hoje é muito pouco provável que novas pesquisas arqueológicas no Rio Grande do Sul encontrem sítios compostos por tantas

vasilhas inteiras, dada a intensa atividade agrícola e expansão da malha urbana nos últimos 40 anos.

Logo, se não é mais possível formular certas questões, há outras que somente são possíveis através da análise destas coleções. É o caso daqueles estudos que objetivam enfatizar os padrões gráficos dos acabamentos de superfície, e aqueles que buscam aprofundar o conhecimento sobre a relação entre as formas e as funções da cerâmica. Por exemplo, estas coleções permitem atualmente a formulação do modelo de distribuição das marcas de uso, que é um dos principais objetivos deste trabalho.

Foi pensando também neste modelo que selecionamos as coleções amostrais de fragmentos para análise. É nos sítios RS-LN-35: Bassani 1 e RS-VZ-59: Grapiá 1 que encontramos o maior número de vasilhas inteiras. Em pesquisas anteriores, tivemos dificuldades na análise das marcas de uso em coleções de fragmentos, quando então sugerimos a necessidade de se desenvolver um modelo que servisse de referência para a cerâmica arqueológica Guarani (Neumann e Dias, 2005). Abordando conjuntamente vasilhas inteiras e fragmentos podemos, ao mesmo tempo, desenvolver este modelo e testar sua aplicabilidade. Passemos aos sítios.

A bibliografia disponível sobre os sítios estudados indica que as primeiras pesquisas arqueológicas no nordeste do Rio Grande do Sul foram realizadas por Eurico Th. Miller (1967) entre novembro de 1965 e abril de 1966, abrangendo o Vale dos Rios Sinos e Maquiné, além da zona lacunar litorânea. Na região foram encontrados 365 sítios, entre sambaquis, sítios líticos, lito-cerâmicos, cerâmicos e históricos. Para a Tradição Guarani<sup>26</sup> foram definidas as fases Maquiné e Paranhana, a partir dos critérios tratamento de superfície e tipo de antiplástico. A fase Maquiné, considerada a mais antiga da Tradição Guarani na região, caracteriza-se por “seu corrugado tridimensionalmente maior que na fase Paranhana, tempero muito grosso de grãos de hematita, e por pouca ou nenhuma decoração escovada” (Miller, 1967:21). Para a fase Maquiné há quatro datações radiocarbônicas, sendo a mais antiga  $1070\pm 110$  (SI-413) para o sítio RS-LN-35, e a mais recente  $520\pm 200$  (SI-410) para o sítio RS-LN-16. (Fonte: acervo documental do MARSUL). Já a fase Paranhana caracteriza-se “pela pasta arenosa, corrugado baixo e pequeno e pela grande quantidade de decoração plástica escovada” (Miller, 1967:22).

---

<sup>26</sup> Usamos a definição de Tradição Guarani a partir das propostas de revisão ao modelo “pronapiano” associado ao conceito de Tradição Tupiguarani defendido por Brochado (1984).

O sítio **RS-LN-35: Bassani 1** foi caracterizado como pertencente à fase Maquiné. Localizado no município de Capão da Canoa, distrito de Faxinal do Morro Alto (coordenadas geográficas 50°07'W e 29°45'S), o sítio era formado por uma mancha preta com 70 metros de comprimento e 45 de largura. Nesta mancha foram feitos dois cortes estratigráficos. No corte 1 (número de catálogo 648), com 2x2 metros (sem registro das profundidades), foram recuperadas três *yapepó* inteiros (números de tombo T-484, T-581 e T-582) e 280 fragmentos. No corte 2 (número de catálogo 649) foi realizada escavação em uma área de 3x3 metros, em níveis artificiais de 10 centímetros até 40 centímetros de profundidade. Encontrou-se uma concentração de fragmentos cerâmicos e carvão entre 20 e 30 centímetros de profundidade. Nela foram recuperadas três *tembirú* (números de tombo T-120, T-121 e T-122), além de 912 fragmentos. Por serem duas intervenções na mesma mancha, procederemos à análise somando as duas amostras, considerando que ambas são representativas de um mesmo contexto. Assim, temos um total de 1192 fragmentos analisados. Este sítio possui duas datações radiocarbônicas: 870±100 AP ou 1080 AD (SI 412) para o corte 1 e 1070±110 AP ou 880 AD (SI 413) para o corte 2.

No noroeste do Rio Grande do Sul, as primeiras pesquisas arqueológicas foram realizadas por Eurico Th. Miller (1969) entre janeiro e maio de 1967, abrangendo o vale do Alto Rio Uruguai, nos municípios de Tenente Portela e Porto Lucena. Na região foram encontrados 83 sítios, sendo estes líticos, lito-cerâmicos ou cerâmicos. Para a Tradição Guarani foram definidas as fases Irapuã e Comandaí. A fase Irapuã é considerada a mais antiga da Tradição Guarani na região e caracteriza-se pela “ausência quase absoluta de tipos decorados plasticamente, isto é, compõe-se quase exclusivamente de cerâmica simples e pintada” (Miller, 1969:38). Já a fase Comandaí caracteriza-se “por particularidades atinentes à cerâmica pintada e decorada, isto é, emprego de linhas pretas e (ou) brancas, largas (1cm) e (ou) finas, sobre engobo vermelho” além da “forma de duplo ou triplo ombro, mesmo entre as técnicas do escovado e corrugado” (Miller, 1969:39). Para a fase Comandaí há duas datações radiocarbônicas, sendo a mais antiga 225±55 (SI-701) para o sítio RS-VZ-41, e a mais recente 215±105 (SI-702) para o sítio RS-VZ-12. (Fonte: acervo documental do MARSUL).

O sítio **RS-VZ-59: Grapiá 1** foi relacionado à fase Comandaí. Não foi localizada a ficha de registro de pesquisa arqueológica deste sítio. Apenas temos as fichas de inventário de acervo do museu, nas quais constam dois números de catálogo para as coleções de fragmentos (859 e 860). Estes números referem-se aos níveis 0-10 cm e 10-20 cm, indicando a realização de um poço teste com dimensões e profundidade final não especificadas. Por esta razão, da

mesma forma que para o sítio RS-LN-35, associamos os dois números como representando um mesmo conjunto. No total, a coleção é formada por 649 fragmentos. Segundo Jacobus (1994) havia 4 estruturas funerárias neste sítio.

Constam também desta coleção 8 vasilhas inteiras, sendo dois *yapepó* (números de tombo T-140 e T-153), três *ñaetá* (números de tombo T-141, T-154 e T-165), um *cambuchí caguaba* pintado em vermelho sobre branco muito erodido (número de tombo T-155) e dois *cambuchí*, um pintado em branco sobre vermelho muito erodido (número de tombo T-164) e um corrugado (número de tombo T-152).

#### **4.2 Tecnologia cerâmica: sítio RS-LN-35**

Neste tópico trabalharemos a tecnologia identificada na análise da coleção de fragmentos do sítio RS-LN-35, associando seus dados aos obtidos entre as vasilhas inteiras resgatadas no sítio. Esta caracterização será feita de acordo com a noção de cadeia operatória, ou seja, introduziremos as questões tecnológicas na ordem em que elas se colocariam na vida de uma vasilha: produção, uso e descarte. A partir de então poderemos ver de que forma se implicam cada um destes momentos.

Foram identificados os antiplásticos areia, hematita, material orgânico, e chamote. A correlação entre o tipo, o tamanho e a concentração dos antiplásticos gerou 35 tipos de pastas cerâmicas sendo utilizadas na confecção de vasilhas<sup>27</sup>. Entre estes tipos, destacamos 14 fragmentos que apresentaram uma pasta extremamente “limpa”, ou seja, sem a presença de quase nenhum antiplástico do que areia ou hematita fina e pouco concentrada. Entender as possibilidades interpretativas da composição das pastas cerâmicas depende da sua correlação com os demais critérios tecnológicos, como o tratamento de superfície e as marcas de uso. Estas correlações serão feitas no desenvolver deste capítulo.

Em relação à manufatura das vasilhas, 100% da coleção teve o roletado como técnica de confecção. Quanto aos tratamentos de superfície externos, identificamos o corrugado (20% da amostra), o ungulado (7%), o corrugado-ungulado (41%), o alisado (32%), e apenas um

---

<sup>27</sup> Remeto o leitor ao anexo II, que apresenta as tabelas e gráficos não inseridos no texto.

fragmento escovado. Internamente, 100% da amostra possui o alisamento como tratamento superficial.

Quanto às categorias funcionais identificadas na coleção, entre as vasilhas inteiras do sítio RS-LN-35 temos três *tembirú* e três *yapepó*. Já entre os fragmentos, pudemos identificar a categoria funcional em 158 das 206 bordas da coleção. Destas, 60 são fragmentos de *yapepó*, 30 são fragmentos de *ñaetá*, um fragmento de *cambuchí*, 49 são fragmentos de *tembirú* e 18 são fragmentos de *cambuchí caguabá*. Estes dados complementam o repertório funcional do sítio e nos auxiliarão na análise das especificidades tecnológicas próprias a cada categoria.

Para a reconstrução das formas, selecionamos os fragmentos de borda mais altos de cada categoria funcional, pois estes nos dão uma maior segurança na projeção da forma da vasilha. No anexo IV selecionamos alguns exemplos para ilustrar a discussão entre forma e função.

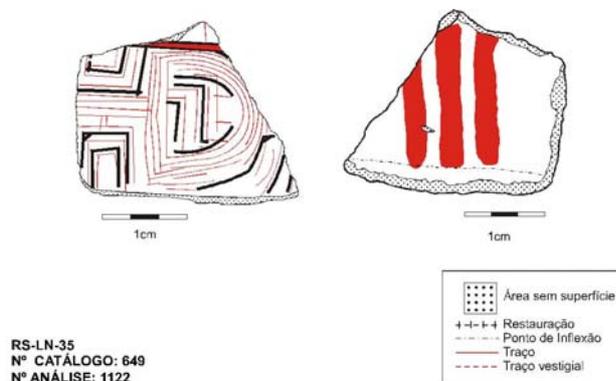
Como discutimos no capítulo 3, a queima da vasilha é um indicador tecnológico importante, mas que ainda necessita de pesquisas experimentais para aprofundarmos seu entendimento. Através da análise de peças remontadas percebemos que uma mesma vasilha pode apresentar tanto queimas oxidadas quanto redutoras, variando em relação às suas partes constituintes. Isto pode se dever à posição que a vasilha ocupou na fogueira quando queimada, mas também tem relação com fato de ter sido ou não usada ao fogo. Quanto à queima, 44% da coleção possui queima oxidada, em oposição a 56% de queimas redutoras.

Após a queima, algumas vasilhas podem receber acabamentos de superfície, tanto interna quanto externamente. Apenas 22% da coleção de fragmentos possui algum tipo de acabamento de superfície externo e/ou interno, sejam banhos ou pinturas. Realizamos o decalque dos grafismos presentes em 17 fragmentos e uma vasilha inteira desta coleção (o *tembirú* T-122)<sup>28</sup>. Foram identificados grafismos em fragmentos de *cambuchí*, *cambuchí caguaba* e *tembirú*. Estes foram realizados com tinta vermelha sobre fundo branco, à exceção de um fragmento que apresenta tinta preta sobreposta ao padrão original (número de análise 1122). Os motivos são ondulações que “se encaixam” nas extremidades, sendo totalmente arredondadas ou pouco angulosas. Em apenas quatro fragmentos observamos motivos totalmente angulosos. Destes destacamos dois fragmentos de um mesmo *cambuchí* (número

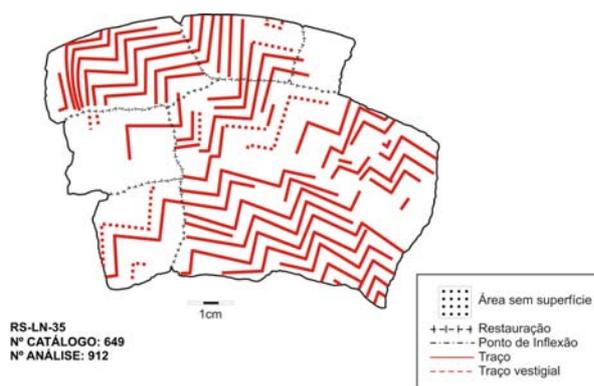
---

<sup>28</sup> Ver anexo III para os decalques dos grafismos em ambos os sítios.

análise 912) nos quais o grafismo é formado por traços verticais e horizontais que se encontram em um ângulo de 90°, lembrando **a nós** uma escada (ver figuras 1 e 2).



**Figura 1. Grafismo**



**Figura 2. Grafismo**

Mesmo em fragmentos foi possível observar a aplicação de faixas largas no lábio e nos pontos de inflexão das vasilhas, delimitando os campos a serem pintados. Entre os campos pode haver ou não mudança do padrão dos grafismos, e por este motivo acreditamos que estas faixas estejam mais relacionadas à evidenciação da forma da vasilha do que com os desenhos em si.

Já quanto aos acabamentos internos, chama a atenção o fato de que 70 fragmentos (26% da amostra pintada) apresentam a correlação entre tratamento de superfície plástico – sejam corrugados, ungulados ou corrugados-ungulados – e banho vermelho interno. Este dado é importante, pois, como já discutimos no capítulo 3, tratamentos plásticos e acabamentos de superfície são características excludentes, que apontam para categorias funcionais diferentes: enquanto os primeiros correspondem às panelas levadas ao fogo, os segundos correspondem

às vasilhas que não vão. No cruzamento deste dado com as marcas de uso poderemos levantar outras hipóteses sobre esta relação.

Podem ser considerados acabamentos de superfície a aplicação de resinas ao redor das peças (Rye, 1981; Rice, 1987; Shepard, 1985; Silva, 2000a). Nas coleções analisadas não foi identificada resina em nenhum fragmento. Assim, consideramos que, para nossa análise, a pintura ou o banho são os últimos passos produtivos de uma vasilha, a partir do que está pronta para o uso.

Em 33% da coleção pudemos identificar marcas de uso. Destas, 5% correspondem a estrias isoladas, 2% a estrias agrupadas, 28% a fuligem, 34% a depósitos de carbono, 3% a fermentação, 1% a craquelê, e 27% a oxidação. Há algumas correspondências entre marcas de uso internas e externas, principalmente no que se refere ao uso sobre o fogo, conforme a tabela 1.

**Tabela 1. Relação entre marcas de uso externas e internas**

EXTERNAS	INTERNAS	
Fuligem	Estrias Isoladas	14
	Estrias Agrupadas	4
	Fuligem	2
	Carbonização	51
	Fermentação	1
	Craquelê	3
	Sem Associação	<b>97</b>
Oxidação	Estrias Isoladas	11
	Estrias Agrupadas	6
	Carbonização	<b>146</b>
	Fermentação	1
	Craquelê	1
	Sem Associação	18
Buracos	Carbonização	4
	Sem Associação	2

Observamos que há quase uma implicação entre marcas externas de oxidação e marcas internas de carbonização. Em relação à fuligem, percebemos que, embora indique uso ao fogo, nem sempre ela está associada a marcas internas. Isto se deve ao fato de que a fuligem se deposita sobre as partes superiores da vasilha, onde o calor é menos intenso e há menos

contato do alimento com as paredes, de forma que a probabilidade de que um acidente de uso deixe marcas é muito menor.

Entre as vasilhas inteiras desta coleção, o *yapepó* T-581 apresenta estas mesmas correlações: externamente oxidação na base e porção inferior do corpo e fuligem na porção superior, acima do ombro. Internamente, as marcas de carbonização concentram-se na base, estando relacionadas à oxidação. No *yapepó* T-582 não foram identificadas marcas de uso internas, apesar da oxidação e fuligem externas, e no *yapepó* T-484 não foi possível observar correlações, dado que este se encontra desmontado e faltam partes importantes para ser possível restaurá-lo.

No tocante às marcas de fermentação, vemos na tabela 2 que estão associadas a poucos fenômenos externos. Como um processo que se realiza sem a necessidade de uso ao fogo, a fermentação tende a marcar apenas a parte interna da vasilha.

**Tabela 2. RS-LN-35 Relação entre fermentação interna e marcas de uso externas**

MARCAS INTERNAS	MARCAS EXTERNAS	
Fermentação	Fermentação	1
	Fuligem	1
	Oxidação	1
	Sem Associação	14

Marcas de desgaste como os buracos e pedestais de tempero, resultantes do armazenamento e deslocamento das vasilhas, foram pouco observadas na coleção de fragmentos. Estas marcas costumam corresponder ao inferior e bases das vasilhas, e na coleção temos apenas 47 fragmentos destas partes. Nestes é bastante difícil distinguir se os desgastes são oriundos do uso ou de processos tafonômicos. Embora a coleção de fragmentos do Litoral Norte esteja muito bem preservada, sendo apenas 38% dos fragmentos atingidos por algum tipo de alteração tafonômica, a erosão (hídrica, eólica ou salina) foi a mais incidente (34% da amostra) e é justamente este tipo de alteração que mascara as marcas físicas de uso.

O contrário pode ser dito quando tratamos de vasilhas inteiras associadas a esta coleção. Nestas é bastante fácil perceber exposição ou extração de antiplástico causada por desgaste resultante do uso, como é o caso dos três *tembirú* inteiros que compõe a amostra (T-120, T-121 e T-122), cujas únicas marcas são justamente este tipo de desgaste nas bases. Um

destes (T-121) apresenta ainda um interessante desgaste anelar em torno de sua borda, indicando a possibilidade de ter tido uma amarração no local.

#### 4.3 Tecnologia cerâmica: sítio RS-VZ-59

Introduzindo a questão das pastas, para o sítio RS-VZ-59 foram identificados os antiplásticos areia, hematita, material orgânico, chamote e ossos moídos. A correlação entre o tipo, o tamanho e a concentração dos antiplásticos gerou 131 tipos de pastas cerâmicas<sup>29</sup> sendo utilizadas na confecção de vasilhas. Da mesma forma que para o Litoral Norte, entre estes tipos destacamos 19 fragmentos que apresentaram uma pasta extremamente “limpa”, sem a presença de quase nenhum antiplástico do que areia ou hematita fina e pouco concentrada.

Em relação à manufatura das vasilhas, 100% da coleção teve o roletado como técnica de confecção. Quanto aos tratamentos de superfície externos, identificamos o corrugado (36% da amostra), o ungulado (2%), o corrugado-ungulado (4%), o corrugado espatulado (2%), o alisado (54%), e apenas um fragmento escovado. Identificamos também três fragmentos que denominamos híbridos, pois apresentam dois tratamentos de superfície combinados, como o corrugado junto ao alisado, corrugado junto ao ungulado, e ungulado junto ao alisado. Esta combinação de tratamentos de superfície também foi identificada em um *yapepó* da coleção de vasilhas inteiras do sítio (T-153). Salientamos que, devido a um intenso processo tafonômico, 2% dos fragmentos não apresenta a face externa. Internamente, 100% da amostra possui o alisamento como tratamento superficial, e um fragmento não possui a face interna devido ao mesmo tipo de tafonomia.

Quanto às categorias funcionais identificadas na coleção, entre as vasilhas inteiras do sítio RS-VZ-59 temos dois *yapepó*, três *ñaetá*, dois *cambuchí* e um *cambuchí caguaba*. Entre os fragmentos pudemos identificar a categoria funcional em 99 das 117 bordas. Destas, 28 são fragmentos de *yapepó*, 18 são fragmentos de *ñaetá*, 3 são fragmentos de *ñamopyu*, um

---

<sup>29</sup> Novamente remeto o leitor ao anexo II, onde constam as tabelas referentes a este dado.

fragmento de *cambuchí*, 37 são fragmentos de *tembirú* e 12 são fragmentos de *caguaba*. Aqui os dados também complementam o repertório funcional do sítio, nos auxiliando na análise.

O mesmo critério de seleção para a coleção do sítio anterior foi aplicado na escolha dos fragmentos para a reconstrução das formas, sendo selecionados os fragmentos mais altos de cada categoria funcional (ver no anexo IV amostra do conjunto selecionado para ilustrar esta discussão).

No tocante ao indicador queima, da mesma forma que para o Litoral Norte, pudemos perceber através da análise de peças remontadas variação da queima em relação às partes constituintes. Na análise de fragmentos, 64% da coleção possui queima oxidada, em oposição a 36% de queimas redutoras. Há, portanto, uma variação quanto a este indicador nos dois contextos analisados. A correlação deste dado com as informações sobre o uso nos auxiliará a tecer hipóteses sobre esta questão.

Quanto aos acabamentos de superfície, 17% da coleção de fragmentos teve a superfície trabalhada externa e/ou internamente, seja por banhos ou pinturas. Pudemos realizar decalque de apenas dois fragmentos que constam no anexo III deste trabalho. Observamos que os acabamentos foram realizados com uma tinta muito espessa ou em camadas muito grossas, de forma que as pinturas muito facilmente descamam, não se obtendo bons resultados nos decalques realizados. Apenas pudemos perceber as faixas marcando o lábio e pontos de inflexão, mas nada sobre os padrões aplicados.

Entre as vasilhas inteiras do sítio, um *cambuchí* (T-164) e um *cambuchí caguaba* (T-155) apresentam pinturas externas, e em ambos os casos não foi possível realizar decalques devido ao estado de conservação dos mesmos.

Ainda quanto aos acabamentos de superfície, da mesma forma que o identificado para a coleção do Litoral Norte, 11 fragmentos (18% da amostra pintada) apresentaram a correlação entre tratamento de superfície plástico e banho vermelho interno.

No que se refere à função desempenhada pelas vasilhas, em 40% da coleção pudemos identificar marcas de uso. Destas, 4% correspondem a estrias isoladas, 3% a estrias agrupadas, 29% a fuligem, 35% a depósitos de carbono, 5% a fermentação, 3% a craquelê e 21% a oxidação. A correlação entre as marcas internas e externas indicou os mesmos resultados obtidos na análise do Litoral Norte: correspondência entre marcas de uso ao fogo internas e externas, marcas de fermentação sem associações a fenômenos externos, e poucas marcas de desgaste, conforme a tabela 3.

**Tabela 3. RS-VZ-59: Relação entre marcas de uso externas e internas**

EXTERNAS	INTERNAS	
Fuligem	Estrias Isoladas	11
	Estrias Agrupadas	5
	Fuligem	4
	Carbonização	<b>61</b>
	Fermentação	2
	Craquelê	1
	Sem Associação	<b>57</b>
Carbonização	Carbonização	1
Oxidação	Estrias Isoladas	5
	Estrias Agrupadas	1
	Carbonização	<b>89</b>
	Craquelê	10
	Sem Associação	3
Buracos	Estrias Agrupadas	1
	Carbonização	1

Entre as vasilhas inteiras desta coleção existem exemplares das duas categorias funcionais usadas ao fogo: dois *yapepó* e três *ñaetá*. Entre os *yapepó*, um (T-140) encontra-se desmontado e outro (T-153) não apresenta marcas de uso internas. Já entre os *ñaetá* (T-141, T-154 e T-165), observa-se a correlação entre marcas externas de oxidação e internas de carbonização. Há apenas um *cambuchí* (T-152) e este apresenta internamente descamações por fermentação, sem associação a outras marcas. No único *cambuchí caguaba* (T-155), observamos desgaste na base externa, resultado da manipulação da vasilha.

Quanto aos processos tafonômicos, apenas 19% da coleção sofreu algum tipo de alteração. Destes, 9% apresenta erosão hídrica ou eólica (não foi evidenciada erosão salina), 6% fratura térmica (que produziu a perda da superfície externa em 2% dos fragmentos) e 4% da amostra está alterada pela coivara.

#### **4.4. Produção, uso, forma e função: análise comparativa dos sítios RS-LN-35 e RS-VZ-59**

Uma vez familiarizados com os dados tecnológicos expostos nos tópicos anteriores, realizaremos os cruzamentos entre os critérios de análise. Estes cruzamentos mostrarão de que maneira as etapas de produção e uso se interconectam em uma tecnologia. Enfatizamos as questões da composição das pastas e das marcas de uso em relação às formas e funções identificadas para a cerâmica Guarani, com o objetivo de perceber se há especificidades tecnológicas próprias a cada categoria, sugerindo que estas especificidades correspondem a determinados apelos cosmológicos.

A preparação da pasta cerâmica se mostrou um critério fundamental para o enfoque que propomos. Nossa hipótese quanto às composições de pasta é que a escolha dos materiais para a confecção de uma vasilha está orientada por critérios cosmológicos sobre as capacidades que cada elemento traz para a composição de um artefato, tornando-o capaz de fazer circular entre os membros humanos do coletivo agências próprias aos não-humanos – argilas e antiplásticos. A adição de chamote e ossos moídos à pasta, por exemplo, é um dado forte para a argumentação desta hipótese, pois nas cosmologias Tupi os ossos são dotados da capacidade xamânica de refazer a vida (Viveiros, 2002b; Fausto, 2001). E, como discutimos nos capítulos anteriores, outros tipos de antiplásticos vegetais e minerais, assim como a escolha de determinados barreiros, podem apontar esta mesma lógica de incorporação de agências.

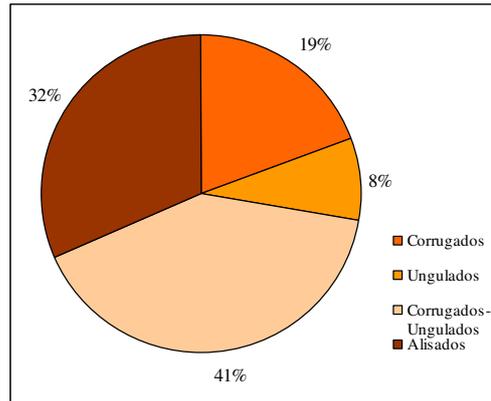
Para testar esta hipótese, optamos por pela realização de alguns testes. Aplicamos as conclusões de Bronistky (1986) e Bronitsky e Hamer (1986) quanto às propriedades físicas dos materiais no desempenho das vasilhas, uma vez que estas já se mostraram eficazes para o estudo funcional da cerâmica Guarani (Neumann e Dias, 2005; Neumann, 2006; Neumann, 2007), mas buscamos também outros critérios que poderiam estar definindo as formas de associação entre os Guarani e sua cerâmica. Um exemplo é a cor das pastas, critério sugerido pela etnografia de Garlet e Soares (1998). Exploramos ainda as pastas com material orgânico, cerâmica moída, ossos, e as sem antiplástico, a fim de perceber se estas se ligam a alguma função determinada.

Quanto aos testes com as propriedades físicas dos materiais, para o sítio RS-LN-35 dividimos os 35 tipos de composições de pasta iniciais pela presença de antiplástico fino, grosso, e matéria orgânica. Assim, temos que 66% da coleção se caracteriza por pastas finas

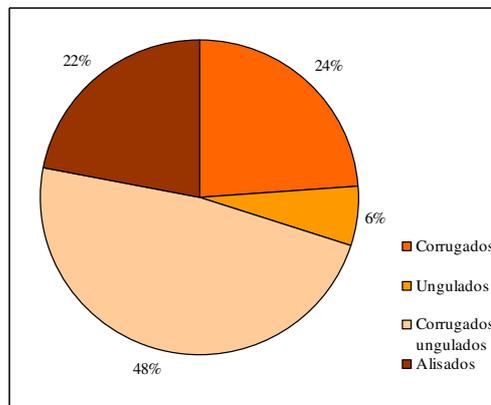
(areia ou hematita com granulometria fina), 26% pastas grossas (areia ou hematita com granulometria média e grossa) e 8% pastas com matéria orgânica.

Tanto nas pastas finas quanto nas grossas observamos uma maior incidência de tratamentos plásticos, conforme os gráficos 1 e 2 que seguem abaixo:

**Gráfico 1. RS-LN-35 - Relação entre pasta fina e tratamento de superfície.**



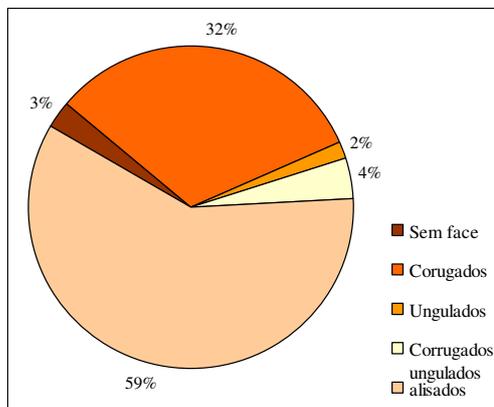
**Gráfico 2. RS-LN-35 - Relação entre pasta grossa e tratamento de superfície.**



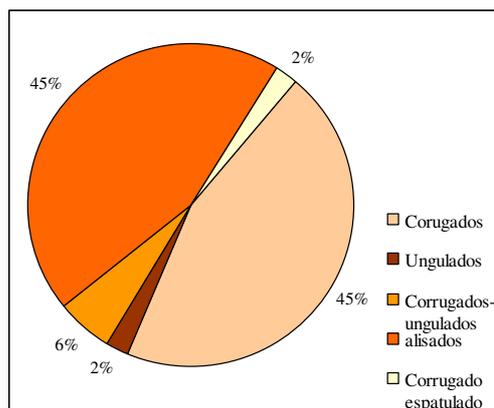
Para o sítio RS-VZ-59 também dividimos as 131 composições de pastas pela presença de antiplástico fino, grosso, e matéria orgânica. Assim, temos que 39% da coleção se caracteriza por pastas finas (areia ou hematita com granulometria fina), 43% pastas grossas (areia ou hematita com granulometria média e grossa) e 18% pastas com matéria orgânica. Ao contrário do que havíamos observado para o Litoral Norte, a coleção do Vale do Rio da Várzea apresenta uma porcentagem maior de tratamento de superfície alisado em pastas finas. Já as pastas grossas estão mais associadas aos tratamentos plásticos, com grande ênfase para

os corrugados. Ainda assim há uma porcentagem significativa do alisado também nestas pastas, conforme os gráficos 3 e 4.

**Gráfico 3 RS-VZ-59: Relação entre pasta fina e tratamento de superfície**



**Gráfico 4 RS-VZ-59: Relação entre pasta grossa e tratamento de superfície**



Pastas finas caracterizam-se, segundo Bronitsky (1986) e Bronitsky e Hamer (1986), por propiciar à vasilha maior resistência a choques físicos e térmicos, enquanto pastas grossas potencializam a condução de calor. Ambas as pastas prestam-se, assim, para a produção de vasilhas destinadas para o uso ao fogo. É exatamente o que se observa no caso do Litoral Norte. A correlação das pastas, tratamentos de superfície externo e marcas de uso apontam para um uso ao fogo proporcional entre as pastas, ou seja, tanto em corrugados quanto em ungulados e corrugados-ungulados evidenciam-se ocorrências equivalentes de uso ao fogo em ambas as pastas (conforme as tabelas 4 e 5).

**Tabela 4. Sítio RS-LN-35 - Relação entre tratamento de superfície externo e marcas de uso em fragmentos de pastas finas.**

PASTA	TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO		MARCAS DE USO	
FINA	Corrugados	153	Carbonização	<b>56</b>
			Oxidação	<b>40</b>
			Fuligem	<b>24</b>
			Estrias Isoladas	3
	Ungulados	65	Estrias Isoladas	7
			Estrias Agrupadas	4
			Fuligem	<b>49</b>
			Carbonização	<b>49</b>
	Corrugados-ungulados	319	Oxidação	<b>39</b>
			Estrias Isoladas	3
			Estrias Agrupadas	1
			Fuligem	<b>23</b>
	Alisados	250	Carbonização	<b>28</b>
			Oxidação	<b>17</b>
			Estrias Isoladas	1
			Estrias Agrupadas	1
			Fuligem	<b>12</b>
			Carbonização	9
		Oxidação	8	
		Fermentação	<b>11</b>	

**Tabela 5. RS-LN-35 - Relação entre tratamento de superfície externo e marcas de uso em fragmentos de pastas grossas.**

PASTA	TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO		MARCAS DE USO	
GROSSA	Corrugados	74	Estrias Isoladas	5
			Estrias Agrupadas	3
			Fuligem	<b>11</b>
			Carbonização	<b>23</b>
			Oxidação	<b>24</b>
			Fermentação	1
			Craquelê	1
	Ungulados	19	Estrias Isoladas	
			Estrias Agrupadas	1
			Fuligem	6
		Carbonização	4	
		Oxidação	3	

	Corrugados-ungulados	148	Estrias Isoladas	7
			Estrias Agrupadas	2
			Fuligem	<b>29</b>
			Carbonização	<b>41</b>
			Oxidação	<b>35</b>
			Fermentação	2
			Craquelê	3
	Alisados	68	Estrias Isoladas	4
			Fuligem	4
			Carbonização	1
			Oxidação	1
			Fermentação	1
			Craquelê	1

Na cerâmica Guarani, duas categorias funcionais vão ao fogo e poderiam estar sendo representadas por estas diferentes pastas: *yapepó* e *ñaetá*. Na análise das bordas do sítio RS-LN-35, a correlação entre categoria funcional e tipos de antiplástico indica que tanto *yapepó* quanto *ñaetá* aparecem representados pelos dois tipos de pastas, finas ou grossas.

**Tabela 6. RS-LN-35: Relação entre categoria funcional e tipo de pasta**

CATEGORIA FUNCIONAL	PASTA	
<i>Yapepó</i>	Fina	44
	Grossa	16
<i>Ñaetá</i>	Fina	25
	Grossa	7

Este dado aponta negativamente para uma especialização de tipos de pastas em relação às categorias funcionais, mas isto não elimina a possibilidade de haver especializações intra-categorias, como dois ou mais tipos de *yapepó* ou *ñaetá*. No primeiro caso, análises formais e funcionais já apontaram duas categorias de *yapepó* (Fidriszewsky, 2007). Entre as vasilhas inteiras da coleção do sítio RS-LN-35, temos apenas três *yapepó* e nenhum *ñaetá*, de forma que, no próximo capítulo, o estudo das vasilhas inteiras permitirá aprofundar a interpretação dos dados provenientes das duas coleções analisadas.

Na correlação entre tipo de pasta, tratamento de superfície e marcas de uso, na coleção do Litoral Norte a diferença se encontra entre os fragmentos alisados, que apresentam menor

incidência de uso ao fogo em qualquer pasta, mas concentram as fermentações em pastas finas (tabela 4). A fermentação é um processo bastante agressivo, implicando na necessidade de paredes resistentes, como as resultantes destas pastas. Este dado é condizente com os resultados obtidos na análise de coleções provenientes do Vale do Rio Caí, em que as fermentações também se concentraram em fragmentos de pastas finas (Neumann e Dias, 2005).

Foram identificadas poucas marcas de uso em fragmentos cuja composição de pasta apresenta material orgânico, em qualquer tratamento de superfície. Segundo Bronitsky (1986) e Bronitsky e Hamer (1986) o antiplástico orgânico deixa as paredes da vasilha mais porosas. Compõe o tipo de pasta ideal para armazenar líquidos, pois estes podem penetrar através dos poros e evaporar no exterior da vasilha, deixando o conteúdo fresco no interior. Este tipo de atividade, o armazenamento, não deixa marcas na vasilha, o que corresponde ao observado na coleção do Litoral Norte, conforme tabela 7.

**Tabela 7. RS-LN-35 Relação entre tratamento de superfície externo e marcas de uso em fragmentos de composições de pasta com material orgânico.**

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE		MARCAS DE USO	
Corrugados	8	Estrias Isoladas	1
		Fuligem	1
		Carbonização	5
		Oxidação	3
		Craquelê	1
Corrugados-ungulados	14	Fuligem	2
		Carbonização	1
		Oxidação	1
Alisados	67	Fuligem	1
		Fermentação	1
		Craquelê	1
Escovados	1	Fuligem	1

Ainda quanto às pastas com material orgânico, observamos que 59 dos 67 fragmentos alisados possuem algum tipo de acabamento de superfície interno ou externo ou ambos. Destes foi possível determinar a categoria funcional de 10 fragmentos de borda: cinco *tembirú* e cinco *cambuchí caguaba*. Podemos, assim, sugerir uma relação entre antiplásticos orgânicos e o ato de servir e armazenar, mais do que preparar alimentos.

Na coleção deste sítio há três *tembirú* inteiros (T-120, T-121 e T-122). Em um deles (T-120) não foi possível identificar a composição de pasta, pois não possui quebra suficiente para a análise. Os dois restantes (T-121 e T-122) apresentam pastas finas com antiplástico orgânico agregado, reforçando a hipótese de associação de antiplásticos orgânicos aos atos de servir e armazenar.

Os dados do Litoral Norte apontam para uma especificidade em termos de composição de pastas associadas a determinadas categorias funcionais. Assim, correspondendo ao modelo de Bronitsky (1986) e Bronitsky e Hamer (1986), vasilhas usadas ao fogo são produzidas com pastas mais resistentes aos choques físicos e térmicos, enquanto vasilhas para servir e armazenar alimentos possuem composições de pasta que, embora resistentes, possuem paredes mais porosas que influem na qualidade e frescor do conteúdo. Além disto, a questão da relação entre funcionalidade e tratamentos de superfície foi condizente com as características apontadas por Brochado e La Salvia (1989), Brochado, Monticelli e Neumann (1990) e Brochado e Monticelli (1994), ou seja, tratamentos plásticos vinculados ao uso sobre o fogo, e alisamento e acabamentos pintados vinculados aos atos de servir e armazenar.

No entanto, o padrão observado para a coleção do sítio RS-VZ-59 mostra-se distinto em alguns aspectos. Da mesma forma que o observado para o Litoral Norte, tanto pastas finas quanto pastas grossas estão sendo usadas ao fogo, mas não foi possível relacionar tal uso com o tratamento de superfície, conforme o demonstrado nas tabelas 8 e 9.

**Tabela 8. RS-VZ-59 - Relação entre tratamento de superfície externo e marcas de uso em fragmentos de pastas finas.**

PASTA	TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO		MARCAS DE USO	
FINAS	Corrugados	80	Oxidação	8
			Carbonização	27
			Fuligem	21
			Estrias Isoladas	4
			Estrias Agrupadas	2
	Ungulados	4	Oxidação	1
			Carbonização	1
	Corrugados-Ungulados	10	Oxidação	1
			Carbonização	2
			Fuligem	3
	Alisados	147	Oxidação	26
			Carbonização	43

			Fuligem	<b>17</b>
			Estrias Agrupadas	2
			Fermentação	2
			Craquelê	2
	Corrugado-Espatulado	5	Oxidação	1
			Carbonização	2
			Fuligem	2
			Estrias Isoladas	1

**Tabela 9. RS-VZ-59 Relação entre tratamento de superfície externo e marcas de uso em fragmentos de pastas grossas.**

PASTA	TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO		MARCAS DE USO	
GROSSAS	Corrugados	123	Oxidação	<b>29</b>
			Carbonização	<b>39</b>
			Fuligem	<b>47</b>
			Estrias Isoladas	6
			Estrias Agrupadas	4
			Craquelê	<b>8</b>
	Ungulados	6	Oxidação	2
			Carbonização	4
			Fuligem	1
			Estrias Agrupadas	1
	Corrugados-Ungulados	15	Oxidação	5
			Carbonização	6
			Fuligem	6
			Estrias Agrupadas	1
	Alisados	122	Oxidação	<b>11</b>
			Carbonização	<b>21</b>
			Fuligem	<b>9</b>
			Estrias Isoladas	1
			Estrias Agrupadas	2
			Fermentação	7
			Craquelê	1
	Corrugado-Espatulado	6	Oxidação	1
			Carbonização	1
Fuligem			1	
Estrias Isoladas			1	
Híbrido	2	Fermentação	1	

Vemos que, à diferença do padrão observado no Litoral Norte, tanto tratamentos plásticos quanto o alisamento são aplicados a vasilhas que tem uso ao fogo – o que se evidencia pelo grande número de fragmentos alisados que apresentam carbonização, oxidação e fuligem.

Observando, a partir dos fragmentos de borda da coleção do Vale do Rio da Várzea, as categorias funcionais que vão ao fogo, vemos que as 28 bordas de *yapepó* apresentam tratamentos de superfície plásticos, principalmente o corrugado. Entre os *ñaetá*, das 18 bordas, 15 apresentam tratamentos plásticos e três são alisadas. As bordas são importantes para investigarmos esta relação, mas não podemos esquecer que uma das características desta coleção é a presença de peças que possuem mais de um tratamento superficial externo, sendo geralmente plástico na borda e alisado no corpo.

Ou seja, mesmo que tenhamos apenas bordas de *yapepó* com superfície plástica, não significa imediatamente que os fragmentos de corpo destas vasilhas também tivessem a mesma característica. E, no caso de a vasilha original combinar dois tratamentos – tal como o *yapepó* T-153, unglado na borda e alisado no corpo – abre-se a possibilidade para que a quantidade de fragmentos alisados usado ao fogo seja equivalente ou mesmo superior aos plásticos, pois a quebra de uma vasilha resulta em muitos mais fragmentos de corpo do que de borda.

Quanto aos *ñaetá*, as escolhas de tratamento são mais variadas. Entre as bordas temos corrugados, unglados e corrugados-espatulados. Entre as vasilhas inteiras, podemos observar que o *ñaetá* T-141 possui superfície escovada, o *ñaetá* é T-154 corrugado e T-165 é alisado.

Neste contexto, fica muito mais complexo tentar relacionar as pastas às categorias funcionais da cerâmica Guarani. O que observamos aqui não condiz com o critério *a priori* da análise funcional sugerido por Brochado e colaboradores, de que tratamentos plásticos estariam ligados à função de cozinhar (*yapepó* e *ñaetá*), enquanto os alisados seriam ligados a outras funções. Se na coleção do sítio RS-LN-35 a correspondência entre tratamentos plásticos e uso ao fogo ficou evidente, no conjunto do sítio RS-VZ-59 a opção pelo alisado é muito mais distribuída entre as diferentes categorias, e desta forma testar a especialização de tipos de pastas por categoria funcional a partir de fragmentos se torna uma tarefa muito mais complexa. Apesar desta dificuldade, podemos afirmar que tal qual a coleção do Litoral Norte, tanto pastas finas quanto grossas foram usadas para a produção de vasilhas usadas ao fogo.

Sobre as marcas de fermentação, chama a atenção o fato de terem sido mais frequentes em pastas grossas. Não é exatamente um dado oposto ao modelo de Bronitsky (1986) e Bronitsky e Hamer (1986), mas vasilhas com este tipo de pasta usadas para fermentação tendem a danificar-se muito mais facilmente. Observamos que o tipo e intensidade de fermentação dependem sobremaneira da qualidade do alisamento interno. Quando este é muito bem feito, a superfície fica menos susceptível à penetração dos líquidos a serem fermentados, e com isto a descamação é menor.

No entanto, um alisamento com este grau de excelência é bastante difícil de se obter quando se trata de pastas grossas, pois os grãos maiores tendem a ficar salientes (Rye, 1981). Isto permite que o líquido penetre a superfície e a fermentação seja muito mais agressiva, deixando a vasilha mais frágil e sujeita a danos. Na análise das vasilhas inteiras das coleções, entre as quais temos *cambuchí* com pastas finas e grossas, este aspecto fica mais evidente.

Resta-nos ainda explorar a relação entre as pastas com material orgânico, tratamentos de superfície e marcas de uso. Foram identificadas poucas marcas de uso em fragmentos cuja composição de pasta apresenta material orgânico, em qualquer tratamento de superfície, conforme a tabela 10.

**Tabela 10. RS-VZ-59 - Relação entre tratamento de superfície externo e marcas de uso em fragmentos de composições de pasta com material orgânico.**

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE		MARCAS DE USO	
Corrugados	30	Fuligem	<b>9</b>
		Carbonização	<b>6</b>
		Oxidação	2
		Craquelê	1
		Fermentação	<b>4</b>
		Estrias Agrupadas	1
Ungulado	2	Estrias Agrupadas	1
		Fuligem	1
		Carbonização	1
Alisado	84	Estrias Isoladas	1
		Fuligem	<b>6</b>
		Carbonização	<b>5</b>
		Fermentação	<b>8</b>
		Oxidação	2
Híbrido	1	Fermentação	1

Como dissemos, pastas orgânicas resultam em paredes porosas, adequadas para vasilhas de armazenamento de líquidos. Apesar de se observarem poucas marcas, dois dados chamam a atenção na tabela acima: a quantidade de fermentações, independente do tratamento de superfície, e a quantidade de fragmentos em que foram identificadas carbonização e fuligem. Segundo o modelo de Bronitsky (1986) e Bronitsky e Hamer (1986), esta não seria a pasta mais adequada para estes tipos de uso, pois a porosidade que mencionamos diminui a durabilidade – no caso da fermentação – e a eficiência da vasilha – no caso do uso ao fogo.

Isto indica que as escolhas de argilas e antiplásticos no Vale do Rio da Várzea seguem outros critérios que não os de durabilidade e eficiência. Este dado aponta, portanto, para a necessidade de considerarmos outras lógicas para a seleção dos materiais para a produção de artefatos entre os Guarani que habitaram esta região no período pré-colonial.

Mas podemos dizer que o modelo de resistência dos materiais tenha servido à explicação de um contexto e não de outro? Talvez seja cedo para obtermos esta resposta. Como o dito anteriormente, acreditamos que ainda seja possível explorar as composições de pastas por novos critérios e encontrar outras lógicas para a escolha dos materiais. Por exemplo, Garlet e Soares (1998) apontam o conhecimento Guarani das diferentes argilas para a produção de cachimbos conforme a cor e a fonte da argila. Seguindo esta indicação, buscaremos neste critério, a cor, um elemento de diferenciação entre as categorias funcionais também para as vasilhas arqueológicas.

Vários autores já mencionaram a relação entre a cor da vasilha e a composição da pasta, incluindo a queima e uso como fatores atuantes no resultado final (Rice, 1987; Rye, 1981; Shepard, 1985). O que percebemos é que, apesar da variedade de cores advindas destas influências, é possível reunir as diferentes composições de pasta pela cor a partir da concentração de hematita. Partindo da observação de vasilhas inteiras é fácil perceber cores que resultam da pasta ou das interferências. Assim, excluindo as pastas compostas com material orgânico (que influencia na cor em outros sentidos), pastas com altas concentrações de hematita possuem tons vermelhos, concentrações médias tendem a tons laranjas e baixas concentrações originam tons amarelos.

Ampliamos esta observação para a análise dos fragmentos e, correlacionando-a com os tratamentos de superfície externos, chegamos aos seguintes resultados para o Litoral Norte:

**Tabela 11. RS-LN-35 - Relação entre cor da pasta e tratamento de superfície externo.**

<b>PASTAS</b>	<b>TRATAMENTO EXTERNO</b>	
Sem Hematita	Corrugados	<b>81</b>
	Ungulados	<b>31</b>
	Corrugados-ungulados	<b>128</b>
	Alisados	<b>134</b>
Vermelhas	Corrugados	4
	Corrugados-ungulados	4
	Alisados	4
Laranjas	Corrugados	31
	Ungulados	11
	Corrugados-ungulados	<b>56</b>
	Alisados	30
Amarelas	Corrugados	<b>112</b>
	Ungulados	<b>42</b>
	Corrugados-ungulados	<b>275</b>
	Alisados	<b>150</b>

Observa-se uma forte tendência ao uso de pastas sem hematita ou com concentrações baixas, com tons amarelos, em todos os tipos de tratamentos de superfície. Correlacionando também o critério cor com as categorias funcionais, a partir de fragmentos de bordas representados na tabela 12.

**Tabela 12. RS-LN-35 - Relação entre categoria funcional e cor da pasta.**

<b>CATEGORIA FUNCIONAL</b>	<b>COR DA PASTA</b>	
<i>Yapepó</i>	Sem Hematita	14
	Amarelas	41
	Laranjas	3
	Vermelhas	0
<i>Ñaetá</i>	Sem Hematita	13
	Amarelas	15
	Laranjas	2
	Vermelhas	0
<i>Tembirú</i>	Sem Hematita	13
	Amarelas	25
	Laranjas	8
	Vermelhas	0
<i>Caguaba</i>	Sem Hematita	4

	Amarelas	8
	Laranjas	1
	Vermelhas	0

Ambas as tabelas apontam para um uso mais freqüente de pastas amarelas ou sem hematita, sem especialização do tipo de vasilha a ser produzida. No entanto, a baixa incidência de fragmentos produzidos a partir de pastas vermelhas no sítio RS-LN-35 não precisa ser considerada como suficiente para afastar a hipótese de que a cor possa influir na escolha dos materiais. No próximo capítulo, seguiremos investigando este aspecto na coleção de vasilhas inteiras, onde as subcategorias funcionais ficarão mais evidentes agregando novos dados.

No caso do sítio RS-VZ-59, observamos que a grande variedade de pastas identificadas (131 tipos) distribui-se bem em relação ao critério cor. À diferença da coleção do Litoral Norte, temos uma significativa concentração de pastas vermelhas e laranjas, sem que isto signifique a ausência de pastas amarelas. Também observamos um uso reduzido de pastas sem hematita. Correlacionando esta observação com os tratamentos de superfície externos, chegamos aos seguintes resultados:

**Tabela 13. RS-VZ-59 - Relação entre cor da pasta e tratamento de superfície externo**

<b>PASTAS</b>	<b>TRATAMENTO EXTERNO</b>	
Sem Hematita	Corrugados	11
	Ungulados	1
	Corrugados-Ungulados	1
	Alisados	23
Vermelhas	Corrugados	<b>49</b>
	Ungulados	3
	Corrugados-Ungulados	4
	Alisados	<b>53</b>
	Escovados	1
	Híbrido	1
Laranjas	Corrugados	<b>77</b>
	Ungulados	4
	Corrugados-Ungulados	16
	Alisados	<b>102</b>
	Corrugado Espatulado	8
Amarelas	Corrugados	<b>64</b>

	Ungulados	2
	Corrugados-Ungulados	4
	Alisados	<b>85</b>
	Corrugado Espatulado	4
	Híbrido	1

Identificada esta variabilidade, correlacionamos o critério cor às categorias funcionais, a partir de fragmentos de bordas, a fim de perceber se determinadas cores se ligam a uma funcionalidade específica, presentes na tabela 14.

**Tabela 14. RS-VZ-59 - Relação entre categoria funcional e cor da pasta.**

<b>CATEGORIA FUNCIONAL</b>	<b>COR DA PASTA</b>	
<i>Yapepó</i>	Sem Hematita	1
	Amarelas	8
	Laranjas	4
	Vermelhas	11
<i>Ñaetá</i>	Sem Hematita	0
	Amarelas	3
	Laranjas	6
	Vermelhas	7
<i>Ñamypiu</i>	Sem Hematita	0
	Amarelas	0
	Laranjas	3
	Vermelhas	0
<i>Tembirú</i>	Sem Hematita	1
	Amarelas	10
	Laranjas	9
	Vermelhas	7
<i>Caguaba</i>	Sem Hematita	1
	Amarelas	1
	Laranjas	1
	Vermelhas	2

A distribuição das cores entre a coleção transparece aqui também. Ressalta-se entre os *yapepó* a ocorrência significativa tanto de pastas amarelas quanto vermelhas, e entre os *ñaetá* a opção maior por tons mais escuros, não havendo fragmento desta categoria sem hematita em sua composição.

Como vimos, as duas coleções apresentam diferenças segundo o critério cor: amarelas para o Litoral Norte, amarelas e vermelhas para a Várzea. Não devemos esquecer que estas diferenças podem ser atribuídas à formação geológica dos barreiros, hipótese cuja confirmação depende de análises arqueométricas. No entanto, apenas determinar diferenças ambientais e tomá-las como a causa da variabilidade não bastaria. O que precisa ser considerado, pensando a partir dos termos da Ecologia Política (Latour, 2004), é que novos ambientes se colocam como novas proposições ao coletivo, e sua aceitação ou negação depende de um debate no qual se julga a validade de se remodelar os contornos do social. Assim, se um fazer cerâmico em que certas cores fossem determinantes encontrasse um ambiente limitado neste aspecto, poderia considerar as alternativas que se apresentam e reformar – ou não – os parâmetros estabelecidos. Em caso de aceitação das novas proposições, gerar-se-iam padrões de variabilidade artefactual refletindo as novas associações. O que vemos nesta análise é justamente uma variabilidade imersa num jeito tradicional de produzir cerâmica, apontando diferentes jeitos de ser Guarani nos contextos abordados.

Por fim, resta nos preocupamos em investigar o uso de chamote e ossos moídos na composição da pasta e o uso de pastas sem antiplásticos. Na coleção do Litoral Norte foram identificados apenas sete fragmentos que continham chamote. Todos eles possuem tratamentos plásticos, sendo três corrugados, um ungulado e três corrugados-ungulados, e em todos foram identificadas marcas de uso ao fogo. Assim, inicialmente podemos sugerir uma relação entre este tipo de antiplástico e o uso ao fogo no Litoral Norte.

Por outro lado, 14 fragmentos apresentaram pastas sem antiplásticos. Destes, cinco possuem tratamentos plásticos e nove são alisados, sendo que nenhum possui marcas de uso. Embora a partir destes critérios não seja possível associarmos este tipo de pasta a uma categoria funcional determinada, podemos sugerir que estas vasilhas tenham sido usadas no armazenamento de alimentos ou água, atividade que não deixam marcas.

No caso do Rio da Várzea, foram identificados apenas três fragmentos que continham chamote e dois que continham ossos. Entre os primeiros, dois fragmentos possuem tratamentos plásticos associados a marcas de uso ao fogo e um fragmento é alisado e não possui marcas de uso. Entre os segundos, ambos não possuem marcas de uso, sendo um fragmento uma borda de *tembirú* alisado e um fragmento corrugado. Dos 18 fragmentos que apresentaram pastas sem antiplásticos, sete possuem tratamento plásticos e 15 são alisados. Dos primeiros, três possuem marcas de uso, e dos segundos, apenas um. Não é possível, aqui

também, relacionar estes antiplásticos a categorias funcionais e usos determinados, pois os tratamentos de superfície e as marcas de uso não seguem nenhum padrão.

Garlet e Soares (1998) indicam que, da mesma forma que a adição de ossos moídos confere propriedades rituais aos cachimbos, na escolha da argila, além da cor, as diferentes fontes também são importantes, conforme o tipo de artefato a ser produzido. Investigamos o uso de chamote e ossos e as pastas sem antiplástico esperando encontrá-las associadas a algum determinado tipo de vasilha, o que para esta correlação não foi possível. Retomo que muito ainda pode ser aprofundado a partir de estudos arqueométricos, dando continuidade a pesquisas com este enfoque teórico.

Outras relações também podem ser traçadas para compreendermos como os aspectos de produção e uso se interconectam e nos informam sobre a função desempenhada por uma vasilha. Uma destas relações é a presença de banhos vermelhos internos em fragmentos que possuem tratamentos de superfície plásticos, tanto na coleção do sítio RS-LN-35, quanto do sítio RS-VZ-59. Segundo La Salvia e Brochado (1989), vasilhas que recebem tratamentos plásticos não recebem acabamentos de superfície. No entanto, poderíamos pensar estes banhos como uma espécie de selador das paredes internas da vasilha, com a finalidade de diminuir sua porosidade, aumentando sua eficiência no aquecimento e conseqüente cozimento dos alimentos preparados. Seria, neste caso, um correlato à aplicação de resinas impermeabilizantes observada, por exemplo, entre os Assuriní (Silva, 2000a), e que, como já dito, não foi evidenciada nas nossas coleções. No entanto, é justamente nas vasilhas que possuem esse banho interno em que não encontramos marcas de uso ao fogo. Assim, isto nos orienta a buscar outras motivações que não as funcionais para esta aplicação da cor vermelha no interior de certas vasilhas.

Ainda quanto aos acabamentos de superfície, apenas entre os fragmentos não conseguimos atingir nosso objetivo de realizar uma comparação entre os padrões gráficos. Foram 17 fragmentos decalcados para o sítio RS-LN-35, nos quais se vê uma variedade de padrões, mas apenas dois para o sítio RS-VZ-59, sem bons resultados. Portanto, o trabalho sobre as questões referentes aos padrões gráficos aplicados fica dependente dos resultados dos decalques realizados entre as coleções de vasilhas inteiras.

Explorando um pouco mais as relações entre tratamento de superfície e marcas de uso como indicativos da relação entre forma e função das vasilhas, as coleções do Litoral Norte e do Rio da Várzea caracterizam-se diferentemente. Para a primeira, os dados vêm no sentido

de confirmar a hipótese de La Salvia e Brochado (1989) de que há uma íntima implicação entre tratamentos plásticos e uso ao fogo em oposição ao alisado e aos acabamentos pintados. Como já havíamos percebido na análise de coleções provenientes do Vale do Rio Caí (Neumann e Dias, 2005), marcas de uso ao fogo, como carbonização, fuligem e oxidação, são mais freqüentemente observadas em fragmentos de vasilhas que possuem tratamento de superfície plástico. Na coleção do sítio RS-LN-35, 68% dos fragmentos possuem tratamentos plásticos, e deles 78% possui marcas de uso, distribuídas conforme a tabela 15.

**Tabela 15. RS-LN-35 - Relação entre marcas de uso e tratamento de superfície.**

MARCAS DE USO	TRATAMENTO	
Estrias Isoladas	Corrugado	10
	Ungulado	1
	Corrugado – Ungulado	15
	Alisado	<b>5</b>
Estrias Agrupadas	Corrugado	3
	Ungulado	3
	Corrugado – Ungulado	5
	Alisado	<b>1</b>
Depósitos De Carbono	Corrugado	78
	Ungulado	18
	Corrugado – Ungulado	110
	Alisado	<b>10</b>
Fermentação	Corrugado	2
	Corrugado – Ungulado	3
	Alisado	13
Craquelê	Corrugado	1
	Corrugado – Ungulado	3
	Alisado	1
Buracos	Corrugado	4
	Ungulado	1
	Corrugado – Ungulado	1
	Alisado	2
Fuligem	Corrugado	36
	Ungulado	24
	Corrugado – Ungulado	94
	Alisado	16
	Escovado	1
Oxidação	Corrugado	64
	Ungulado	11
	Corrugado – Ungulado	86

	Alisado	9
--	---------	---

Já no caso do Vale do Rio da Várzea, observa-se o seguinte na tabela 16.

**Tabela 16. RS-VZ-59 Relação entre marcas de uso e tratamento de superfície.**

<b>MARCAS DE USO</b>	<b>TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE</b>	
Estrias Isoladas	Corrugado	<b>11</b>
	Alisado	3
	Corrugado Espatulado	2
Estrias Agrupadas	Corrugado	6
	Ungulado	2
	Corrugado - Ungulado	1
	Alisado	3
Depósitos De Carbono	Corrugado	<b>73</b>
	Ungulado	5
	Corrugado - Ungulado	9
	Alisado	<b>68</b>
	Corrugado Espatulado	3
Fermentação	Corrugado	4
	Alisado	<b>17</b>
	Híbridos	2
Craquelê	Corrugado	<b>9</b>
	Alisado	3
Buracos	Corrugado	1
Fuligem	Corrugado	<b>78</b>
	Ungulado	1
	Corrugado - Ungulado	10
	Alisado	<b>36</b>
	Corrugado Espatulado	3
Oxidação	Corrugado	<b>40</b>
	Ungulado	2
	Corrugado - Ungulado	7
	Alisado	<b>52</b>
	Corrugado Espatulado	2

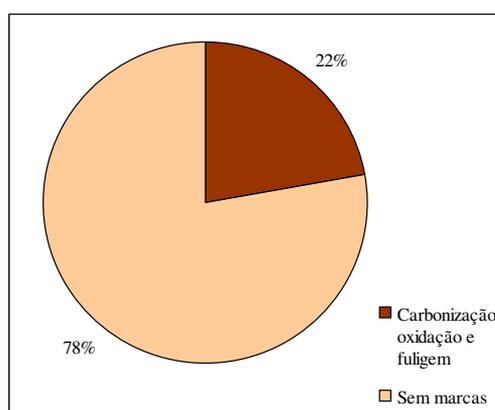
Nesta coleção, marcas de uso ao fogo, como carbonização, fuligem e oxidação, são tão frequentes em fragmentos de vasilhas que possuem tratamento de superfície plástico,

especialmente o corrugado, quanto em vasilhas alisadas, reforçando uma característica desta coleção, que é a opção mais difundida pelo alisado nas diferentes categorias funcionais.

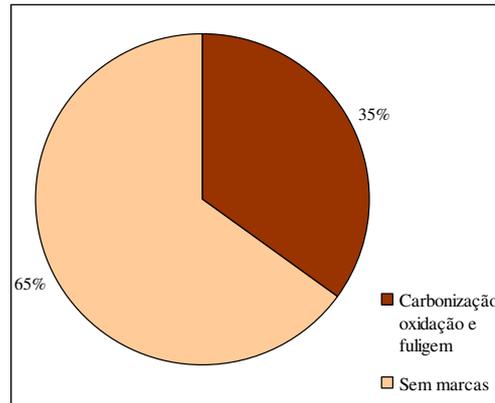
Outro aspecto que enfocamos em relação às imbricações entre produção e utilização foram as possíveis alterações que o uso ao fogo provoca na observação da tecnologia de queima das vasilhas. Já mencionamos acima que na coleção do Litoral Norte a porcentagem entre queimas redutoras e oxidantes é muito equilibrada (56% tem queimas redutoras e 44% tem queimas oxidadas). Para a cerâmica Guarani, a porcentagem de queimas redutoras deveria ser muito superior à porcentagem de queimas oxidadas, devido ao tipo de tecnologia empregada.

No entanto, quando cruzamos os dados relativos à queima e ao uso sobre o fogo, observamos que há uma incidência 13% maior de marcas de uso em queimas oxidadas. Isto indica que o uso ao fogo continua eliminando o carbono remanescente na pasta em uma queima redutora, alterando o padrão. É importante salientar este aspecto, pois a tecnologia de queima tem sido utilizada como um critério diferenciador entre as indústrias cerâmicas arqueológicas. Com este dado mostramos que é fundamental caracterizar a queima apenas em conjunto com uma perspectiva de análise dos tipos e modos de uso das vasilhas.

**Gráfico 5. RS-LN-35 Marcas de uso em queimas redutoras**



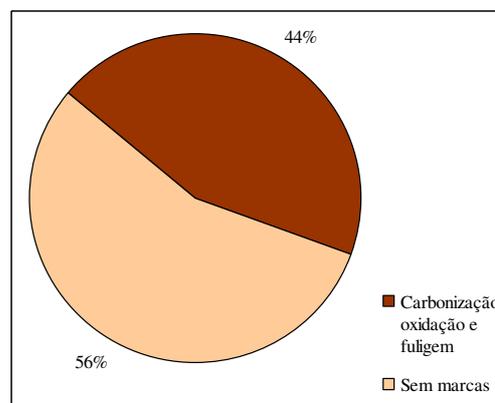
**Gráfico 6. RS-LN-35 Marcas de uso em queimas oxidadas**



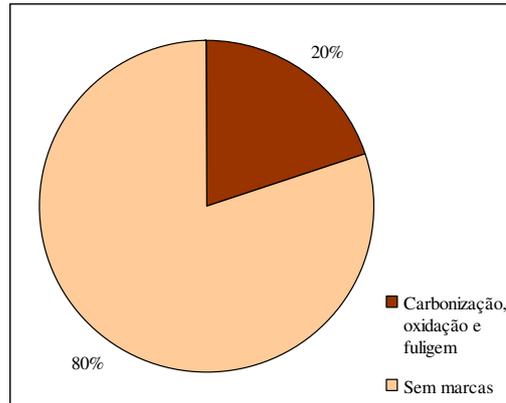
Para a coleção do Vale do Rio da Várzea a porcentagem entre queimas redutoras e oxidantes não é tão equilibrada quanto no Litoral Norte, sendo que 64% da coleção possui queima oxidada, em oposição a 36% de queimas redutoras. Se para a cerâmica Guarani a porcentagem de queimas redutoras deveria ser muito superior à porcentagem de queimas oxidadas, aqui o que observamos é justamente o contrário.

O cruzamento dos dados relativos à queima e ao uso mostra que em queimas oxidadas há uma porcentagem 24% maior de marcas de uso ao fogo em relação às queimas redutoras. No entanto, ainda há uma porcentagem superior de fragmentos oxidados sem estas marcas. Ou seja, o critério queima pode estar indicando diferentes tecnologias nos dois contextos. No entanto, reforçamos que a questão da queima ainda precisa ser melhor investigada através de arqueologia experimental, pois nossos dados apenas levantam hipóteses.

**Gráfico 7. RS-VZ-59 Marcas de uso ao fogo em queimas oxidadas**



**Gráfico 8. RS-VZ-59 Marcas de uso ao fogo em queimas redutoras.**



Fundamental ainda a ser observada na análise tecnológica de coleções arqueológicas é a alteração que as peças sofrem quando no contexto deposicional. Consideramos que não é possível completar uma análise sem enfatizar as alterações tafonômicas, pois estas podem apagar, mascarar ou “produzir” marcas nas peças, interferindo na observação da queima, acabamentos de superfície e uso. Observamos cinco tipos de alterações tafonômicas agindo sobre os fragmentos do sítio RS-LN-35: erosão hídrica, eólica e salina, radículas, fraturas térmicas, ação de arado e coivara.

Correlacionamos os dados referentes a esta questão com aqueles referentes ao uso, a fim de perceber se, no caso da coleção do sítio RS-LN-35, ela está influenciando na observação deste aspecto. Entre as alterações tafonômicas, as mais incidentes foram as erosões, e apenas entre estas observamos a correlação de marcas de uso.

**Tabela 17. RS-LN-35 - Relação entre erosão e marcas de uso**

ALTERAÇÃO	MARCAS DE USO	
Erosão	Estrias Isoladas	3
	Carbonização	72
	Fuligem	29
	Oxidação	76
	Fermentação	1
	Buracos	1
	Sem Marcas	289

Observa-se que as alterações não foram tão agressivas a ponto de obliterar as marcas de uso, tendo sido possível inclusive observar os dois fenômenos concomitantemente em 188 fragmentos.

Um tipo de alteração tafonômica importante para a análise de cerâmicas arqueológicas é a coivara. Estas queimadas para a abertura de roçados podem atingir diferentes fragmentos de uma mesma vasilha deixando-os enegrecidos, produzindo, durante a análise, a falsa idéia de que teriam sido usados ao fogo. Na coleção do Litoral Norte, temos três fragmentos remontando parte da borda de uma vasilha pintada nos quais se observam, em dois deles, esta fuligem resultante da coivara. Na hipótese de não ter sido possível a remontagem, estes fragmentos seriam analisados como sendo de diferentes vasilhas e, caso não tivéssemos em mente a preocupação com as alterações tafonômicas, possivelmente concluiríamos que dois terços da coleção de fragmentos pintados foram usados sobre o fogo, levando à falsa idéia de que vasilhas pintadas eram assim usadas, o que colocaria em dúvida as premissas de La Salvia e Brochado (1989) e mesmo os documentos etnohistóricos.

Observamos três tipos de alterações tafonômicas agindo sobre os fragmentos do sítio RS-VZ-59: erosão hídrica ou eólica, fraturas térmicas e coivara. Não foram observadas radículas e ação de arado.

Correlacionamos os dados referentes à tafonomia com aqueles referentes ao uso, a fim de perceber se, no caso desta coleção, ela está influenciando na observação deste aspecto. Entre as alterações tafonômicas, erosões e fraturas térmicas alteraram mais a coleção, sendo que esta última provocou a perda da superfície externa em 2% dos fragmentos. Evidentemente, este tipo de alteração impossibilita a análise de certas marcas de uso nestes fragmentos, como podemos ver na tabela 18.

**Tabela 18. RS-VZ-59 - Relação entre alterações tafonômicas e marcas de uso**

<b>ALTERAÇÃO</b>	<b>MARCAS DE USO</b>	
Erosão	Carbonização	15
	Fuligem	7
	Oxidação	6
	Fermentação	2
	Sem Marcas	35
Fratura Térmica	Carbonização	1
	Oxidação	1
	Sem Marcas	38

Coivara	Carbonização	1
	Fuligem	1
	Sem Marcas	27
Com Uso	Sem Tafonomia	237

A tabela mostra que em apenas dois dos 40 fragmentos que apresentam fraturas térmicas possuem também marcas de uso, reforçando sua implicação na não-observação das marcas de uso, entre outros critérios tecnológicos. Quanto à erosão, não foi tão intensa a ponto de interferir na observação do uso, tendo sido possível identificá-lo em 21 dos 56 fragmentos erodidos.

#### 4.5 CONCLUSÃO

É possível indicar algumas conclusões sobre as coleções de fragmentos, traçando alguns paralelos entre o sítio RS-LN-35 e o sítio RS-VZ-59. As análises nos permitiram identificar diferentes práticas engajando os Guarani e sua cerâmica nos dois contextos, a partir dos aspectos em que as coleções se diferenciam ou se assemelham.

Em primeiro lugar, retomamos as questões referentes às pastas. Realizamos alguns testes a fim de buscar entender as formas de associação entre os Guarani pré-coloniais e sua cerâmica, a partir da escolha das argilas e dos antiplásticos. Um primeiro teste foi baseado em pesquisas sobre a resistência dos materiais envolvidos na produção cerâmica. A lógica que subjaz este modelo é que a escolha dos materiais se pauta pela necessidade de eficiência e durabilidade dos artefatos.

Como vimos, para a coleção do Litoral Norte o modelo se aplica às diferentes categorias funcionais de vasilhas. Assim, vasilhas que vão ao fogo são produzidas com pastas que resistem bem a choques físicos e térmicos, e vasilhas para a fermentação de líquidos são produzidas com pastas resistentes à ação violenta do processo. Por sua vez, as vasilhas para o armazenamento de líquidos são produzidas a partir de pastas que lhe conferem porosidade, o que influencia na qualidade e frescor do conteúdo.

No entanto, para a coleção do Vale do Rio da Várzea o padrão das escolhas foi bastante diferente. Ao mesmo tempo, categorias usadas ao fogo foram produzidas com pastas “adequadas” (resistentes, eficientes e duráveis) e com as “não-adequadas” (pastas porosas, menos resistentes, eficientes e duráveis). Da mesma forma, para as vasilhas de fermentação de líquidos se utilizaram as pastas menos indicadas, segundo a lógica do modelo de Bronistky (1986) e Bronitsky e Hamer (1986).

Um dos principais focos deste trabalho está em buscar numa filosofia genuinamente ameríndia – o perspectivismo – a lógica que subjaz as escolhas indígenas na produção de todo um mundo social amplo, que inclui os não-humanos como seres realmente ativos. A partir disto, vimos reiterando que as escolhas tecnológicas entre os grupos indígenas da América do Sul, notadamente os Tupi, não se subsumem a critérios mecano-tóricos (Ingold, 2000) ou “capitalista”. Ao contrário, etnografias como as de Van Velthem (2003) mostram que o que se busca na confecção de um artefato é a incorporação de agências exteriores para o interior do social, através de uma lógica de predação.

Assim, ainda que este primeiro teste tenha resultado em interessantes dados para a interpretação funcional da cerâmica Guarani, não acreditamos que o intuito das ceramistas naquele contexto fosse maximizar a produção e minimizar seus custos. Vemos mais valor neste resultado em mostrar que há diferentes escolhas de materiais para diferentes categorias de vasilhas nos diferentes contextos analisados.

Neste sentido, também a coleção do Vale do Rio da Várzea resultou em dados ricos para o rastreamento das associações Guarani pré-coloniais. Por exemplo, a relação entre fermentação e uso ao fogo com os antiplásticos orgânicos, que em termos de eficiência física seria inadequado, em termos de predação pode apontar a incorporação de agências próprias a certos vegetais ou certos barreiros em que compostos orgânicos estejam presentes. Este seria um tipo de associação mais condizente com o modelo antropológico que fundamenta as interpretações que desejamos.

Agora fica mais evidente a resposta a qual nos furtamos anteriormente: podemos dizer que o modelo de resistência dos materiais tenha servido à explicação de um contexto e não de outro? Não. Anteriormente (Neumann e Dias, 2005) sustentamos que este modelo se aplicava ao estudo da cerâmica Guarani proveniente do Vale do Rio Caí e, portanto, era necessário e coerente que reproduzíssemos este teste nesta nova análise. No entanto, naquele momento não

tínhamos um referencial teórico e antropológico que nos fizesse aproximar das lógicas indígenas que subjazem suas escolhas tecnológicas.

Embora a coleção do Litoral Norte apresente condições para que pudéssemos fazer uma leitura semelhante à anterior, e ainda que a coleção do Vale do Rio da Várzea também tivesse correspondido ao modelo de resistência dos materiais, agora não é mais possível sustentarmos esta interpretação. A partir da arqueologia simétrica e do perspectivismo a produção do mundo material, principalmente entre os grupos indígenas sul-americanos, perde seu sentido industrialista e a questão adquire novos matizes.

Não se deve compreender nossa conclusão como uma opção deliberada pelos aspectos “culturais” de uma tecnologia. Acreditamos que a dicotomia entre natureza e cultura já esteja superada e não deva ser restabelecida, o que estaríamos fazendo caso tentássemos argumentar a compatibilidade entre performance e predação. Isto seria dizer que, sob o nome de predação (ou ainda outro nome), o que se encontra é a eficiência e durabilidade das vasilhas, ou seja, a “natureza” travestida de “cultura”, o pensamento ocidental travestido de cosmologia indígena.

Em razão deste mesmo modelo antropológico e desta busca por outras lógicas orientando as formas de associação Guarani, adaptamos nossa metodologia de análise para abordar a questão das pastas pela cor. Sugerimos esta análise inspirados pelas etnografias de van Velthem (2003) e Garlet e Soares (1998), buscando critérios propriamente Guarani de seleção dos materiais. Neste teste observamos que novamente as coleções se diferenciam. Enquanto no Litoral Norte vemos uma opção mais ampla por pastas claras, com pouca ou nenhuma hematita, no Rio da Várzea tanto o amarelo quanto o vermelho se distribuem em todas as categorias funcionais.

Esta diferença nas composições de pastas nos dois contextos, seja a partir do primeiro teste, seja do segundo, pode se dever também às diferenças geológicas na formação dos barreiros nos dois ambientes. Para testarmos esta hipótese, ainda podem ser feitos estudos arqueométricos de amostras de argilas do Litoral Norte e da região do Vale do Rio da Várzea, comparativamente a amostras das cerâmicas arqueológicas.

As duas tecnologias também se aproximam. Por exemplo, em ambas podemos afirmar que figuram como inclusões intencionais ossos moídos (considerando o chamote como os ossos moídos de antigas vasilhas). Gostaríamos de ter podido relacionar estas inclusões a determinadas categorias, levantando algumas hipóteses a partir da etnografia. Como vimos, isto não foi possível. No entanto, mesmo o fato de a amostra que apresenta estes antiplásticos

ser muito pequena para que façamos qualquer generalização, podemos indicar sua especialização técnica. Também para este dado podem ser realizados outros tipos de análises, e talvez o uso destes antiplásticos seja mais difundido do que podemos perceber, como também apontam as análises de Lino (2007) para o litoral sul de Santa Catarina.

Quanto aos tratamentos de superfície, igualmente há diferenças e semelhanças. As coleções se assemelham nos tipos de tratamentos utilizados, pois em ambas aparecem os corrugados, o ungulado, o escovado e o alisado. No entanto, a forma como estes diferentes tratamentos se associam aos demais critérios estabelece diferenças entre os conjuntos. Se para o Litoral Norte há uma relação entre tratamentos plásticos e as categorias funcionais utilizadas ao fogo, observamos no Vale do Rio da Várzea que a opção pelo alisamento pode ser feita para qualquer tipo de artefato. Também para esta coleção vê-se a combinação de diferentes tratamentos em uma mesma vasilha, o que não se evidencia para o Litoral Norte.

Quanto à queima, aqui também encontramos um fator de diferenciação tecnológica entre as coleções. Para o Litoral Norte há mais queimas redutoras, e para o Rio da Várzea, mais oxidadas. Além disto, percebemos nas duas coleções que há uma relação entre queima e uso, pois em vasilhas que foram usadas ao fogo há uma porcentagem maior de fragmentos oxidados. Este dado é importante, pois reforça a necessidade de se considerar os aspectos tecnológicos todos integrados. Se o critério queima tem sido utilizado para diferenciar as indústrias cerâmicas, a não observação desta relação pode gerar resultados controversos.

Um aspecto que aproxima as coleções é o banho vermelho interno em vasilhas que possuem tratamento superficial plástico. Muitas vezes já nos referimos à incompatibilidade inicial entre tratamentos plásticos e acabamentos de superfície, representando funcionalidades específicas. Assim, estas vasilhas coadunam características de funcionalidades diferentes, e ao mesmo tempo não apresentaram marcas de uso. Fica a questão sobre a que tipo de atividades poderiam estar ligadas.

Estas são nossas primeiras aproximações à tecnologia cerâmica Guarani pré-colonial, e muito ainda deve ser feito para captar as características definidoras das especificidades que ao longo das análises vimos buscando. No próximo capítulo analisaremos as coleções de vasilhas inteiras, aprofundando a interpretação dos resultados obtidos entre os fragmentos. Estes resultados, associados às questões antropológicas que já discutimos, nos permitirão ampliar as hipóteses sobre a história Guarani pré-colonial.

## **5 APROFUNDANDO A RELAÇÃO ENTRE FORMA E FUNÇÃO: AS VASILHAS INTEIRAS DAS COLEÇÕES DO LITORAL NORTE E VALE DO RIO DA VÁRZEA**

Neste capítulo nos deteremos ao estudo das 45 vasilhas inteiras que, juntas, compõem as coleções arqueológicas do MARSUL associadas ao Litoral Norte (14 vasilhas) e ao Vale do Rio da Várzea (31 vasilhas). O estudo destas coleções traz outros subsídios para buscarmos as especificidades que, sugerimos, nos remeterão às lógicas de associação entre os Guarani pré-coloniais e sua cerâmica. Isto porque aqui, em contraste com as relações genéricas que pudemos tecer no capítulo anterior entre a produção, o uso e as formas da cerâmica Guarani, temos um repertório de artefatos completos que nos revelam sua variabilidade formal e funcional, ampliando nosso campo de investigação.

Por exemplo, a partir da análise de vasilhas inteiras podemos nos questionar sobre as dinâmicas de uso das diferentes categorias funcionais conhecidas e, com isto, desenvolver um modelo de distribuição das marcas causadas<sup>30</sup>. Acreditamos que este modelo refinará a análise do uso em coleções de fragmentos, ampliando a aplicação desta metodologia e, conseqüentemente, nosso entendimento sobre a alimentação Guarani.

Iniciaremos caracterizando os contextos arqueológicos a que remontam estas coleções. A seguir, as análises tecnológicas serão feitas tomando-se por referencial as categorias funcionais, a fim de possibilitar uma comparação mais clara entre as coleções. Retomaremos aí também a análise das coleções de fragmentos, correlacionando os dados obtidos no capítulo anterior com as características tecnológicas identificadas para as vasilhas inteiras. Com isto pretendemos demonstrar como a tecnologia cerâmica Guarani pré-colonial pode ser uma fonte para compreendermos a produção do social.

---

<sup>30</sup> Os croquis detalhados e individualizados das vasilhas inteiras, que embasam o desenvolvimento do modelo proposto, encontram-se nos anexos V e VI. Não constam deste conjunto as vasilhas fragmentadas. Este capítulo está ilustrado com pranchas que permitem ao leitor a visualização e comparação das marcas de uso por categoria funcional.

## 5.1 Caracterização dos Sítios

As vasilhas inteiras analisadas são provenientes de, ao todo, 14 sítios arqueológicos, sendo sete do Litoral Norte e sete do Vale do Rio da Várzea, pesquisados pelo PRONAPA na década de 1960<sup>31</sup>. Como já nos referimos no capítulo anterior, existem poucos dados contextuais sobre os sítios, o que não invalida o estudo das suas coleções. Pelo contrário, devido ao seu excelente grau de preservação, certos objetivos de pesquisa somente são possíveis através delas, como os estudos morfológicos e funcionais que pretendemos.

Fazem parte da coleção do Litoral Norte os acervos dos sítios RS-LN-33: Lagoa Negra, RS-LN-35: Bassani 1, RS-LN-36: Ramalhete 2, RS-LN-40: Praia do Barco 1, RS-LN-44: Arroio Teixeira, RS-LN-47: Calipso, e RS-LN-48: Bassani 3 (ver anexo III).

O sítio **RS-LN-33: Lagoa Negra** está localizado no município de Osório, distrito de Morro Alto. Era formado por três manchas pretas, em uma das quais foi feita uma escavação de 1,5x1,5 metro com 30 centímetros de profundidade. Entre 20 e 30 centímetros foi recuperado um pequeno *tembirú* ungulado (tombado sob o número T-367).

A caracterização do sítio **RS-LN-35: Bassani 1** encontra-se no capítulo anterior. Nele foram recuperadas seis vasilhas inteiras, sendo três *yapepó* (números de tombo T-484, T-581 e T-582) e três *tembirú* (números de tombo T-120, T-121 e T-122).

O sítio **RS-LN-36: Ramalhete 2**, localizado no município de Osório, distrito de Faxinal do Morro Alto, era formado por três manchas pretas que, segundo os registros, estavam quase imperceptíveis devido à ação antrópica. Por esta razão, foi feita apenas a coleta dos fragmentos dispersos na área, além de uma pequena “vasilha” inteira ungulada, certamente de treino de uma artesã ainda criança (número de tombo T-088).

O sítio **RS-LN-40: Praia do Barco 1** está localizado no município de Capão da Canoa, distrito de Praia do Barco, e foi bastante alterado pelos veranistas. Nele foi escavada uma área de 1,5 x 1,5 metro, sem registro da profundidade atingida, na qual foi recuperado um *yapepó* corrugado-ungulado inteiro (número de tombo T-133).

---

<sup>31</sup> Imagens e croqui dos sítios referentes às pesquisas no Litoral Norte, pertencentes ao acervo documental do MARSUL, ver anexo VII. Os sítios do Vale do Rio da Várzea não possuem a mesma documentação.

O sítio **RS-LN-44: Arroio Teixeira** está localizado no município de Capão da Canoa, distrito de Arroio Teixeira. A documentação caracteriza este sítio pela presença de conchas de mariscos junto a fragmentos cerâmicos. Foi feito um corte de 2x2 metros, com 20 centímetros de profundidade, no qual foi recuperado um *yapepó* corrugado-ungulado inteiro (tombado sob o número T-085).

O sítio **RS-LN-47: Calipso** foi localizado no município de Osório, distrito de Faxinal do Morro Alto. Era formado por cinco manchas de terra preta associadas em disposição oval. Foi realizada coleta superficial e cortes (não especificados). Neste sítio foram identificadas sete estruturas funerárias, sendo dois enterramentos primários e cinco enterramentos secundários, além de oito covas com oferendas cerâmicas. Associadas a estes sepultamentos foram recuperadas três vasilhas inteiras: um *cambuchí caguaba* pintado externamente em vermelho e preto sobre branco, e internamente em preto sobre engobo vermelho (número de tombo T-476), e dois *cambuchí* pintados externamente em vermelho sobre branco (tombados sob os números T-1184 e T-605).

O sítio **RS-LN-48: Bassani 3** situa-se no município de Osório, distrito de Faxinal do Morro Alto. Trata-se de um sítio habitação e cemitério, com sete manchas pretas distribuídas em semi-circulo. Foi recuperado um *cambuchí* (número de tombo T-1187).

Fazem parte da coleção do Vale do Rio da Várzea os sítios RS-VZ-3: Porto Lucena, RS-VZ-29, RS-VZ-30: Fink 1, RS-VZ-33: Arroio Queixada, RS-VZ-41: Jaboticaba 1, RS-VZ-42: Barra do Parizinho, e RS-VZ-59: Grapiá 1. Não foram encontradas no acervo documental do MARSUL suas fichas de registro de pesquisa arqueológica, e apenas o sítio RS-VZ-41 possui mais informações.

Assim, para o sítio **RS-VZ-3: Porto Lucena**, a documentação se limita às fichas de inventário de acervo do Museu, nas quais recuperamos a informação de que foram escavados oito níveis artificiais de 10 centímetros, sendo resgatado entre 60 e 70 centímetros um *tembirú* quase inteiro (tombado sob o número T-659). Trata-se de vasilha muito bem pintada internamente em vermelho sobre branco, e externamente em preto.

Para o sítio **RS-VZ-29** as fichas de inventário de acervo do Museu trazem informações incompletas. Somente pudemos identificar que neste sítio foi recuperado um *yapepó* de pequenas dimensões que, quando escavado, continha contas arredondadas produzidas a partir de carapaças de moluscos (tombo número T-087).

As fichas de inventário de acervo do MARSUL não trazem muitas informações sobre o sítio **RS-VZ-30: Fink 1**. Jacobus (1994) indica que este sítio não possui ficha de registro de pesquisa arqueológica ou mesmo fichas de catálogo, havendo apenas as plantas baixas. Através deste documento o autor descreve o sítio como composto por quatro manchas escuras, nas quais foi realizada coleta superficial. Neste trabalho foram identificadas e recuperadas 11 estruturas funerárias. No entanto, seis das vasilhas recuperadas neste contexto não foram encontradas no acervo do MARSUL. Assim, deste sítio temos 11 vasilhas inteiras: dois *cambuchí* com tratamento plástico misto (tombados sob os números T-150 e T-151), cinco *cambuchí caguaba* (tombados sob os números T-156, T-157, T-159, T-161 e T-168), dois *cambuchí* pintados (números de tombo T-158 e T-167), e dois *yapepó* – ou *cambuchí* com tratamento plástico – (tombados sob os números T-160 e T-583).

Segundo Jacobus (1994), no sítio **RS-VZ-33: Arroio Queixada** foi identificada uma mancha escura com uma estrutura funerária. A ficha de inventário de acervo do Museu apenas indica a recuperação de dois *yapepó* (números de tombo T-149 e T-1070).

Sítio com maior volume de informações, o **RS-VZ-41: Jaboticaba 1** está localizado na margem esquerda do Rio Uruguai, município de Tenente Portela, distrito Esquina Jaboticaba (coordenadas geográficas 53°44'W e 27°10'S). Segundo Jacobus (1994), o sítio se compunha por três manchas pretas e 10 estruturas funerárias, formando dois conjuntos. Mas, segundo o autor, “do conjunto 2, não identificamos no MARSUL, as vasilhas de cinco estruturas” (Jacobus, 1994). Segundo a documentação preservada no Museu, foi realizada uma escavação (sem área determinada na documentação) em cinco níveis artificiais de 10 centímetros, onde foram recuperadas três urnas de sepultamento com tampas. No entanto, os dados das fichas de catálogo não associam as vasilhas a um destes níveis específicos, nem entre si. As vasilhas recuperadas são dois *yapepó* (números de tombo T-138 e T-162), um *cambuchí caguaba* pintado de vermelho sobre branco (número de tombo T-139), um *cambuchí* pintado de branco sobre vermelho (número de tombo T-163) e um *ñaetá* (número de tombo T-296). A vasilha T-297 consta nas fichas de catálogo mas não foi encontrada no acervo do MARSUL. Este sítio possui também uma datação radiocarbônica de 225±55 AP ou 1725 AD (SI – 701).

Por fim, o sítio **RS-VZ-42: Barra do Parizinho** se compunha por cinco manchas pretas e cinco estruturas funerárias, sendo uma isolada e as demais formando um grupo (Jacobus, 1994). As fichas de inventário de acervo do museu indicam que foram escavados pelo menos dois níveis artificiais de 10 centímetros, sendo recuperados em 0-10 cm dois

*cambuchí* (números de tombo T-294 e T-295), e em 10-20 cm um *ñaetá* (número de tombo T-584).

A caracterização do sítio **RS-VZ-59: Grapiá 1** encontra-se no capítulo anterior. Neste sítio foram recuperadas oito vasilhas inteiras, sendo dois *yapepó* (números de tombo T-140 e T-153), três *ñaetá* (números de tombo T-141, T-154 e T-165), um *cambuchí caguaba* (número de tombo T-155) e dois *cambuchí* (números de tombo T-164 e T-152).

## **5.2 Um modelo de distribuição das marcas de uso para a cerâmica Guarani pré-colonial**

### **5.2.1 *Yapepó***

O termo guarani *yapepó* pode ser traduzido para o português como “panela”<sup>32</sup>, e determina, para a arqueologia, uma categoria genérica de potes usados ao fogo. La Salvia e Brochado (1989) as caracterizaram como vasilhas que possuem base conoidal ou arredondada, corpo com bojo saliente, borda côncava, vertical ou extrovertida e boca restringida, cujo uso principal é cozer alimentos ao fogo.

Já em sua definição vemos uma variabilidade formal no que tange ao tipo de bordas e bases, assim registrada por Montoya: *yapepó rebí chûa* (panela com fundo algo pontiagudo) e *yapepó rebí agûa* (panela com fundo redondo) (La Salvia e Brochado, 1989:125-127). Estas diferenças, no entanto, ainda foram pouco exploradas pela arqueologia Guarani.

Em nossa análise, optamos por enfatizar as características formais para perceber quais escolhas tecnológicas se ligam a elas. Assim, nas coleções de vasilhas inteiras temos 15 *yapepó*. Destes, três não tiveram suas formas determinadas por estarem desmontados (T-484, do Litoral Norte, T-140 e T-149, do Vale do Rio da Várzea). Das restantes, seis possuem

---

<sup>32</sup> cfe. La Salvia e Brochado (1989), a partir de Montoya (1876): YAPEPÓ = olla (de IA = calabazo + PEPÓ = aba, borde; ou TATAPÓ = cosa que se pone al fuego).

fundo arredondado do tipo *yapepó rebí agûa* (T-581 e T-582, do Litoral Norte, T-087, T-138, T-153 e T-162, do Vale do Rio da Várzea), e seis possuem fundo pontiagudo do tipo *yapepó rebí chûa* (T-085 e T-133, do Litoral Norte, T-150, T-151, T-160, e T-583, do Vale do Rio da Várzea). Estas últimas se caracterizam também por possuírem contornos complexos, com múltiplos ombros.

A análise tecnológica mostrou que as composições de pasta estabelecem diferenças entre os dois tipos de *yapepó*. Tanto para vasilhas do Litoral Norte quanto para vasilhas do Vale do Rio da Várzea temos dois tipos de pastas sendo usadas diferentemente em associação aos dois tipos morfológicos: pastas amarelas e finas para as *yapepó rebí agûa*, e pastas laranjas e de granulometria média para as *yapepó rebí chûa*.

**Tabela 19. Tipos de pastas usadas nos diferentes tipos de *yapepó***

	<b>TOMBO</b>	<b>GRANULOMETRIA</b>	<b>COR</b>
<b><i>Yapepó rebí agûa</i></b>	T-581	média	amarela
	T-582	fina	amarela
	T-087	sem quebra	sem quebra
	T-138	fina	amarela
	T-153	fina	laranja
	T-162	fina	amarela
<b><i>Yapepó rebí chûa</i></b>	T-085	média	laranja
	T-133	fina	laranja
	T-150	fina	amarela
	T-151	média	laranja
	T-160	sem quebra	sem quebra
	T-583	média	laranja

Quanto aos tratamentos de superfície externos, nas duas coleções se percebe a opção por tratamentos plásticos para os dois tipos de *yapepó*. Para o Vale do Rio da Várzea, porém, há uma particularidade. Como já havíamos mencionado no capítulo anterior, uma das características desta coleção é combinação de dois ou mais tipos de tratamentos de superfície em uma mesma vasilha. Assim, tanto os *yapepó rebí agûa* quanto os *yapepó rebí chûa* podem apresentar esta mescla. No entanto, nos *yapepó rebí agûa* em que isto ocorre (T-087, T-138 e T-153), observamos que para o corpo a escolha é o alisado, e o tratamento plástico marca

pescoço e a borda como uma área destacada do resto da vasilha<sup>33</sup>. Por outro lado, nos *yapepó rebí chûa* observamos que os pontos de inflexão que delimitam as partes constituintes da vasilha – restrição do pescoço, restrição entre os ombros e diâmetro máximo – são marcados com faixas de corrugações ou unguiações, enquanto a superfície é coberta com outro tipo de tratamento, geralmente o escovado (T-150 e T-151). Assim, para esta coleção também o tratamento de superfície é índice de diferenças entre as duas subcategorias de *yapepó*.

Quanto às marcas de uso, Fidryszewski (2007) percebeu que as diferenças morfológicas internas à categoria *yapepó* caracterizam panelas com funcionalidades específicas. Enquanto as panelas com fundo arredondado (*yapepó rebí agûa*) possuem carbonização distribuída em faixas horizontais de diferentes intensidades, concentradas principalmente nas bases, as panelas piriformes (*yapepó rebí chûa*) possuem uma carbonização homogênea em toda a superfície interna. Isto indica diferentes tipos de alimentos sendo cozidos em cada variedade de panela.

Na análise das marcas de uso entre as diferentes categorias de *yapepó*, observamos uma coerência entre nossos resultados e aqueles apresentados pela autora. Para os *yapepó rebí agûa*, as marcas de oxidação externa concentraram-se na base e na porção inferior das vasilhas e a fuligem depositou-se a partir da inflexão do ombro até a borda. Internamente, coincidindo com as marcas externas, a carbonização se distribui em faixas de maior ou menor intensidade, sendo que no centro da base a carbonização é mais intensa, tornando-se mais leve à medida em que se aproxima do ombro.

Creditamos a dois fatores o tipo de marca de uso que observamos nestas panelas. O primeiro é o tipo de alimento sendo preparado. A carbonização no fundo nos remete a alimentos pastosos a sólidos, em que a água do cozimento evapora durante o processo, tal qual as vasilhas *ittoyom* dos Kalinga (Skibo, 1992). Sugerimos que nestas vasilhas pudessem ser preparados os mingaus comentados na literatura etnohistórica, e que ainda hoje fazem parte da alimentação Mbyá-Guarani (Tempass, 2005).

Também a forma arredondada destas vasilhas está diretamente ligada ao tipo de marca que possuem. O fundo arredondado faz com que as labaredas se concentrem na parte inferior da vasilha e a restrição da boca faz com que o calor fique preso no interior (Skibo, 1992). Uma panela assim permite que se atinja altas temperaturas durante o cozimento, possibilitando acidentes de queima dos alimentos. Fidryszewski (2007) apontou que, para a

---

<sup>33</sup> Nas coleções de fragmentos foram identificados 3 fragmentos que possuem estas características.

coleção por ela analisada, raramente se observavam marcas de uso internas acima da linha dos ombros, que corresponde à metade da vasilha. Nos *yapepó rebí agûa* aqui analisados o mesmo fenômeno está presente, o que não se passa nos *yapepó rebí chûa*, nos quais a carbonização pode chegar até o pescoço.

Entre os *yapepó rebí chûa* também obtivemos resultados semelhantes aos de Fidryzsewski (2007). Externamente, a oxidação pode atingir boa parte do corpo e a fuligem se concentra a partir do ombro. Internamente, evidenciamos uma carbonização homogênea que pode cobrir toda a superfície. Em duas vasilhas do Vale do Rio da Várzea (T-160 e T-583) observamos a deposição de uma faixa de fuligem na borda interna, indicando o uso de tampas enquanto no fogo.

Da mesma forma que para as vasilhas arredondadas, os fatores forma e conteúdo estão agindo na produção destas marcas. Quanto à forma, uma vasilha de fundo cônico possui muito mais superfície em contato com o fogo. Se um fundo arredondado direciona as labaredas para os lados, concentrando o calor, um fundo cônico direciona as labaredas para cima, permitindo que o fogo envolva boa parte da vasilha, provocando a carbonização interna do conteúdo mesmo nas partes mais altas, próximas ao pescoço.

Além disto, para que as paredes internas fiquem uniformemente cobertas por carbonização, é necessário que seu conteúdo seja bastante líquido (para que não carbonize somente no fundo) e ao mesmo tempo viscoso, possuindo muitas partículas sólidas que possam aderir às paredes internas e carbonizar. Portanto, o conteúdo preparado deveria ser algo como um líquido espesso. As receitas Guarani levantadas por Martinez-Croveto (1968), Noelli (1993) e Landa (1995) apresentam ensopados de carnes e vegetais. Talvez estes preparados resultassem em líquidos espessos, mas são descritos pelos autores como caldos, e neste caso a tendência é que as panelas utilizadas nesta receita carbonizassem na linha do pescoço, onde os ingredientes ficam em suspensão durante o cozimento (tipo de marca que não encontramos nas coleções).

Sobre as *yapepó rebí chûa*, há alguns pontos a considerar. O primeiro é sua forma: fundo cônico e contornos complexos, com múltiplos ombros, são características atribuídas aos *cambuchí*. O segundo está no conteúdo preparado: um líquido espesso nos remete ao *cauim*, que a literatura etnohistórica registra ser preparado nas vasilhas *cambuchí*. O terceiro ponto, particular à coleção do Vale do Rio da Várzea, é seu tratamento de superfície: possuem

tratamentos plásticos que podem se associar delimitando áreas da vasilha, assim como a pintura o faz entre os *cambuchí*.

Observamos, assim, uma íntima associação entre este tipo de *yapepó* e os *cambuchí*, amalgamando em um mesmo artefato características típicas das duas categorias. Em princípio, estas vasilhas foram generalizadas como *yapepó* ou chamadas de “*yapepó* com forma de *cambuchí*” (Jacobus, 1994:8). Avançando na interpretação, Fidryzsewski (2007) concluiu que as diferenças formais e de marcas de uso apontam receitas próprias a cada subcategoria, tal qual o modelo Kalinga (Skibo, 1992).

Associando a questão da forma e do uso às fontes etnohistóricas quanto às receitas Guarani e a produção do *cauim*, podemos delimitar melhor nossas conclusões. Em linhas gerais, o processo de produção do *cauim* é bastante conhecido. Relatos do século XVI como o de Hans Staden ([1557]1968), o de Jean de Lèry ([1577]1926) e o de José de Anchieta ([1584]1964) registraram a importância ritual que as bebidas fermentadas alcoólicas tinham para os grupos Tupi, descrevendo todas as etapas da sua produção. Esta pode ser dividida em quatro passos que envolvem vasilhas cerâmicas: cozimento dos pedaços de raiz de mandioca ou milho; mastigação dos pedaços cozidos, sendo cuspidos em uma vasilha; refervura da pasta resultante; e transferência da pasta para vasilhas específicas para fermentação. É a segunda fervura, a da pasta de raízes mastigadas, que instiga nossa reflexão. Sugerimos que os *yapepó rebí chûa*, vasilhas que congregam características de *yapepó* e *cambuchí*, tenham uma função específica da preparação do *cauim*, sendo, assim, também um tipo de *cambuchí* (Neumann, 2006; Neumann, 2007).

Para Landa (1995:105) e Noelli e Brochado (1998:122), esta etapa da preparação do *cauim* se daria nas vasilhas *ñaetá*, por serem muito abertas, permitindo que se mexa bem o conteúdo durante a preparação. Isto evitaria aderência da pasta às paredes e a sua decorrente carbonização, mas principalmente teria a função de espessar a bebida. Os relatos de Lèry e Staden fazem referência a esta ação. Porém, embora com a abertura mais restringida, os *yapepó rebí chûa* também permitem que se mexa o conteúdo, tendo o mesmo desempenho que os *ñaetá*.

A importância social desta bebida é o ponto mais importante a ser considerado. A produção do *cauim* é cercada de cuidados e atos ritualizados (Lima, 2005). Muller (1990) registra, entre os Assuriní do Xingu, que para os rituais em que é consumido o *cauim* são confeccionadas vasilhas novas e específicas para sua produção, pois os artefatos envolvidos

no processo não devem ser outros que não aqueles próprios a ele. Sugerimos ser este o caso das *yapepó rebí chûa*: vasilhas específicas para a produção do *cauim*.

Assim, temos duas categorias de *yapepó*. A primeira, *yapepó rebí agûa*, assume o sentido do substantivo “panela”. Possui como características a base arredondada, os contornos simples, a pasta fina e de cor amarelada, o uso cotidiano ao fogo na preparação de alimentos pastosos, atividade que deixa em sua superfície interna marcas de carbonização em faixas horizontais. A segunda, *yapepó rebí chûa*, assume o sentido relacional de “coisa que se põe no fogo”. Possui pasta grossa e alaranjada e marcas uniformes de carbonização interna. Pode também ser entendida com um tipo de *cambuchí* devido às características semelhantes entre estas vasilhas – contornos complexos, base piriforme – e à função específica que desempenha na produção do *cauim*.

Resta-nos correlacionar estes resultados com aqueles obtidos entre as coleções de fragmentos dos sítios RS-LN-35 e RS-VZ-59. Como ponderamos no início deste capítulo, a análise de fragmentos dá um aspecto genérico à questão da relação entre morfologia e funcionalidade das vasilhas. Isto porque a determinação da categoria funcional depende do tipo de tratamento de superfície que o fragmento apresenta, ou de uma parcela reduzida da amostra – os fragmentos de borda. No que tange à categoria *yapepó*, torna-se especialmente problemático, pois vimos esta categoria desdobrar-se em duas subcategorias morfolologicamente diferenciadas em relação às bases.

Assim, se a caracterização de um fragmento como pertencente a um *yapepó* já é dificultada por suas limitações óbvias, determinar a qual subcategoria pertence parece tarefa improvável. No entanto, vimos que além da forma e do uso, a composição de pasta também é um critério diferenciador dos dois tipos de *yapepó*: as *yapepó rebí agûa* apresentam pastas finas e de cor amarelada, enquanto as *yapepó rebí chûa* apresentam pastas grossas e alaranjadas.

Na análise das coleções de fragmentos vimos que, para ambos os sítios, tínhamos tanto pastas finas quanto pastas grossas e tanto cores amareladas quanto avermelhadas, mas estes resultados pouco específicos estavam ligados à ampla categoria *yapepó*. Conhecendo agora as características de pastas das subcategorias, sugerimos que esta aparente indefinição em realidade nos aponta fragmentos determinados de *yapepó rebí agûa* e *yapepó rebí chûa*.

Para a identificação das subcategorias de *yapepó* na análise de fragmentos podemos relacionar também as composições de pastas e os tratamentos de superfície. Observamos que

na coleção do Vale do Rio da Várzea os tratamentos de superfície podem se combinar diferentemente na mesma vasilha. Para os *yapepó rebí agûa* o corpo é alisado e o tratamento plástico marca pescoço e a borda. Para os *yapepó rebí chûa* o corpo recebe um tipo de tratamento e os pontos de inflexão são marcados com faixas de corrugações ou unguações.

Na análise da coleção do sítio RS-VZ-59, percebemos uma porcentagem alta de fragmentos alisados utilizados sobre o fogo, que podem ter sido originalmente parte de um *yapepó rebí agûa*. Quando enfocamos o tipo de pasta utilizada na sua confecção, observamos ser justamente as pastas finas as escolhidas, sendo mais um indício desta subcategoria. Por outro lado, nos fragmentos plásticos utilizados sobre o fogo, a escolha foi por pastas grossas, tal qual as *yapepó rebí chûa*.

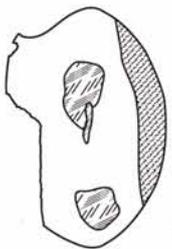
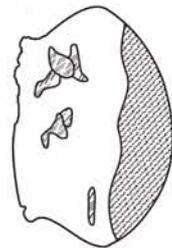
Por fim, o modelo diferencial de marcas de uso para as subcategorias pode servir à análise de fragmentos. A identificação de marcas de carbonização interna em fragmentos de pescoço e ombro podem indicar tratar-se de um *yapepó rebí chûa*, pois vimos que nestas vasilhas há carbonização interna inclusive nestas partes mais altas, enquanto para as *yapepó rebí agûa* as marcas de uso estão restritas à metade da vasilha, que corresponde ao bojo.

Vimos que o desenvolvimento de um modelo de marcas de uso para a categoria *yapepó* revelou duas subcategorias (*yapepó rebí agûa* e *yapepó rebí chûa*). Estas se diferenciam quanto à forma, às escolhas produtivas e ao tipo de uso. Tais observações foram importantes para compreendermos melhor o perfil tecnológico das coleções de fragmentos, pois tanto em relação aos tratamentos de superfície, composições de pastas e marcas de uso, naquela análise obtivemos resultados pouco específicos. A correlação entre vasilhas inteiras e fragmentos nos permitiu especificar melhor os resultados.

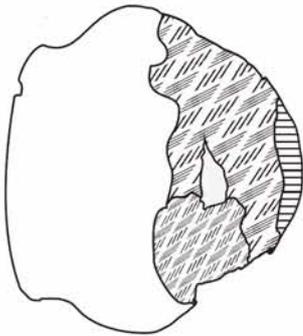
A visão do conjunto das coleções nos revela, portanto, que através de uma análise tecnológica que considere os aspectos da produção e do uso integrados é possível identificarmos as especificidades que buscamos ao longo deste trabalho. São estas especificidades que nos permitem discutir as formas de associação entre os Guarani pré-coloniais e sua cerâmica na produção de seus coletivos.

Prancha 2 - Marcas de Uso Yapepó com Base Arredondada

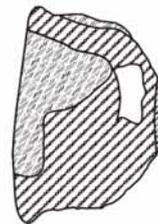
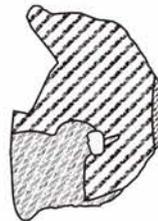
T 138



T 153



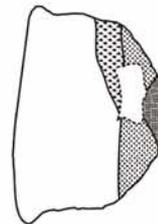
T 581



Face Externa 1



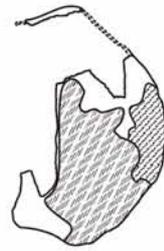
Face Externa 2



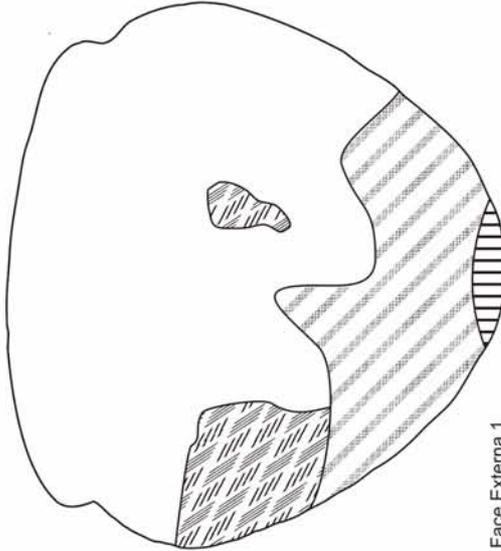
Face Interna 1

Face Interna 2

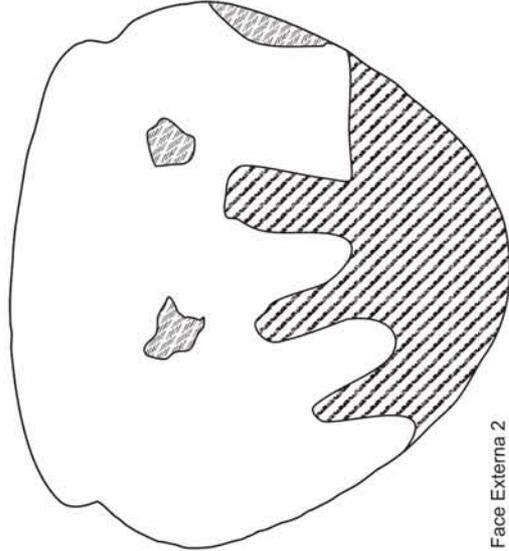
T 582



T 162



Face Externa 1

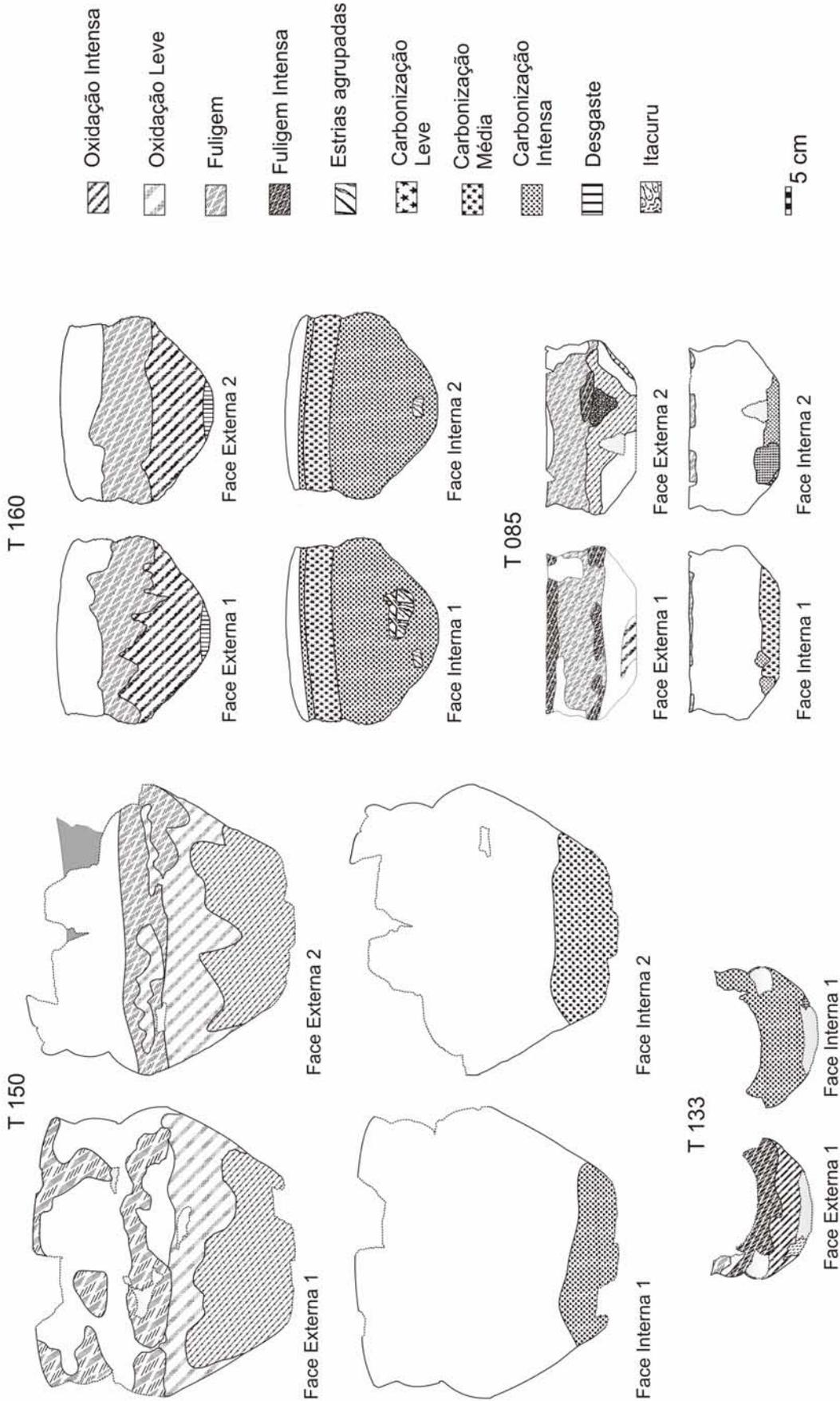


Face Externa 2

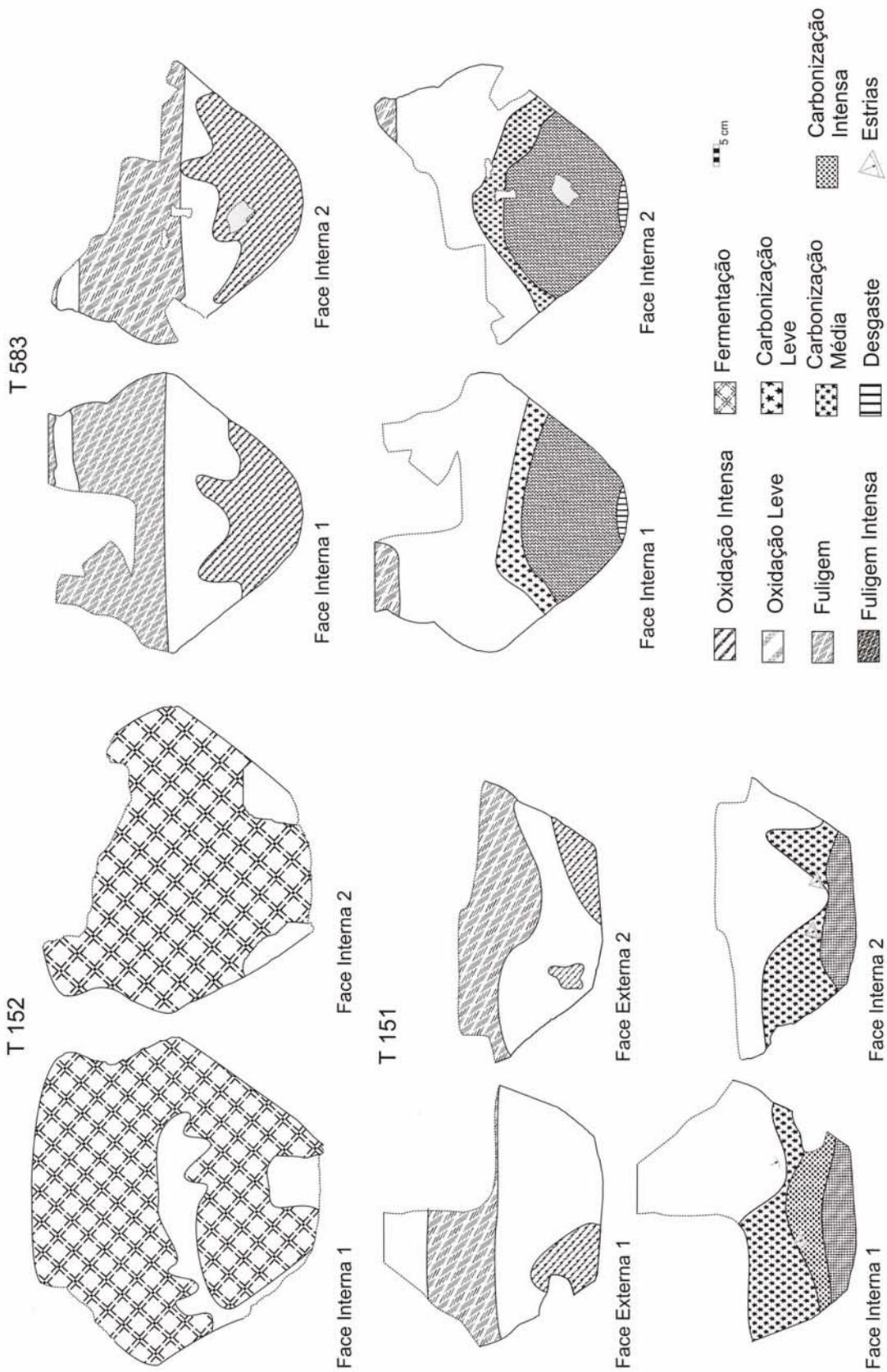
- Carbonização Leve
- Carbonização Média
- Carbonização Intensa
- Desgaste
- Fuligem Menos Intensa
- Fuligem
- Craquelado
- Oxidação Intensa
- Oxidação Leve

5 cm

Prancha 3 - Marcas de Uso Yapepó Piriforme



Prancha 4 - Marcas de Uso Yapepó Piriforme



### 5.2.2 CAMBUCHÍ

Nas coleções analisadas há 11 *cambuchí* (T-605, T-1184 e T-1187, do Litoral Norte, e T-152, T-156, T-158, T-163, T-164, T-167, T-294, T-295, do Vale do Rio da Várzea). O termo Guarani *cambuchí* foi traduzido por Montoya como jarro ou cântaro (La Salvia e Brochado, 1989:132). Caracterizadas como vasilhas de contornos complexos, são sempre lembradas por serem bem acabadas com elaboradas pinturas na face externa a partir da borda até o último ponto de inflexão, remetendo à função ritual que cumpriam na produção do *cauim* e posteriormente nos sepultamentos.

No entanto, isto nem sempre é assim. Não podemos assumir uma posição simplificadora na definição de cada categoria. Se mesmo Montoya já indicava os diferentes usos das vasilhas *cambuchí* – fermentar, guardar e servir líquidos – nos cabe considerar esta variabilidade funcional na sua relação com as diferentes escolhas tecnológicas. Com isto em mente, pudemos perceber através da análise tecnológica as diferenças formais e funcionais internas a esta categoria.

Podemos pensar em pelo menos três subcategorias para os *cambuchí*, conforme sua função: uma para armazenar água, e duas ligadas à produção de bebidas alcoólicas – cozinhar os ingredientes<sup>34</sup> e fermentá-los.

Iniciamos pela função de armazenamento, que não deixa marcas na superfície cerâmica. Duas vasilhas da coleção do Litoral Norte (T-1184 e T-1187) e quatro do Vale do Rio da Várzea (T-156, T-158, T-167 e T-163) não apresentam marcas de uso. Segundo a documentação dos sítios, estas vasilhas estão associadas a sepultamentos.

Noelli (1993:102) indica que o sepultamento é uma função secundária na vida das vasilhas, ou seja, que antes de fazerem parte do conjunto funerário elas foram utilizadas em outras atividades. Na ausência de marcas de uso, como é o caso, podemos considerar que sua função anterior tenha sido pouco agressiva às paredes, como o armazenamento de líquidos.

Quanto ao tipo de pasta utilizada, percebemos o uso de matéria orgânica em três destas vasilhas (T-1184, T-1187 e T-158). No tocante ao critério cor, quatro das cinco vasilhas

---

<sup>34</sup> Caso dos *yapepó rebí chûa*.

possuem pastas com concentrações mais altas de hematita, com tons alaranjados (T-1184 e T-1187, do Litoral Norte, T-156, T-158 e T-167, do Rio da Várzea).

**Tabela 20. Pastas utilizadas na confecção de *cambuchí* para armazenamento**

	<b>GRANULOMETRIA</b>	<b>COR</b>
T-1184	fina	vermelho
T-1187	fina	laranja
T-156	fina	laranja
T-158	média	laranja
T-167	média	laranja
T-163	fina	amarela

As seis vasilhas possuem acabamento de superfície externo pintado e foram decalcadas. Entre as vasilhas do Litoral Norte não pudemos aprofundar a observação sobre a variabilidade de grafismos por que, das duas vasilhas decalcadas, apenas T-1184 tem um bom grau de preservação, sendo que o *cambuchí* tombado sob o número T-1187 apresenta apenas alguns fragmentos preservados.

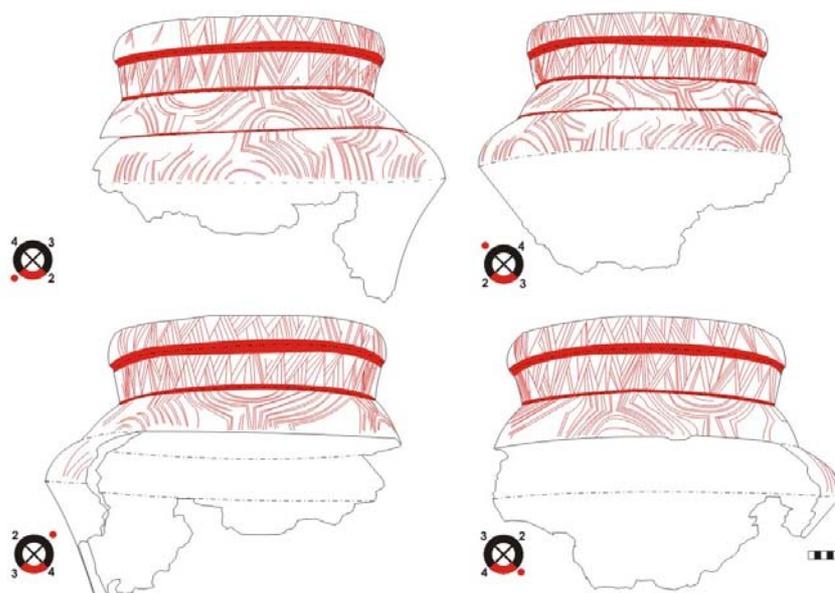
Nesta vasilha pudemos identificar nove espaços gráficos: lábio, borda, restrição da borda, pescoço, restrição do pescoço, primeiro ombro, restrição entre os ombros, segundo ombro e diâmetro máximo (inflexão para o corpo da vasilha). Na pintura das vasilhas Guarani, lábio e pontos de inflexão e restrição são marcados com faixas comumente vermelhas que delimitam as áreas a serem pintadas. Estas áreas se localizam na borda, pescoço e ombro (s), e recebem composições de linhas que formam padrões mais elaborados.

Das áreas pintadas do *cambuchí* T-1187 obtivemos decalque apenas de parte do grafismo presente no primeiro e no segundo ombro. Em ambos o grafismo se caracteriza por traços verticais e horizontais que se encontram em um ângulo de 90°, lembrando **a nós** uma escada – assim como o fragmento (número de análise 912) comentado no capítulo anterior.

A vasilha tombada sob o número T-1184 (ver figura 3) apresenta os mesmos nove espaços gráficos referidos para T-1187. Neste grafismo o lábio e os pontos de inflexão também foram evidenciados com faixas vermelhas, delimitando as áreas de pintura. A primeira área pintada é a borda, na qual observa-se a aplicação de linhas vermelhas sobre fundo branco. O espaçamento entre estas linhas nos mostra que elas estão dispostas aos pares, indicando a representação de linhas vazadas cujos bordos são vermelhos e o interior branco.

Estas linhas estão dispostas diagonalmente formando triângulos que são o módulo do desenho. O espaço é preenchido com a combinação dos módulos no sentido superior e inferior, ou seja, nos intervalos entre cada triângulo se coloca outro na posição invertida.

A segunda área pintada é o pescoço e aí identificamos o mesmo padrão descrito para a borda. A repetição dos padrões também está presente na terceira e quarta áreas (primeiro e segundo ombros). O padrão de linhas vazadas com bordos vermelhos e fundo branco se mantém, mas o desenho formado é mais complexo. As linhas partem do limite das áreas – faixa vermelha nos pontos de inflexão – verticalmente em relação à boca da vasilha, e em certo ponto se curvam, formando meias-calotas. A combinação destas linhas forma o módulo do desenho, cuja imagem nos lembra um cálice. O espaço é preenchido com a combinação dos módulos no sentido superior e inferior, ou seja, nos intervalos entre cada módulo se coloca outro na posição invertida.



**Figura 3. Cambuchí T-1184.**

Para o Vale do Rio da Várzea a variabilidade dos grafismos é maior. Identificamos nas três vasilhas pelo menos cinco padrões diferentes, além de diferentes aplicações das cores. O *cambuchí* tombado sob o número T-158 apresenta uma interessante combinação destes padrões. Os contornos desta vasilha possibilitariam a existência de nove espaços gráficos preenchidos por faixas e outros padrões. Porém, as faixas vermelhas assumem um espaço maior que apenas os pontos de inflexão e podem preencher toda uma área. Assim, temos apenas seis áreas pintadas.

No lábio está presente a faixa vermelha que dá início à área de pintura da borda. Nesta, sobre fundo branco foram aplicadas linhas sinuosas vermelhas formando ondulações horizontais em relação à boca da vasilha. A área de pintura do pescoço foi preenchida por uma faixa vermelha mais larga. Na terceira área pintada (o primeiro ombro) não obtivemos bons resultados devido ao desgaste da pintura. No entanto, pudemos perceber que se trata de padrão formado por linhas retas horizontais e verticais que se encontram em ângulos de 90° formando figuras quadradas cuja relação e disposição no espaço gráfico não fica evidente. Quanto às cores utilizadas, o vermelho e o preto traçam estas linhas sobre um fundo branco. Por fim, o segundo ombro possui a superfície totalmente tingida em vermelho, sobre o qual não foi aplicado outro padrão. Assim, o segundo ombro e o pescoço caracterizam-se como áreas grafadas exclusivamente com a cobertura uniforme vermelha que identifica as faixas próprias aos pontos de inflexão.

O *cambuchí caguaba* tombado sob o número T-156 (ver figura 4) apresenta contornos complexos, possuindo três pontos de inflexão: restrição da borda, restrição do pescoço e ponto de maior diâmetro. Lábio e pontos de inflexão foram marcados com faixas vermelhas, delimitando as áreas a serem pintadas. A primeira área compreende a borda, entre o lábio e o pescoço. Neste espaço foi aplicado um fundo branco, sobre o qual as finas linhas vermelhas formam um grafismo ondulado e contínuo, posicionado horizontalmente em relação à borda da vasilha.

A segunda área compreende o espaço entre a restrição da borda e a restrição do pescoço. Esta também possui um fundo branco, e sobre ele foram aplicadas finas linhas vermelhas levemente inclinadas, que em certos momentos tomam a inclinação oposta formando um ângulo agudo.

A terceira área possui, ao contrário das demais, fundo vermelho. Sobre este fundo foram aplicadas faixas pretas verticais em intervalos bastante espaçados. Pela forma e dimensões destas faixas, sugerimos que sua aplicação tenha sido feita com os dedos. O final do grafismo seria também uma faixa vermelha demarcando o ponto de maior diâmetro e início do corpo da vasilha. No entanto, esta região encontra-se bastante desgastada e não podemos afirmar a presença deste padrão.

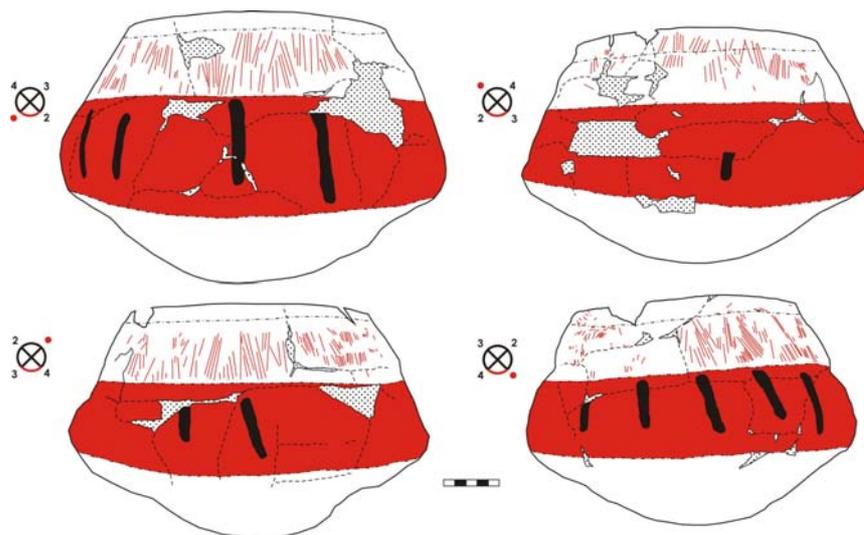


Figura 4. *Cambuchí* T-156.

Por sua vez, o *cambuchí* tombado sob o número T-163 possui uma particularidade. A combinação de cores mais comum nas coleções cerâmicas Guarani é o fundo branco sobre o qual são pintadas combinações de linhas vermelhas. Nesta vasilha o esquema de cores se inverte, e vemos um fundo vermelho com linhas traçadas em branco. No entanto, em grande parte da peça a tinta branca se desgastou e os padrões gráficos que visualizamos são vestígios ou o negativo dos traços.

Os pontos de inflexão foram destacados com faixas brancas, que por seu desgaste somente foram visualizadas nas restrições do pescoço e entre os ombros. A primeira área pintada que pudemos decalcar foi o pescoço. Nela, sobre o fundo vermelho foram aplicadas linhas brancas diagonais, que são o módulo do desenho. Em certos intervalos a inclinação das linhas se alterna formando ângulos agudos.

A segunda área pintada está no primeiro ombro. Sobre o fundo vermelho foram aplicadas linhas brancas diagonais cujas extremidades se encontram formando triângulos que são o módulo do desenho. Os módulos preenchem o espaço sendo dispostos na posição superior e inferior, ou seja, entre os módulos é colocado outro invertido.

A terceira área pintada recebeu, sobre o fundo vermelho, linhas brancas verticais e horizontais que se encontram em ângulos de 90°, formando quadrados que são o módulo do desenho. O espaço é preenchido dispondo-se os módulos a partir da faixa de inflexão superior e inferior, de forma que haja entre eles espaços vagos. A sensação visual que **nos** passa,

assim, pode enfatizar tanto a composição de quadrados quanto a imagem de cruz que se forma entre eles.

O *cambuchí* T-167 possui nove espaços gráficos relacionados a seus contornos complexos. Não obtivemos resultados muito bons no decalque desta vasilha devido ao desgaste da pintura. Pudemos perceber que sobre o lábio e o pescoço foram pintadas faixas vermelhas, mas nos demais pontos de inflexão elas não estão presentes. O padrão gráfico aplicado em todas as áreas de pintura parece ser o mesmo. Este se caracteriza pela aplicação de linhas vermelhas sobre fundo branco, cuja disposição gera dois módulos de desenho: triângulos e losangos. No primeiro módulo as linhas partem diagonalmente dos limites superior e inferior da área pintada (pontos de inflexão), formando triângulos cujos ápices se aproximam mas não se tocam. Nos espaços vagos entre estes módulos, o preenchimento do espaço pelas linhas vermelhas acompanha o contorno criado, formando losangos.

Quanto às vasilhas relacionadas à produção do *cauim*, exploramos no tópico anterior as características e os argumentos que nos levam a crer que os *yapepó rebí chûa* sejam também um tipo de *cambuchí*. No que tange à função “clássica” dos *cambuchí*, a fermentação de bebidas alcoólicas, cinco vasilhas apresentam estas marcas, sendo um proveniente do Litoral Norte (T-605), e quatro provenientes do Vale do Rio da Várzea (T-152, T-164, T-294 e T-295).

Em relação às composições de pasta, apenas o *cambuchí* do Litoral Norte (T-605) apresentou pasta fina, sendo que as vasilhas do Vale do Rio da Várzea apresentaram pastas com grânulos médios e grossos. Em comum às coleções, as cinco vasilhas foram confeccionadas com pastas que possuíam concentrações médias de hematita, apresentando uma coloração alaranjada.

**Tabela 21. Pastas utilizadas na confecção de *cambuchí* para fermentação de líquidos**

	GRANULOMETRIA	COR
T-605	média	laranja
T-152	média	vermelho
T-164	grossa	laranja
T-294	média	laranja
T-295	média	laranja

Dentre estes *cambuchí*, T-152 possui tratamento de superfície plástico. As demais vasilhas são alisadas e receberam acabamentos pintados externos, mas apenas T-605 pôde ser decalcada (ver figura 5). Vasilha da coleção do Litoral Norte, este *cambuchí* possui seis espaços gráficos relacionados a seus contornos. O grafismo aqui identificado foi traçado com linhas grossas e assimétricas, sendo provavelmente o trabalho de uma pintora pouco experiente. Lábio, pescoço e inflexão entre os ombros foram marcados com faixas vermelhas. Na borda, o módulo da pintura são linhas vermelhas aplicadas sobre fundo branco. Estas estão dispostas desordenadamente, sobrepondo-se umas às outras. Nos dois ombros foi aplicado o mesmo padrão de linhas verticais e horizontais que se encontram em ângulos de 90° formando figuras quadradas. Ao contrário da vasilha T-163, onde estes módulos possuem as mesmas dimensões e se combinam num ritmo constante, o que vemos aqui são figuras irregulares, implicando a mudança no padrão de aplicação do desenho.



**Figura 5. Decalque de fragmento do *cambuchí* T-605.**

Quanto às marcas de uso, percebemos que a fermentação pode causar marcas bastante variadas. Este é um processo no qual a transformação dos alimentos provoca a liberação de gás carbônico e, no caso do uso de vasilhas cerâmicas, os líquidos envolvidos podem penetrar a superfície interna e fazer com que esta descame à medida em que tais gases são liberados. Estas descamações são as marcas deixadas pela fermentação.

Uma dificuldade que tivemos para formular um modelo de distribuição destas marcas em vasilhas inteiras foi que, na verdade, nem todas as vasilhas estão completas. Das cinco vasilhas que apresentam marcas de fermentação, três são grandes fragmentos (T-294 é o fundo da vasilha, T-295 e T-605 são as bordas e parte do corpo). Ainda assim elas podem trazer informações quanto ao uso. Por exemplo, que na fermentação a vasilha poderia estar cheia quase por completo – uma vez que inclusive na área próxima à borda observam-se

descamações – o que é o oposto do que se passa no uso dos *yapepó*, nos quais o conteúdo não passa do bojo.

Considerando que uma marca de fermentação depende da penetração de líquidos nas paredes, inferimos que a variação no padrão de extensão e intensidade das marcas deve ser correspondente à qualidade do alisamento interno de cada vasilha. Um acabamento muito liso veda adequadamente os poros da argila e dificulta tal penetração. Neste caso, as marcas são pequenas descamações com os bordos delimitados pela permanência de superfície original, conforme a ilustração a seguir:



**Ilustração 1. Fotografia de marcas localizadas de fermentação (T-294).**

Ao contrário, quando o alisamento interno deixa rachaduras o que acontece é uma descamação violenta que pode mesmo pôr fim ao acabamento interno. Na ilustração a seguir podemos observar que toda a superfície interna, desde a base até o pescoço encontra-se atingida pelo processo de fermentação.



**Ilustração 2. Fotografia do interior de *cambuchí* (T-164), mostrando a superfície completamente descamada e os grãos de antiplástico aparentes.**

Montoya registrou alguns verbetes sobre o uso dos *cambuchí* em que se alerta para o cuidado em não mexer com a vasilha para que o conteúdo não se turve: *erecó recó imé cambuchí húúnge ñemonãni ay hãgûâmâ* = no menees el vaso porque no se enturbie el vino (La Salvia e Brochado, 1989:134). Não apenas a borra resultante da decantação das partes sólidas do *cauim* pode provocar esta turvação, mas também os fragmentos de superfície cerâmica que se despreendem na fermentação.

Observamos que a questão do alisamento – e a conseqüente intensidade da fermentação – pode ter relação com as composições de pasta. Como mencionamos no capítulo anterior, pastas grossas dificultam um bom resultado para uma superfície lisa, pois os grânulos mais grossos tendem a ficar salientes (Rye, 1981). Por exemplo, no caso apresentado de fermentação violenta (o *cambuchí* T-164) a pasta utilizada é grossa, e o resultado é a total perda da superfície interna pelo processo de fermentação, expondo inclusive os grãos de antiplástico.

Quanto às coleções de fragmentos, ficamos limitados devido ao tamanho da amostra, pois os sítios RS-LN-35 e RS-VZ-59 possuem apenas um fragmento de borda de *cambuchí* cada. Ambos apresentam a mesma composição de pastas: granulometria fina, presença de material orgânico, e concentração média de hematita, gerando um tom alaranjado. Nenhum dos dois fragmentos apresenta marcas de uso e não puderam ser decalcados.

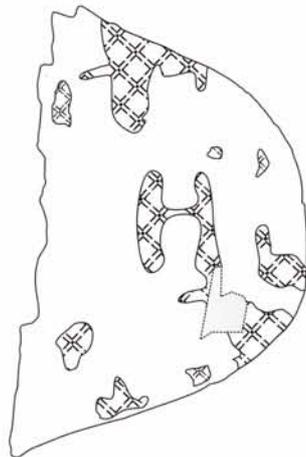
A partir de características formais como o fundo piriforme e o contorno complexo, selecionamos um conjunto de vasilhas que entendemos corresponder à categoria *cambuchí*. Vimos que, nas fontes etnohistóricas, a estas vasilhas são destinadas a uma série de funções. Investigando as relações entre as formas e as funções, pudemos perceber que a análise das marcas de uso evidencia quais vasilhas foram empregadas em cada atividade específica. Assim, vasilhas utilizadas no armazenamento de água não possuem marcas, vasilhas utilizadas no cozimento dos ingredientes do *cauim* possuem oxidação, carbonização e fuligem, e vasilhas utilizadas na fermentação do *cauim* possuem a superfície interna descamada pela ação dos gases do processo.

No entanto, além da forma, outra característica dá unidade ao conjunto. As composições de pastas evidenciadas entre os *cambuchí* das duas coleções apontam a escolha de argilas que possuem maiores concentrações de hematita, gerando cores alaranjadas e algumas vezes vermelhas. Esta é mais uma característica que nos permite argumentar a

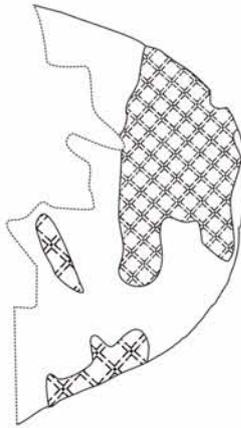
relação dos *yapepó rebí chûa* com os *cambuchí*, já que nestas vasilhas as pastas utilizadas também possuem tons alaranjados.

Prancha 7 - Marcas de Uso Cambuchi

T 295

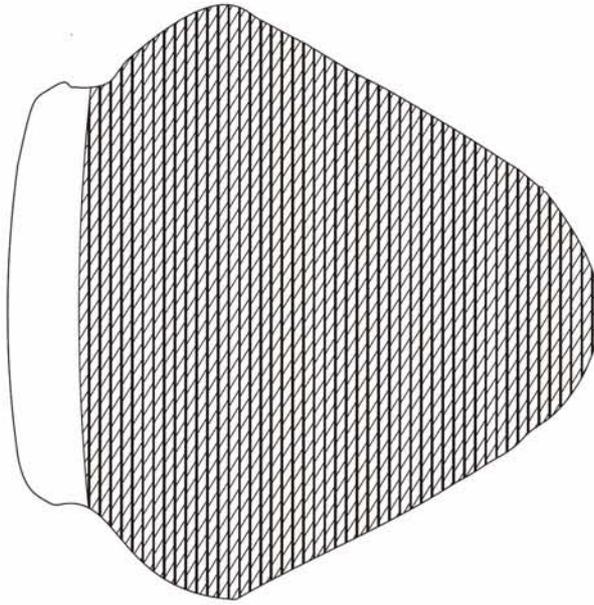


Face Interna 1



Face Interna 1

T 164



Face Interna

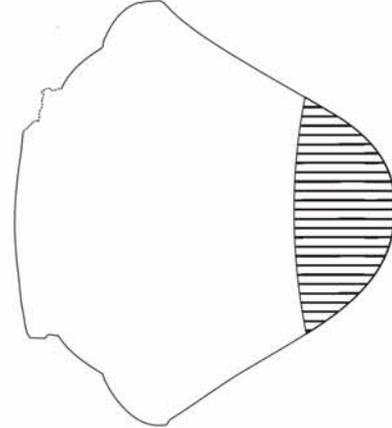
5 cm

Desgaste

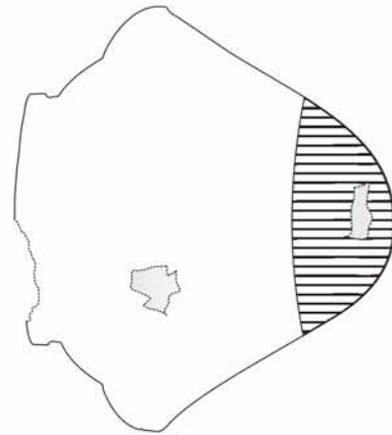
Fermentação B

Fermentação

T 158



Face Externa 1



Face Externa 2

### 5.2.3 ÑAETÁ

O verbete de Montoya que traduz *ñaetá* indica: caçarola (de ÑAE = cosa côncava e A=TÁ=RÁ=YA=cozer) (La Salvia e Brochado, 1989:142). São formas muito abertas, de contorno conoidal ou elipsóide simples, borda direta contínua com a parede ou levemente convexa (Brochado, Monticelli e Neumann, 1990:737). Nas coleções temos cinco vasilhas *ñaetá* (T-141, T-154, T-165, T-296 e T-584), sendo todas oriundas do Vale do Rio da Várzea.

Quanto às pastas utilizadas na sua confecção, duas vasilhas não possuem quebra para a realização da análise (T-154 e T-296). Nas demais, observamos pastas com inclusões de granulometria média e concentrações médias de hematita, com cores alaranjadas. No tocante aos tratamentos de superfície, três são corrugadas (T-154, T-296 e T-584), uma é escovada (T-141) e uma é alisada (T-165).

**Tabela 22. Pastas utilizadas na confecção de *ñaetá***

	<b>GRANULOMETRIA</b>	<b>COR</b>
T-141	grossa	laranja
T-154	sem quebra	sem quebra
T-165	média	laranja
T-296	sem quebra	sem quebra
T-584	média	laranja

Segundo Brochado e Monticelli (1994), com as caçarolas européias (analogia feita por Montoya) os *ñaetá* partilhavam mais que uma semelhança formal, sendo que na função também serviriam “para cozinhar alimentos por fervura sobre o fogo” (idem, p.112). No entanto, as marcas de uso identificadas nas coleções arqueológicas não condizem com esta idéia.

Skibo (1992) demonstrou que no cozimento de alimentos por fervura partículas sólidas ficam em suspensão e tendem a carbonizar na parte superior da vasilha, formando um anel escuro na altura em que esta estivesse cheia. Além disto, a água abundante não permitiria a carbonização na base. No entanto, em todas as vasilhas analisadas, observamos um mesmo

padrão de marcas de uso oposto ao indicado: na face interna, carbonização concentrada apenas nas bases, e na face externa, oxidação nas bases e fuligem até a borda.

Portanto, os *ñæetá* não devem ter sido utilizados no cozimento de alimentos líquidos. Pelo contrário, acreditamos que nestas vasilhas devessem ser preparados alimentos bastante secos, considerando não apenas o padrão de marcas de uso, mas também as características morfológicas destas vasilhas.

Como já mencionamos, os *ñæetá* são vasilhas muito abertas e com a base proeminente. Além disto, em sua maioria não são vasilhas muito grandes (média de 40 centímetros de diâmetro de boca e 25 centímetros de profundidade) e são fáceis de manusear. Destas características morfológicas podemos inferir algumas características do tipo de uso e de alimentos preparados.

A forma pronunciada das bases destas vasilhas lhes confere pouca estabilidade quando na posição horizontal. Para que um *ñæetá* se mantivesse estável enquanto no fogo seria necessário o uso de apoios, os *itácurú*<sup>35</sup>, o que não foi evidenciado nas análises. Isto indica que estas vasilhas não devem ter sido usadas em uma posição fixa. Sugerimos, assim, que os *ñæetá* fossem levados ao fogo na posição levemente diagonal que lhe é natural, com o fundo encaixado nas brasas, podendo ser constantemente virados, alterando a parte em contato com o calor.

Quanto ao tipo de alimento, a borda direta contínua com a parede indica a produção de alimentos mais secos. Não poderia ser um alimento líquido (como o sugerido por Brochado e Monticelli) porque mesmo que os *ñæetá* fossem usados horizontalmente com apoios, facilmente estas vasilhas poderiam virar. Neste caso, a falta de restrição do pescoço permitiria que todo o conteúdo se perdesse, o que ainda apagaria o fogo. Assim, acreditamos que a analogia feita por Montoya entre caçarola e *ñæetá* fosse meramente formal (coisa côncava usada para cozer), e não de tipo de alimento preparado.

Uma receita Guarani de alimento seco é a paçoca. Esta receita é preparada a partir do caldo de vegetais e/ou carne cozidos, ao qual é adicionada farinha de mandioca ou milho até que não haja mais água e se atinja uma consistência endurecida (Martinez-Croveto, 1968; Noelli, 1993; Landa, 1995). Na sua preparação seria indicada uma vasilha que permitisse mexer bem o conteúdo para não empelotar a farinha e evitar aderência do alimento às paredes

---

<sup>35</sup> Segundo Montoya, “las piedras que se ponen debajo de las ollas ó las bodogueras de barro que se hacen para esto (de CURÚ = pedaquelos, ITÁ = piedra) (La Salvia e Brochado, 1989:143). Eram utilizados para apoiar as vasilhas enquanto em uso. Silva (2000a; 2000b) indica seu uso entre os Assuriní do Xingu.

(e a conseqüente carbonização). Seria ideal também que se pudesse mexer a própria vasilha enquanto no fogo, para que suas partes ficassem aquecidas igualmente, facilitando o cozimento uniforme do conteúdo.

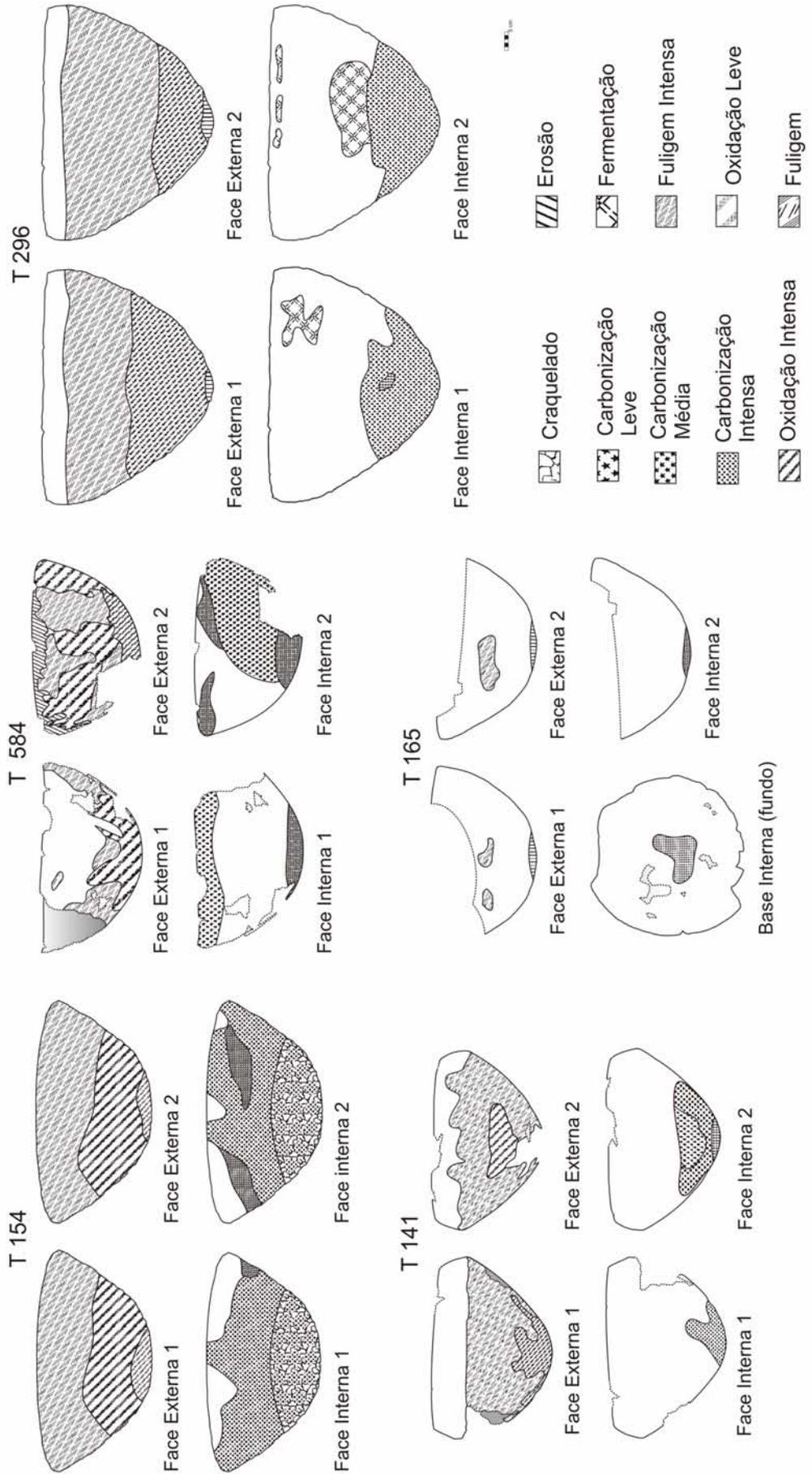
Assim, considerando a forma muito aberta – apropriada para se mexer o conteúdo –, a facilidade para manipular a vasilha em uso e as marcas de uso evidenciadas, sugerimos que os *ñaetá* fossem vasilhas utilizadas na preparação de paçocas.

Uma vasilha da coleção do Vale do Rio da Várzea em particular (T-296) merece ser mencionada como um caso excepcional. Esta vasilha possui corpo mais alto que as demais (na proporção entre abertura da boca e altura), lábio reto, como se tivesse sido lixado, e internamente possui marcas de fermentação que são anteriores à carbonização. Estas características nos levam a acreditar que originalmente não se tratasse de um *ñaetá*, mas sim de um *cambuchí* que tenha fraturado a borda e sido reformado para assumir uma nova função. Esta vasilha se torna interessante, assim, para evidenciarmos as dinâmicas de re-uso e reciclagem de antigas vasilhas.

Se entre as vasilhas inteiras a coleção do Litoral Norte não apresenta nenhum exemplar de *ñaetá*, a coleção do sítio RS-LN-35 possui 30 fragmentos de bordas desta categoria funcional. A análise de composição de pastas para estes fragmentos mostrou o uso de pastas finas e com baixas concentrações de hematita, gerando cores mais amarelas. Na coleção do sítio RS-VZ-59 há 18 fragmentos de bordas de *ñaetá*, nas quais identificamos tanto pastas finas quanto médias, tanto amarelas quanto laranjas e vermelhas.

Como vemos, a correlação entre os resultados obtidos na análise das pastas entre as vasilhas inteiras e entre os fragmentos não se mostrou condizente. Se poderíamos pensar em um esboço de padrão tecnológico a partir das vasilhas inteiras que foi possível analisar, levantando a hipótese da escolha por composições mais grossas e com tons alaranjados, a amostra de fragmentos, que totaliza 48 vasilhas, não a confirma. Este dado pode nos apontar diferentes escolhas regionais para a produção destas vasilhas. Retomaremos este ponto na conclusão do capítulo, referenciando também as demais categorias analisadas.

Prancha 6 - Marcas de Uso Naeitá



#### 5.2.4 CAMBUCHÍ CAGUABA

O verbete de Montoya para *cambuchí caguaba* indica: CAGUABA= onde se bebe vinho, instrumento de beber (La Salvia e Brochado, 1989:133). Estas vasilhas são conoidais de contorno simples ou complexo, abertas ou levemente restringidas, que podem receber tanto tratamentos plásticos quanto acabamentos pintados internos ou externos (Brochado, Monticelli e Neumann, 1990:734). Nas coleções analisadas temos nove *cambuchí caguaba*, sendo dois para o Litoral Norte (T-367 e T-476) e seis para o Vale do Rio da Várzea (T-139, T-155, T-157, T-159, T-161 e T-168).

Quanto às composições das pastas, os dois exemplares do Litoral Norte (T-367 e T-476) apresentam pastas finas e com altas concentrações de hematita, gerando tons avermelhados. Dos sete exemplares da coleção do Vale do Rio da Várzea, um (T-139) não possui quebra para a análise, dois possuem pastas com baixas concentrações de hematita (T-157 e T-159) e três possuem pastas com concentrações mais altas de hematita (T-155, T-161 e T-168).

**Tabela 23. Pastas utilizadas na confecção de *cambuchí caguaba***

	<b>GRANULOMETRIA</b>	<b>COR</b>
T-367	fina	vermelho
T-476	fina	vermelho
T-155	média	vermelho
T-157	média	amarelo
T-159	média	amarelo
T-161	média	laranja
T-168	fina	laranja

Dentre estas vasilhas observamos tanto tratamentos plásticos quanto pinturas. Para o Litoral Norte, T-367 possui a superfície externa unzulada e T-476 possui um fino acabamento pintado externo e interno que foi decalcado. Todas as peças do Rio da Várzea possuem acabamentos de superfície, entre banhos e pinturas, mas somente foi possível realizar o decalque da vasilha T-139.

O *cambuchí caguaba* do Litoral Norte (T-476) apresenta dois pontos de inflexão: restrição do pescoço e ponto de maior diâmetro da peça (inflexão do bojo) (ver figura 6). Tipicamente, estas vasilhas também têm o lábio e os pontos de inflexão marcados com faixas vermelhas, delimitando as áreas a serem pintadas com padrões mais elaborados. Assim, o primeiro padrão foi pintado sobre o lábio, sendo uma faixa vermelha que dá início à primeira área de pintura. Esta compreende o espaço entre a borda e a inflexão do pescoço.

Nesta área, sobre um fundo branco, foram traçados pares de finas linhas vermelhas que compõe linhas vazadas, cujos bordos são vermelhos e o interior branco. Estas linhas estão dispostas diagonalmente formando triângulos, que são o módulo básico do desenho. O preenchimento do espaço se dá pela combinação destes módulos no sentido superior e inferior, ou seja, entre cada triângulo se coloca outro em posição invertida.

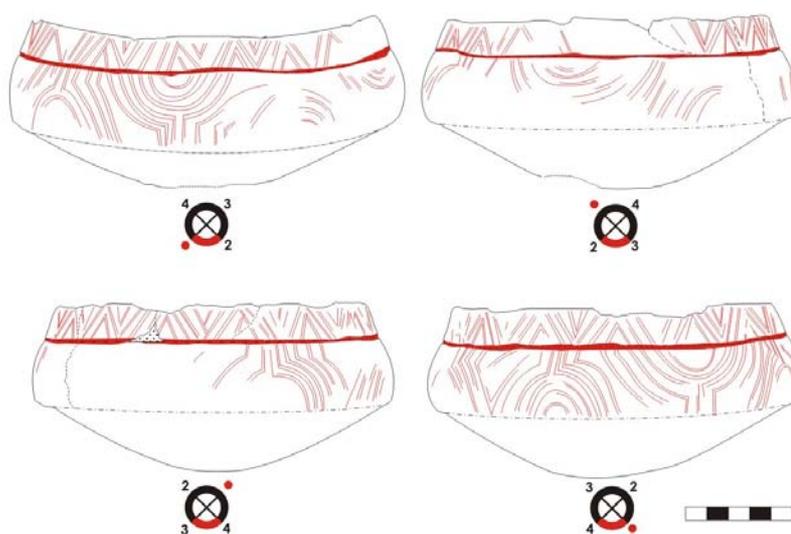


Figura 6. *Cambuchí caguabá* T-476. Notar semelhança com o padrão observado em T-1184.

O terceiro padrão é a faixa vermelha que destaca a restrição do pescoço, limitando o fim da primeira área e o início da segunda. Na segunda área pintada, o padrão de linhas vazadas com bordos vermelhos e fundo branco se mantém, mas o desenho que formam são mais complexos. As linhas possuem uma parte reta e vertical em relação à boca da vasilha, e em certo ponto se curvam, formando meias-calotas. A combinação destas linhas forma o módulo do desenho, que nos lembra um cálice. Da mesma maneira que no padrão anterior, o espaço é preenchido com a combinação dos módulos no sentido superior e inferior. Por fim, o ponto de maior diâmetro da vasilha é marcado com uma faixa vermelha, marcando também o final do grafismo.

Internamente, a vasilha possui um banho vermelho que dá o fundo para a aplicação do grafismo. Este consiste em uma cruz a partir da qual linhas sinuosas preenchem o espaço. Este grafismo foi realizado com tinta preta e pela espessura e forma dos traços acreditamos que tenham sido feitos com os dedos.

Da coleção do Vale do Rio da Várzea, o *cambuchí caguaba* tombado sob o número T-139 possui contornos bastante simples, implicando na simplicidade da composição dos grafismos, com apenas uma área pintada. Sobre o lábio foi aplicada uma faixa vermelha, delimitando o início da área a ser pintada, que compreende o espaço entre a borda e o ponto de maior diâmetro da peça (inflexão do bojo). Nela, sob fundo branco, foram aplicadas verticalmente, mas levemente inclinadas, finas linhas vermelhas que são o módulo do desenho. Em certos intervalos há uma mudança na aplicação das linhas, que tomam a inclinação oposta, formando um ângulo agudo. O final da área pintada é também demarcado pela presença de uma faixa vermelha na inflexão do bojo.

Em relação ao uso destas vasilhas, identificamos poucas marcas. Basicamente eles possuem desgaste na base, que pode ser decorrente tanto do armazenamento – caso fossem guardadas com a boca para cima, o que parece correto, dado que não observamos desgaste junto à borda ou lábio – quanto da manipulação em uso (apoiando o fundo da vasilha com as mãos).

Dentre os *cambuchí caguaba* do Rio da Várzea, dois se mostraram escurecidos, recobertos de fuligem pelo lado externo (T-139 e T-159). Levantamos duas hipóteses para este caso. A primeira é que, após a perda da funcionalidade original, estas vasilhas tenham sido reutilizadas na função de *itacurú*, tal qual registrado por Silva (2000a:90) para os Assuriní do Xingu. A segunda hipótese é a de que tenham servido como tampa para outra vasilha no cozimento de algum alimento. Entre os *yapepó* do Rio da Várzea mencionamos dois exemplares (T-160 e T-583) que apresentaram marcas internas de fuligem por serem tampadas durante o uso ao fogo.

Quanto às análises das coleções de fragmentos, o sítio RS-LN-35 possui 18 bordas de *cambuchí caguaba*, e o sítio RS-VZ-59 possui 12 bordas. Quanto às composições de pastas identificadas neste conjunto, o Litoral Norte apresenta pastas amarelas e finas, e, novamente, o Vale do Rio da Várzea apresenta tanto pastas grossas quanto finas, tanto amarelas quanto laranjas e vermelhas. Em comum às coleções se observa a presença de material orgânico nas composições.

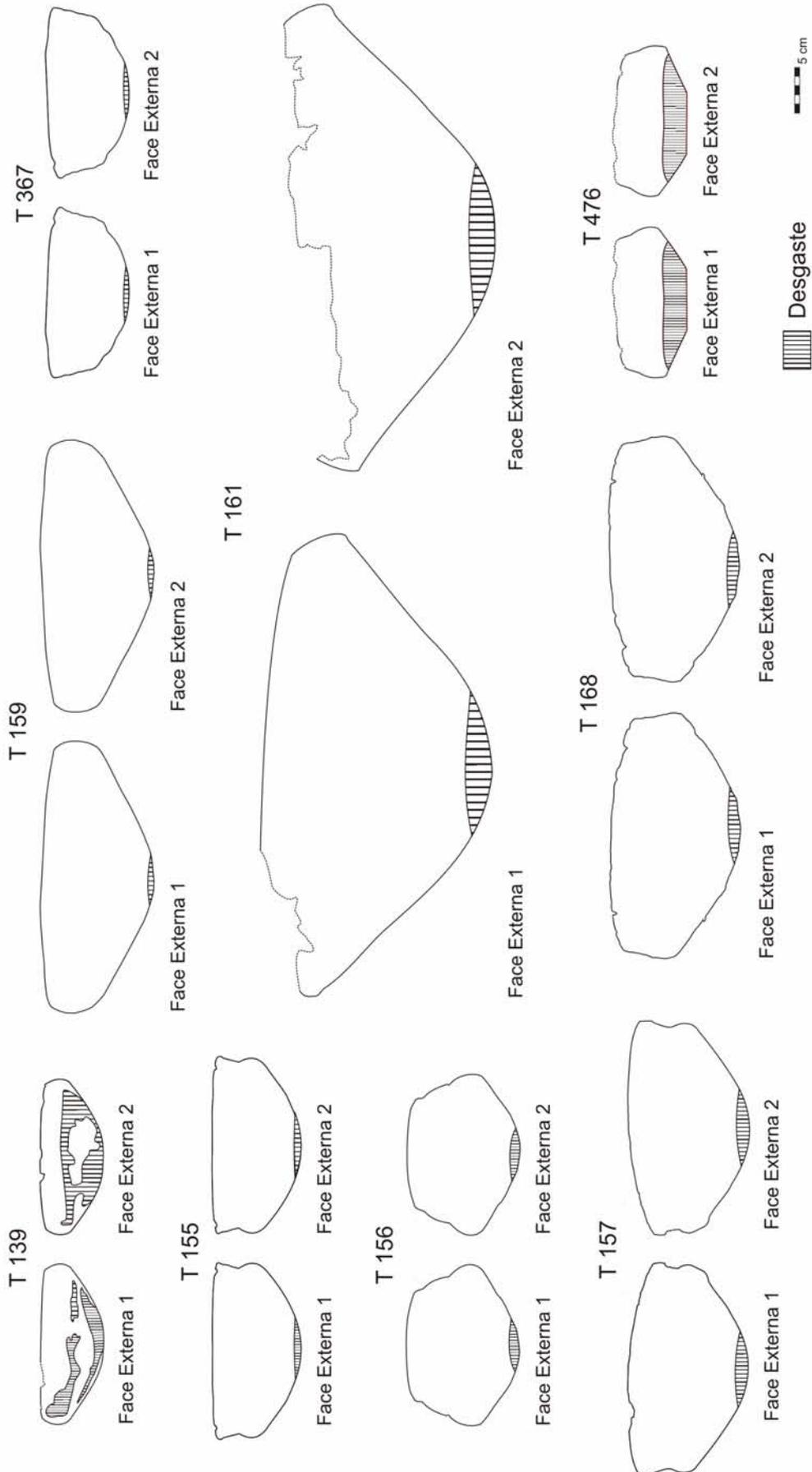
Todos os fragmentos são alisados. Os 18 fragmentos do Litoral Norte possuem acabamentos externos pintados, sendo que nove foram decalcados e constam nos anexos deste trabalho. Para o Vale do Rio da Várzea, nove fragmentos possuem acabamentos externos pintados, sendo dois decalcados, mas como já mencionado no capítulo anterior, não obtivemos bons resultados. Os padrões gráficos identificados na coleção do Litoral Norte caracterizam-se por ondulações que “se encaixam” nas extremidades, sendo totalmente arredondadas ou pouco angulosas. Apenas dois fragmentos (número de análise 846 e 858) possuem traços verticais e horizontais que se encontram em um ângulo de 90°. Este tipo de grafismo está associado à borda da vasilha, pois nestes fragmentos temos uma segunda área pintada – localizada no ombro – que possui padrões arredondados.

Em razão da pequena amostra da coleção do Rio da Várzea, ficamos impedidos de fazer comparações entre os conjuntos, mas ao final deste capítulo retomaremos a questão dos grafismos com todas as categorias, a fim de possibilitar uma maior base para compreendermos como cada padrão pode se ligar à funcionalidade ou se há escolhas próprias a cada contexto regional.

Em relação aos *cambuchí caguaba* ainda ficam-nos dúvidas sobre como interpretar uma série de questões, por exemplo, as muitas possibilidades de composições de pastas observadas e os diferentes acabamentos e tratamentos de superfície que podem receber. Como para esta categoria funcional também há uma variabilidade em relação aos contornos formais das vasilhas, acreditamos que, assim como o observado para os *yapepó*, as escolhas tecnológicas podem nos revelar especificidades intracategoria quanto às matérias-primas e às técnicas de confecção. No entanto, não conseguimos sistematizar estas diferenças formais a fim de traçar correlações tecnológicas que nos permitissem chegar a resultados mais específicos.

Dentro desta variabilidade, um aspecto que unifica as coleções é a presença de matéria orgânica nas composições de pasta. Sugerimos para a coleção de fragmentos do Litoral Norte que este tipo de antiplástico possa estar associado aos atos de servir alimentos, mais que prepará-los. Para o Rio da Várzea esta relação pareceu menos evidente, mas podemos considerar também para esta coleção que estes elementos presentes na pasta possam cumprir um papel na distribuição e consumo dos alimentos.

Prancha 5 - Marcas de Uso Caaguabá



### 5.2.5 TEMBIRÚ

Montoya define *tembirú* como prato (de TEMBIÚ = comestível, comida, onde U (1) = comer e beber) (La Salvia e Brochado, 1989:142), sendo usados para servir e consumir alimentos. Brochado, Monticelli e Neumann (1991) definiram suas características morfológicas como vasilhas muito abertas, possuindo base arredondada, borda direta ou côncava, inclinada para fora e contínua com a parede. Estas vasilhas podem receber também acabamentos de superfície externos ou internos.

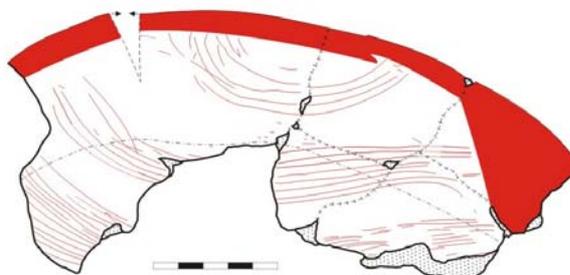
Nas coleções identificamos quatro *tembirú*: três oriundos do Litoral Norte (T-120, T-121 e T-122) e um oriundo do Vale do Rio da Várzea (T-659). Quanto à questão das pastas, um *tembirú* não pôde ser analisado por não apresentar quebra suficiente (T-120), 1 (T-122) foi confeccionado com pasta grossa, e os demais foram confeccionados com pastas finas. Em todos identificamos presença de material orgânico e baixas concentrações de hematita – lhes conferindo tons amarelados.

**Tabela 24. Pastas utilizadas na confecção de *tembirú*.**

	<b>GRANULOMETRIA</b>	<b>COR</b>
T-120	sem quebra	sem quebra
T-121	fina	amarela
T-122	grossa	amarela
T-659	fina	amarela

Os quatro exemplares possuem acabamentos superficiais internos pintados, tendo sido possível decalcar dois deles (T-122 e T-659). No *tembirú* do Litoral Norte (T-122) não foi possível compreendermos bem como se estabelece o padrão gráfico (ver figura 7). O lábio foi pintado com uma faixa vermelha, sendo que em uma das extremidades da vasilha esta se amplia abruptamente, se aproximando da base. Neste ponto há uma fratura na peça, motivo pelo qual não sabemos que proporção teria esta faixa em relação à vasilha, ou qual a sua forma. No corpo e base vêem-se finas linhas vermelhas pintadas sobre fundo branco. Estas linhas se iniciam em uma das extremidades da vasilha e seguem até o lado oposto, onde se

curvam e voltam ao ponto de origem. Devido à fratura não sabemos se este movimento continua até o fim da peça ou se encerra na primeira volta.



**Figura 7. Tembirú T-122.**

Sobre a coleção do Litoral Norte podemos mencionar também um conjunto de fragmentos remontados de *tembirú* (número de análise 837), pois apresentam o padrão gráfico muito bem preservado. Nestes fragmentos vemos que sobre o lábio foi aplicada a típica faixa vermelha. Corpo e base possuem um fundo branco sobre o qual foram pintadas finas linhas vermelhas semicirculares ou ondulares. As figuras formadas preenchem o espaço relacionando a concavidade de uma com o início de outra. Assim, do interior de um semicírculo partem as linhas que originarão um outro, e, desta forma, as figuras estão todas encaixadas.

O padrão identificado no *tembirú* do Vale do Rio da Várzea (T-659) é muito diferente do que vimos observando até o momento (ver figura 8). Trata-se de uma composição de linhas curvas e pontos. O lábio possui a faixa vermelha identificada em todas as vasilhas. Dele partem conjuntos de três linhas que fazem um movimento ondulante lembrando o que Prous (2004; 2005) chamou padrão “intestinal”: seguem até um ponto, se curvam e voltam, para novamente se curvar e assim sucessivamente até o limite de nosso decalque. O interior das linhas foi mantido branco, e esta “serpente” é o módulo do padrão. Identificamos quatro módulos em pouco mais de meia vasilha. O espaço vazio entre cada módulo foi preenchido com pontos vermelhos de tamanho muito regular. O exterior desta vasilha foi pintado com faixas pretas verticais em relação à borda, aplicadas diretamente sobre a superfície cerâmica.



**Figura 3. Tembiriú T-659**

Da mesma forma que para os *cambuchí caguaba*, identificamos poucas marcas de uso entre os *tembiriú*, sendo freqüente o desgaste nas bases, decorrente do armazenamento ou do uso. Um exemplar do Litoral Norte (T-121) apresentou também um desgaste em forma de anel ao redor da borda externa, indicando que a vasilha pode ter tido algum tipo de amarração naquele ponto ou de ter servido como tampa para outra vasilha.

O único *tembiriú* proveniente do Vale do Rio da Várzea (T-659) foi usado para carbonizar algum material em seu interior e o fundo branco da pintura foi quase totalmente enegrecido. Externamente não evidenciamos outras marcas de uso que o comentado desgaste da base. Esta “carbonização” da pintura interna nos sugere que esta vasilha possa ter tido um uso cerimonial, como a queima de alguma erva – prática mencionada por Montoya ([1891]1985) como relacionada aos rituais de cura. Não podemos, no entanto, inferir se este foi um uso secundário ou exclusivo desta peça, ou seja, se em realidade ela não tenha sido confeccionada apenas para o uso ritual.

Quanto às coleções de fragmentos, o sítio RS-LN-35 possui 49 fragmentos de *tembiriú* e o sítio RS-VZ-59 possui 37 fragmentos. No tocante às composições de pastas identificadas, a coleção do Litoral Norte se caracteriza pela escolha de pastas finas e amarelas ou mesmo sem hematita. Já na coleção do Vale do Rio da Várzea, identificamos a escolha por argilas finas, mas com concentrações de hematita tanto baixas quanto altas.

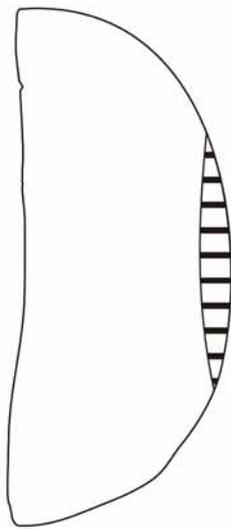
Da mesma forma que para os *cambuchí caguaba*, observamos diferentes escolhas quanto às matérias-primas utilizadas na confecção de *tembiriú* nos dois contextos analisados. Para a coleção do Litoral Norte temos o indicativo da escolha de pastas finas e amarelas, mas no Rio da Várzea todas as cores podem ser usadas.

Como vimos discutindo ao longo dos capítulos, acreditamos que a variabilidade das escolhas tecnológicas indique diferentes tipos de artefatos, ligados a diferentes funções – não

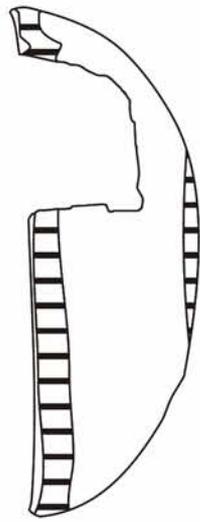
apenas físicas, mas sociais e cosmológicas. Duas possibilidades se abrem para a interpretação da variabilidade de pastas entre os *tembirú*, assim como para os *cambuchí caguaba* e os *ñaetá*. Por um lado, devemos considerar a necessidade de se explorar mais profundamente a variabilidade das características morfológicas destas categorias, a partir do que se tornará possível investigarmos mais adequadamente as especificidades tecnológicas a elas inerentes. Por outro, podemos considerar as diferentes pastas como características próprias de cada coleção, sendo, numa perspectiva espaço-temporal, índices da história Guaraní pré-colonial.

Prancha 1 - Marcas de Uso Tembirú

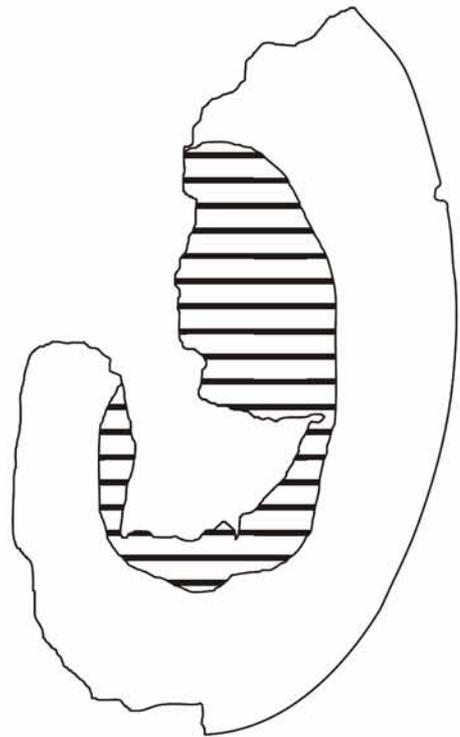
T 659



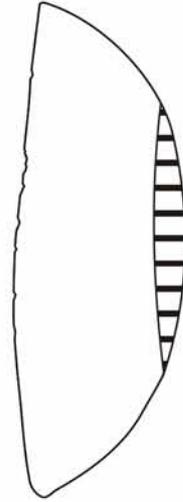
T 121



T 122



T 120



 Desgaste

 5 cm

### 5.3 Conclusão

Em nossa análise partimos do princípio de que qualquer escolha tecnológica não é aleatória, pois determina a re-produção de um ser específico. Diferentes contornos de bordas ou bases, a escolha das matérias-primas, as texturas e pinturas aplicadas (“peles”), assim como as marcas do desempenho de uma função, caracterizam as especificidades e propriedades cosmológicas destes seres (van Velthem, 2003). Uma análise tecnológica que vise o acompanhamento desta produção, que em última instância é a produção do social, deve enfatizar estes critérios e considerá-los em conjunto.

Na conclusão deste último capítulo indicaremos os sentidos que nossas análises apontam na direção de uma história Guarani pré-colonial. Isto significa identificar as semelhanças e diferenças entre as coleções, o que nos permite argumentar a produção de dois mundos díspares, mas igualmente Guarani.

Um primeiro e mais evidente aspecto é a morfologia das vasilhas, que nos guiou neste capítulo. Há cinco categorias funcionais principais para a cerâmica Guarani, facilmente identificadas nas coleções arqueológicas através dos critérios estabelecidos por Brochado e seus colaboradores nas décadas de 1980 e 1990. A semelhança formal entre estas categorias é uma característica fundamental das coleções arqueológicas Guarani, e naquelas por nós analisadas isto não é diferente. No entanto, a ênfase que demos a este aspecto nos permitiu perceber que os mencionados critérios de determinação das categorias funcionais, hoje ponto pacífico da arqueologia Guarani, são na verdade bastante genéricos.

Vimos que já na definição de cada categoria funcional há a possibilidade de diferentes contornos, seja no que tange às bordas, aos ombros ou às bases. Em nossa perspectiva, os contornos de uma vasilha definem a estrutura corporal de um ser demiúrgico re-produzido no artefato, ou seja, implica no tipo de atuação que ele poderá desempenhar. Assim, o ponto de partida para nossa investigação foi a reconsideração das características morfológicas internas a cada categoria, pensando que cada particularidade aponta vasilhas muito diversas.

Com isto, nos foi possível identificar uma variedade maior de vasilhas que estes cinco tipos iniciais. É o caso das duas subcategorias de *yapepó*: *yapepó rebí agûa* – de base arredondada – e *yapepó rebí chûa* – de base cônica e múltiplos ombros. Inicialmente apenas

diferenças morfológicas, a análise tecnológica levada a cabo mostrou que em todos os critérios estas vasilhas diferem. Além disto, a morfologia das *yapepó rebí chûa* nos permitiu intuir uma relação entre estas e a categoria *cambuchí*, o que os demais critérios analisados confirmam, indicando que estas vasilhas teriam uma função específica na produção do *cauim*. Já para as categorias *cambuchí caguabá* e *tembirú*, embora as diferenças formais sejam notórias, não nos foi possível sistematizar suas subdivisões – o que dificultou a percepção de suas especificidades tecnológicas. Entre os *ñaetá*, as diferenças formais são muito sutis, e também não identificamos subcategorias.

A escolha das matérias-primas nos permitiu aprofundar a delimitação das categorias morfológicas identificadas. O aspecto mais interessante desta análise foi perceber que a grande variedade de tipos de pastas utilizadas para a produção de diferentes vasilhas pôde ser agrupada segundo o critério cor – definido pela concentração mais alta ou mais baixa de hematita. Como vimos no capítulo 2, este é um aspecto fundamental e um critério propriamente ameríndio para o estabelecimento de relações entre humanos e não-humanos (van Velthem, 2003). Mais do que isto, é um elemento considerado ainda hoje pelos Guarani na confecção de seus cachimbos (Garlet e Soares, 1998).

A diferenciação das cores fica evidente na oposição entre as subcategorias de *yapepó*: os *yapepó rebí agûa* são amarelados, enquanto os *yapepó rebí chûa* são alaranjados. Nisto estas últimas também se assemelham aos *cambuchí*, para os quais, independente da função específica desempenhada, as pastas possuem tons laranjas. Isto pode apontar uma relação entre as cores e os alimentos sólidos e líquidos, ou entre aqueles que tornam os corpos pesados em oposição aos que tornam os corpos leves (Tempass, 2005; Assis, 2006). De qualquer forma, a cor destas vasilhas torna evidentes as diferentes agências que agregaram à produção de pessoas Guarani em ambos os contextos analisados.

Já em relação às categorias *ñaetá*, *cambuchí caguabá* e *tembirú*, não percebemos uma especificidade de cores escolhidas. Na verdade, há uma oposição entre as coleções analisadas. Para o Litoral Norte, estas três categorias são caracterizadas por pastas predominantemente amarelas ou mesmo sem hematita em sua composição. No Vale do Rio da Várzea, no entanto, as duas tonalidades são utilizadas na confecção destes artefatos. Esta questão diferencia as coleções, e sobre este dado podemos levantar a hipótese da influência das diferentes formações geológicas dos barreiros do nordeste e do noroeste do Estado, ou seja, que para o Litoral Norte existam menos barreiros “vermelhos” do que para o Rio da Várzea.

Neste caso, isto não significa dizer que as questões ambientais determinaram as escolhas de matérias-primas, mas sim que as possibilidades de argilas foram aceitas como parte do coletivo, implicando na reavaliação das associações pré-estabelecidas e gerando associações próprias a cada contexto. Se for assim, cabe retomar a qualificação das pastas dos *cambuchí* do Litoral Norte como laranjas ou vermelhas. Se na ocupação Guarani do Litoral Norte<sup>36</sup> algumas categorias puderam ser reconsideradas a partir das limitações dos barreiros encontrados, para os *cambuchí* a proposta de reconfigurar sua tecnologia – e sua agência – não pôde ser aceita. Os poderes inerentes a estas vasilhas, advindos também de sua cor, deveriam ser tais que implicassem a busca por barreiros mais distantes, cujas propriedades se adequassem às necessidades de sua produção. Contudo, como já mencionamos no capítulo anterior, as hipóteses tecidas com referência à geologia dos contextos em análise ainda necessitam ser retomadas a partir de análises arqueométricas, as quais não pudemos realizar para esta dissertação.

Ainda quanto aos *cambuchí caguabá* e *tembirú*, ambas as coleções apresentam matéria orgânica nas composições de pastas utilizadas em sua produção. Para o Litoral Norte, apenas as categorias relacionadas aos atos de servir possuem este antiplástico, enquanto no Vale do Rio da Várzea o observamos também em outras categorias. No entanto, embora aqui a relação seja menos evidente, ou menos específica, podemos sugerir que a adição de material orgânico (plantas, ossos) nas vasilhas que oferecem o alimento ao consumo seja uma escolha tecnológica que pode determinar sua agência.

Em relação às “peles” destes artefatos, os tratamentos e acabamentos de superfície, há aproximações e afastamentos entre as coleções. La Salvia e Brochado (1989) postularam a relação entre tratamentos de superfície plásticos e o uso ao fogo, ao passo que os acabamentos pintados seriam próprios das vasilhas utilizadas para armazenar, servir e fermentar bebidas. Nossa análise corresponde a este princípio em ambas as coleções.

Novamente quanto à analogia entre os *yapepó rebí chûa* e os *cambuchí*, este critério se mostrou muito enriquecedor. *Yapepó rebí chûa* é um tipo de *cambuchí* que possui uma função específica, qual seja, ir ao fogo para a produção do *cauim*. Além das dimensões reduzidas, o único aspecto que diferencia estes dois tipos de vasilhas é o tratamento de superfície que recebem, ou o tipo de pele que as recobre. Se a pele de um artefato “representa o principal elemento identificador de um ser, o meio pelo qual ele se integra ao cosmo mas mantém sua

---

<sup>36</sup> Posterior a do Vale do Rio da Várzea, segundo a cronologia de Brochado (1984).

identidade” (van Velthem, 2003:129), então o tipo de pele grossa e resistente que resulta de tratamentos plásticos permite à vasilha (ou o ser re-produzido) integrar-se adequadamente ao fogo, produzindo transformações em seu conteúdo, logo, naquele que bebe o *cauim*. O mesmo pode ser dito para as demais vasilhas plásticas usadas ao fogo – *ñaetá* e *yapepó rebí agûa*. O vínculo entre corrugados, ungulados ou escovados e o fogo, assim, é muito menos funcional ou estilístico que cosmológico.

Como dissemos, neste quesito as coleções se aproximam, mas também possuem suas peculiaridades. Enquanto no Litoral Norte as vasilhas plásticas possuem apenas um tipo de tratamento em toda a superfície, no Vale do Rio da Várzea algumas combinações podem ser feitas, especificando ainda mais as subcategorias identificadas. Assim, as *yapepó rebí agûa* podem apresentar base, corpo e bojo alisados, enquanto o pescoço e a borda são destacados com a aplicação de corrugações ou unguiações. Já as *yapepó rebí chûa* apresentam toda a superfície coberta por um padrão de tratamento, mas os pontos de inflexão são destacados por outros.

Este tipo de combinação é mais um aspecto que correlaciona estas vasilhas aos *cambuchí*, pois reproduzem a divisão dos campos gráficos das pinturas que caracterizam esta categoria. No tocante ao estudo dos padrões gráficos decalcados sobre os *cambuchí*, os *cambuchí caguabá* e os *tembirú*, em ambas as coleções percebemos que sua distribuição nas vasilhas segue as mesmas regras de composição, ou seja, lábio e pontos de inflexão (onde há) pintados com faixas em cor oposta ao fundo, delimitando as áreas a serem pintadas com motivos mais elaborados (Dias, Neumann et alli, 2008). Quanto às cores, foram identificados o branco, o preto e o vermelho. Geralmente o fundo da pintura é realizado em branco e as faixas e grafismos em vermelho, sendo o preto utilizado mais raramente.

Não identificamos especificidades quanto ao tipo de padrão gráfico relacionado às distintas categorias funcionais. Um mesmo padrão pode ser identificado tanto em *cambuchí* quanto em *cambuchí caguabá*. Nos *tembirú*, os padrões podem sugerir outras formas, mas acreditamos que isto se relacione às características da superfície interna destas vasilhas, mais planas e sem subdivisões (Dias, Neumann et alli, 2008).

Na comparação entre as coleções, percebeu-se uma variação nos motivos utilizados, sendo mais geométricos no Vale do rio da Várzea e mais sinuosos para o Litoral Norte (Dias, Neumann et alli, 2008). Além disto, a coleção do Vale do Rio da Várzea apresenta um número maior de padrões, cores, e formas de associação entre estes elementos. Como

exemplos podemos citar a vasilha tombada sob o número T-156, que apresenta pelo menos duas tonalidades de vermelho, além de duas vasilhas pintadas em branco sobre fundo vermelho, invertendo do padrão de cores. Observamos também a opção por ocupar toda uma área gráfica com uma cobertura monocromática (como na vasilha de número T-158).

A funcionalidade de uma vasilha é um aspecto tecnológico fundamental, pois, se a produção gera um corpo determinado, o uso simbolicamente lhe confere movimento. O desempenho funcional, assim, representa a vida social do artefato. Cada categoria ou subcategoria identificada possui, neste sentido, suas especificidades funcionais. Isto foi observado para as subcategorias de *yapepó*, apontando diferentes receitas e dinâmicas de uso ao fogo. Da mesma forma, o estudo funcional dos *cambuchí* nos permitiu identificar quais vasilhas foram utilizadas para fermentar *cauim* ou armazenar líquidos. Entre os *ñaetá*, as marcas de uso revelaram o tipo de alimento que pode ter sido nelas preparado, assim como uma possível dinâmica de uso. Estas marcas também confirmaram a especificidade de *cambuchí caguaba* e *tembirú* nas atividades exclusivas de servir alimentos.

Esta análise permitiu também averiguar a importância da especificidade e propriedade funcional, trabalhadas por van Velthem (2003). Apenas três das 45 vasilhas analisadas possuem marcas de uso diferentes do padrão de sua categoria. Dois *tembirú* do Vale do Rio da Várzea apresentam a superfície externa coberta de fuligem, indicando uma segunda função ao fogo como tampa de panelas ou *itacuru*, e um *ñaetá* apresenta descamações por fermentação, anteriores à carbonização da base, indicando ter sido um *cambuchí* fraturado e reformado para assumir uma função no cozimento.

Todas essas análises nos permitiram compreender melhor os resultados obtidos na análise de fragmentos. Naquele momento, as possibilidades múltiplas de pastas e tratamentos de superfície nos ofereceram dados pouco específicos, que agora podem ser contextualizados com as características das categorias a que pertenceram. É o caso dos fragmentos de *yapepó*, produzidos tanto com pastas amarelas quanto laranjas, resultantes das duas subcategorias. Foi possível também explicitar melhor a opção mais distribuída, no Vale do Rio da Várzea, pelo tratamento alisado nas categorias usadas ao fogo, que havia ficado como dúvida na análise anterior.

Dois dados provenientes da análise das coleções de fragmentos não puderam ser aprofundados. O primeiro é a adição de ossos moídos e chamote às pastas, pois estes antiplásticos não foram identificados entre as vasilhas inteiras. O segundo é a associação entre

tratamento superficial externo plástico e banho vermelho interno, que também não foram identificados nas coleções.

Como se pôde perceber, não trabalhamos a questão da queima entre as vasilhas inteiras. Isto se deve, em primeiro lugar, ao fato de que na ausência de fraturas em muitas peças obteríamos apenas dados parciais. Ainda, conforme a discussão realizada no capítulo anterior sobre as possibilidades e dificuldades apresentadas pela análise deste critério, entre as vasilhas inteiras os tipos de queima se alternam conforme as partes constituintes devido à posição ocupada na fogueira quando da queima produtiva ou ainda das dinâmicas de uso ao fogo de certas categorias. Reforçamos, portanto, que a exploração desta questão ainda depende de arqueologia experimental.

Assim, a análise tecnológica nos revela uma série de particularidades que dão um perfil tecnológico próprio a cada categoria funcional. Com isto, podemos argumentar que a tecnologia cerâmica Guarani pré-colonial pode ser interpretada segundo o modelo antropológico apresentado, ou seja, que se caracteriza pela re-produção de seres dotados de agências específicas, advindas das matérias-primas, de sua estrutura corporal, sua pele e seu uso, atuando diferentemente na produção de pessoas e do cosmo. Além disto, em alguns aspectos as coleções analisadas diferem, indicando novas associações entre os diferentes seres – humanos e não-humanos – caracterizando contornos cosmológicos próprios a cada contexto abordado. Esta é nossa fonte para discutirmos questões de história Guarani.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi, desde o início, abordar aspectos da história Guarani pré-colonial até o momento pouco trabalhados pela arqueologia. Objetivamos perceber se as parcialidades que a documentação etnohistórica contraditoriamente registra (Monteiro, 1992) existiram e se revelam nos artefatos produzidos, discutindo tanto a interpretação histórico-cultural quanto a perspectivista. Para tanto, selecionamos coleções arqueológicas de duas diferentes regiões do Estado do Rio Grande do Sul, o Litoral Norte e o Vale do Rio da Várzea, a fim de, em perspectiva comparada, testar esta hipótese.

Optamos por um referencial teórico completamente novo, cujo debate acadêmico acaba de se iniciar: a Arqueologia Simétrica. Esta se funda sobre as discussões e princípios propostos por Latour (2004, 2007, 2008), principalmente no que diz respeito à crítica do referencial científico moderno, o qual nega à arqueologia qualquer legitimidade. Para a arqueologia indígena brasileira, em particular, uma arqueologia simétrica implica em um avanço significativo. Isto por que a proposta cosmológica “perspectivista” dos povos ameríndios e a “ecológica política” de Bruno Latour são perfeitamente compatíveis, pois comungam como princípio fundamental a unidade ontológica de todos os seres, implicando na responsabilidade coletiva da produção do cosmo.

O *perspectivismo* demonstra que, nas cosmologias ameríndias, humanos e não-humanos compartilham capacidades ontológicas fundamentais que os articulam em um mesmo referencial de “humanidade”. Assim, animais, plantas, **artefatos**, e “espíritos”, incidem ativamente sobre as associações que produzem o social. É no trabalho sobre as materialidades de cada um destes seres, na produção constante de seus corpos, que reside a diferenciação e a identificação cosmológica entre eles. Neste sentido, se é justamente na produção material que se encontra a multiplicidade das associações indígenas, então uma arqueologia de referencial simétrico surge como *locus* de formulação de questionamentos sociais, evidenciando a complexidade quase sempre negada às “sociedades primitivas”.

Investigamos na etnografia atual sobre os grupos indígenas ameríndios alguns princípios fundamentais ao estudo da cerâmica Guarani pré-colonial. Nela vimos que a homologia entre pessoas e artefatos, ambos produtos de um esforço tecnológico que remete à criação primordial do cosmo, nos permite argumentar que um mesmo tipo de relações se

estabelece entre os humanos e entre estes e os não-humanos. Isto torna possível percebermos, através da análise de coleções arqueológicas, aspectos da socialidade pretérita na produção de um mundo comum e, num sentido histórico, rastreamos as associações dadas na formação de coletivos em diferentes contextos regionais.

A articulação entre a proposta de uma Arqueologia Simétrica e as cosmologias indígenas nos permite, assim, uma abordagem diferenciada sobre a dimensão temporal, a partir destas relações tecnológicas. Na perspectiva simétrica sobre a história, a formação do coletivo é um debate constante sobre a aceitação ou rejeição de novas propostas – humanas ou não-humanas –, cujo resultado é a ampliação ou manutenção de seus contornos. No caso das cosmologias ameríndias, observamos uma tendência à manutenção dos contornos estabelecidos. Isto se evidencia pela ênfase dada à re-produção dos parâmetros demiúrgicos utilizados na produção original do cosmo quando de qualquer ato tecnológico.

No entanto, isto não significa que haja uma filosofia voltada para o passado. Pelo contrário, a manutenção das formas tradicionais de produzir pessoas e coisas está centrada no presente – e no futuro – do coletivo, pois, uma vez que o cosmo indígena é habitado por uma infinidade de seres poderosos que atuam à margem do social, a possibilidade de se re-instaurar o caos original está dada. Assim, a re-produção da ordem cósmica, socializando as diferentes agências, resulta no evitamento de que esta possibilidade se concretize.

Dado isto, em princípio toda inovação resulta em poder não domesticado, o que significa perigo para a vida social. Aqui reside o (aparente) paradoxo que enfrentamos neste trabalho: como um grupo marcado pela idéia de prescritividade pode ter como característica histórica uma impressionante dispersão ao longo do interior da América do Sul, ou seja, a relação constante com a inovação? Como é possível a vontade de manter-se igual coexistir com o risco constante de uma grande transformação?

Estas questões somente são paradoxais dentro de um referencial moderno, no qual é necessário buscar um conceito de sociedade para compreender a história Guarani. Como vimos, o conceito de sociedade implica em que nós fechemos os fenômenos observados e optemos por um tipo de interpretação, apesar de os dados apontarem outros sentidos, mais fluídos.

A partir dos referenciais teóricos por nós utilizados, vemos que não é preciso perder a história Guarani pré-colonial nas incompreensíveis seriações histórico-culturais para enfatizar parcialidades, assim como também não é mais necessário imobilizá-la nas amarras da prescritividade para evidenciar sua continuidade. Aqui a manutenção das formas tradicionais

de se estabelecer relações sociais não implica que estas sejam sempre as mesmas, pois tem justamente ligação com uma busca por poder renovador em seu exterior, ou seja, é também a relação com o exterior que fundamenta a manutenção do *ñande rekó*. Ao mesmo tempo, demonstrar como este exterior pode ter alterado alguns sentidos não implicará considerar o fechamento de dois grupos distintos.

Ao rastreamos as associações passadas nos dois coletivos abordados, pudemos perceber onde e de que forma se instituiu pautas para a manutenção do jeito de ser Guarani ou, ao contrário, algumas novas propostas foram aceitas ao longo destes diferentes percursos históricos. Isto nos permite, agora, tirar uma conclusão em duas partes: por um lado, é possível sim falar em manutenção do *ñande rekó*, pois o rastreamento das associações entre humanos e não-humanos nos dois contextos abordados aponta semelhanças fundamentais que lhes dão uma unidade indiscutível. Por outro, é possível também identificar uma série de aspectos particulares a cada conjunto, o que indica a existência de manifestações locais deste jeito de ser, resultantes da história particular de cada coletivo.

Embora estas conclusões possam parecer incompatíveis, elas nos remetem, mais uma vez, à diferença fundamental entre o objetivo perseguido aqui e aquele perseguido por outros arqueólogos em pesquisas anteriores. Mais do que fechar questões e conceitos para o passado pré-colonial Guarani, desejamos apontar movimentos, percursos e debates passados cujo resultado são dois coletivos particulares, mas raízes de uma mesma árvore.

Falamos em *ñande rekó* não com o sentido de *reprodução* atualmente vigente na bibliografia arqueológica Guarani, mas sim como *re-produção*, *re-criação*. Vê-se a busca pela manutenção dos contornos cosmológicos, ao mesmo tempo em que vemos que se evidencia uma abertura controlada. Aqui a permanência da tradição se liga muito mais às formas de criar relações de socialidade (nas quais se incluem não-humanos) do que a uma paradoxal fascinação pela estabilidade em um grupo historicamente conhecido pela sua extrema mobilidade. Em suma, percebemos diferentes jeitos de ser Guarani, atualizando constantemente o jeito tradicional de sê-lo.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE LIMA, T. “Cerâmicas Tupiguarani e Marajoara: elementos estruturais comuns”. *Revista Ciência Hoje*, vol.36, nº23, março 2005.

ANCHIETA, J. de. *Informação do Brasil e de suas Capitânicas (1584)*. São Paulo: Editora Obelisco, 1964.

ASSIS, V. S. *Dádiva, Mercadoria e Pessoa: As trocas na constituição do mundo Mbyá-Guarani*. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

ASSIS, V. S. de ; GARLET, I. J. . Subsídios históricos e etnográficos para uma etnoarqueologia Mbyá-Guarani. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa PR, v. 7, n. 1, p. 207-213, 2002.

BARCELOS NETO, A. *A arte dos Sonhos. Uma iconografia ameríndia*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/ Assírio e Alvim, 2002.

BARRETO, C. “A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil”. *Revista USP, São Paulo*, nº 44, p.32-51, dez/fev 1999-2000.

BAUDRILLARD, J. *O Sistema de Objetos*. 4ª reimpressão. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

BECKER, I. & SCHMITZ, P. I. “Cachimbo do Rio Grande do Sul”. Anais do Terceiro Simpósio de Arqueologia do Rio da Prata, Instituto Anchieta de Pesquisas, 1959.

BROCHADO, J. P. *An ecological model to the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Tese de doutorado. Urbana-Champaign, University of Illinois, 1984.

\_\_\_\_\_. “What did the Tupinambá cook in their vessels? An humble contribution to ethnographic analogy”. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 6:40-88, 1991.

BROCHADO, J.; MONTICELLI, G. & NEUMANN, E. “Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas”. *Veritas*, 35 (140), p. 727-743. 1990.

BROCHADO, J & MONTICELLI, G. “Regras práticas na reconstrução gráfica da cerâmica Guarani por comparação com vasilhas inteiras”. *Estudos Ibero-Americanos*, 20 (2), p. 107-118, 1994.

BRONITSKY, G. “The use of materials science techniques in the study of pottery construction and use”. *Advances in Archaeological Method and Theory*, Vol. 9: 209-265, 1986.

BRONITSKY, G. & HAMER, R. “Experiments in ceramic technology: the effects of various tempering materials on impact and thermal-shock resistance”. *American Antiquity*, 51 (1): 89-101, 1986.

CASTRO, C. (org.) *Evolucionismo Cultural. Textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005a.

CASTRO, C. (org.) *Franz Boas. Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005b.

CHMYZ, Igor. *Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica*. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisa da Universidade Federal do Paraná, 1969.

DANTAS, Vladimir José & LIMA, Tânia Andrade. *Pausa para um Banquete. Análise de marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe*. Aracajú: Museu de Arqueologia do Xingó, 2006.

DIAS, A.. “Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA”. *Revista do CEPA*. Santa Cruz do Sul 19(22): 25-39, mar. 1995.

\_\_\_\_\_. “Novas Perguntas para um Velho Problema: Escolhas Tecnológicas como Índices para o Estudo de Fronteiras e Identidades Sociais no Registro Arqueológico”. Comunicação apresentada no XIII Congresso de Arqueologia Brasileira, Campo Grande, 2005.

DIAS, A. e SILVA, F. “Sistema Tecnológico e Estilo: as implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil”. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, nº 11, 2001. p.95-108.

DIAS, A., NEUMANN, M. et alli. “O discurso dos fragmentos: sócio-cosmologia e alteridade na cerâmica guarani pré-colonial”. Comunicação apresentada na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, 2008.

DOBRES, M. *Technology and Social Agency*. Oxford: Blackwell, 2000.

FAUSTO, C. “Fragmentos de História e Cultura Tupinambá: Da Etnologia Como Instrumento Crítico de Conhecimento Etnohistórico”. In: Manuela Carneiro da Cunha (ed.). (Org.). *História dos Índios no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *Inimigos Fiéis. História, Guerra e Xamanismo na Amazônia*. São Paulo: EDUSP, 2001.

\_\_\_\_\_. “Se Deus fosse Jaguar: Canibalismo e Cristianismo entre os Guarani (Séc. XVI-XX)”. *Revista Mana*, Nº 11, V. 2, 2005.

FIDRYSZEWSKI, T. *Alterações de uso em Cerâmica Guarani. Uma análise utilitária de 21 vasilhas do Alto Uruguai*. Monografia. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

FORD, James. *Método Cuantitativo para establecer cronologías culturales*. Manuales técnicos III. Washington, DC: Union Panamericana, 1962.

GARLET, Ivori José & SOARES, André Luis Ramos. “Cachimbos Mbyá-Guarani: Aportes Etnográficos para uma Arqueologia Guarani” IN: FUNARI, Pedro Paulo Abreu (org.). *Arqueologia Histórica e Cultura Material*. Campinas: UNICAMP, 1998.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. “The past is tomorrow. Towards an archaeology of the vanishing present”. *Norwegian Archaeological Review*. Vol.39, nº2, 2006.

HODDER, I. *Interpretación en Arqueología. Corrientes actuales*. Edición ampliada y puesta al día. Barcelona: Ed. Crítica, 1994.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge, 2000.

JACOBUS, A. L. *Vasilhas Cerâmicas Guarani Arqueológicas em Estruturas Funerárias*. Monografia. Porto Alegre: PUCRS, 1994.

JOHNSON, M. *Teoría Arqueológica. Una introducción*. Barcelona: Editorial Ariel, 2000.

LA SALVIA, F. & BROCHADO, J.P. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LANDA, B. *A Mulher Guarani: Atividades e Cultura Material*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1995.

LANDA, B. S. & NOELLI, F. S. "As receitas culinárias Guarani como base para análise da dieta do grupo. Histórica". *Revista de Pós-Graduação em História na PUC/RS*, Porto Alegre, v. 2, p. 163-172, 1997.

LATOUR, B. *Políticas da Natureza. Como fazer ciência na democracia*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nunca Fuimos Modernos. Ensayo de antropología simétrica*. Buenos Aires: Siglo XXI Editora Argentina, 2007.

\_\_\_\_\_. *Reensamblar el Social. Una introducción a la teoría del actor-red*. Buenos Aires: Manantial, 2008.

LEMONNIER, P. *Elements for na Anthropology of Technology*. Anthropological Papers. Michigan: Museum of Anthropological Research (88), University of Michigan, 1992.

de LÈRY, Jean. *História de uma Viagem feita à Terra do Brasil (1577)*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1926.

LIMA, T. S. "O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi". *Revista Mana*, 2(2), 21-47, 1996.

\_\_\_\_\_. *Um Peixe Olhou para Mim. O Povo Yudjá e a Perspectiva*. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: NuTI, 2005.

LINO, J.T. *Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

MARTINEZ-CROVETO R. “La alimentación entre los indios Guaraníes de Misiones (Republica Argentina)”. *Etnobiologica*, nº 4, 1968. pp.1-24.

MEGGERS, B. *América Pré-histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MILLER, Eurico Th. “Pesquisas Arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul”. *PRONAPA – resultados preliminares do primeiro ano 1965-1966*. Belém: Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº6, 1967, p. 15-39.

MILLER, Eurico Th. “Pesquisas Arqueológicas efetuadas no noroeste do Rio Grande do Sul (Alto Uruguai)”. *PRONAPA – resultados preliminares do segundo ano 1966-1967*. Belém: Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº10, 1969, p. 33-55.

MONTEIRO, J.M. “Os Guarani e a história do Brasil meridional” In: Manuela Carneiro da Cunha (ed.). (Org.). *História dos Índios no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MONTICELLI, G. *Vasilhas de Cerâmica Guarani: Resgate da Memória entre os Mbyá*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1995.

MONTOYA, A.R. *Conquista Espiritual Feita Pelos Religiosos Da Companhia De Jesus Nas Províncias Do Paraguai, Paraná, Uruguai E Tape*. 1º Edição brasileira. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985 [1892].

MULLER, R. P. *Assurini: História e Arte*. Campinas: UNICAMP, 1990.

NEUMANN, M. “A Forma e a Função. Uma investigação acerca da variabilidade na cerâmica Guarani pré-colonial”. Comunicação apresentada no V Encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Rio Grande, 2006.

NEUMANN, M. A. “Outra Vasilha para uma Nova Fervura. Contribuições para o Estudo Funcional da Cerâmica Guarani”. Comunicação apresentada na IV Reunião Internacional de Teoría Arqueológica en América del Sur/Inter-Congreso del WAC. Catamarca (Argentina), 2007.

NEUMANN, M. & DIAS, A. “A Cerâmica Guarani Pré-Colonial do Vale do Caí (Rs): Aspectos de Estilo Tecnológico e Função”. Comunicação apresentada no XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Campo Grande, 2005.

NEUPERT, M. “Clays of Contention: an etnoarchaeological study of factionalism and clay composition”. *Journal of Archaeological Method and Theory*. Vol. 7, nº3, 2000.

NIMUENDAJU, C. *As lendas de criação e destruição do mundo como fundamento da religião Apapocuva-Guarani*. São Paulo: HUCITEC/Edusp, 1987.

NOELLI, F. S. *Sem Tekohá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Rio Jacuí - RS)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1993.

\_\_\_\_\_. “As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi”. *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, vol.39 nº2, 1996.

NOELLI, F. S. ; BROCHADO, J. P. “O cauim e as beberagens dos Guarani e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo”. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, São Paulo, v. 8, p. 117-128, 1998.

OVERING, J. “Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica”. *Revista Mana*. Nº5, V.1. Rio de Janeiro, abr/1999.

POLITIS, G. “A Cerca de la etnoarqueologia em América Del Sur”. *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: UFRGS, ano 8, nº18, p.61-93, dezembro de 2002.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

PROUS, A. “La céramique Tupiguaranie”. *Dossiers d’Archéologie*, nº 408, 2004.

PROUS, A. “A Pintura em Cerâmica Tupiguarani”. *Revista Ciência Hoje*, vol.36, nº23, março 2005.

RENFREW, C. & BAHN, P. *Arqueología: teorías, métodos y prácticas*. Madrid: Akal Editores, 1995.

RICE, P. *Pottery Analysis: a source book*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

RYE, O. *Pottery Technology*. Washington: Taraxacum, 1981.

SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SCHMITZ, P.I. “A cerâmica Guarani da ilha de Santa Catarina”. *Pesquisas*, nº 3. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1959.

SCHMITZ, P.I. “Migrantes da Amazônia: A Tradição Tupiguarani”. In: KERN, Arno (org.) *Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

SCHIFFER, M.B. *Formation Process of the Archaeological Record*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.

SEEGER, A. “Corporação e corporalidade: ideologia de concepção e descendência” IN: SEEGER, A. *Os índios e nós*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SEEGER, A., DA MATTA, R., VIVEIROS DE CASTRO, E. “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”. IN: OLIVEIRA FILHO, J.P.de (org) *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero/UFRJ, 1987.

SHANKS, M. From a postprocessual to a symmetrical archaeology. <http://traumwerk.stanford.edu:3455/Symmetry/822> . Acesso em julho de 2007.

SHANKS, M., TILLEY, C. *Social Theory and Archaeology*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.

SHANKS, M., TILLEY, C. *Re-Constructing Archaeology. Theory and Practice*. London: Routledge, 1992 (2ªed.).

SHEPARD, A. *Ceramics for the archaeologist*. Washington: Carnegie Institution, 1985.

SILVA, F. *As Tecnologias e Seus Significados: Um Estudo da Cerâmica dos Assuriní do Xingu e da Cestaria dos Kayapó-Xikrin Sob Uma Perspectiva Etnoarqueológica*. Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 2000a.

SILVA, F. “Produção e uso da cultura material e a formação do registro arqueológico: o exemplo da cerâmica dos Assuriní do Xingu”. *Revista do CEPA*, 24 (32), p. 59-110, 2000b.

SILVA, S. B. *Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais*. Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 2001.

SILVA, S. B. “Iconografia e Ecologia Simbólica: retratando o cosmos Guarani”. Porto Alegre, 2004. (no prelo)

SINOPOLI, C. *Approaches to Archaeological Ceramics*. New York: Plenum Press, 1991.

SKIBO, J. *Pottery Function*. Nova York: Plenum Press, 1992.

SOARES, A. *Guarani: organização social e arqueologia*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.

STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil (1557)*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.

SUSNIK, B. *El Rol de los Indígenas em la Formación y en la Vivencia de Paraguay*. Tomo I. Assunción: Instituto Paraguayo de Estudios Nacionales, 1982.

TILLEY, C. *Material Culture and Text. The art of ambiguity*. London: Routledge, 1991.

TEMPASS, M. *Orerembiú: a relação das práticas alimentares e seus significados com a identidade étnica e a cosmologia Mbyá-Guarani*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

TOCHETTO, F. Possibilidades de Interpretação do Conteúdo Simbólico da Arte Gráfica Guarani. *Revista do Museu de Arqueologia Etnologia*, nº 6, p.33-45, 1996.

TRIGGER, B. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

van VELTHEM, L.H. *O Belo é a Fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/ Assírio e Alvim, 2003.

VIVEIROS DE CASTRO, E. “A fabricação do corpo na sociedade xinguana”. IN: OLIVEIRA FILHO, J.P.de (org) *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero/UFRJ, 1987.

\_\_\_\_\_. “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. *Revista Mana*, 2(2): 115-144, 1996.

\_\_\_\_\_. “Perspectivismo e multinaturalismo na Amazônia indígena”. In *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002a.

\_\_\_\_\_. “Imanência do inimigo”. In *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002b.

WEBMOOR, T. Un giro más tras el “giro social”. El principio de la simetría en arqueología. <http://traumwerk.stanford.edu:3455/teotihuacan/1090> . Acesso em julho de 2007.

WITMORE, C. ‘A past no longer past.’ Some implications for a symmetrical archaeology. <http://traumwerk.stanford.edu:3455/Symmetry/1040> . Acesso em julho de 2007.

WYLIE, A. *Thinking from Things. Essay in the philosophy of archaeology*. California: University of California Press, 2002.

## **ANEXO I**

Lista de critérios de análise tecnológica para cerâmica arqueológica

## **1) PARTE CONSTITUINTE**

- 1) Borda
- 2) Ombro
- 3) Corpo
- 4) Base
- 5) Pescoço

## **2) ANTIPLÁSTICO**

### **2.1) Tipo**

- 1) Areia
- 2) Hematita
- 3) Matéria orgânica carbonizada

### **2.2) Granulometria**

- 1) Pequena (até 2mm)
- 2) Média (de 3 a 4 mm)
- 3) Grande (mais de 4mm)

### **2.3) Concentração**

- 1) Baixa (até 5 unidades)
- 2) Média (de 6 a 10 unidades)
- 3) Alta (mais de 10 unidades)

## **3) TÉCNICA DE CONFECÇÃO**

- 1) Roletado
- 2) Modelado
- 3) Moldado

## **4) TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE FACE EXTERNA**

- 1) Corrugado
- 2) Ungulado
- 3) Corrugado-ungulado
- 4) Pontado
- 5) Estampado
- 6) Estocado
- 7) Inciso
- 8) Escovado
- 9) Espatulado
- 10) Alisado
- 11) Corrugado espatulado

**5) TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE FACE INTERNA**

- 0) Desgastado
- 1) Alisado

**6) QUEIMA**

- 1) Oxidante – sem núcleo
- 2) Redutora – com núcleo

**7) ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE FACE EXTERNA**

- 1) Banho e/ou pintura
- 2) Pintura

**7.1) COR**

- 1) Vermelho
- 2) Branco
- 3) Vermelho sobre branco
- 4) Branco sobre vermelho
- 5) Vermelho e preto sobre branco
- 6) Preto
- 7) Preto sobre vermelho

**8) ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE FACE INTERNA**

- 1) Banho e/ou pintura
- 2) Pintura

**8.1) COR**

- 1) Vermelho
- 2) Branco
- 3) Vermelho sobre branco
- 4) Branco sobre vermelho
- 5) Vermelho e preto sobre branco
- 6) Preto
- 7) Preto sobre vermelho

**9) MARCAS DE USO FACE EXTERNA:**

- 1) Estrias isoladas
- 2) Estrias agrupadas
- 3) Buracos
- 4) Pedestais
- 5) Fuligem
- 6) Depósitos de carbono

- 7) Fermentação
- 8) Oxidação
- 9) Craquelê

#### **9.1) Orientação**

- 1) Vertical
- 2) Horizontal
- 3) Sem padrão

### **10) MARCAS DE USO FACE INTERNA**

- 1) Estrias isoladas
- 2) Estrias agrupadas
- 3) Buracos
- 4) Pedestais
- 5) Fuligem
- 6) Depósitos de carbono
- 7) Fermentação
- 8) Oxidação
- 9) Craquelê

#### **10.1) Orientação**

- 1) Vertical
- 2) Horizontal
- 3) Sem padrão

### **11) ALTERAÇÕES TAFONÔMICAS**

- 1) Radícula
- 2) Erosão hídrica/eólica/salina
- 3) Fratura térmica
- 4) Ação de arado
- 5) Coivara

### **12) MEDIDAS (espessura, largura, comprimento)**

**13) CATEGORIA FUNCIONAL ATRIBUÍDA**

- 1) *yapepó*
- 2) *ñaetá*
- 3) *ñamypiu*
- 4) *cambuchí*
- 5) *tembirú*
- 6) *cambuchí caguabá*

## **ANEXO II**

Tabelas não inseridas no texto

<b>Combinações de antiplásticos - Sítio RS-LN-35</b>			
<b>Tipo</b>	<b>Tamanho</b>	<b>Concentração</b>	
areia	fina	baixa	6
areia	fina	média	66
areia	fina	alta	300
areia	média	baixa	1
areia	grande		1
hematita	fina	baixa	1
hematita	fina	média	2
hematita	fina	alta	1
hematita	média	baixa	4
hematita	média	média	2
hematita	grande	baixa	2
hematita	grande	média	1
matéria orgânica	fina	média	1
areia e hematita	fina e fina	baixa e baixa	7
areia e hematita	fina e média	baixa e baixa	1
areia e hematita	fina e fina	média e baixa	29
areia e hematita	fina e fina	média e média	6
areia e hematita	fina e fina	alta e baixa	300
areia e hematita	fina e fina	alta e média	62
areia e hematita	fina e fina	alta e alta	3
areia e hematita	fina e média	média e baixa	22
areia e hematita	fina e média	média e média	6
areia e hematita	fina e média	média e alta	1
areia e hematita	fina e média	alta e baixa	158
areia e hematita	fina e média	alta e média	37
areia e hematita	fina e grossa	baixa e média	1
areia e hematita	fina e grossa	média e baixa	2
areia e hematita	fina e grossa	média e média	3
areia e hematita	fina e grossa	alta e baixa	45
areia e hematita	fina e grossa	alta e média	2
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	alta, baixa e baixa	28
areia e matéria orgânica	fina e fina	baixa e baixa	1
areia e matéria orgânica	fina e fina	média e baixa	4
areia e matéria orgânica	fina e fina	alta e baixa	27
areia e matéria orgânica	fina e fina	alta e média	8

**Combinações de Antiplásticos - Sítio RS-VZ-59**

<b>Tipo</b>	<b>Tamanho</b>	<b>Concentração</b>	
areia	fina	baixa	11
areia	fina	média	7
areia	fina	alta	17
areia	média	baixa	1
hematita	fina	baixa	7
hematita	fina	média	7
hematita	fina	alta	11
hematita	média	baixa	4
hematita	média	média	10
hematita	média	alta	10
hematita	grande	alta	1
matéria orgânica	fina	baixa	1
areia e areia	fina e média	baixa e baixa	2
areia, areia e hematita	fina, média e média	alta baixa e média	1
areia, areia e hematita	fina, média e grossa	alta baixa e baixa	1
areia, areia e hematita	fina, grossa e fina	alta baixa e baixa	1
areia, areia e hematita	fina, grossa e fina	alta baixa e alta	1
areia, areia e hematita	fina, grossa e média	alta baixa e média	1
areia, areia e hematita	fina, grossa e alta	média baixa e baixa	1
areia, areia, hematita e hematita	fina, grossa fina e média	alta baixa média e baixa	1
areia, areia, hematita e hematita	fina, grossa fina e grossa	baixa, baixa, média e baixa	1
areia, areia, hematita e hematita	fina, grossa fina e grossa	alta baixa alta e baixa	1
areia, areia, hematita, hematita e matéria orgânica	fina, grossa fina grossa e grossa	alta baixa alta média e baixa	1
areia areia hematita e matéria orgânica	fina, média, fina e fina	baixa, baixa, média e média	1
areia areia hematita e matéria orgânica	fina, média, média e fina	média baixa, baixa, e baixa	2
areia e hematita	fina e fina	baixa e baixa	11
areia e hematita	fina e fina	baixa e média	2
areia e hematita	fina e fina	baixa e alta	2
areia e hematita	fina e fina	média e baixa	16
areia e hematita	fina e fina	média e média	15
areia e hematita	fina e fina	média e alta	4
areia e hematita	fina e fina	alta e baixa	47
areia e hematita	fina e fina	alta e média	66
areia e hematita	fina e fina	alta e alta	25
areia e hematita	fina e média	baixa e baixa	10
areia e hematita	fina e média	baixa e média	4

areia e hematita	fina e média	baixa e alta	2
areia e hematita	fina e média	média e baixa	17
areia e hematita	fina e média	média e média	22
areia e hematita	fina e média	alta e baixa	35
areia e hematita	fina e média	alta e média	31
areia e hematita	fina e média	alta e alta	8
areia e hematita	fina e grossa	baixa e média	1
areia e hematita	fina e grossa	média e baixa	2
areia e hematita	fina e grossa	alta e baixa	5
areia e hematita	fina e grossa	alta e média	2
areia e hematita	fina e grossa	alta e alta	1
areia e hematita	média e média	baixa e média	1
areia e hematita	grossa e fina	baixa e alta	1
areia e hematita	grossa e média	baixa e alta	1
areia hematita e hematita	fina fina e média	baixa baixa e baixa	3
areia hematita e hematita	fina fina e média	baixa média e baixa	2
areia hematita e hematita	fina fina e média	baixa alta e baixa	1
areia hematita e hematita	fina fina e média	média média e baixa	13
areia hematita e hematita	fina fina e média	média alta e baixa	3
areia hematita e hematita	fina fina e média	alta baixa e baixa	1
areia hematita e hematita	fina fina e média	alta baixa e média	1
areia hematita e hematita	fina fina e média	alta média e baixa	18
areia hematita e hematita	fina fina e média	alta média e média	1
areia hematita e hematita	fina fina e média	alta alta e baixa	13
areia hematita e hematita	fina fina e média	alta alta e média	9
areia hematita e hematita	fina fina e média	alta alta e alta	1
areia hematita e hematita	fina fina e grossa	média média e baixa	3
areia hematita e hematita	fina fina e grossa	alta média e baixa	7
areia hematita e hematita	fina fina e grossa	alta alta e baixa	3
areia hematita e hematita	fina fina e grossa	alta alta e média	1
areia hematita e hematita	fina média e grossa	alta média e baixa	4
areia hematita e hematita	fina média e grossa	alta alta e média	2
areia hematita e hematita	fina grossa e fina	baixa baixa e média	1
areia hematita hematita e matéria orgânica	fina fina média e fina	baixa baixa baixa e baixa	1
areia hematita hematita e matéria orgânica	fina fina média e fina	baixa média média e média	1
areia hematita hematita e matéria orgânica	fina fina média e fina	alta média média e baixa	1
areia hematita hematita e matéria orgânica	fina fina média e fina	alta alta baixa e média	2
areia hematita hematita e matéria orgânica	fina fina média e fina	alta alta média e baixa	1
areia hematita hematita e matéria orgânica	fina fina média e fina	alta alta média e alta	1

areia hematita hematita e matéria orgânica	fina fina média e média	média média baixa e baixa	2
areia hematita hematita e matéria orgânica	fina fina média e média	alta média baixa e média	1
areia hematita hematita e matéria orgânica	fina fina média e média	alta alta baixa e baixa	3
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	baixa baixa e baixa	5
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	alta média e baixa	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	baixa média e média	2
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	baixa alta e média	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	média baixa e baixa	2
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	média média e baixa	2
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	média média e média	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	média média e alta	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	alta baixa e baixa	6
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	alta baixa e média	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	alta baixa e alta	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	alta média e baixa	12
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	alta média e média	2
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	alta alta e baixa	8
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	alta alta e média	2
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e fina	alta alta e alta	2
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e média	baixa baixa e baixa	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e média	baixa média e baixa	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e média	baixa alta e média	1

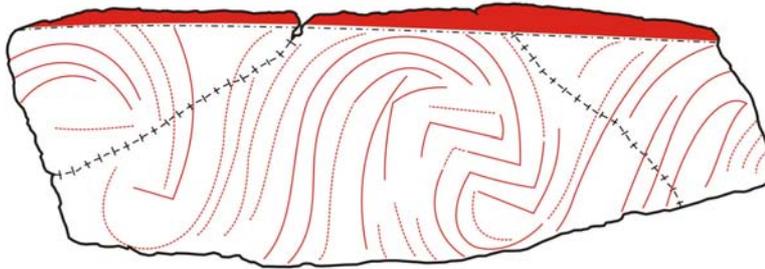
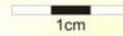
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e média	alta média e baixa	2
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e grossa	média baixa e alta	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina, fina e grossa	alta alta e baixa	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e fina	baixa média e baixa	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e fina	baixa alta e baixa	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e fina	média média e baixa	2
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e fina	média média e média	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e fina	alta baixa e baixa	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e fina	alta baixa e média	2
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e fina	alta baixa e alta	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e fina	alta média e baixa	8
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e fina	alta média e média	2
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e fina	alta alta e baixa	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e média	média média e baixa	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e média	média alta e baixa	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e média	alta média e média	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e média	alta média e baixa	2
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e média	alta média e média	2
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e média	alta alta e baixa	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina média e grossa	média média e baixa	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina grossa e fina	alta baixa e baixa	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina grossa e fina	alta baixa e média	1

areia, hematita e matéria orgânica	fina grossa e grossa	baixa média e alta	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina grossa e grossa	alta baixa e média	1
areia, hematita e matéria orgânica	fina grossa e grossa	alta média e baixa	1
areia e matéria orgânica	fina e fina	baixa e média	2
areia e matéria orgânica	fina e média	baixa e média	1
hematita e hematita	fina e grossa	alta e baixa	1
hematita e hematita	média e grossa	alta e baixa	3
hematita e matéria orgânica	fina e fina	fina e fina	2
hematita e matéria orgânica	média e fina	média e fina	1
hematita e matéria orgânica	média e fina	grossa e fina	1
hematita e matéria orgânica	média e fina	grossa e grossa	1
hematita e matéria orgânica	média e grossa	média e grossa	1

### **ANEXO III**

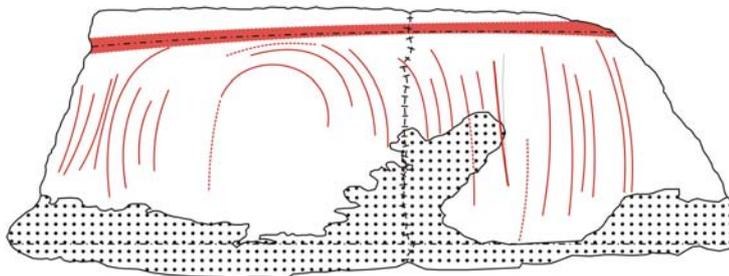
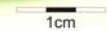
Decalques de grafismos em fragmentos

RS-LN-35  
 Nº CATÁLOGO: 649  
 Nº ANÁLISE: 123; 124; 403  
 CAMBUCHÍ CAGUABÁ  
 ACABAMENTO PINTADO  
 VERMELHO SOBRE BRANCO



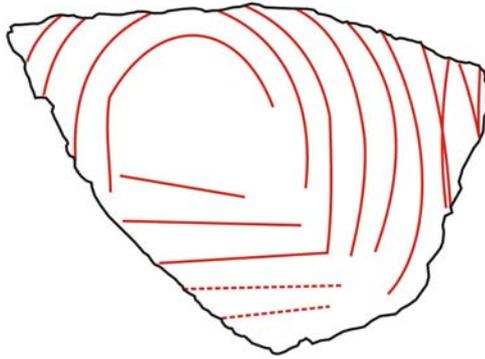
- Área sem superfície
- ++++ Restauração
- - - - Ponto de Inflexão
- Traço
- - - - Traço vestigial

RS-LN-35  
 Nº CATÁLOGO: 649  
 Nº ANÁLISE: 471  
 CAMBUCHÍ CAGUABÁ  
 ACABAMENTO PINTADO  
 VERMELHO SOBRE BRANCO



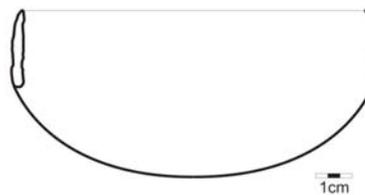
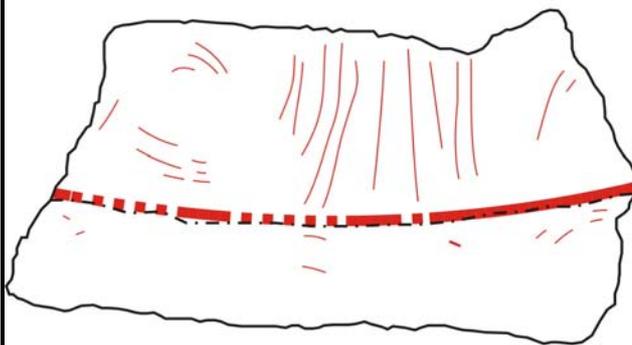
- Área sem superfície
- ++++ Restauração
- - - - Ponto de Inflexão
- Traço
- - - - Traço vestigial

RS-LN-35  
 Nº CATÁLOGO: 649  
 Nº ANÁLISE: 702  
 CAMBUCHÍ CAGUABÁ  
 ACABAMENTO PINTADO  
 VERMELHO SOBRE BRANCO



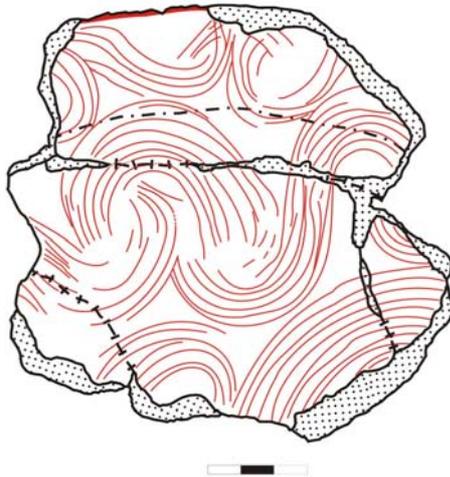
- Área sem superfície
- ++++ Restauração
- - - - Ponto de Inflexão
- — — Traço
- - - - Traço vestigial

RS-LN-35  
 Nº CATÁLOGO: 649  
 Nº ANÁLISE: 829  
 CAMBUCHÍ CAGUABÁ  
 Ø 28 cm  
 PROFUNDIDADE: 14 cm  
 ACABAMENTO PINTADO  
 VERMELHO SOBRE BRANCO



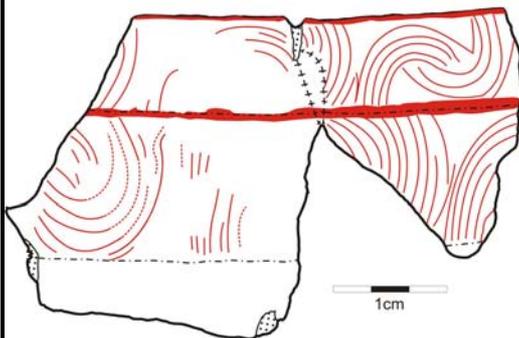
- Área sem superfície
- ++++ Restauração
- - - - Ponto de Inflexão
- — — Traço
- - - - Traço vestigial

RS-LN-35  
Nº CATÁLOGO: 649  
Nº ANÁLISE: 837  
TEMBIRÚ  
Ø 28cm  
PROFUNDIDADE: 12,5cm  
ACABAMENTO PINTADO  
VERMELHO SOBRE BRANCO



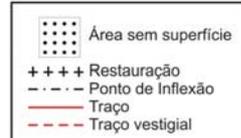
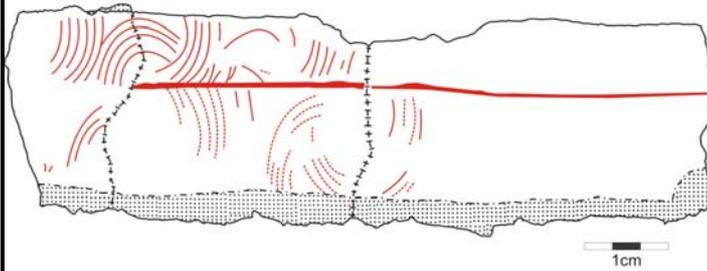
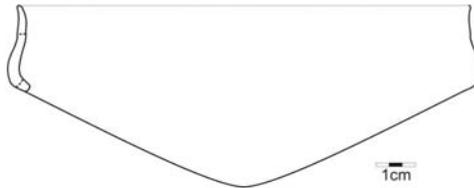
- Área sem superfície
- ++++ Restauração
- - - - Ponto de Inflexão
- Traço
- - - - Traço vestigial

RS-LN-35  
Nº CATÁLOGO: 649  
Nº ANÁLISE: 839  
CAMBUCHÍ CAGUABÁ  
VER RECONSTRUÇÃO DE  
FORMA EM Nº ANÁLISE 841

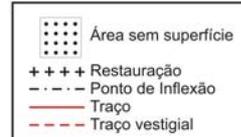
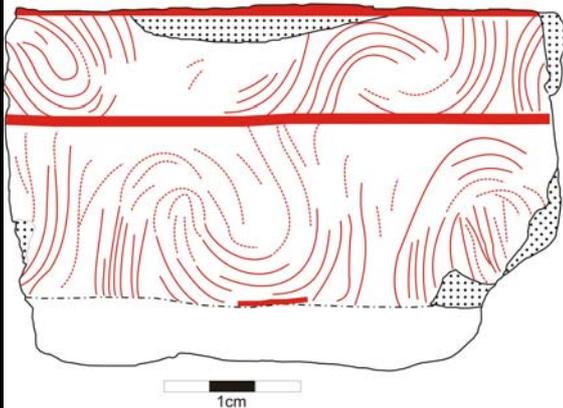
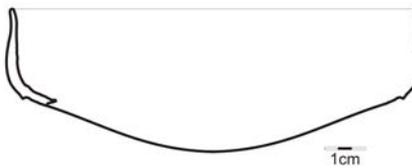


- Área sem superfície
- ++++ Restauração
- - - - Ponto de Inflexão
- Traço
- - - - Traço vestigial

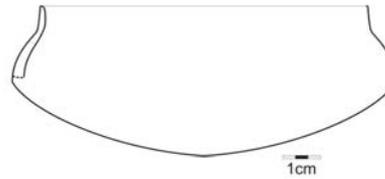
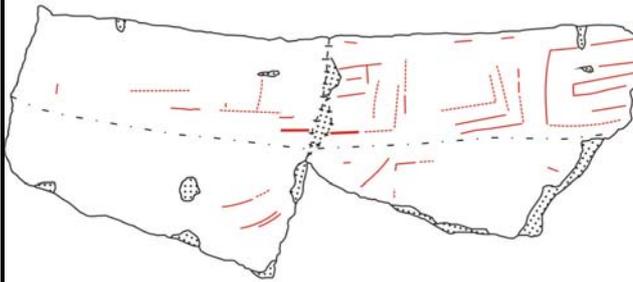
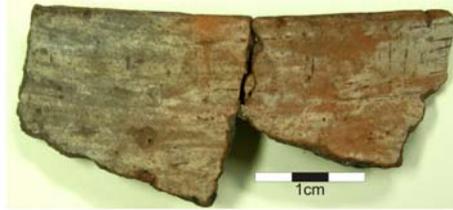
RS-LN-35  
N° CATÁLOGO: 649  
N° ANÁLISE: 840  
CAMBUCHÍ CAGUABÁ  
Ø 34cm  
PROFUNDIDADE: 14,91cm  
ACABAMENTO PINTADO  
VERMELHO SOBRE BRANCO



RS-LN-35  
N° CATÁLOGO: 649  
N° ANÁLISE: 841  
CAMBUCHÍ CAGUABÁ  
Ø 30cm  
PROFUNDIDADE: 11cm  
ACABAMENTO PINTADO  
VERMELHO SOBRE BRANCO

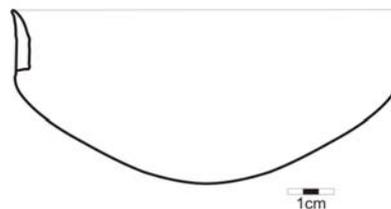
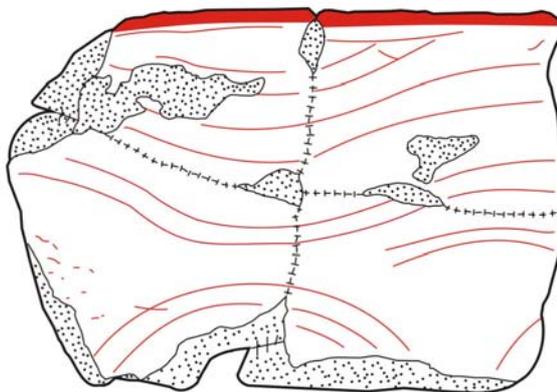


RS-LN-35  
 Nº CATÁLOGO: 649  
 Nº ANÁLISE: 846  
 CAMBUCHÍ CAGUABÁ  
 Ø 26cm  
 PROFUNDIDADE: 12cm  
 ACABAMENTO PINTADO  
 VERMELHO SOBRE BRANCO

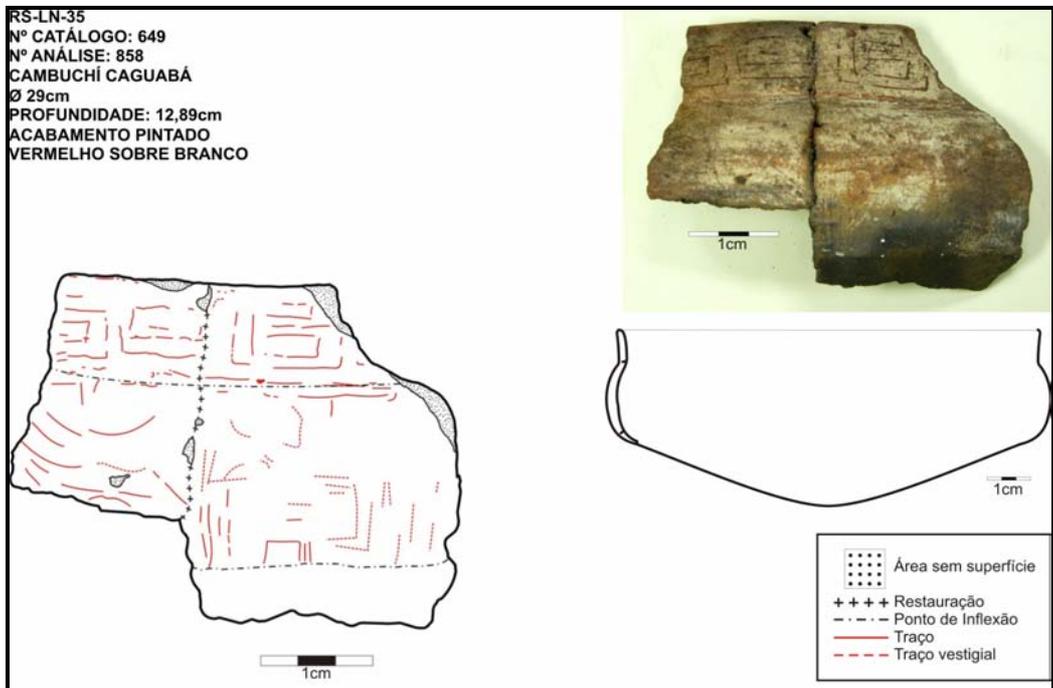
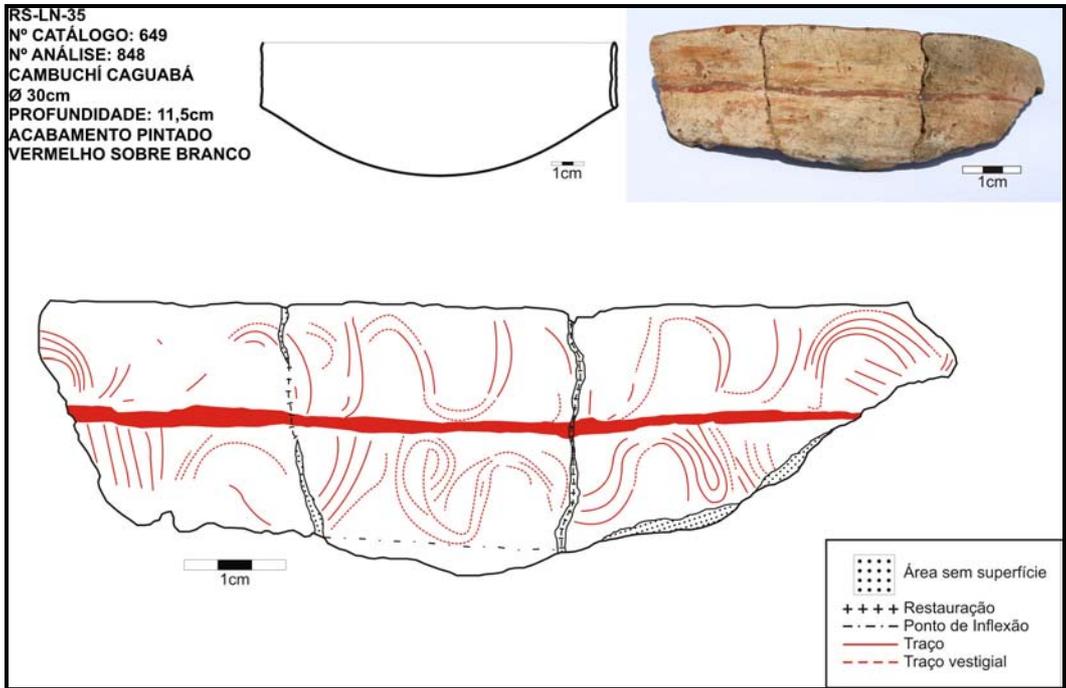


Área sem superfície  
 + + + + Restauração  
 - - - - Ponto de Inflexão  
 — — — — Traço  
 - - - - Traço vestigial

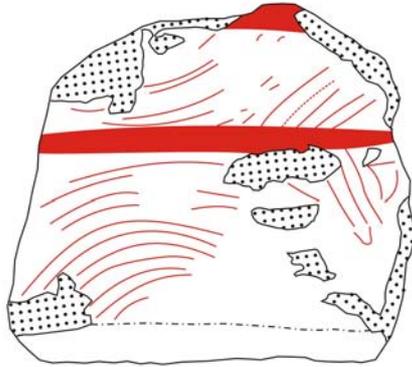
RS-LN-35  
 Nº CATÁLOGO: 649  
 Nº ANÁLISE: 847  
 CAMBUCHÍ CAGUABÁ  
 Ø 26cm  
 PROFUNDIDADE: 11,7cm  
 ACABAMENTO PINTADO  
 VERMELHO SOBRE BRANCO



Área sem superfície  
 + + + + Restauração  
 - - - - Ponto de Inflexão  
 — — — — Traço  
 - - - - Traço vestigial

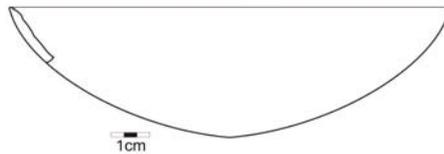
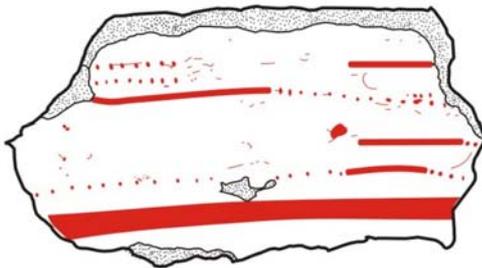


RS-LN-35  
 Nº CATÁLOGO: 649  
 Nº ANÁLISE: 860  
 CAMBUCHÍ CAGUABÁ  
 ACABAMENTO PINTADO  
 VERMELHO SOBRE BRANCO

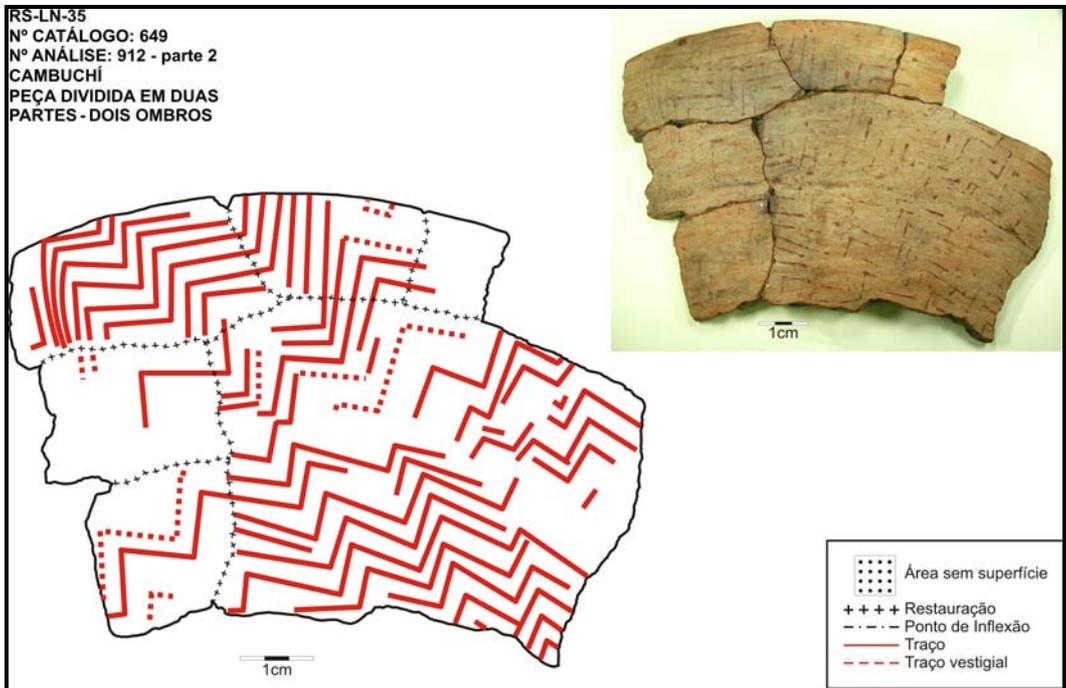
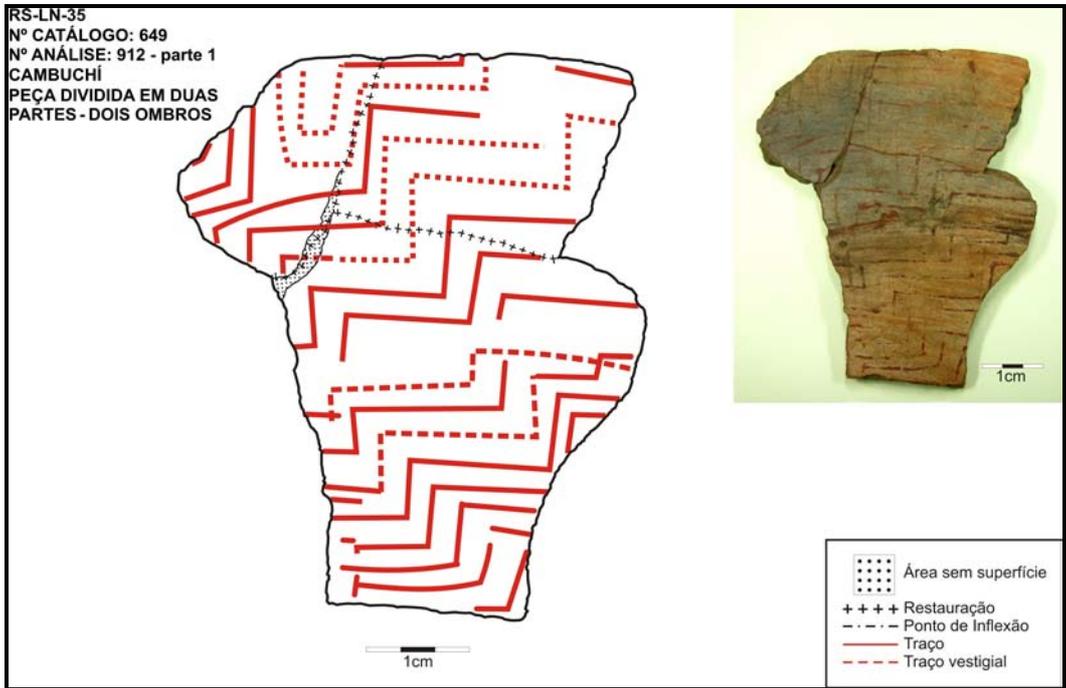


-  Área sem superfície
-  Restauração
-  Ponto de Inflexão
-  Traço
-  Traço vestigial

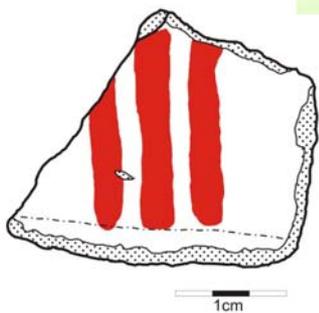
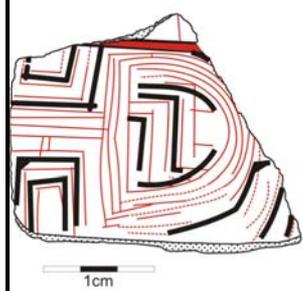
RS-LN-35  
 Nº CATÁLOGO: 649  
 Nº ANÁLISE: 870  
 CAMBUCHÍ CAGUABÁ  
 Ø 33 cm  
 PROFUNDIDADE: 14,5 cm  
 ACABAMENTO PINTADO  
 VERMELHO SOBRE BRANCO



-  Área sem superfície
-  Restauração
-  Ponto de Inflexão
-  Traço
-  Traço vestigial

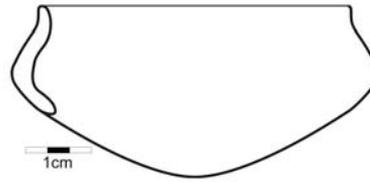
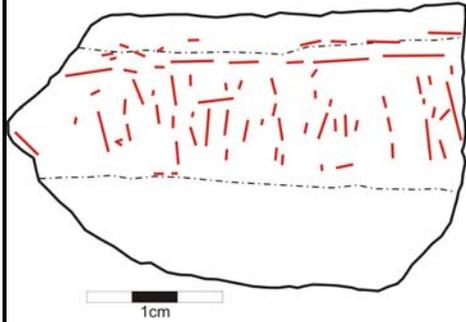


RS-LN-35  
Nº CATÁLOGO: 649  
Nº ANÁLISE: 1122  
FRAGMENTO  
POSSIVELMENTE DE ORIGEM  
TUPI  
TRAÇOS PRETOS SOBRE O  
GRAFISMO



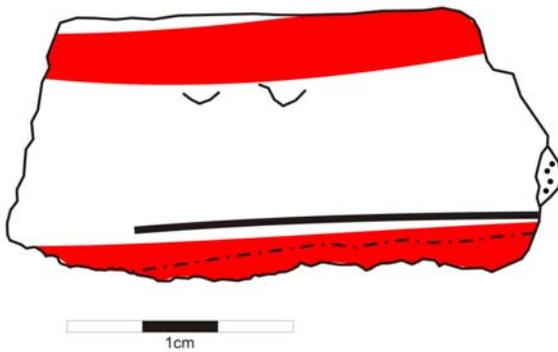
-  Área sem superfície
-  + + + + Restauração
-  - - - - Ponto de Inflexão
-  — Traço
-  - - - - Traço vestigial

RS-VZ-59  
 Nº CATÁLOGO: 649  
 Nº ANÁLISE: 67  
 CAGUABÁ  
 Ø 13cm  
 PROFUNDIDADE: 8,5cm



- Área sem superfície
- ++++ Restauração
- - - - Ponto de Inflexão
- — — Traço
- - - - Traço vestigial

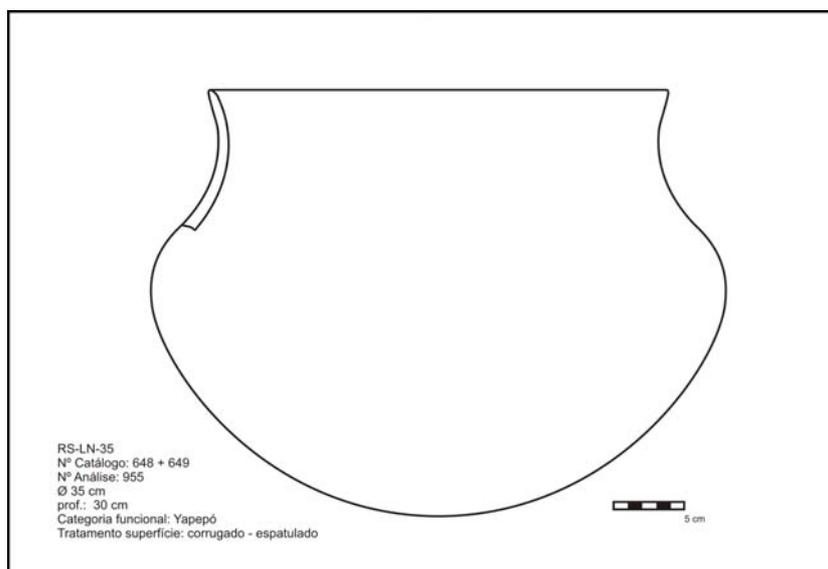
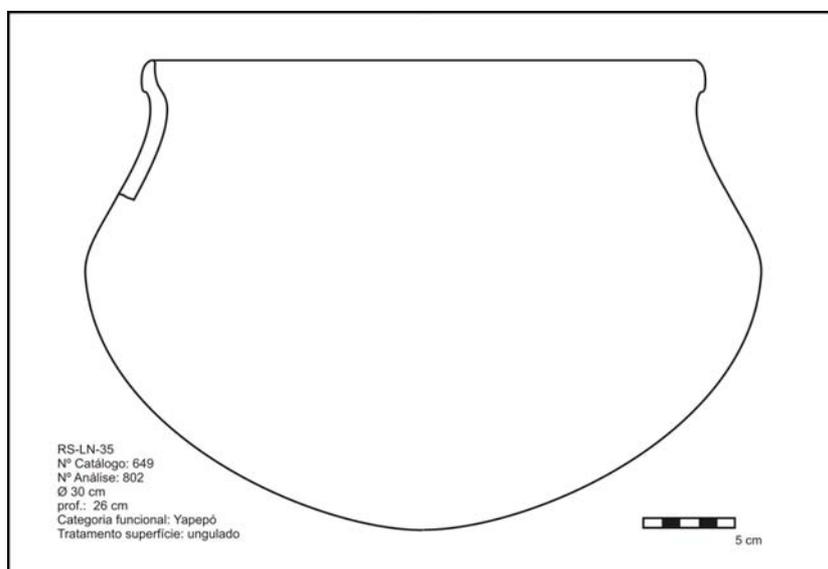
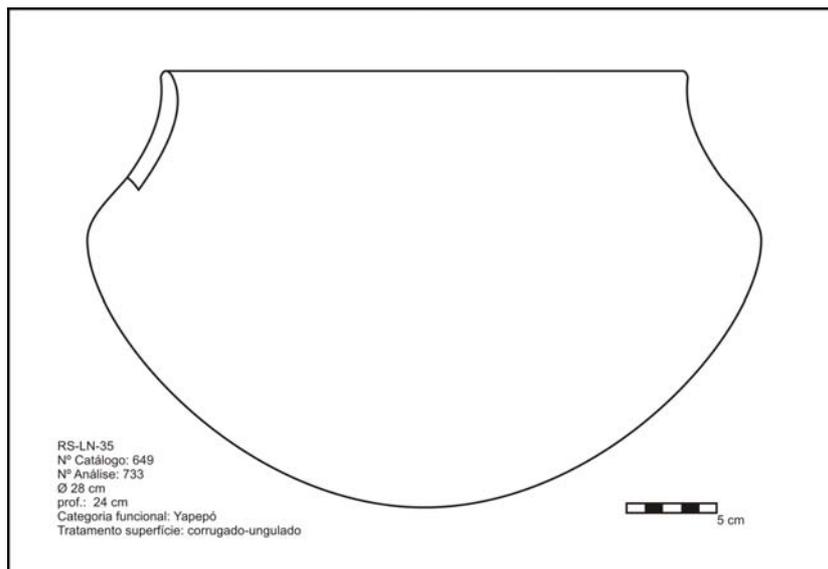
RS-VZ-59  
 Nº CATÁLOGO: 649  
 Nº ANÁLISE: 68  
 CAMBUCHÍ CAGUABÁ  
 Ø 32cm  
 NÃO FOI POSSÍVEL FAZER  
 RECONSTRUÇÃO

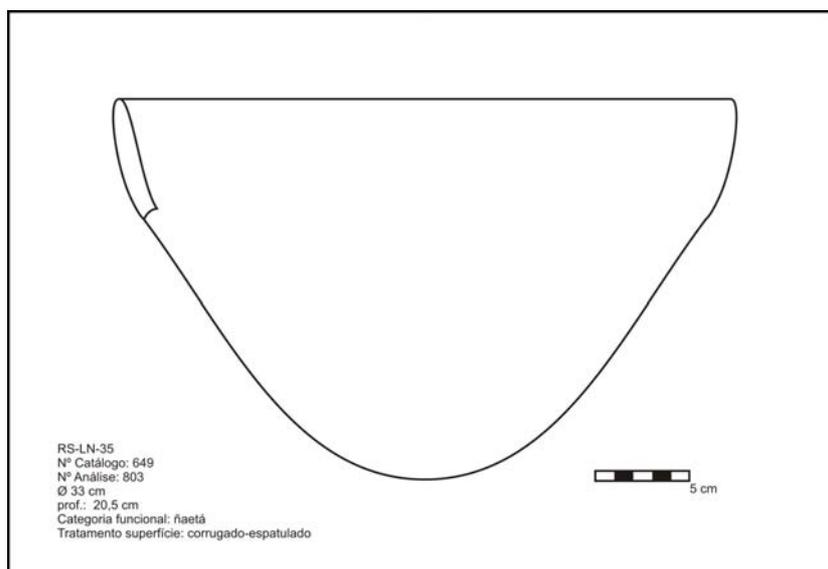
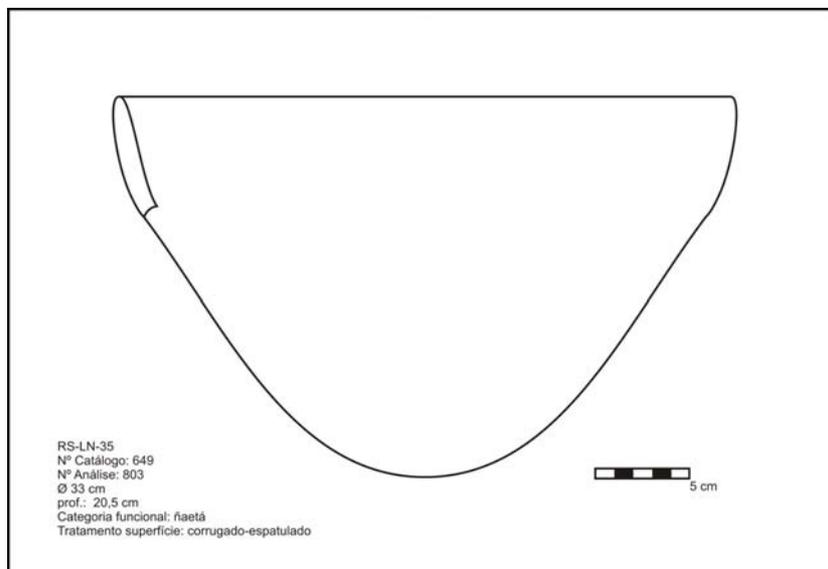
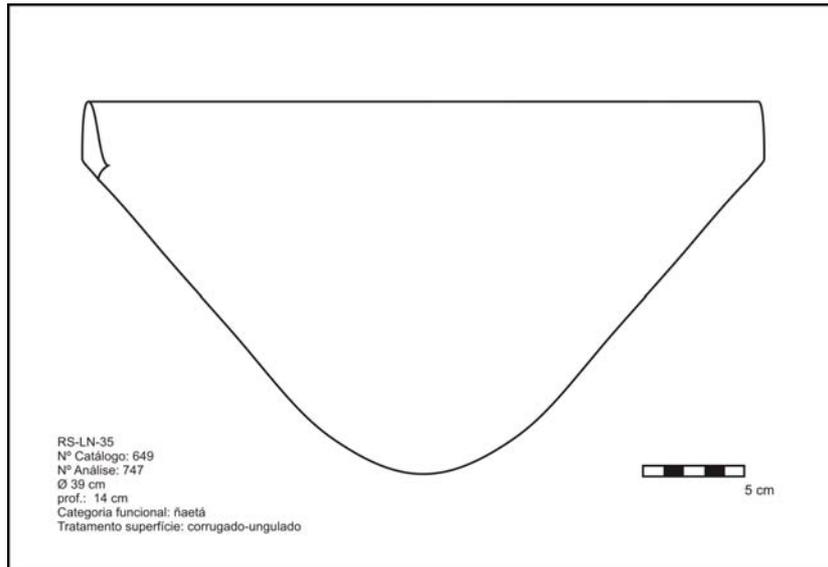


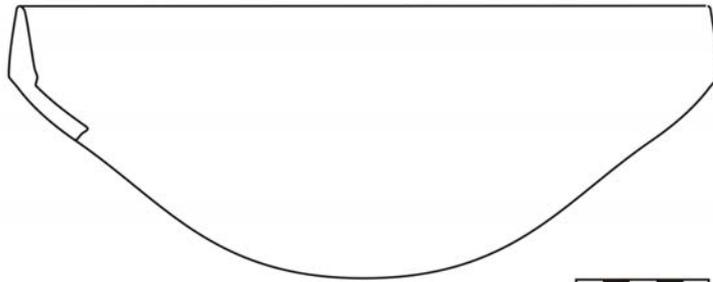
- Área sem superfície
- ++++ Restauração
- - - - Ponto de Inflexão
- — — Traço
- - - - Traço vestigial

## **ANEXO IV**

Reconstruções de formas

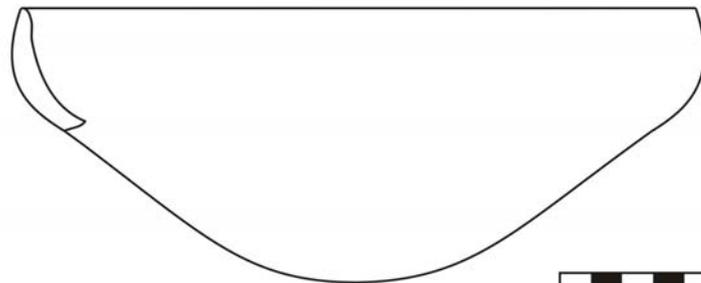






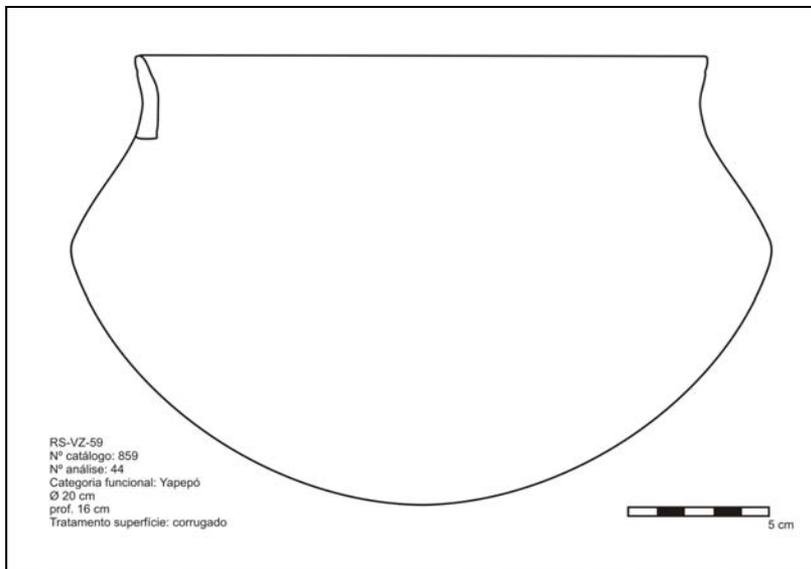
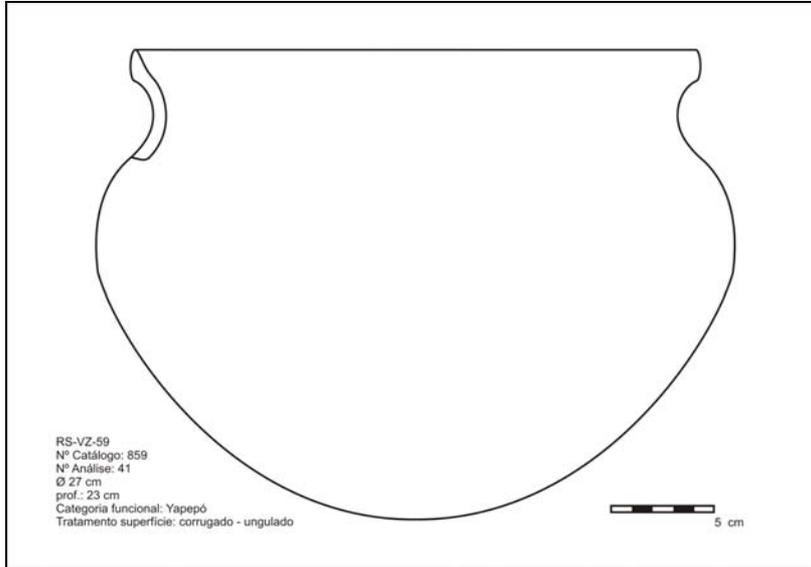
RS-LN-35  
Nº Catálogo: 649  
Nº Análise: 853  
Ø 25 cm  
prof.: 10 cm  
Categoria funcional: Tembirú  
Tratamento superfície interno: pintado vermelho sobre branco

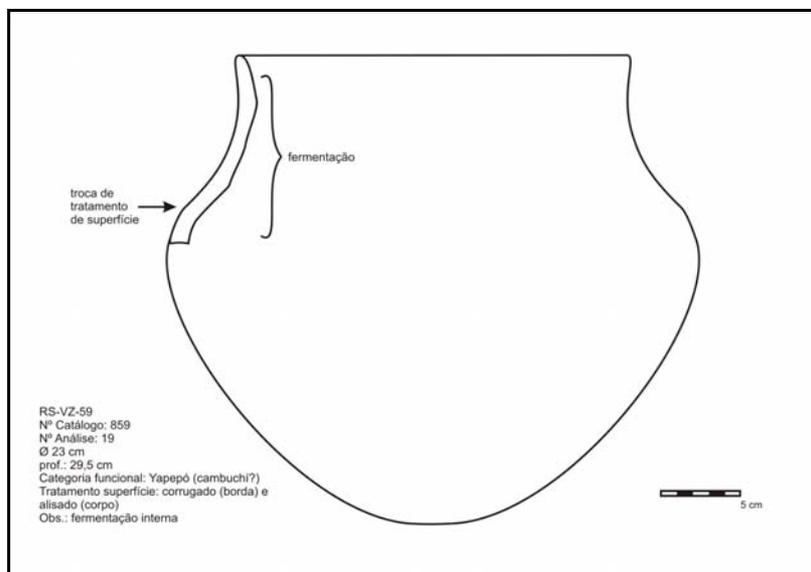
5 cm

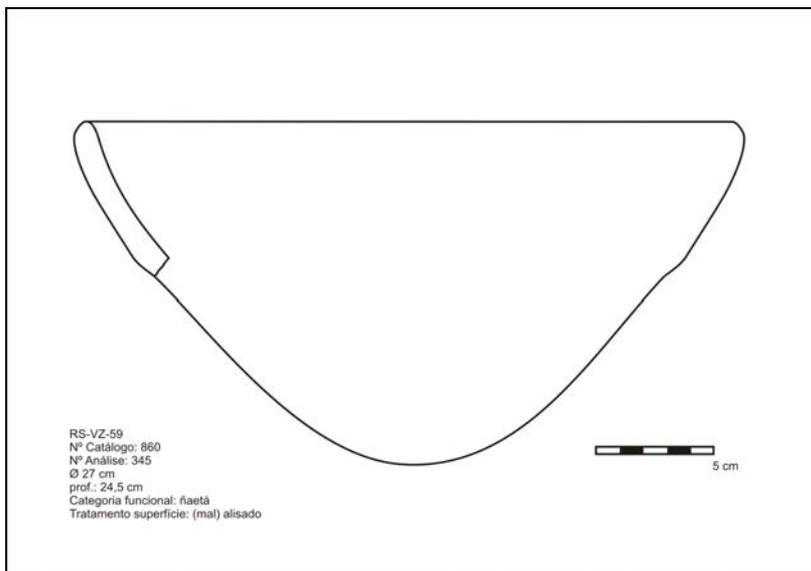
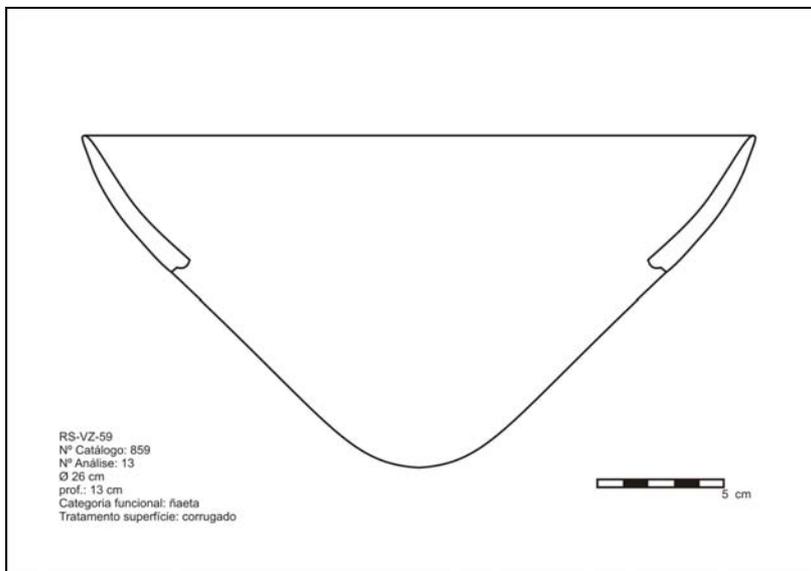
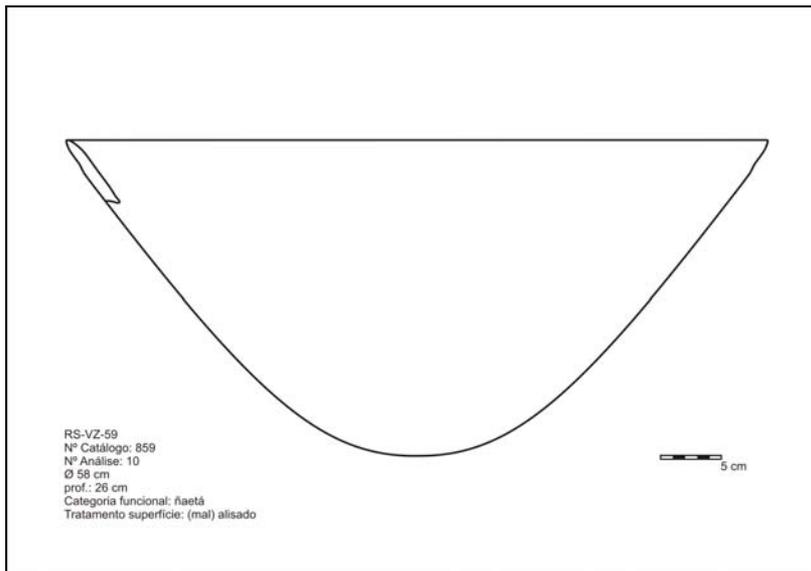


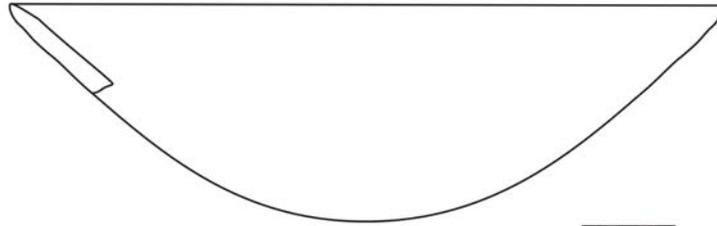
RS-LN-35  
Nº Catálogo: 649  
Nº Análise: 904  
Ø 21 cm  
prof.: 9 cm  
Categoria funcional: Tembirú  
Tratamento superfície interno: pintado vermelho sobre branco

5 cm

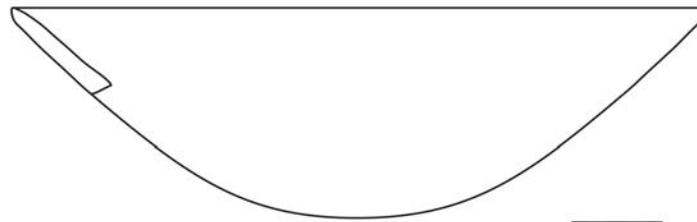




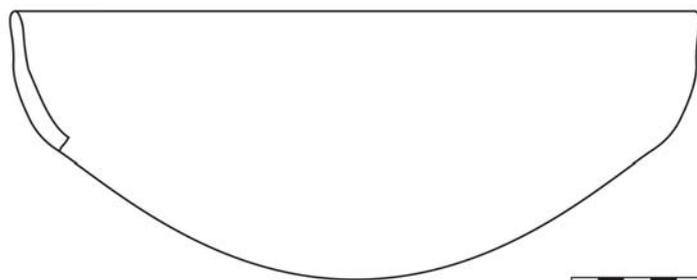




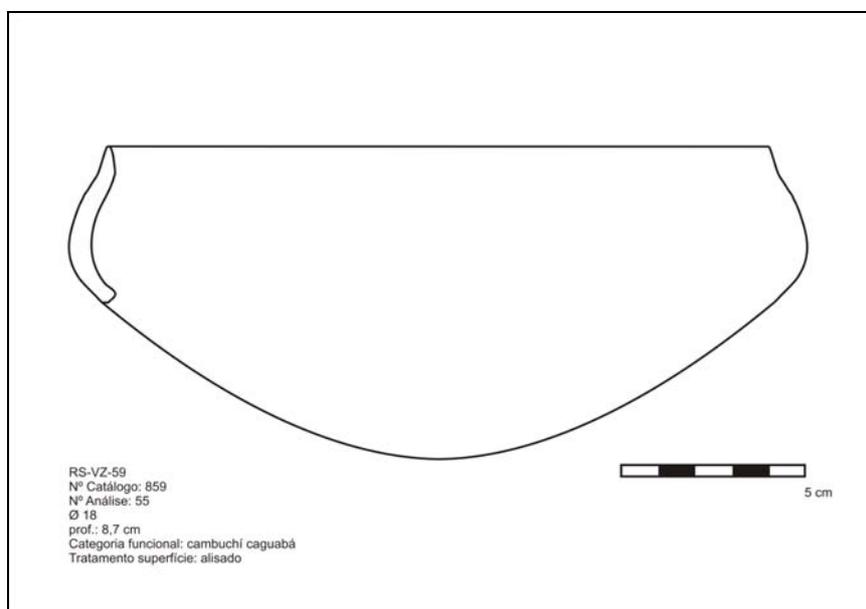
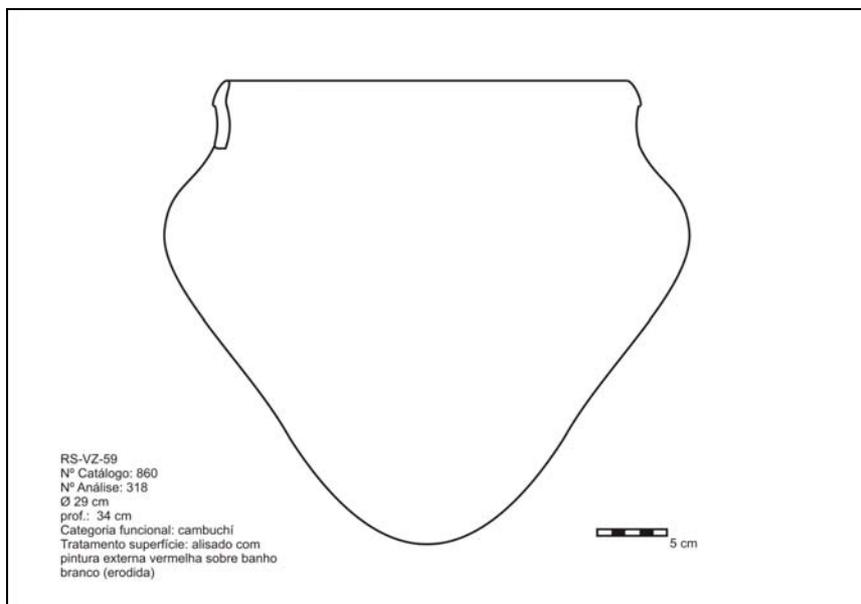
RS-VZ-59  
Nº Catálogo: 859  
Nº Análise: 56  
Ø 38 cm  
prof.: 12 cm  
Categoria funcional: tembirú  
Tratamento superfície: alisado



RS-VZ-59  
Nº Catálogo: 859  
Nº Análise: 56  
Ø 38 cm  
prof.: 12 cm  
Categoria funcional: tembirú  
Tratamento superfície: alisado

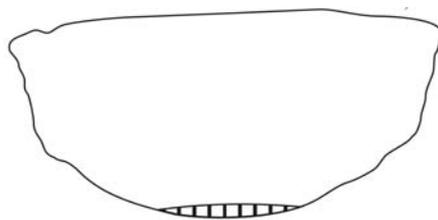


RS-VZ-59  
Nº Catálogo: 859  
Nº Análise: 69  
Ø 26 cm  
prof.: 10,3 cm  
Categoria funcional: tembirú  
Tratamento superfície: alisado com incisão fina  
paralela à borda. Pintura Interna (erodida)

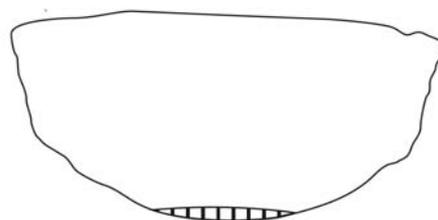


## **ANEXO V**

Fichas de análise de vasilhas inteiras – Litoral Norte



Face externa 1

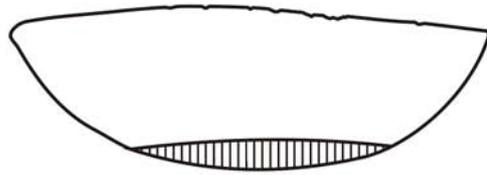


Face externa 2

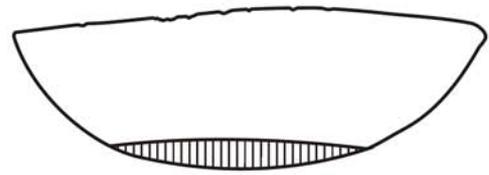


RS-LN-33  
T-367  
CATEGORIA FUNCIONAL: cambuchí caguabá  
TRATAMIENTO DE SUPERFÍCIE: unglado  
DIÁMETRO: 18cm  
PROF.: 7,5 cm

 Desgaste  
Linha de Quebra



Face externa 1

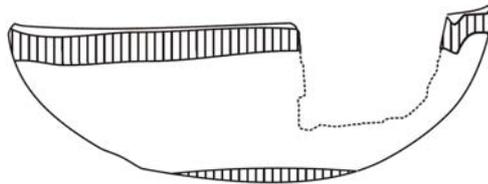


Face externa 1

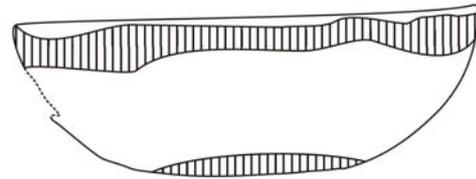


RS-LN-35  
T-122  
CATEGORIA FUNCIONAL: tembirú  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado (pintado)  
DIÂMETRO: 21cm  
PROF.: 6.5cm

||||| Desgaste



Face externa 1



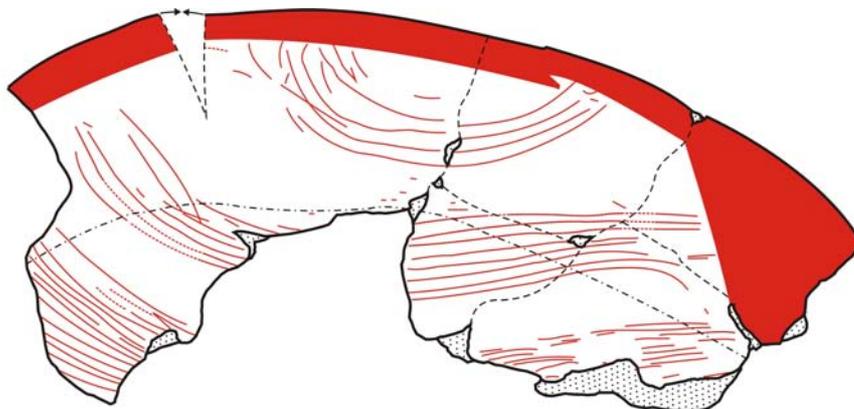
Face externa 2



RS-LN-35  
T-121  
CATEGORIA FUNCIONAL: tembirú  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado (pintado)  
DIÂMETRO: 15 cm  
PROF.: 5cm

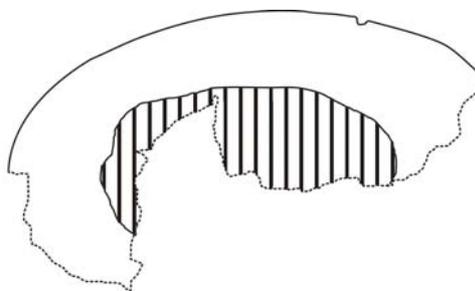
||||| Desgaste

---- Linha de Quebra

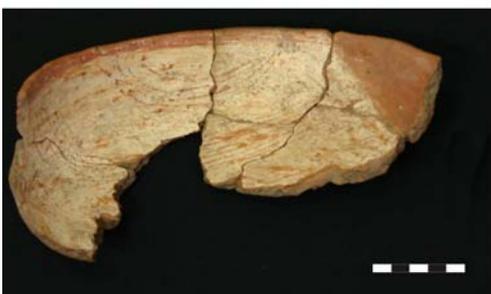


T-122  
RS-LN-35  
TEMBIRÚ  
Ø 16 cm  
PROF.: 6 cm  
ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE PINTADO EM  
VERMELHO SOBRE BRANCO INTERNO

-  Área sem superfície
-  Limite do decalque
-  Restauração
-  Ponto de inflexão
-  Traço
-  Traço vestigial

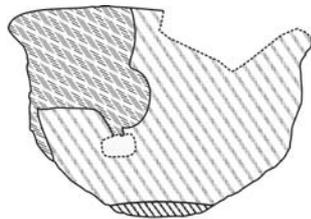


Fundo

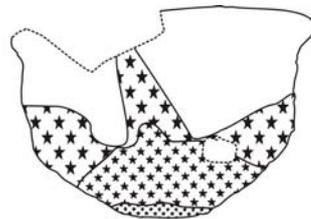


RS-LN-35  
T-122  
CATEGORIA FUNCIONAL: tembirú  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado (pintado)  
DIÂMETRO: 21cm  
PROF.: 6.5cm

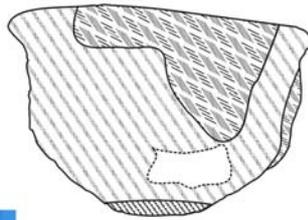
-  Desgaste
-  Linha de Quebra



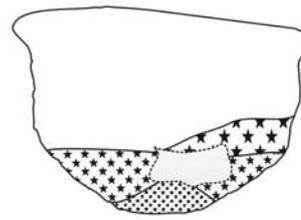
Face externa 1



Face interna 1



Face externa 2

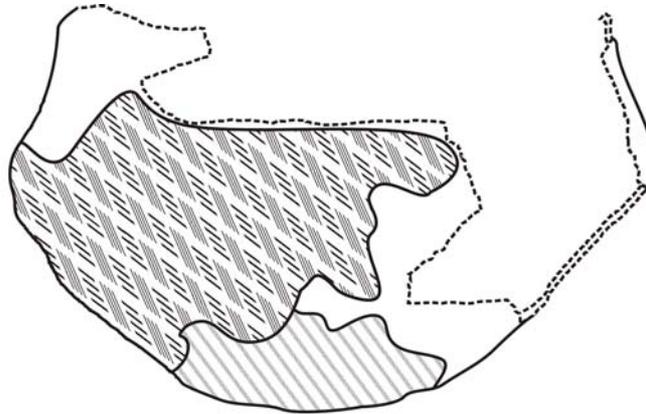


Face interna 2



RS-LN-35  
T-581  
CATEGORIA FUNCIONAL: yapepó  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: corrugado  
DIÂMETRO: 36 cm  
PROF.: 23 cm

Carbonização Leve	Oxidação Leve
Carbonização Média	Fuligem
Carbonização Intensa	Linha de Quebra
Oxidação Intensa	

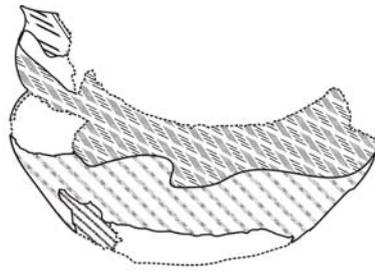


Face externa 1

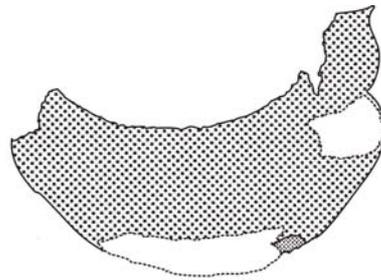


RS-LN-35  
T-582  
CATEGORIA FUNCIONAL: yapepó  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: corrugado  
DIÂMETRO: 35 cm  
PROF.: 24 cm

Carbonização Leve	Oxidação Leve
Carbonização Média	Fuligem
Carbonização Intensa	Linha de Quebra
Oxidação Intensa	



Face externa 1

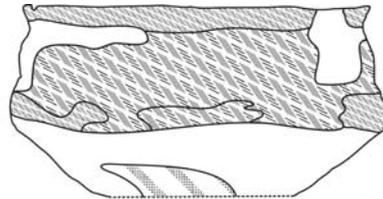


Face interna 1

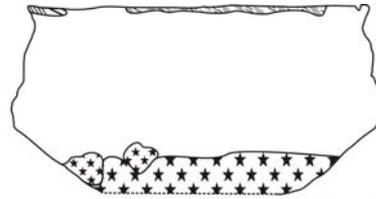


RS-LN-40  
T-133  
CATEGORIA FUNCIONAL: yapepó  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: corrugado-ungulado  
DIÂMETRO: sem medida  
PROF.: sem medida

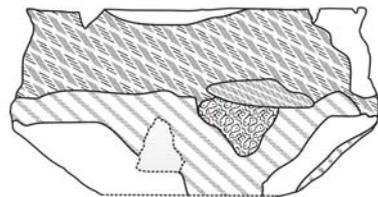
	Carbonização Média		Fuligem Leve
	Carbonização Intensa		Fuligem
	Oxidação Intensa		Linha de Quebra
	Oxidação Leve		



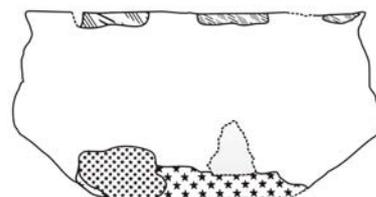
Face externa 1



Face interna 1



Face Externa 2

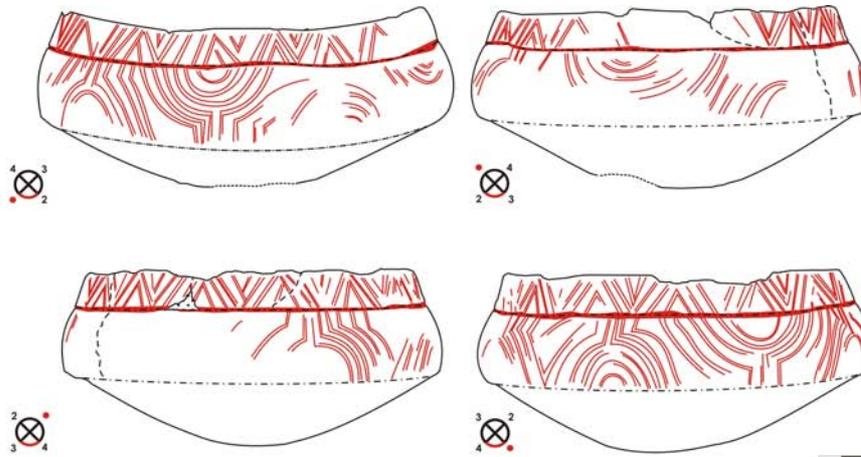


Face interna 2



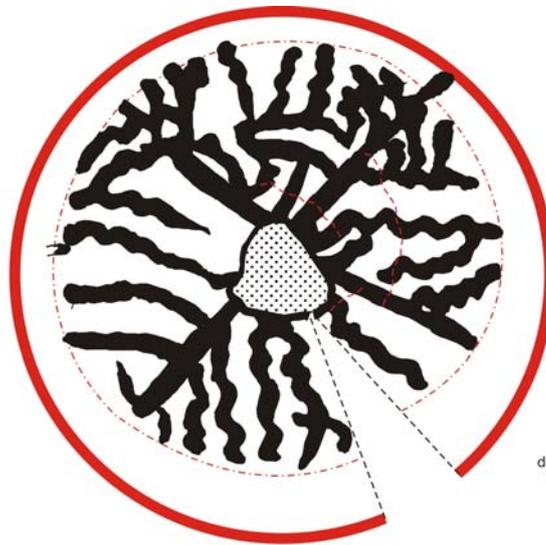
RS-LN-44  
T-085  
CATEGORIA FUNCIONAL: yapepó  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: corrugado  
DIÂMETRO: 28cm  
PROF.: sem base

	Carbonização Leve		Oxidação Intensa
	Carbonização Média		Oxidação Leve
	Carbonização Intensa		Fuligem
	Fuligem Intensa		Linha de Quebra
	Itacuru		



T-476  
RS-LN-47  
CAGUABÁ  
Ø 21,7 cm  
PROF.: 9 cm  
ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE PINTADO EM  
VERMELHO SOBRE BRANCO EXTERNO E PRETO INTERNO

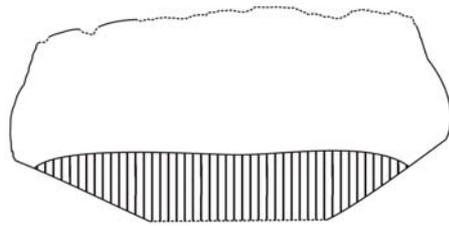
- Área sem superfície
- Limite do decalque
- Restauração
- Ponto de Inflexão
- Traço
- Traço vestigial



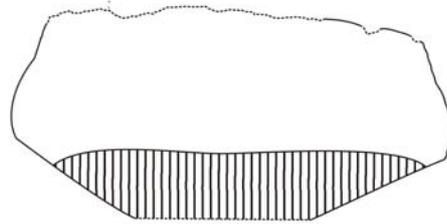
T-476  
RS-LN-47  
CAGUABÁ  
Ø 21,7 cm  
PROF.: 9 cm  
ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE PINTADO EM  
VERMELHO SOBRE BRANCO EXTERNO E PRETO INTERNO

decalque interno

- Área sem superfície
- Limite do decalque
- Restauração
- Ponto de Inflexão
- Traço
- Traço vestigial



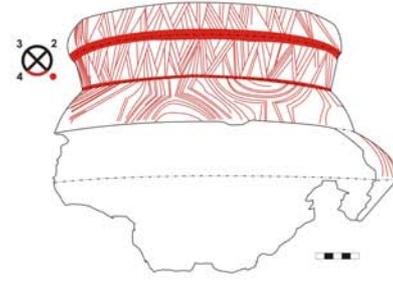
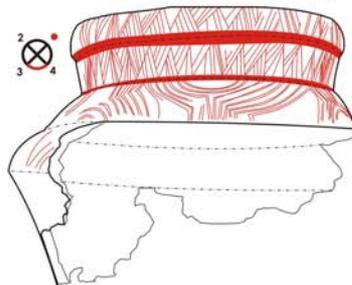
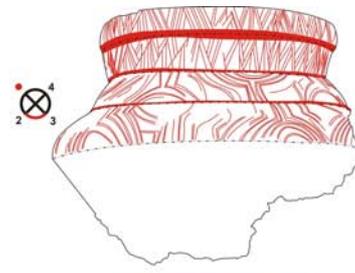
Face externa 1



Face externa 2

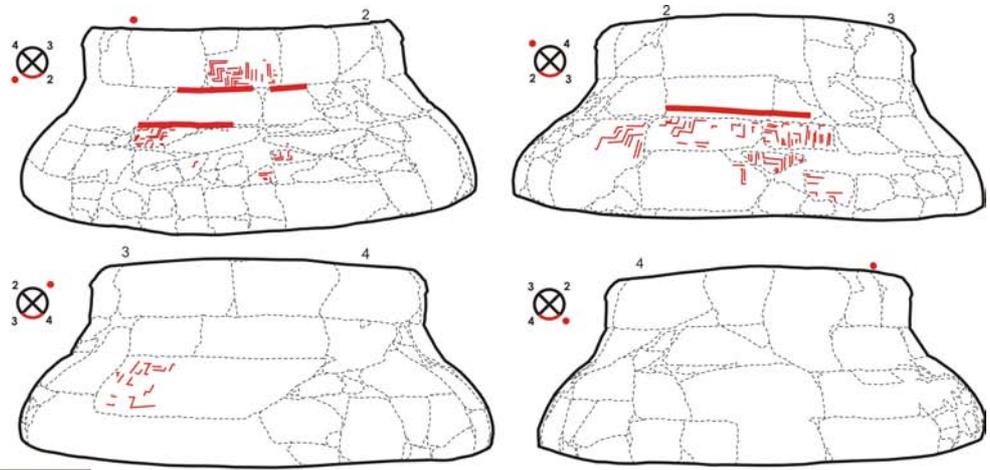


RS-LN-47  
T-476  
CATEGORIA FUNCIONAL: cambuchi caguabá  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado (pintado)  
DIÂMETRO: 18 cm  
PROF.: 12 cm



T-1184  
RS-LN-47  
CAMBUCHÍ  
Sem medidas  
ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE PINTADO  
VERMELHO SOBRE BRANCO





T-1187  
 RS-LN-47  
 CAMBUCHI  
 Ø 59 cm  
 PROF.: sem base (superior a 90 cm)  
 ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE PINTADO EM  
 VERMELHO SOBRE BRANCO EXTERNO

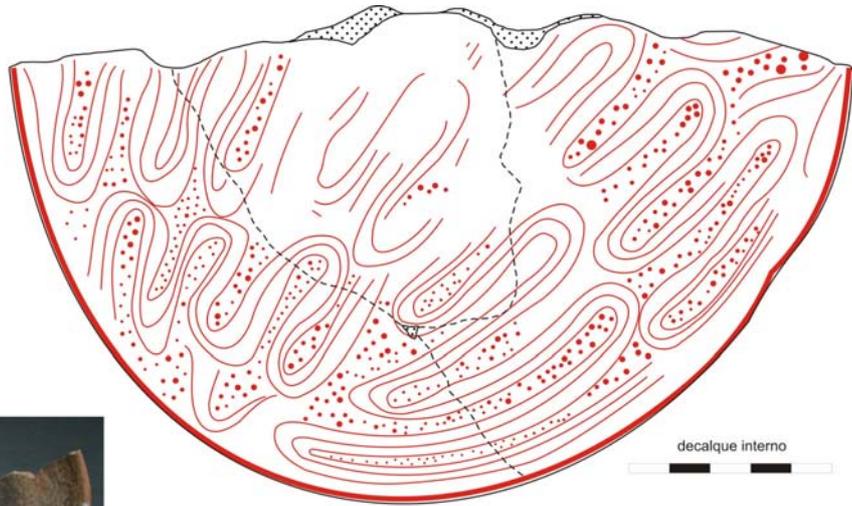
-  Área sem superfície
-  Limite do decalque
-  Restauração
-  Ponto de Inflexão
-  Traço
-  Traço vestigial

## **ANEXO VI**

Fichas de análise de vasilhas inteiras – Vale do Rio da Várzea



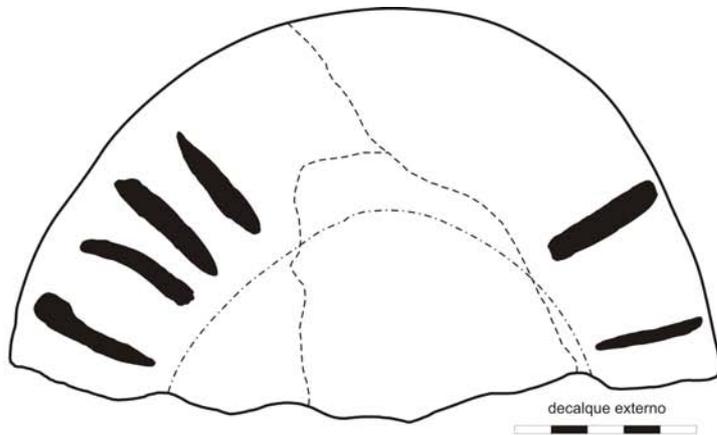
T-659  
RS-VZ-3  
TEMBIRÚ  
Ø 16,5cm  
PROF.: 7cm  
ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE PINTADO EM  
VERMELHO SOBRE BRANCO INTERNO E PRETO EXTERNO



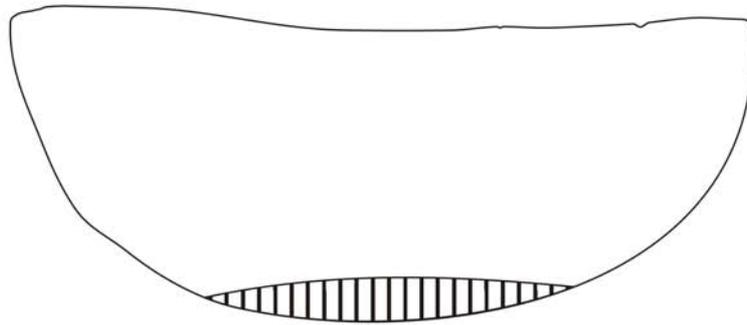
- Área sem superfície
- Limite do decalque
- Restauração
- Ponto de inflexão
- Traço
- Traço vestigial



T-659  
RS-VZ-3  
TEMBIRÚ  
Ø 16,5cm  
PROF.: 7cm  
ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE PINTADO EM  
VERMELHO SOBRE BRANCO INTERNO E PRETO EXTERNO



- Área sem superfície
- Limite do decalque
- Restauração
- Ponto de inflexão
- Traço
- Traço vestigial



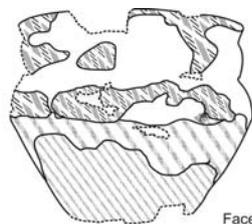
Face externa 1



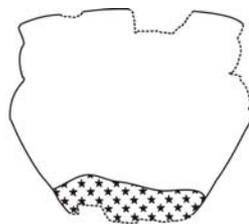
RS-VZ-3  
T-659  
CATEGORIA FUNCIONAL: tembirú  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado  
DIÂMETRO: 16,5 cm  
PROF.: 7,5 cm



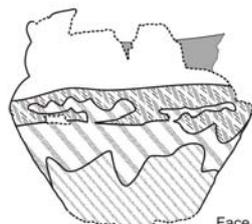
||| Desgaste  
..... Linha de Quebra



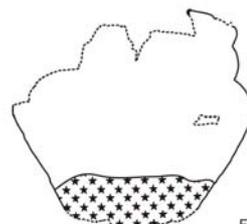
Face externa 1



Face interna 1



Face Externa 2

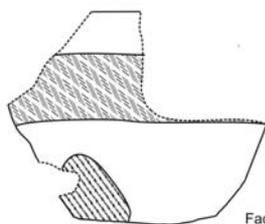


Face interna 2

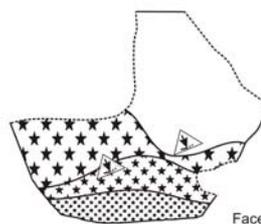


RS-VZ-30  
T-150  
CATEGORIA FUNCIONAL: yapepó  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: unglado e escovado  
DIÂMETRO: 42 cm  
PROF.: sem medidas

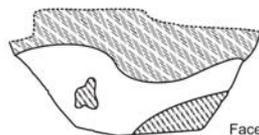
Carbonização Leve	Oxidação Intensa
Carbonização Média	Oxidação Leve
Carbonização Intensa	Fuligem
Fuligem Intensa	Craquelado
Itacuru	Linha de Quebra



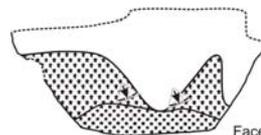
Face externa 1



Face interna 1



Face Externa 2

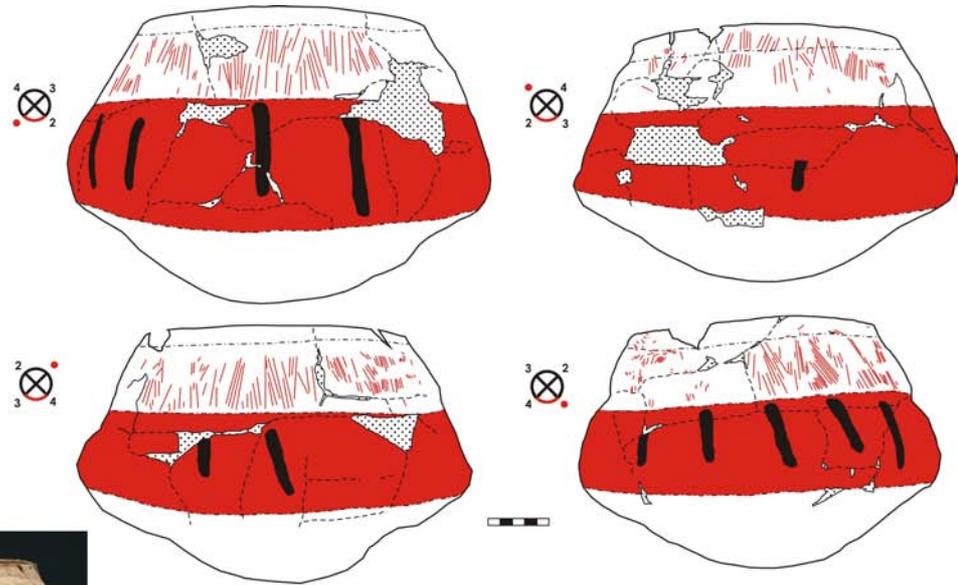


Face interna 2

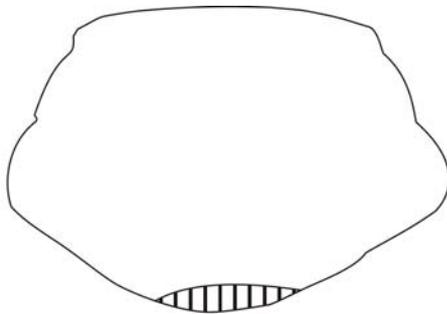


RS-VZ-30  
T-151  
CATEGORIA FUNCIONAL: yapepó  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: corrugado, unglado e escovado  
DIÂMETRO: sem medidas  
PROF.: sem medidas

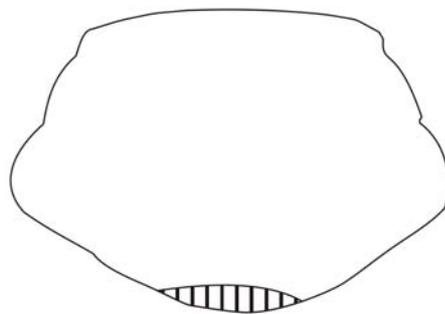
Carbonização Leve	Oxidação Intensa
Carbonização Média	Oxidação Leve
Carbonização Intensa	Fuligem
Fuligem Intensa	Craquelado
Estrias	Linha de Quebra



T-156  
RS-VZ-30  
CAMBUCHÍ  
Ø 25 cm  
PROF.: 23 cm  
ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE PINTADO  
VERMELHO SOBRE BRANCO E PRETO  
SOBRE VERMELHO



Face externa 1

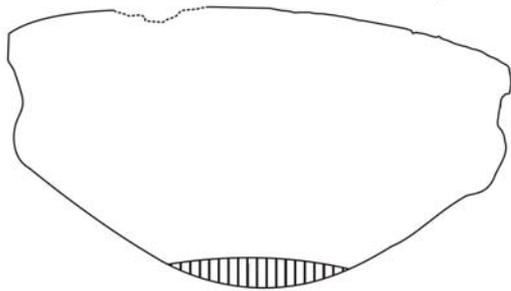


Face interna 2

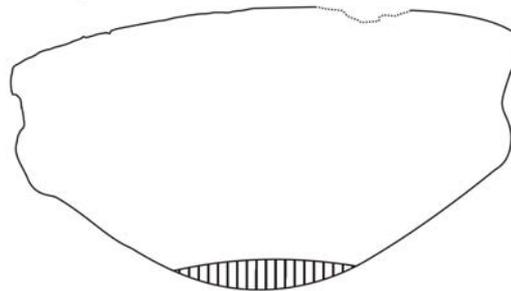


RS-VZ-30  
T-156  
CATEGORIA FUNCIONAL: cambuchí caguabá  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado  
DIÂMETRO: 25 cm  
PROF.: 23 cm





Face externa 1

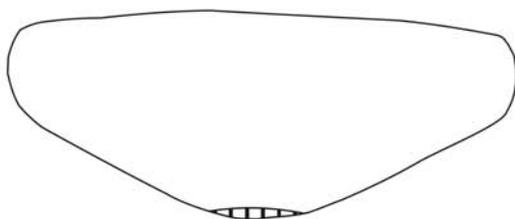


Face interna 2

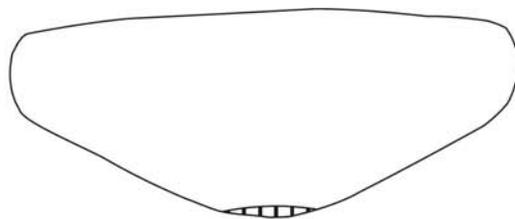


RS-VZ-30  
T-157  
CATEGORIA FUNCIONAL: cambuchí caguabá  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado  
DIÂMETRO: 32 cm  
PROF.: 16 cm

 Desgaste  
..... Linha de Quebra



Face externa 1



Face interna 2

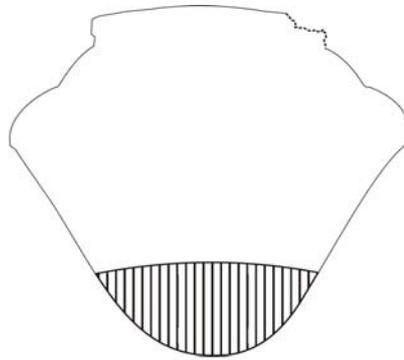
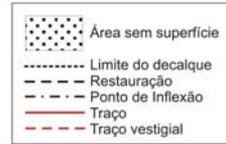
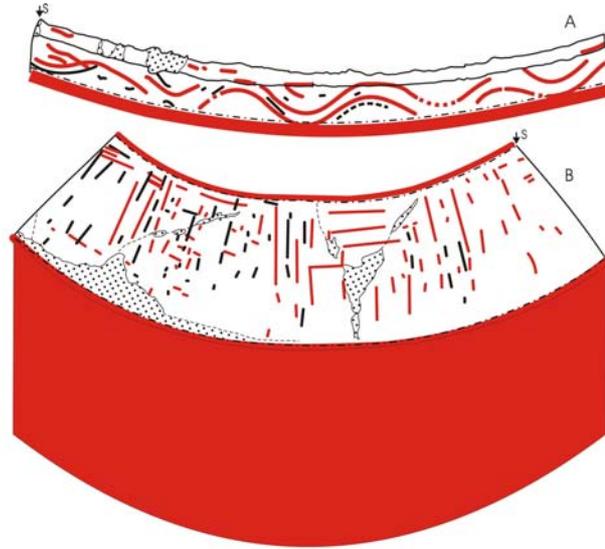


T-159  
CATEGORIA FUNCIONAL: cambuchí caguabá  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: escovado e alisado  
DIÂMETRO: 43,5 cm  
PROF.: 16,5 cm

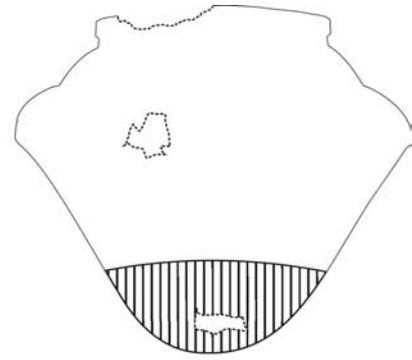
 Desgaste  
..... Linha de Quebra



T-158  
RS-VZ-30  
CAMBUCHÍ  
Ø 31cm  
PROF.: 46cm  
ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE PINTADO EM  
VERMELHO SOBRE BRANCO EXTERNO



Face externa 1

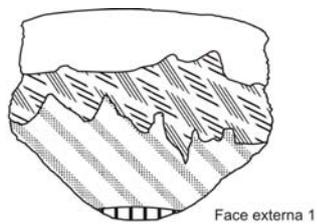


Face interna 2



RS-VZ-30  
T-158  
CATEGORIA FUNCIONAL: cambuchi  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado  
DIÂMETRO: 31 cm  
PROF.: 46 cm

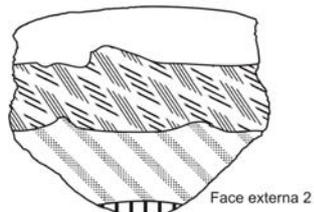




Face externa 1



Face interna 1



Face externa 2

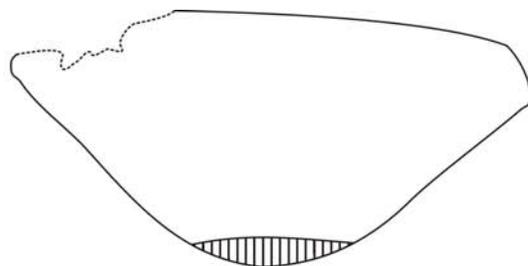


Face interna 2

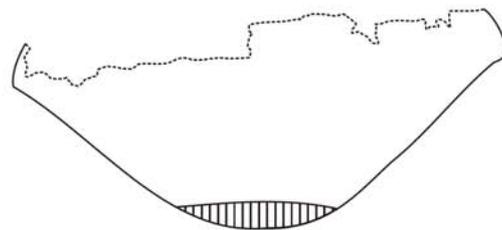


RS-VZ-30  
T-160  
CATEGORIA FUNCIONAL: yapepó  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: corrugado  
DIÂMETRO: 39,5 cm  
PROF.: 29,5 cm

Carbonização Leve	Oxidação Intensa
Carbonização Média	Oxidação Leve
Carbonização Intensa	Fuligem
Fuligem Intensa	Desgaste
Estrias Agrupadas	Linha de Quebra



Face externa 1

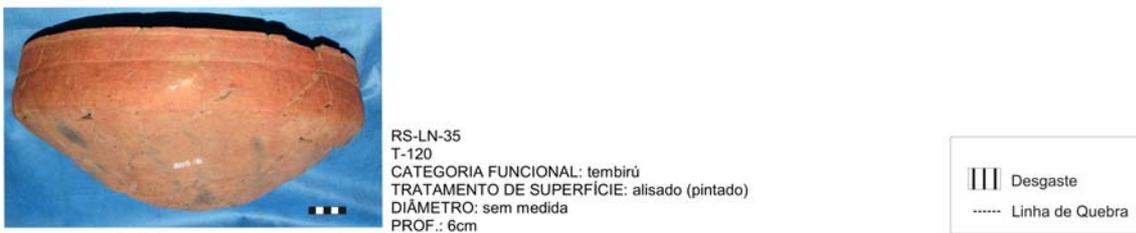
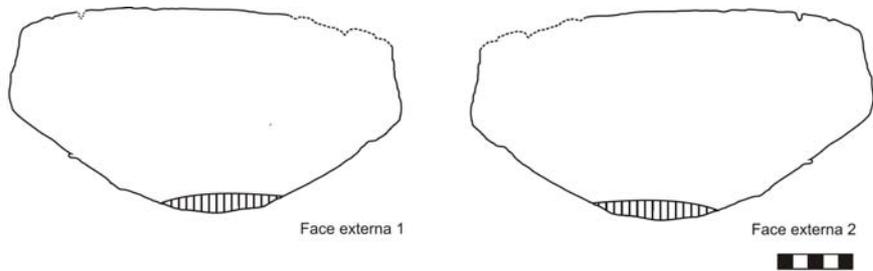
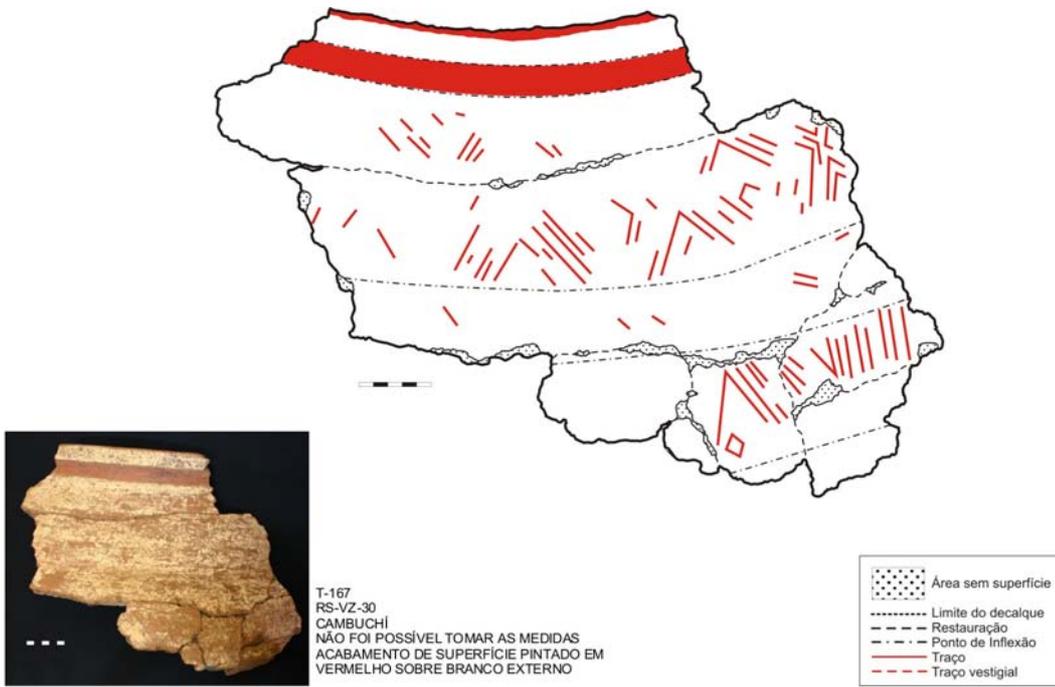


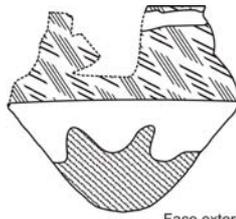
Face interna 2



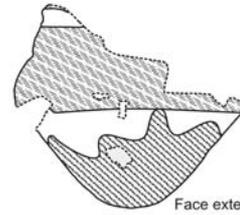
RS-VZ-30  
T-161  
CATEGORIA FUNCIONAL: cambuchí caguabá  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado  
DIÂMETRO: 47 cm  
PROF.: 24,5 cm

Desgaste
Linha de Quebra

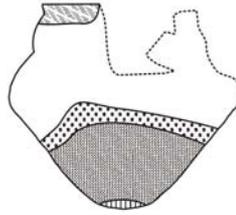




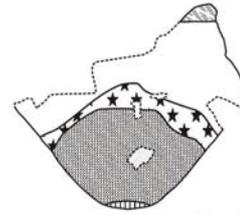
Face externa 1



Face externa 2



Face interna 1

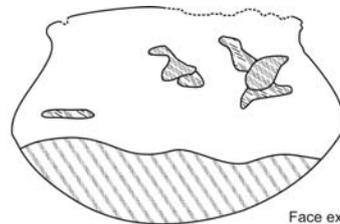


Face interna 2

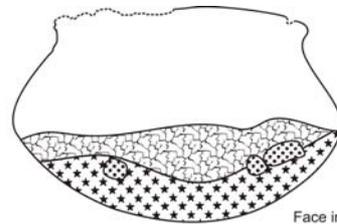


RS-VZ-30  
T-583  
CATEGORIA FUNCIONAL: yapepó  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: corrugado  
DIÂMETRO: 44cm  
PROF.: 50 cm

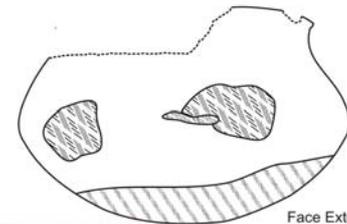
★ Carbonização Leve	★ Carbonização Média	★ Carbonização Intensa	■ Fuligem Intensa	■ Fermentação	▨ Oxidação Intensa	▨ Oxidação Leve	▨ Fuligem	▨ Desgaste	⋯ Linha de Quebra
---------------------	----------------------	------------------------	-------------------	---------------	--------------------	-----------------	-----------	------------	-------------------



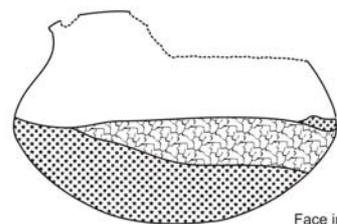
Face externa 1



Face interna 1



Face Externa 2

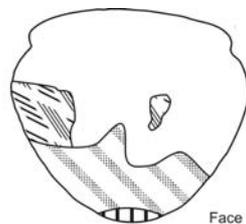


Face interna 2

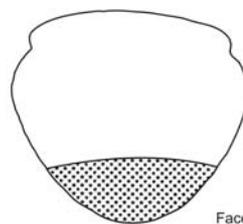


RS-VZ-41  
T-138  
CATEGORIA FUNCIONAL: yapepó  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: unglado e alisado  
DIÂMETRO: 24 cm  
PROF.: 18,5 cm

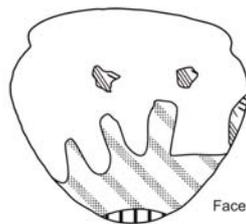
★ Carbonização Leve	★ Carbonização Média	★ Carbonização Intensa	■ Fuligem Intensa	■ Itacuru	▨ Oxidação Intensa	▨ Oxidação Leve	▨ Fuligem	▨ Craquelado	⋯ Linha de Quebra
---------------------	----------------------	------------------------	-------------------	-----------	--------------------	-----------------	-----------	--------------	-------------------



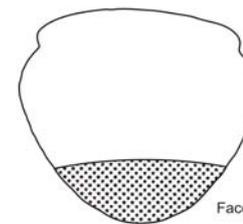
Face externa 1



Face interna 1



Face externa 2

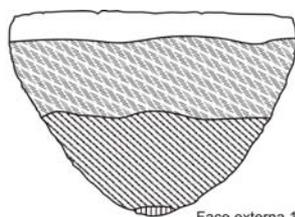


Face interna 2

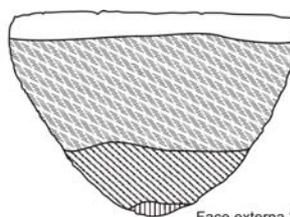


RS-VZ-41  
T-162  
CATEGORIA FUNCIONAL: yapepó  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: corrugado  
DIÂMETRO: 45 cm  
PROF.: 46 cm

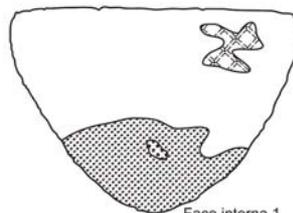
★ Carbonização Leve	▨ Oxidação Intensa
★ Carbonização Média	▧ Oxidação Leve
● Carbonização Intensa	▩ Fuligem
▨ Fuligem Intensa	▬ Desgaste
▧ Estrias Agrupadas	⋯ Linha de Quebra



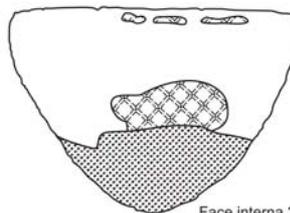
Face externa 1



Face externa 2



Face interna 1

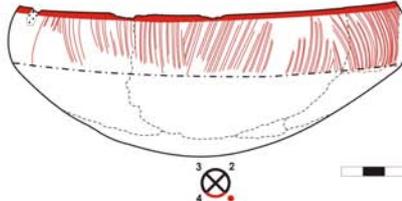
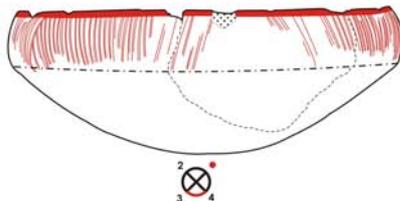
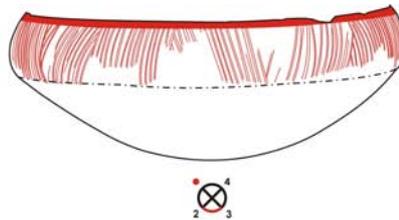
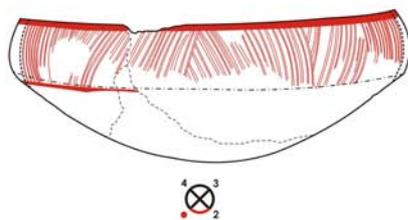


Face interna 2

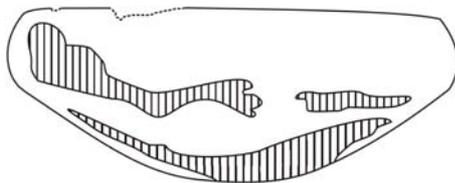
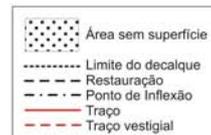


RS-VZ-41  
T-296  
CATEGORIA FUNCIONAL: ñaetà  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: corrugado  
DIÂMETRO: 63 cm  
PROF.: 47 cm

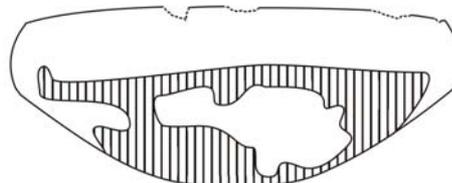
★ Carbonização Leve	▨ Oxidação Intensa
★ Carbonização Média	▧ Oxidação Leve
● Carbonização Intensa	▩ Fuligem
▨ Fuligem Intensa	▬ Desgaste
▧ Fermentação	⋯ Linha de Quebra



T-139  
RS-VZ-41  
CAMBUCHÍ CAGUABÁ  
Ø 24,5cm  
PROF.: 9,7 cm  
ACABAMENTO PINTADO  
VERMELHO SOBRE BRANCO  
EXTERNO



Face externa 1

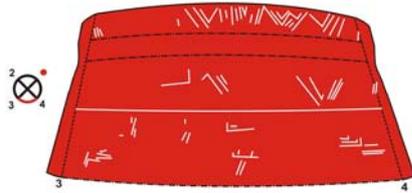
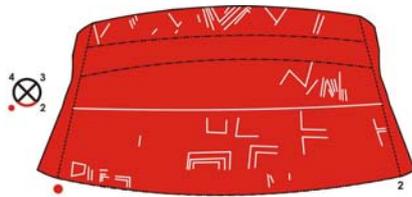


Face externa 2



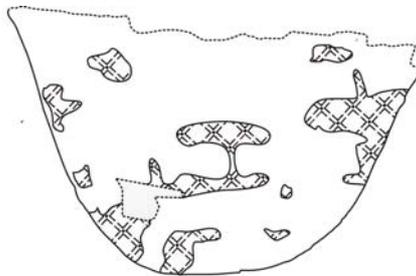
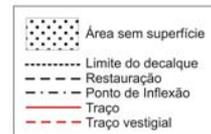
RS-LN-35  
T-120  
CATEGORIA FUNCIONAL: tembirú  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado (pintado)  
DIÂMETRO: sem medida  
PROF.: 6cm



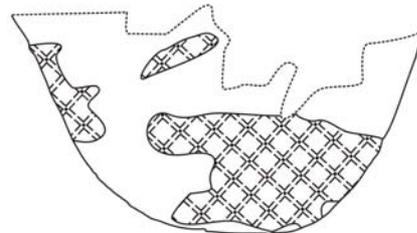


T-163  
RS-VZ-41  
CAMBUCHÍ  
Ø 61 cm  
PROF.: sem base  
ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE PINTADO EM  
BRANCO SOBRE VERMELHO EXTERNO

5 cm



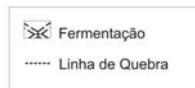
Face interna 1

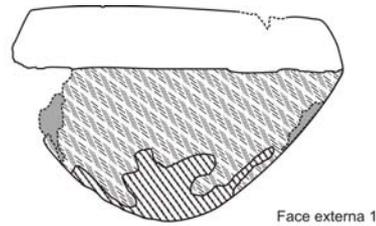


Face interna 2

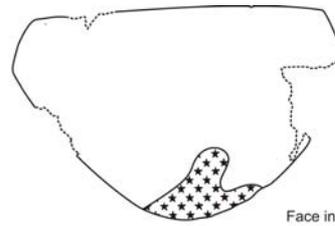


RS-VZ-42  
T-295  
CATEGORIA FUNCIONAL: cambuchí  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado  
DIÂMETRO: sem medidas  
PROF.: sem medidas

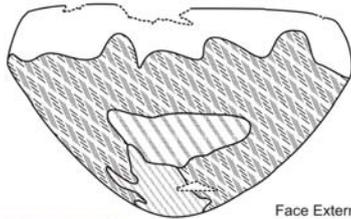




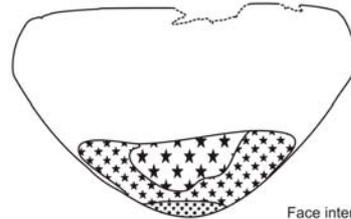
Face externa 1



Face interna 1



Face Externa 2

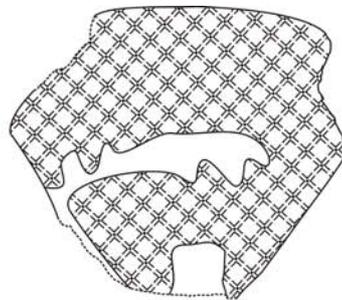


Face interna 2

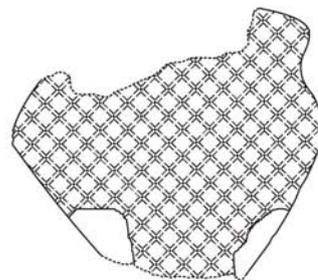


RS-VZ-59  
T-141  
CATEGORIA FUNCIONAL: fiaetá  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: escovado  
DIÂMETRO: 45 cm  
PROF.: 29 cm

Carbonização Leve	Oxidação Intensa
Carbonização Média	Oxidação Leve
Carbonização Intensa	Fuligem
Fuligem Intensa	Craquelado
Itacuru	Linha de Quebra



Face interna 1



Face interna 2

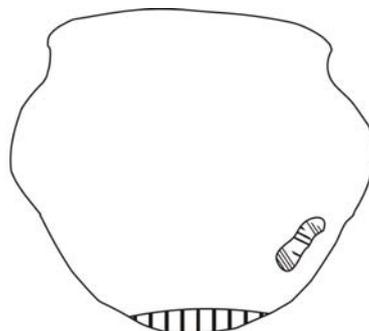


RS-VZ-59  
T-152  
CATEGORIA FUNCIONAL: cambuchi  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: corrugado  
DIÂMETRO: 60 cm  
PROF.: sem medidas

Fermentação
Linha de Quebra



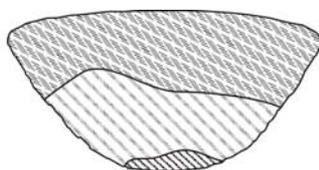
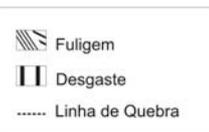
Face externa 1



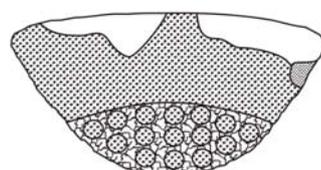
Face interna 2



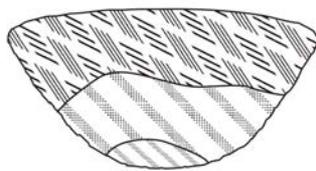
RS-VZ-59  
T-153  
CATEGORIA FUNCIONAL: yapepó  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: unglado e alisado  
DIÂMETRO: 34 cm  
PROF.: 34 cm



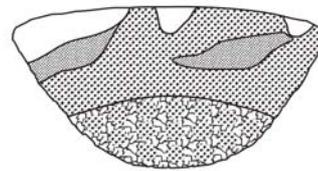
Face externa 1



Face interna 1



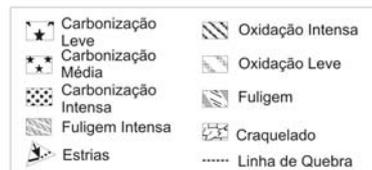
Face externa 2

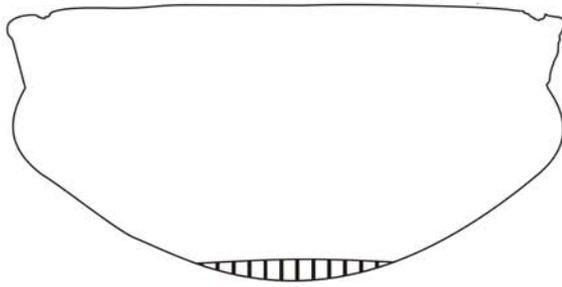


Face interna 2

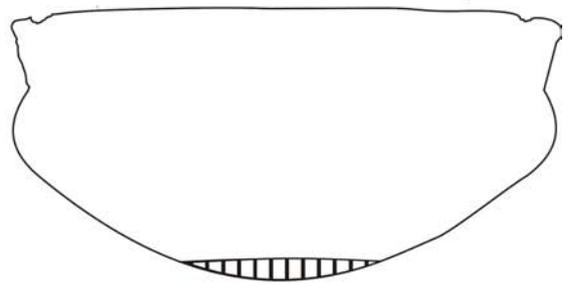


RS-VZ-59  
T-154  
CATEGORIA FUNCIONAL: ñaetà  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: corrugado  
DIÂMETRO: 42 cm  
PROF.: 17,5 cm





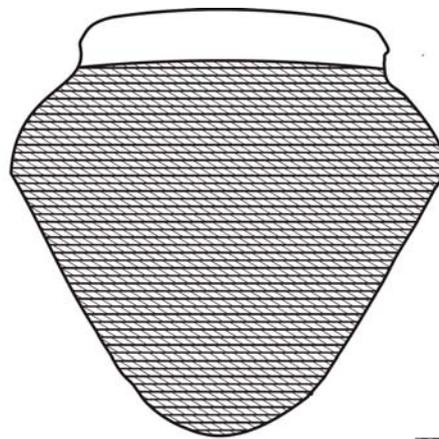
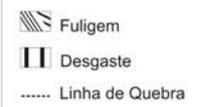
Face externa 1



Face interna 2



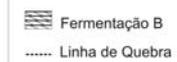
RS-VZ-59  
T-155  
CATEGORIA FUNCIONAL: cambuchí caguabá  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado  
DIÂMETRO: 26,5 cm  
PROF.: 13 cm

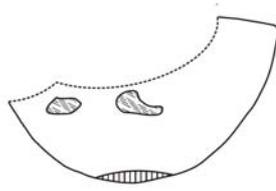


Face interna 1

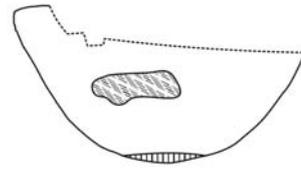


RS-VZ-59  
T-164  
CATEGORIA FUNCIONAL: cambuchí  
TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado  
DIÂMETRO: 48 cm  
PROF.: 69 cm

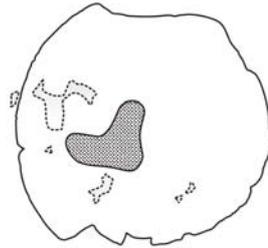




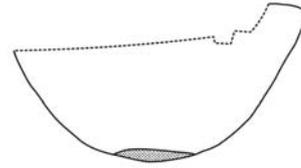
Face externa 1



Face externa 2



Base interna (fundo)



Face interna 2



RS-VZ-59  
 T-165  
 CATEGORIA FUNCIONAL: fãetá  
 TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE: alisado  
 DIÂMETRO: sem medida  
 PROF.: 24 cm

Carbonização Leve	Oxidação Intensa
Carbonização Média	Oxidação Leve
Carbonização Intensa	Fuligem
Fuligem Intensa	Desgaste
Estrias Agrupadas	Linha de Quebra

## **ANEXO VII**

Documentação dos sítios (fotos e croquis)

**RS-LN-33: Lagoa Negra. Evidenciada escavação de vasilha posteriormente tombada sob nº367.**



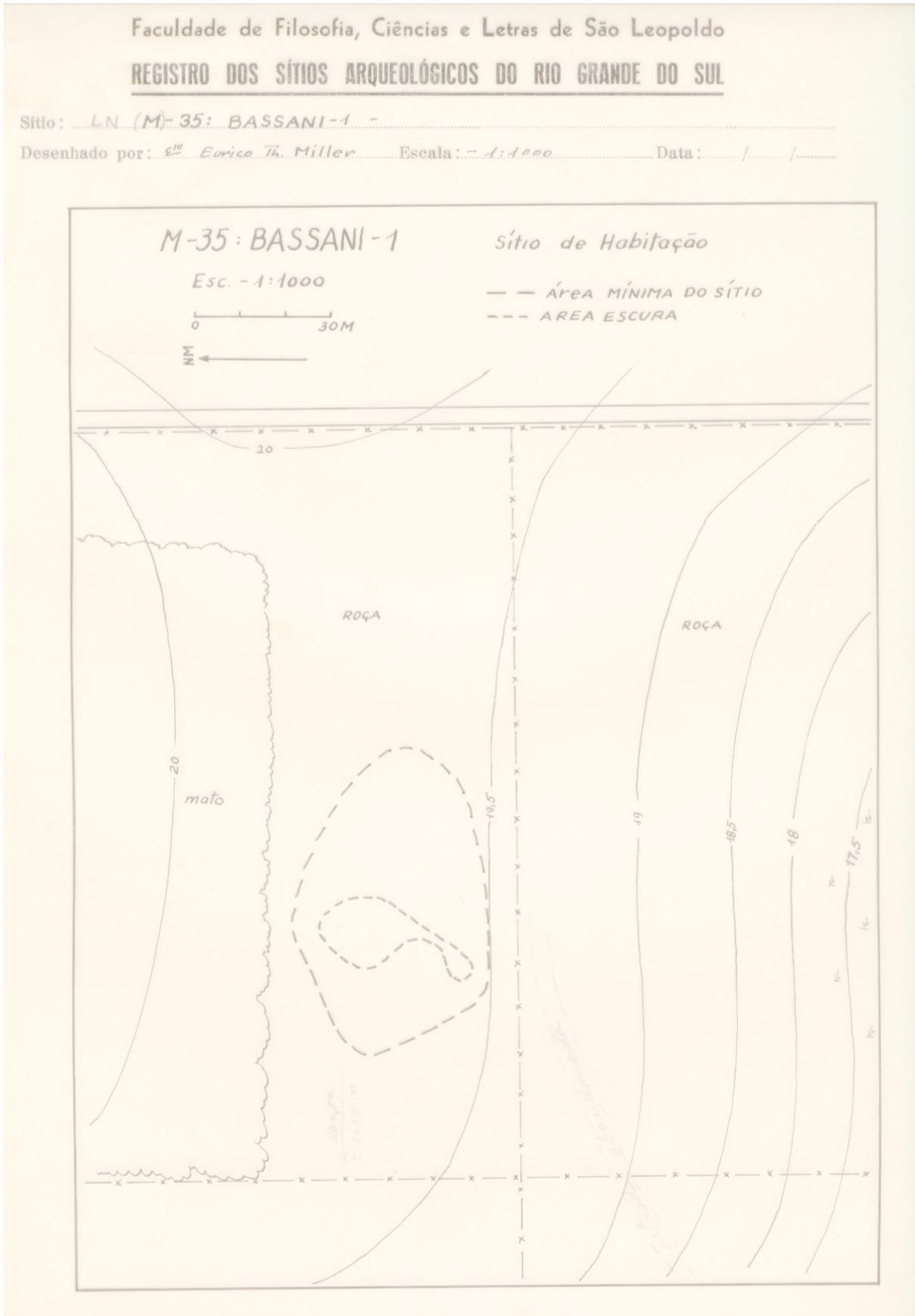
Fonte: Acervo documental do MARSUL

**RS-LN-35: Bassani 1.**



Fonte: Acervo documental do MARSUL

**RS-LN-35: Bassani 1. Croqui do sítio.**



Fonte: Acervo documental do MARSUL

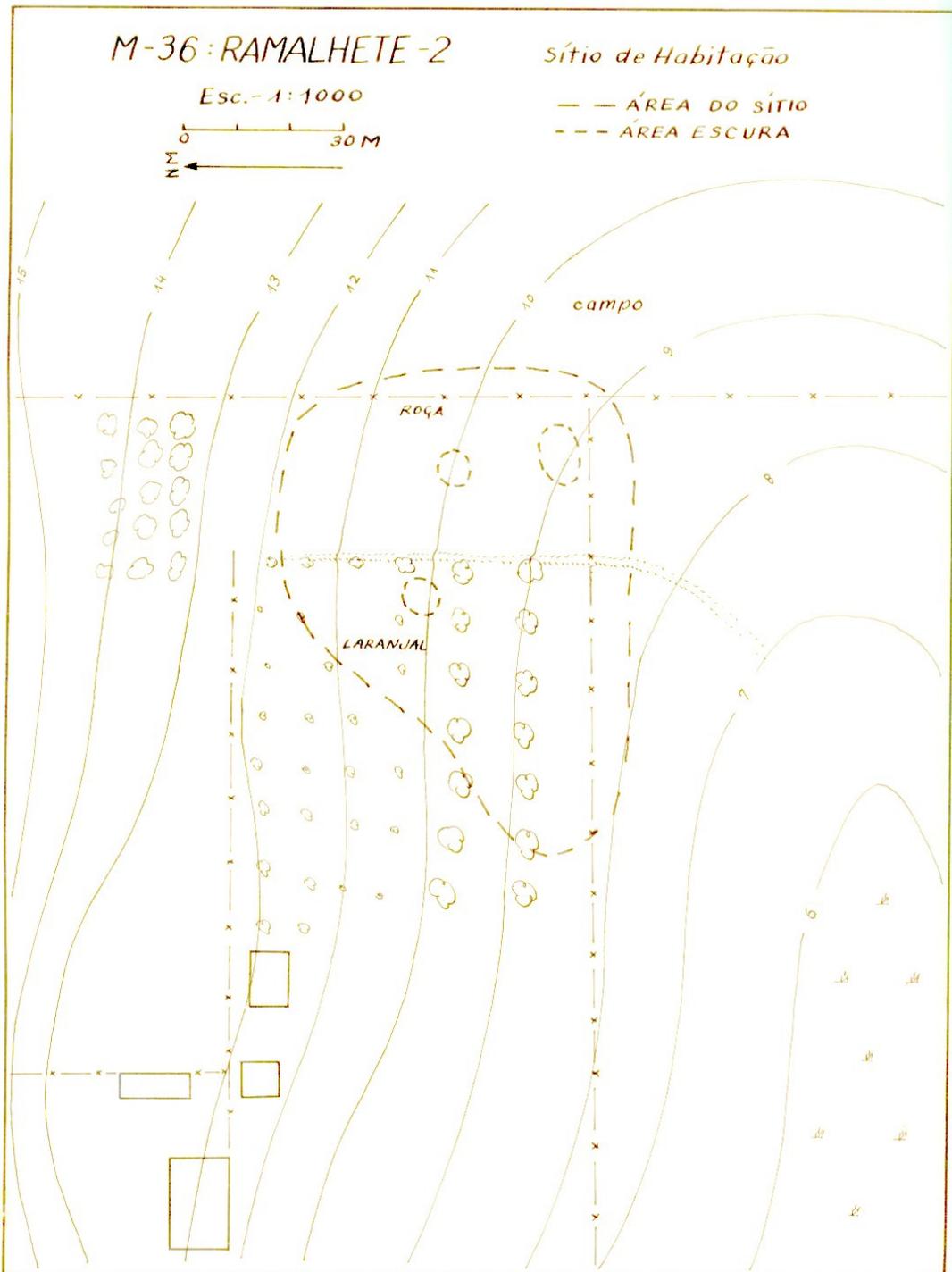
**RS-LN-36: Ramalhete 2. Croqui do sítio.**

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo

**REGISTRO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO RIO GRANDE DO SUL**

Sítio: M-36: RAMALHETE-2

Desenhado por: 2<sup>o</sup> Eurico Tin. Miller Escala: 1:1000 Data:  / /



**RS-LN-40: Praia do Barco 1. Foto do corte.**



Fonte: Acervo documental do MARSUL

**RS-LN-44: Arroio Teixeira. Croqui do sítio.**

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Leopoldo

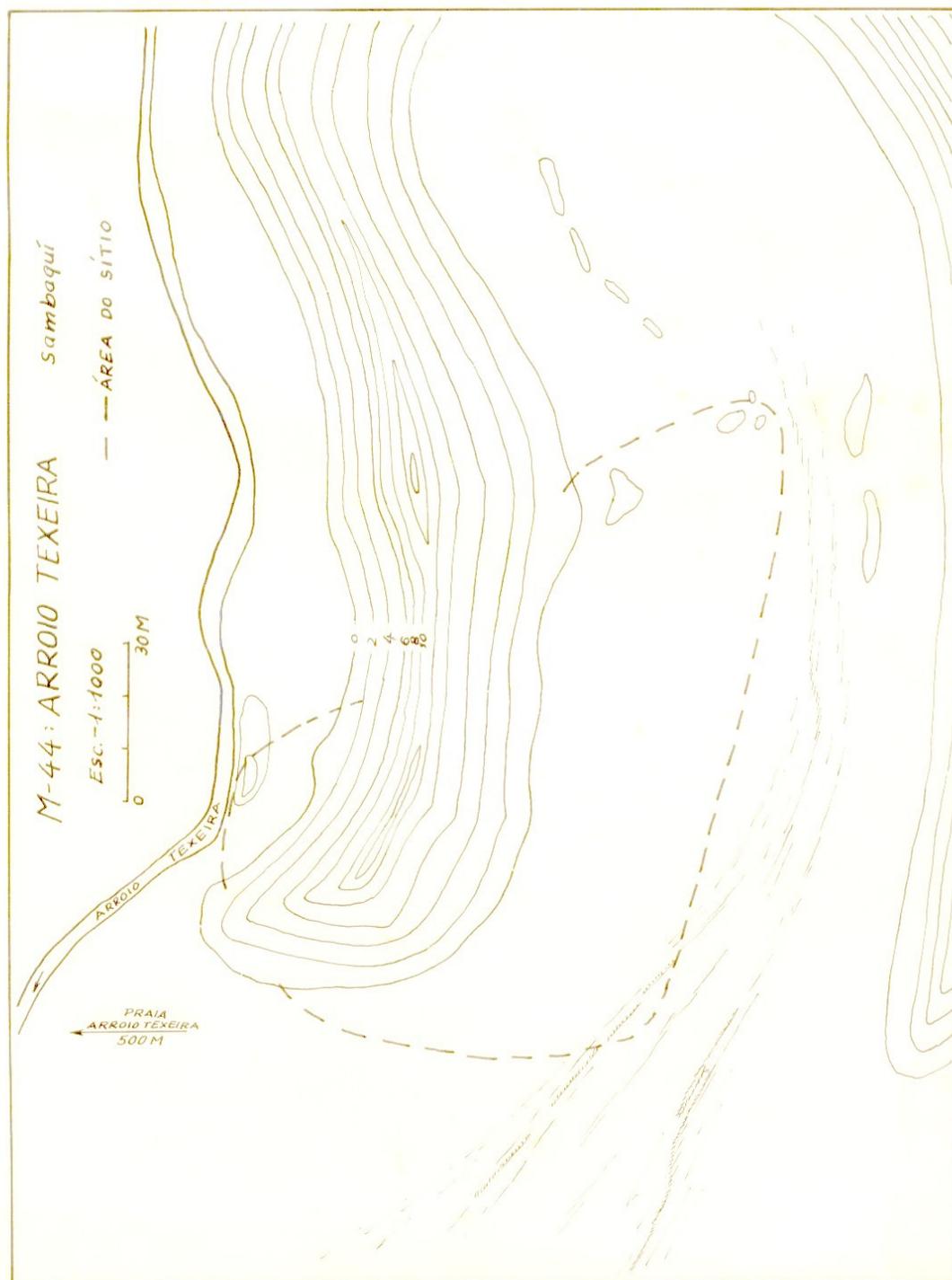
**REGISTRO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO RIO GRANDE DO SUL**

Sítio: M - 44 - ARROIO TEXEIRA

Desenhado por: III Eurico Th. Miller

Escala: 1:1000

Data:      /      /     



**RS-LN-47: Calipso. Evidenciação de sepultamento primário (sobre a face, cambuchí caguaba T-476).**



Fonte: Acervo documental do MARSUL

**RS-LN-47: Calipso. Avanço na evidenciação do mesmo sepultamento (sobre a face, cambuchí caguaba T-476).**



Fonte: Acervo documental do MARSUL

**RS-LN-47: Calipso. Avanço na evidência do mesmo sepultamento.**



Fonte: Acervo documental do MARSUL

**RS-LN-47: Calipso. Evidenciação de urna (possivelmente T-1184).**



Fonte: Acervo documental do MARSUL

**RS-LN-47: Calipso. Evidenciação de urna (possivelmente T-605).**



Fonte: Acervo documental do MARSUL